**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História**

**A concepção de história de Raymond Aron:
um estudo crítico do
Introduction à la philosophie de l'histoire (1938)**

Adilson Franceschini

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo**

Orientadora: Prof^ª Dra. Sara Albieri

Versão corrigida

**São Paulo
2015**

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História**

**A concepção de história de Raymond Aron:
um estudo crítico do
Introduction à la philosophie de l'histoire (1938)**

Adilson Franceschini

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo**

Orientadora: Prof^ª Dra. Sara Albieri

Versão corrigida

**São Paulo
2015**

Agradecimentos

À professora Sara Albieri, pela orientação tolerante e indulgente. Este trabalho não teria sido possível sem o seu acompanhamento e suas reflexões a respeito da teoria da história e dos intelectuais franceses. Nossas conversas foram fundamentais para minha formação e definição dos meus interesses acadêmicos.

Aos professores Alexandre Hage, Cristina Pecequillo, Denilde Holzhacker e Rodrigo Cintra, pela leitura do trabalho e considerações enriquecedoras colocadas no momento de sua defesa.

Aos professores Corival do Carmo, Feliciano Guimarães e Alberto Montoya, pelas críticas e sugestões que foram de grande valia para minhas reflexões a respeito do tema.

Aos professores Demetrius Cesário Pereira, Raquel Rocha e Raphael Almeida Videira, por testemunharem um momento tão importante da minha carreira.

A Iverly, Antonio Carlos e Gustavo pelo apoio e por testemunharem um momento tão importante da minha vida.

Aos amigos Marcio, Marcos e Raul que não me deixaram esquecer que há vida lá fora.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Résume

Introdução 07

1. Contexto de elaboração do *Introduction*

1.1. Formação intelectual 17

1.2. Experiência, revolta e conversão 43

1.3. Recepção abafada 59

2. A argumentação do *Introduction*

2.1. A estrutura do trabalho 93

2.2. Os limites da objetividade histórica 105

2.3. Os limites do relativismo histórico 130

2.4. Crítica aroniana da razão histórica 149

3. Esquecimento e revisão do *Introduction*

3.1. Recepção crítica 167

3.2. Filosofia da história 180

3.3. Sentido e fim da história 195

3.4. Inteligibilidade histórica 206

Considerações Finais 218

Bibliografia

Obras de Raymond Aron 224

Obras de comentadores 225

Outras obras 227

“Que assacam contra mim os meus caluniadores? Como um processo regular, precisarei apresentar-vos o teor da acusação: Sócrates erra por investigar indevidamente o que se passa em baixo da terra e no céu, por deixar bons os argumentos ruins e também por induzir outros a fazerem a mesma coisa”

Apologia de Sócrates

Resumo

Raymond Aron (1905-1983) é um autor francês muito conhecido por seu conservadorismo no campo da análise política. Entretanto, sua visão conservadora está fundada em reflexões críticas a respeito do conhecimento histórico. De forma que se faz necessário explorar uma dimensão pouco conhecida da produção intelectual de Raymond Aron, analisando suas ideias a respeito do conhecimento, a fim de encontrar os fundamentos de seu posicionamento político. Identificar e estudar o plano de elaboração de suas ideias epistemológicas, a argumentação desenvolvida e o destino de tais ideias. De fato, é possível reconhecer na concepção crítica de conhecimento as fundações da ética aroniana da prudência política. Ademais, é razoável notar a necessidade metodológica de buscar uma relação tripartite entre vivência, formação e elaboração intelectual no estudo das ideias que concernem o conhecimento.

Palavras-chave: filosofia crítica, conhecimento histórico, razão histórica.

Abstract

Raymond Aron (1905-1983) is a French author best known for his conservatism in the field of policy analysis. However, his conservative view is founded on critical reflections that concern the historical knowledge. Thus, it is necessary to explore a little known dimension of the intellectual production of Raymond Aron, analyzing his ideas about knowledge in order to find the foundations of his political position. Identifying and studying the construction plan of these epistemological ideas, structure argumentative and destination of such ideas. Indeed, it is possible to recognize the foundations of aronian ethics of the political prudence in the critical conception of knowledge. Moreover, it is reasonable to note the methodological need to seek a tripartite relationship between experience, formation and intellectual development in the study of ideas that concern knowledge.

Keywords: critical philosophy, historical knowledge, historical reason.

Résumé

Raymond Aron (1905-1983) est un auteur français, très connu pour son conservatisme dans le domaine de l'analyse politique. Cependant, son point de vue conservateur est fondé sur des réflexions critiques qui concernent la connaissance historique. Ainsi, il est nécessaire d'explorer une dimension peu connue de la production intellectuelle de Raymond Aron et d'analyser ses idées qui portent sur la connaissance afin de trouver les fondements de sa position politique. Identifier et étudier le plan d'élaboration de ces idées épistémologiques, la structure argumentative et sa destination. En effet, il est possible de reconnaître les fondements de l'éthique aronienne de la prudence politique dans la conception critique de la connaissance. En outre, il est préférable de constater la nécessité méthodologique à chercher une relation tripartite entre l'expérience, la formation et le développement intellectuel dans l'étude des idées qui concernent la connaissance.

Mots-clés: la philosophie critique, la connaissance historique, la raison historique.

Introdução

Explorar alguns aspectos da gênese, do desenvolvimento e do destino das reflexões de Raymond Aron (1905-1983) a respeito do conhecimento histórico, tal como apresentadas em seu livro *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*, é a proposta central deste trabalho. O livro *Introduction*, como o próprio Aron o designa (ARON, 2010b, p. 163), é, na verdade, sua tese de doutoramento, defendida em 26 de março de 1938, e simbolizou o advento de uma nova geração de intelectuais franceses cuja formação ocorreu no período do entre guerras.

De início, é importante esclarecer que não temos como objetivo estabelecer propriamente uma discussão teórica. Visamos trabalhar no campo da história das ideias, buscando registrar elementos que compõem o processo histórico de elaboração de ideias, no caso aquelas a respeito do conhecimento histórico, que compuseram o contexto intelectual de elaboração do livro de Aron. Trata-se de recuperar e analisar as circunstâncias da história das ideias epistemológicas contidas em um livro crítico, tanto em termos da ciência histórica como das ciências sociais. Intentamos explorar uma dimensão distinta das análises convencionais a respeito de Aron, as quais se limitam, via de regra, a explorar seu lado politólogo. Ou seja, objetivamos desenvolver uma narrativa que compreende conformação, argumentação e destino de suas idéias epistemológicas.

Quanto a Raymond Aron, sua produção intelectual é vasta e diversa. Filósofo de formação, teve papel preponderante na vida pública, no jornalismo e na docência universitária francesa e internacional. Desde sua formação, nos anos 20, até o início dos anos 80, participou da vida intelectual e política francesa, lecionou em diferentes universidades, combateu na Segunda Guerra e foi responsável, a partir de Londres, pelo órgão de imprensa da resistência francesa, *La France Libre* (ARON, 2010b, p. 231). Ao final da guerra, exerceu por trinta anos, de 1947 a 1977, atividade jornalística no *Le Figaro* (ARON, 2010b, p. 296; WINOCK, 2000, p. 566) e, em seguida, tornou-se colaborador do *L'Express*, onde escreveu seu último artigo em fevereiro de 1983 (BAVEREZ, 2006, p. 12).

Ao longo desse tempo, Aron esteve presente na discussão de temas relacionados não só ao ambiente interno da França e suas relações exteriores, mas também ao contexto de reconstrução européia e de constituição das instituições

responsáveis pela governança mundial. Escreveu extensa e intensamente artigos e livros e emitiu opiniões sobre as políticas doméstica e externa da França e sobre o contexto e a política internacionais. Foi protagonista de pequenas rusgas, polêmicas e rupturas, com figuras ilustres da intelectualidade francesa, entre elas: Étienne Gilson (ARON, 2010b, pp. 347-352), Maurice Merleau Ponty (ARON, 2010b, pp. 413-438), Jean Paul Sartre (ARON, 2010b, pp. 418-421) e Maurice Duverger (ARON, 2010b, p. 431-433).

Para o presente estudo, defendemos que o conteúdo teórico presente em seu livro *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique* estabeleceu reflexão original e inovadora a respeito da ciência histórica, reivindicando a necessidade de certas considerações lógicas e metodológicas tanto para a análise histórica como para a análise política. Consideramos que as ideias recepcionadas em tal livro não só ofereceram novas bases para o entendimento e a compreensão do estudo da história, mas também subsidiaram as análises conjunturais de Aron, sua visão intelectual e seu posicionamento político. De forma que a construção teórica do *Introduction* serviu, direta ou indiretamente, como munição crítica conceitual para sua argumentação nas diversas discussões em que esteve envolvido. Tais situações propiciavam o resgate de seu trabalho, permitindo não só por à prova os conceitos ali discutidos, como revisar e refinar seus conteúdos semânticos e suas aplicações.

Segundo Aron, a redação do *Introduction* ocorreu entre o período que compreende o final do ano de 1935 e meados de 1937. Sua concepção e gênese deram-se em resposta à severa crítica que seu mestre, Léon Brunschvicg, havia feito ao seu trabalho anterior, *La philosophie critique de l'histoire*. Brunschvicg, professor de filosofia da Sorbonne, defendia concepção filosófica que desconsidera a condição humana diante do devir. Aron, tomando posição oposta, não apenas se distanciou de seu mestre, mas rompeu com ele efetivamente, pois sua preocupação central é justamente a condição histórica do homem (ARON, 2010b, pp. 162 e 163).

O *Introduction* foi apresentado como tese principal em 26 de março de 1938. Aron relata que causou apreensão geral à banca presente, composta por Célestin Bouglé; Paul Fauconnet; Edmond Vermeil, Léon Brunschvicg, Émile Bréhier e Maurice Halbwachs. Vale citar que Paul Fauconnet, discípulo direto de Émile Durkheim, salientou simpatia pelas ideias condenadas por Aron e esperança de que suas reflexões sobre a história jamais fossem seguidas (ARON, 2010b, p. 150; *Compte rendu... in* ARON, 1986b, p. 442). A publicação do *Introduction* ocorreu na França em 1938. Outras edições em língua francesa ocorreram em 1948, 1967, 1978 e 1981. Na edição

de 1948, podemos verificar a renomeação de algumas partes e capítulos que compõem o livro. É importante salientar que, tempos depois, em 1981, fizeram parte dessa edição, como anexos, quatro textos fundamentais ligados à crítica aroniana da história escritos durante a Guerra Fria. Após o falecimento de Aron, em 17 de outubro de 1983, o *Introduction* teve uma nova edição em 1986, revista e anotada por Sylvie Mesure¹. Esta mesma edição foi reimpressa em 2006, fazendo ainda parte do catálogo da Éditions Gallimard. No que concerne à tradução do livro, a primeira versão em língua estrangeira foi a edição espanhola de 1946. Todavia, não ocorreu na Espanha, mas em Buenos Aires, Argentina, publicada pela Editorial Losada. Em 2006, foi republicada pela mesma editora como parte da coleção *Biblioteca de Obras Maestras del Pensamiento*. No que diz respeito à língua inglesa, o *Introduction* foi traduzido em 1961, e reimpresso em 1976 e 1981, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra.

Nesse livro, Aron concebeu reflexões críticas com estrutura explicativa e arcabouço conceitual próprios, que não se alinharam às formas de pensar e empregar o conhecimento histórico entre os intelectuais franceses de sua época. Inserida na tradição crítica da história, de origem kantiana², a concepção de estudo da história defendida em seu livro norteou suas idéias, sua reflexão e sua análise dos acontecimentos. A intenção original de Aron era compreender as relações entre o processo histórico e as ações a serem tomadas pelo homem histórico (ARON, 2010b, p. 162). Ele acreditava que os eventos históricos que se apresentavam exigiam melhores formas explicativas a fim de depurar as opções políticas em jogo. Posteriormente, grande parte de seus artigos e livros resgatou, implícita ou explicitamente, sua concepção de história. De modo que as

¹ Sylvie Mesure, especialista em História e epistemologia das ciências sociais, é pesquisadora ligada ao *Groupe d'étude des méthodes de l'analyse sociologique de la Sorbonne* (GEMASS), associado à *Université de Paris-Sorbonne* e ao *Centre national de la recherche scientifique* (CNRS). Foi responsável pela edição das seguintes obras de Aron: *Leçons sur l'histoire*, Paris, Ed. Fallois, 1989; *Philosophie critique de l'histoire*, Paris, Julliard, 1987; e *Introduction à la philosophie de l'histoire*, Paris, Gallimard, 1986. É autora do livro *Raymond Aron et la raison historique*, Paris, Vrin, 1984. Juntamente com Patrick Savidan, dirigiu a publicação do *Dictionnaire des Sciences Humaines*. Paris, PUF, 2006.

² É importante destacar a distinção entre o neokantismo do mestre de Aron, Léon Brunschvicg, daquele ao qual se filiou: a crítica kantiana à razão histórica. O primeiro está associado a uma das interpretações possíveis do texto de Kant *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, escrito em 1784, e que se apoia na ideia da realização de um final idealista da história no qual a razão suprema conformaria a solução dos confrontos políticos. Decorrencia direta de tal concepção é a fórmula apregoada por Brunschvicg de que a história é uma “*unidade sem drama*”. O segundo está ligado à escola filosófica de Baden que, a partir do criticismo kantiano, coloca em revisão a postura idealista de unicidade da história e que permitiu a Aron considerar a história um “*drama sem unidade*” (FESSARD in ARON, 1986b, p. 453). Para maiores detalhes, consultar TERRA, Ricardo Ribeiro. Algumas questões sobre a filosofia da história em Kant in KANT, Immanuel, *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011; e também FESSARD, Gaston. *La philosophie historique de Raymond Aron*. Paris: Julliard, 1980.

críticas, sobretudo no âmbito teórico e metodológico, que se colocaram contra os seus textos políticos não deixavam de dialogar com idéias apresentadas no *Introduction*. Tal situação o obrigava a recuperar categorias explicativas do livro, reafirmando-as e, assim, recolocando-as em debate. Sob esta ótica, podemos citar o texto redigido em 1946 para a *Chamber's Encyclopoedia* com o título “*La philosophie de l’histoire*”, e que foi posteriormente publicado em *Dimensions de la conscience historique* em 1961. Outro texto a que devemos fazer referência é “*Les trois modes de l’intelligibilité historique*”, escrito em 1951 para o Congresso da Sociedade Francesa de Filosofia, em Estrasburgo. O mesmo ocorre com seu polêmico livro *L’opium des intellectuels*, Éditions Calmann-Lévy de 1955, cujo capítulo V, *Sentido da História*, reinsere, de forma provocativa, conceitos e posturas já apresentados no *Introduction*. Mais uma vez as questões epistemológicas são retomadas nos anos 70 nos artigos “*Comment l’historien écrit l’épistémologie: a propos du livre de Paul Veyne*”, publicado em 1971 nos *Annales: Histoire, Sciences Sociales*; e “*Récit, analyse, interprétation, explication: Critique de quelques problèmes de la connaissance historique*”, publicado nos *Archives européennes de Sociologie*, volume XV, em 1974. É importante ressaltar que a marca da maior parte desses artigos é a tentativa exaustiva de encontrar saídas explicativas epistemológicas para refutar posições políticas radicais profundamente disseminadas na cultura intelectual da época.

A importância intelectual do *Introduction* é revelada em alguns momentos em que foi lembrado. O exemplo inicial é ligado a Henri-Irénée Marrou³ que, em 1939, manifestou que o livro de Aron deveria ser o substituto do manual *Introduction aux études historiques*⁴, de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, para os jovens historiadores franceses (MARROU, 1995, p. 113 e 114). Anos mais tarde em 1955, o mesmo Marrou reafirmou a relevância do livro. Diante da polêmica aberta com a publicação do livro *L’opium des intellectuels*, lembraria aos professores titulares

³ Henri-Irénée Marrou foi professor da Sorbonne e especialista em História da cultura intelectual e religiosa da antiguidade, sobretudo do pensamento de santo Agostinho, publicou um artigo, em 1939, *Tristesse de l’historien*, a cerca do *Introduction* que demarcou uma chave de leitura relativista do livro.

⁴ O livro *Introduction aux études historiques*, de Langlois e Seignobos, foi publicado originalmente em Paris, pela Librairie Hachette, em 1898. Apresenta um conjunto de princípios e procedimentos técnicos que visavam alijar qualquer tipo de especulação filosófica do estudo da história. É considerado o manual fundamental da denominada “escola metódica”, que assumiu o documento e os eventos políticos como elementos basilares para o estudo científico da história. Em função do seu objeto - o documento político - e do seu método - análise documental -, acabou por defender uma ideologia nacionalista em nome de um procedimento científico. Para maiores detalhes, consultar BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris: Éditions du seuil, 1989, e BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

que compunham a assembléia com a responsabilidade de aprovar a admissão de Aron para a docência na Sorbonne, que não se tratava unicamente do autor de *L'opium des intellectuels* pleiteando a vaga, mas, sobretudo, do autor do *Introduction à la philosophie de l'histoire* (ARON, 2010b, p. 441). No início dos anos 70, Paul Veyne, em seu conhecido livro *Como se escreve a história*, fez referência ao *Introduction* de Aron.

“Aliás, o leitor interessado encontrará, em muitas páginas, referências implícitas e, sem dúvida também, reminiscências involuntárias da *Introduction à la philosophie de l'histoire* de Raymond Aron, que continua sendo o livro fundamental sobre a matéria” (VEYNE, 1998, p. 13n).

E há também as considerações contidas na coleção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, *História: novos problemas; novas abordagens*, publicada em 1974. O capítulo de abertura, *A operação histórica*, de Michel de Certeau, evoca os ensinamentos de Aron.

“Ao vulgarizar os temas do ‘historicismo’⁵ alemão, Raymond Aron ensinou a toda uma geração a arte de apontar as ‘decisões filosóficas’ em função das quais se organizam os cortes de um material, os códigos de sua decifração e a ordem de exposição. [...]. Hoje em dia conhecemos a lição na ponta da língua. Os ‘fatos’ históricos já se encontram constituídos pela introdução de um sentido na ‘objetividade’” (CERTEAU in LE GOFF & NORA, 1988, p. 19).

Tais referências atestam o valor seminal do *Introduction* na discussão francesa a respeito do conhecimento histórico. Daí também a pertinência de examinar os elementos que forjaram a concepção de história de Aron, basilar para a formação de seu pensamento e que permeou tanto sua produção intelectual como seu posicionamento político. É importante frisar que, embora grande parte dessa produção tenha sido traduzida para a língua portuguesa e publicada no Brasil, justamente a obra que fundamenta e apresenta sua concepção de história não foi publicada em nossa língua. Mesmo estabelecendo nova visão epistemológica a respeito da história e sendo tema de

⁵ A questão do historicismo demanda alguma explicação. Com a publicação do livro de Karl Popper, *The poverty of historicism*, em 1957, deu-se início a certa confusão terminológica. Popper utiliza o termo historicismo para designar sistemas filosóficos totalizantes da história, que apresentam sentido e final idealista para o processo histórico, como é o caso dos sistemas hegeliano e marxista. Entretanto, na tradição alemã, Hegel e Marx não são vistos como historicistas. Na verdade, o termo historicismo, consoante a definição de Friedrich Meinecke, está associado a “*los elementos espontáneos e imprevisibles de la libertad y creatividad humanas*” (IGGERS, 1998, p. 26). De forma que sempre que possível utilizaremos o termo “*historismo*” a fim de diferenciá-lo da expressão utilizada por Popper e, com isso, aproximarmo-nos da tradição alemã.

discussão e crítica por parte de alguns dos grandes pensadores franceses, não teve o destaque merecido como objeto de estudo das investigações acadêmicas em língua portuguesa. É até interessante, dentro desse aspecto, reconhecer e salientar a importância do livro para o próprio Aron, pois alega ter assentado ali sua “*versão pessoal da crítica da razão histórica*” (ARON, 2010b, p. 158). Em resenha do livro, reeditado nos anos 80, Denis Bussièrès ressalta tal aspecto.

“Este livro desempenha um papel de introdução tanto à obra de Aron quanto aos problemas epistemológicos particulares das ciências sociais”⁶ (BUSSIÈRES, 1988, p. 437).

Entretanto, o *Introduction* não despertou, em terras brasileiras, sequer o interesse de elaboração de resenhas do livro. Tampouco suscitou alguma curiosidade em analisá-lo e aferir sua importância. Arriscamos dizer que desconhecemos qualquer trabalho que trate da concepção aroniana de história e tenha por base esse livro⁷. De forma que nos parece ser plausível aventar a necessidade de preencher o que consideramos ser lacuna fundamental no estudo das idéias de Aron.

Ademais, acreditamos que vale considerar a figura de Aron como sugestiva para entender um processo extremamente importante para a história intelectual francesa e, ao mesmo tempo, marginal ao *mainstream* historiográfico daquele país, a *École des Annales*⁸. Poderemos verificar que as preocupações teóricas de Aron a respeito do conhecimento histórico levaram-no a acentuar o caráter histórico da política. Seguindo a visão alemã, Aron assume que o homem é histórico, pois pertence à coletividade, compartilha ideias, ideais e, sobretudo, um senso de participação em um

⁶ “Ce livre joue un rôle d'introduction tant à l'oeuvre d'Aron, qu'aux problèmes épistémologiques particuliers aux sciences sociales”.

⁷ Em pesquisa recente, podemos encontrar os seguintes trabalhos: MEI, Eduardo. *Teoria da história e relações internacionais: dos limites da objetividade histórica à história universal em Raymond Aron*, 2009; e DIAS Jr., Antonio Carlos. *A sociologia política de Raymond Aron*. Campinas, SP, 2013. Ambas tratam-se de teses de doutoramento apresentadas respectivamente a UNESP e UNICAMP. Quanto ao primeiro, embora parta da avaliação do *Introduction*, tem por intenção analisar o percurso da obra de Aron, sobretudo, seus trabalhos em relações internacionais. Ademais, não há preocupação quanto à gênese das ideias epistemológicas de Aron e quanto às razões que levaram a leitura relativista se impor à sua obra. Tais questões, concernentes a gênese e destino de ideias, podem ser discutidas e esclarecidas por meio dos procedimentos investigativos da história da cultura das ideias. Quanto ao segundo, tem por objetivo estudar o percurso intelectual de Aron, porém, a questão fundamental é quanto aos aspectos teóricos que envolvem a sociologia política presente em sua obra.

⁸ Fundada nos anos de 1920 pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, a *École des Annales* procura superar os eventos políticos, característica central da “escola metódica”, e apreciar a longa duração, considerando, sobretudo, a organização social, a atividade econômica e a psicologia coletiva. Para maiores detalhes, consultar BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris: Éditions du seuil, 1989; e BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

todo o que implica pensá-lo como integrante da história. Veremos que uma das indagações fundamentais para Aron é concernente à seguinte questão: a ciência histórica se dá por acúmulo ou é recriada em momentos diferentes (ARON, 1986b, pp. 10 e 11)? De acordo com tal concepção da condição humana, o presente dialoga e conserva permanentemente este diálogo com o passado, e toma tal iniciativa em função das escolhas que condicionarão o futuro sempre aberto e, por conseguinte, incerto. Dentro dessa visão aroniana, as escolhas e decisões políticas ganham enraizamento explicativo no desenvolvimento histórico.

Além disso, também procuraremos mostrar que Aron, ao refletir sobre a dicotomia teórica entre compreensivismo e explicacionismo⁹, desenvolveu síntese que recuperou o papel do homem diante da decisão histórica. Ademais, dentro desse processo, a reflexão epistemológica aroniana permitiu reconsiderar o papel da filosofia, tanto em termos de campo de saber - relacionado proficuamente com o desenvolvimento do conhecimento histórico - como também do universo político no qual ocorrem as decisões humanas. A recondução do homem como agente fundamental da escolha e da decisão históricas implicou o resgate do objeto político para a historiografia, revelando-se, na concepção aroniana de história, um modo alternativo ao pensamento hegemônico historiográfico francês refletido na *École des Annales*.

No que diz respeito à estruturação de nosso trabalho, optamos pela elaboração de três partes distintas. A primeira parte procura recompor e avaliar o contexto da redação do livro, que pode ser pensado preliminarmente em dois planos: o das ideias e o dos eventos. A intenção é tentar descrever e entender as circunstâncias que cercaram a redação do *Introduction*. Assim, aspectos da formação filosófica de Aron, sua experiência ao longo do início de sua juventude e o impacto que representou testemunhar a ascensão nazista e os acontecimentos da França e da Europa constituem um quadro de experiências que não podemos deixar de levar em consideração. Neste caso, pensamos em mapear motivos pessoais e contribuições teóricas que foram determinantes para Aron refletir a respeito da natureza do saber histórico. Procuramos, por conseguinte, as fontes das primeiras reflexões do jovem Aron: como se desenvolvem as inquietações e os pensamentos que o levaram a conceber a redação do

⁹ Compreensivismo e explicacionismo, considerados como formas de saber histórico, são tratados respectivamente nas Seções II, *Le devenir humain et la compréhension historique*, e III, *Le devenir humain et la pensée causale*, do *Introduction*. O primeiro diz respeito a “*saisie d’une intelligibilité objectivement donnée*”, enquanto o segundo é concernente ao “*établissement de règles causales selon la régularité des successions*” (ARON, 1986b, p. 57). Pela exaustão da interpretação e aplicabilidade dos dois saberes, Aron intenta desenvolver sua concepção de história.

Introduction? Aron coloca em confronto duas concepções filosóficas distintas – explicacionismo e compreensivismo – e, a partir desse confronto, elabora sua própria concepção filosófica da história. Todavia, defendemos que sua concepção epistemológica não se funda exclusivamente no plano das ideias. É perceptível a imbricação entre o plano dos eventos e o plano das ideias, ou, ainda, entre experiência e tradição intelectual. Advogamos que o quadro que compõe a primeira parte do nosso trabalho é importante não só para resgatar e entender o processo de formação, mas também para cotejar experiência vivida, tradição intelectual e concepção racional no desenvolvimento da versão aroniana da crítica à razão histórica.

Quanto à segunda parte, o objetivo é percorrer os argumentos que forjaram a elaboração da crítica aroniana da razão histórica. Consideramos ser razoável fazer um tipo de leitura interna do *Introduction* a fim de elaborar radiografia terminológica do livro, recuperar sua concepção, resgatando assim o eixo da lógica argumentativa. Como Aron aborda o assunto e discorre sobre os temas discutidos, chegando, então, à sua concepção de crítica à razão histórica? Entendemos que as questões que afligem o pensamento de Aron não são apenas herança dos pensadores por ele estudados, mas também se originam de sua percepção dos problemas presentes. Como, então, suas preocupações primeiras conduzem-no à sua concepção de conhecimento histórico? Tal etapa de nosso trabalho permite recompor a elaboração dos elementos lexicais que foram desenvolvidos ou que foram ressignificados por Aron. Isso dar-nos-á condições para o desenvolvimento da terceira parte.

Por fim, a terceira parte diz respeito ao destino das ideias do *Introduction*. A recepção do livro, de pouca repercussão no final dos anos 30, entrou em uma condição posterior de rarefação. E, neste caso, sugerimos que tal ocorrência se deu em função da alegada obscuridade do seu conteúdo. A repercussão imediata foi, sobretudo, mais em função do confronto de duas gerações de intelectuais do que de duas concepções distintas de ciência histórica. Entendemos que a oposição evidente entre a nova proposta e a concepção de história vigente foi obscurecida pelo calor do debate com características de enfrentamento geracional. Embora, nos anos de 1930, Aron já tivesse por preocupação a questão política envolvendo França e Alemanha, escreve sobre conhecimento histórico. Esta é sem dúvida a marca do jovem Aron. Todavia, reconhecimento e reputação, nosso autor só os alcança efetivamente no pós-Segunda Guerra. E, nesse período, três diferentes dimensões de trabalho são desenvolvidas por Aron: temas ligados às relações internacionais; questões concernentes à sociedade

industrial; e reflexões sobre o conhecimento histórico e sociológico (BAVEREZ, 2006, pp. 383 e 384). Não há dúvida de que os dois primeiros temas foram aqueles que mais provocaram discussão e climatizaram o contexto intelectual. Foram inúmeras as polêmicas em que esteve envolvido. Entretanto, polêmicas nessas duas áreas - relações internacionais e sociedade industrial - ofuscaram densamente a terceira dimensão da reflexão aroniana: o conhecimento histórico (KUNTZ *in* ARON, 1985, p. 9). O que não deixa de ser curioso, pois são justamente as reflexões críticas sobre o conhecimento histórico que tecem sua argumentação e permitem explicar seu posicionamento político. Entretanto, poucos foram os autores que se debruçaram sobre o *Introduction* e se propuseram a analisá-lo ou abrir alguma discussão nesse campo de debate. Contudo, Aron utiliza e reutiliza as ideias propostas no *Introduction* para apoiar suas opiniões nas discussões posteriores. Algumas vezes retoma especificamente o assunto em artigos e livros, sempre fazendo referência ao seu livro. Por isso, admitimos que a revisão crítica da obra epistemológica de Aron foi feita, em grande parte, pelo próprio Aron. Por exemplo, durante o período da Guerra Fria, quando Aron empenha-se em embates entre concepções de política, de mundo, enfim, de propostas efetivas para a história vivida, resgatava suas opiniões assentadas no *Introduction* pela sua argumentação crítica, incansável e detalhada a respeito do conhecimento possível capaz de fundar tais concepções. E, assim, reapresentava sua obra tardiamente ao mundo intelectual, revisando criticamente seus conceitos fundamentais. Portanto, nesta terceira parte, o objetivo é mapear os momentos em que as ideias do *Introduction* foram retomadas por Aron e redesenvolvidas a fim de esclarecer suas significações.

Essas três partes pretendem guardar relação com diferentes dimensões do *Introduction* e, por conseguinte, apresentar mútua complementaridade.

Enfim, nosso trabalho tem por proposta elaborar a formação de ideias contidas em um livro. Um livro que representa tanto a reflexão de uma época a respeito da cultura intelectual dessa própria época, como também o rompimento de uma geração com as práticas e os procedimentos intelectuais da geração anterior. Um livro que se propõe a sistematizar e apresentar autores estrangeiros, implicando, por conseguinte, não só um confronto intelectual entres gerações, mas um confronto entre autores de diferentes identidades nacionais. Um livro escrito por um filósofo que não só revela uma dimensão mal conhecida de seu autor - suas reflexões críticas a respeito do conhecimento histórico -, mas cujo conteúdo não foi concebido exclusivamente no plano das ideias, porém também no plano dos eventos como reflexo da percepção dos

acontecimentos em marcha. Em suma, um livro escrito por um filósofo angustiado com a história, já que reconhece que toma e deve tomar decisões a partir de sua existência histórica.

1. Contexto de elaboração do *Introduction*

1.1. Formação intelectual

Para darmos início ao nosso trabalho, entendemos ser importante apresentar algumas linhas gerais da cultura intelectual na qual se formou o jovem Raymond Aron e que o levaram a focar os temas e conceber as ideias que foram tratados em suas três obras dos anos de 1930: *La sociologie allemande contemporaine*, de 1935; *La philosophie critique de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire*; e, *Introduction a la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*, os dois últimos publicados em 1938. Esses livros compõem o eixo fundamental da reflexão de Aron sobre o conhecimento sociológico e histórico, representando o *Introduction*, sua tese de doutoramento, o marco da crítica aroniana da história.

Vale ressaltar que as ciências francesas, na primeira metade do século XX, sofreram algumas orientações e reorientações paradigmáticas. Dentro do campo da História, num panorama bastante resumido, temos a tão aviltada escola metódica, ou historicizante, de Charles Victor Langlois e Charles Seignobos, com apoio direto de Ernst Lavisse; e sua opositora direta, a tão celebrada *École des Annales*, de Lucien Febvre e Marc Bloch, e suas gerações subsequentes, cuja herança nunca é necessariamente direta, e sem traumas, de Fernand Braudel, Paul Veyne e, para alguns, com alguma reticência, Michel Foucault (DOSSE, 2003b, p. 38 e p. 275). Também, temos a ascensão da sociologia (MUCCHIELLI & PLUET-DESPATIN, 2001, p. 15), campo de estudo no qual se perfilarão jovens intelectuais, de diferentes matizes e contrastes, da geração de Aron. Jovens intelectuais que colocarão em xeque o papel jogado pelas concepções de filosofia e história do *establishment* acadêmico francês, profundamente marcado pelo pensamento de Émile Durkheim e pela versão filosófica de Léon Brunschvicg que, na Sorbonne, era “*le mandarin des mandarins*” (ARON, 2010b, p. 66). Vale ressaltar que este último é referência importante para localizar, dentro do movimento de ideias na França, o contexto no qual se originaram as concepções intelectuais do jovem Aron.

Diante de tamanha diversidade de visões, entendemos que a década subsequente ao final da Primeira Grande Guerra, a década de vinte, é especial para nos ajudar a encontrar algumas referências intelectuais fundamentais daquele período.

Julgamos que tais considerações são determinantes para melhor compreensão do *status* e do papel da ciência e de sua história, sobretudo do conhecimento histórico, diante das experiências em processo. Os instrumentos lexicais e intelectuais à disposição do homem dariam conta de interpretar os fenômenos vividos e observados em processo? Essa é, seguramente, uma preocupação que faz parte do rol de questionamentos que angustiam o jovem Aron, e que irá persegui-lo por toda a vida.

Para fazer menção a esse quadro de referência, admitimos preliminarmente que seja importante enunciar algumas considerações sobre o conhecimento em sentido geral. Dois autores parecem-nos importantes para nos apoiar em termos de referenciais e percepções sobre o conhecimento, sobretudo, aquele da década de 1920. O primeiro é Alfred North Whitehead¹⁰ com seu livro *A ciência e o mundo moderno*, cujo conteúdo é composto por um conjunto de conferências proferidas exatamente em 1925. Outro autor é Johannes Hessen¹¹, com seu livro *Teoria do conhecimento*, também publicado no mesmo ano. Destacamos esses dois livros, pois podemos observar neles o registro de impressões e concepções a respeito do conhecimento as quais podem caracterizar o contexto intelectual daquele período.

Alfred Whitehead tem por objetivo apontar os fundamentos históricos da cultura intelectual europeia de sua época. É razoável considerarmos tal cultura intelectual a base da qual emergem as reflexões aronianas. As questões que o jovem Aron coloca sobre a política, tendo por base a relação entre conhecimento e indivíduo, advêm das impressões que Aron tem sobre o conhecimento, tanto no sentido geral como também no sentido estrito do conhecimento histórico.

“O progresso da civilização não é de todo uma tendência uniforme rumo a coisas melhores. Pode talvez ser essa a impressão se o mapearmos com uma escala que seja suficientemente grande. Contudo, certas visões gerais obscurecem os detalhes sobre os quais se assenta todo o nosso processo de entendimento. Épocas novas emergem com relativa rapidez se considerarmos os milhares de anos ao longo dos quais a história toda se estende. Povos separados tomam de repente seus lugares na torrente principal dos eventos; descobertas tecnológicas transformam o mecanismo da vida humana; uma arte primitiva rapidamente desabrocha em completa satisfação de algum desejo

¹⁰ Alfred North Whitehead (1861-1947), nascido na Inglaterra, foi matemático, físico e filósofo, professor de Matemática em Cambridge. Tendo mudado para os Estados Unidos em 1924, passou a lecionar Filosofia na Universidade de Harvard.

¹¹ Johannes Hessen (1889-1971), nascido na Alemanha, foi teólogo e filósofo, iniciou sua atividade docente em 1924 na Universidade de Colônia. Afastado durante o período nazista, só retornou sua atividade docente no pós Segunda Guerra.

estético; grandes religiões, em sua jovem cruzada, expandem pelas nações a paz do céu e a espada do Senhor” (WHITEHEAD, 2006, p. 13).

Vemos, nas palavras de Whitehead, os traços da tomada de consciência do desenvolvimento histórico não necessariamente linear e positivo; não há obrigatoriamente uma *“tendência uniforme rumo a coisas melhores”*. Essa constatação, por sua vez, demanda alguma reflexão sobre o desenvolvimento histórico da ciência e do papel do intelectual diante de tal questão, sobretudo se *“as visões gerais obscurecem”*, ou seja, se ocorre o comprometimento do *“nosso processo de entendimento”* de tal desenvolvimento. Arriscamos a dizer que temos aqui indícios da reversão do otimismo do século XIX e, por conseguinte, da mudança da mentalidade intelectual em relação ao desenvolvimento histórico. Talvez não esteja incorreto até aventar a ideia de assunção do princípio do historicismo.

Segundo Whitehead, a mentalidade intelectual de uma época está diretamente relacionada com a visão predominante. Um aspecto fundante da ciência moderna, para o autor, diz respeito à crença na existência de uma ordem na natureza e de outra ordem moral. A assunção de tais ordens nos leva a considerar um sentido trágico na visão do mundo a qual impregna a especulação científica moderna.

“Permitam-me aqui lembrá-los de que a essência da tragédia drâmática não é a desventura. Ela reside na solenidade do funcionamento impiedoso das coisas. Essa inevitabilidade do destino apenas pode ser ilustrada em termos da vida humana por incidentes que de fato envolvam desventura. Pois é apenas por meio deles que a futilidade da libertação pode ser evidenciada no drama. Essa impiedosa inevitabilidade é que penetra o pensamento científico. As leis da física são os decretos do destino” (WHITEHEAD, 2006, p. 25).

Entendemos que, a partir dessas colocações de Whitehead, podemos assumir que uma dimensão importante da prática científica em geral é a disposição de encontrar leis em ambas as ordens. Tanto na ordem da natureza como na ordem moral, há considerável nível de aceitação de que é possível encontrar leis as quais, em grande medida, promoveriam o desenvolvimento do conhecimento necessário e certo. Aqui se assenta a condição da *“tragédia humana”* das coisas, tanto para o observador cientista como para o ator político, os quais pouco, ou nada, poderiam fazer para mudar o rumo dos acontecimentos. Parece-nos razoável notarmos certo fatalismo nas considerações desta ordem, fatalismo que será duramente refutado por Aron, embora nem sempre

muito bem entendido nessa argumentação. Neste caso, ao considerarmos a concepção fatalista, devemos levar em conta que o papel do cientista, por decorrência direta da assunção de tais leis, é o de um investigador cujas práticas são exclusivamente procedimentais e distantes dos objetos estudados. Fazendo uso de seu intelecto, cabe a ele meramente descobrir e constatar as leis da natureza e da cultura. Isso não é pouco, é verdade. Contudo, neste caso, o modo de conhecer e o modo de ser, ou de existir, não mantêm correspondência e não se afetam mutuamente. Esta é sem dúvida o espírito da crítica de Aron. Não está errado aventar que tal procedimento é o que foi buscado em termos de conhecimento histórico no século XIX. Tal visão fundou as bases para o desenvolvimento das filosofias da história, ou seja, dos grandes sistemas interpretativos do devir, que serão profundamente combatidas pelos historiadores franceses, como será o caso de Lucien Febvre (1974, p. 16).

Mas, ao mesmo tempo, há uma argumentação oposta que pensa o indivíduo e suas reações diante da necessidade de conhecimento. A questão da intuição individual passa também a ser uma forma de pensar o homem e, para alguns, como será o caso de Wilhelm Dilthey, o verdadeiro método para as ciências do homem. Encontramos considerações dessa ordem nas palavras do professor Johannes Hessen, em seus escritos de 1925.

“Um intuicionismo expresso é encontrado [...] em Dilthey [...], o intelecto não é capaz de penetrar a essência das coisas: é capaz apenas de apreender a forma matemática e mecânica da realidade, mas não seu núcleo e conteúdo íntimos. Só a intuição é capaz disso. Ela é o ‘instinto desinteressado e tornado consciente de si mesmo’. Pela intuição, apreendemos a realidade a partir de dentro, penetramos a intimidade da vida, entramos em contato com o núcleo e o centro de todas as coisas e ‘respiramos um pouco desse oceano da vida’. A intuição é, portanto, a chave para a metafísica” (HESSEN, 2003, p. 107).

É possível notar, no caso de Wilhelm Dilthey, que a questão procedimental de análise não é a busca de leis propriamente. Seu sentido de pesquisa está ligado à intuição do homem. É importante registrar que Dilthey será um autor importante para a mudança de perspectiva de Aron em relação a sua formação francesa.

“[...] a intuição aparece em Dilthey como algo completamente irracional, como um entrar em contato emocional e volitivo com a realidade. Nossa convicção sobre a realidade do mundo exterior baseia-se, para Dilthey, numa experiência imediata de nossa vontade. Da mesma forma imediata e irracional, apreendemos a existência de nossos semelhantes. Sendo assim, a intuição desempenha, segundo Dilthey, um papel

importante no campo histórico. As totalidades psíquicas com que nos deparamos nas personalidades históricas só podem ser apreendidas emocionalmente, só podem ser conhecidas intuitivamente. A intuição é, assim, o verdadeiro órgão de conhecimento do historiador” (HESSEN, 2003, p. 107).

Entretanto, vale a pena esclarecer, e veremos adiante, que Aron não segue exatamente a definição de Dilthey. Compreensão, para Aron, não consiste no mero exercício da intuição.

Dentro do panorama que desejamos traçar não podemos deixar de considerar as observações e experiências intelectuais do jovem Aron, como aluno e espectador. Primeiramente, devemos destacar sua formação e herança intelectual na condição de aluno da *École Normale Supérieure*. Naquele período, o jovem Aron, inserido nas questões dos anos de 1920, portanto, no pós Primeira Guerra, estava imerso em um contexto intelectual impregnado de visões idealistas tanto do internacionalismo como do pacifismo da época. Em momento posterior, no início dos anos de 1930, Aron irá rever sua posição, passando a pensar não o pós-guerra, mas o pré-guerra. Entendemos que tal mudança de posição ocorre, por um lado, em função de sua experiência concreta como espectador do avanço dos regimes totalitários daquele período, e, por outro, pela impossibilidade de adequação, para interpretação de tal processo, de sua herança intelectual de recém-formado. Essa dicotomia marca a gestação e desenvolvimento de suas reflexões sobre o conhecimento.

Ademais, quando focamos os escritos propriamente epistemológicos de Aron, temos a impressão de que notamos um ator quase isolado, uma figura paralela, alternativa, mas que não deixa de ser, ao mesmo tempo, importante. É verdade que sua relação com outros grupos intelectuais é sempre marcante. Há certa deferência atribuída a Aron. Entretanto, suas opiniões sobre o conhecimento histórico chegam a passar despercebidas ou a levantar pouca polêmica, embora ainda, tratadas e consideradas pelos demais.

Com relação ao processo de formação do jovem Aron e da recepção dos primeiros elementos conceituais próprios de uma dada tradição intelectual, o início ocorreu com sua entrada no curso de Filosofia em outubro de 1921 (ARON, 2010b, p. 42). Um ano depois, exatamente no mês de outubro de 1922, ingressa no *khâgne*¹² do Condorcet (ARON, 2010b, p. 51). Seus amigos Jean-Paul Sartre, Paul Yves Nizan e

¹² Classe preparatória para a *École Normale Supérieure*.

Georges Canguilhem ingressam no *khâgne* de Henri IV, o qual, para Aron, era a grande referência em termos de preparação para a vida acadêmica.

*“O ano escolar 1921-1922, que encaro como decisivo para minha existência, foi marcado historicamente pelos últimos sobressaltos da grande crise, guerreira e revolucionária. Nada aprendera sobre a política, a economia, o bolchevismo e Karl Marx, mas entrevi, pela primeira vez, o universo encantado da especulação, ou simplesmente do pensamento. Eu escolherei a seção A, menos por gosto das línguas antigas que por medo à matemática. Ficara quase traumatizado, no 4º ano, por um incidente que não esqueci: não encontrar a solução de um problema. O professor escreveu com tinta vermelha em meu trabalho: como é que você não encontrou a solução para um problema tão fácil? Recuei diante do obstáculo; em outras circunstâncias, pode ser que também tenha me esquivado do obstáculo. Escrever ensaios, assinar contratos para livros secundários, isso não foi uma outra forma de escapismo?”*¹³ (ARON, 2010b, p. 42).

No que diz respeito à sua formação, com 17 anos, Aron entrou para o *khâgne* do Condorcet e, entre os anos de 1924 e 1928, cursou a *École Normale Supérieure*. Na citação acima, Aron apresenta uma experiência daquele período que marcará de forma traumática sua maneira de abordagem dos problemas: a questão do “*escapismo*”. Lembrada quase 60 anos depois, tal experiência implica, na verdade, que diante de um problema a ser resolvido, Aron busca a reflexão metódica sobre a colocação e a pertinência do problema, os limites, a natureza e a aceitação das possíveis respostas, embora admita a quase impossibilidade de apresentar resposta definitiva, precisa e acurada. Sem dúvida, aventamos que isso que foi chamado de “*escapismo*”, a respeito do ensaio sem respostas do jovem aluno Aron, tornou-se a marca do filósofo crítico e cético. Vivendo angustiado pela imprecisão das respostas exigidas diante dos problemas do futuro incerto que se apresenta, tornar-se-á “[...] *um cético inquieto, perturbado, sem ataraxia*”¹⁴ (BOYER, 1999, p. 54).

¹³ “L’année scolaire 1921-1922, que je regarde comme décisive pour mon existence, fut historiquement marquée par les derniers soubresauts de la grande crise, guerrière et révolutionnaire. Je n’apprenais rien sur la politique, l’économie, le bolchevisme et Karl Marx, mais j’entrevis, pour la première fois, l’univers enchanté de la spéculation ou tout simplement, de la pensée. J’avais choisi la section A, moins par goût des langues anciennes que par peur des mathématiques. J’avais été presque traumatisé, en 4^e, par un incident que je n’ai pas oublié: je n’avais pas trouvé la solution d’un problème. Le professeur avait écrit à l’encre rouge sur la copie: comment n’avez-vous pas trouvé la solution d’un problème aussi facile? Je reculai devant l’obstacle: en d’autres circonstances, peut-être me suis-je dérobé aussi devant l’obstacle. Écris des essais, signer des contrats pour des livres secondaires, ne fut-ce pas une autre forme de dérobade?”

¹⁴ “[...] un sceptique inquiet, troublé, sans ataraxie”.

Aron não esconde deslumbramento diante de sua entrada na *École Normale Supérieure*. É claro, Aron não se esquivaria da possibilidade de ressaltar a instituição e as pessoas que lá se encontram. Afinal de contas, ele será um dos alunos mais marcantes desta mesma geração.

*“Minha primeira impressão da rua d’Ulm [endereço da ENS], confesso, correndo o risco do ridículo, foi de deslumbramento. Ainda hoje, se me perguntarem, por que? Responderia com toda a sinceridade e ingenuidade: jamais encontrei tantos homens inteligentes reunidos em tão poucos metros quadrados”*¹⁵ (ARON, 2010b, p. 56).

Ainda, dentro dos anos de 1920, nesse período de formação, ocorrem suas primeiras inquietações. Ou seja, o período será marcado também pelo princípio do processo de “reconversão”, o qual será consumado em outubro de 1933. Isso é, de fato, a constatação da decepção de Aron diante da precariedade dos instrumentos conceituais disponíveis para a inteligibilidade do processo histórico.

Dentro desse quadro, é necessário apontar um dos pontos fundamentais com respeito à formação de Aron no que diz respeito ao seu primeiro aprendizado de Kant. Devemos destacar a influência direta da visão filosófica de Léon Brunschvicg que o levou a redigir, para sua diplomação nos estudos superiores em 1928, um trabalho tratando do “[...] *l’intemporel dans la philosophie de Kant*” (ARON, 2010b, p. 62). Neste caso, vale a pena fazer menção da diferença entre a interpretação de Kant por parte de Brunschvicg daquela da escola alemã de Baden, a qual estão filiados Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert. No plano das ideias, não duvidamos de que a formação e conversão de Aron implica respectivamente seu aprendizado sob a batuta idealista de Brunschvicg para então se converter ao kantismo crítico de Baden. A percepção da influência de Brunschvicg e de seu neokantismo “*a-histórico*” é registrada pelo próprio Aron.

*“Mas eu traduzira o kantismo para o neokantismo de Léon Brunschvicg. Kant integrava-se com facilidade no universalismo a-histórico do pensamento francês, pelo menos daquele que se expressava na Sorbonne”*¹⁶ (ARON, 2010b, p. 102).

¹⁵ “*Ma première impression, rue d’Ulm, je l’avoue au risque du ridicule, ce fut l’émerveillement. Aujourd’hui encore, si l’on me posait la question: pourquoi? je répondrais en toute sincérité et naïveté: Je n’ai jamais rencontré autant d’hommes intelligents réunis en aussi peu de mètres carrés*”.

¹⁶ “*Mais j’avais traduit le kantisme dans le néo-kantisme de Léon Brunschvicg. Kant s’intégrait aisément dans l’universalisme ahistorique de la pensée française, telle du moins qu’elle s’exprimait à la Sorbonne*”.

Aron deixa claro o questionamento que coloca ao neokantismo de Brunschvicg que traduz o pensamento kantiano enquanto “[...] a idéia de um fim feliz da história humana para além dos afrontamentos trágicos da política”¹⁷ (CANGUILHEM, 1999, p. 22). Teremos a oportunidade de perceber que no plano das ideias, Aron vai se insurgir contra esses ensinamentos em função do seu excessivo abstracionismo. Aliás, é dessa visão que decorre a ideia de história como “*unidade sem drama*”, tão criticada e até mesmo combatida por Aron que pensa a história como “*um drama sem unidade*”, discussão que será retomada por Brunschvicg durante a defesa de Aron (ARON, 2010b, p. 676).

Outro aspecto da formação do jovem Aron diz respeito à influência de Alain. Alain é o pseudônimo de Émile-Auguste Chartier que o utilizava para sua prática como jornalista. Na verdade, Alain não foi professor de Aron, pois lecionava no liceu Henri IV. Foi graças a George Canguilhem que Aron o conheceu. Entretanto, Aron nos chama a atenção para um ponto que devemos destacar ao dizer que a influência de Alain era mais sentida em termos de sua personalidade e não propriamente pela sua filosofia (ARON, 2010b, p. 69).

*“Ora, na época estávamos a maioria revoltados contra a guerra e os mais velhos. Havia poucos comunistas entre os alunos da Escola. Os que se pretendiam de esquerda aderiram ao Partido Socialista, pelo menos de coração. Os católicos, os ‘carolas’, figuravam à direita. Alain e seus alunos formavam um grupo à parte: nem comunistas nem socialistas, mas eterna esquerda, a que jamais exerce o poder, pois se define pela resistência ao poder – poder que, essencialmente, pende para o abuso e corrompe os que exercem”*¹⁸ (ARON, 2010b, pp. 69 e 70).

Na verdade, os sentimentos com relação à Primeira Guerra, em função das consequências mais diretas, para amigos e colegas de Aron, levam-nos a convergir com o posicionamento pacifista e universalista de Alain. A figura do professor e seus ideais de participação podem dar as marcas da atmosfera do momento e do lugar na qual se encontra o jovem Aron. Desprovido do conhecimento necessário para efetuar análise mais detalhada dos fatos concretos que se apresentavam em pleno movimento, Aron se

¹⁷ “[...] l’idée d’une fin heureuse de l’histoire humaine au-delà des affrontements tragiques de la politique”.

¹⁸ “Or, à l’époque, nous étions pour la plupart en révolte contre la guerre et nos aînés. On comptait peu de communistes parmi les élèves de l’École; ceux qui se voulaient de gauche adhéraient au parti socialiste, au moins de cœur. Les catholiques, les ‘talas’, figuraient la droite. Alain et ses élèves faisaient bande à part, ni communistes ni socialistes, mais gauche éternelle, celle qui n’exerce jamais le pouvoir, puisqu’elle se définit par la résistance au pouvoir – le pouvoir qui, par essence, incline à l’abus et corrompt ceux qui l’exercent”.

apega aos ideais pacifistas de Alain. Porém, não o faz pelo conteúdo de sua filosofia propriamente, mas em função do contexto vivido e pela personalidade amigável de quem os apregoa. Todavia, essa adesão prematura ao pacifismo e ao idealismo internacional não foi exclusividade do jovem Aron. Na verdade, as singularidades do contexto histórico favoreciam a convergência da juventude intelectual francesa a tais princípios e concepções.

Contudo, com o tempo, Aron advogará a ideia de certa acomodação, ou facilidade, em tal posicionamento, pois de acordo com tal visão, não há preocupação como exercício do poder. E uma das maiores preocupações de Aron é justamente entender as condições de quem exerce o poder. Dentro da concepção de Alain, não há preocupação com o homem que se encontra diante de questões a serem resolvidas e sua relação com a inexorabilidade do tempo. Esquerdismo fácil, pois, simplesmente, basta se colocar em oposição permanente e não assumir qualquer responsabilidade de discussão de quais caminhos a serem seguidos, de quais escolhas a serem tomadas, bastando apenas denunciar exaustivamente o poder da autoridade.

“L’homme contre les pouvoirs, a política de Alain, que mais tarde critiquei rudemente, jamais cheguei a adotar. Ela não correspondia a meu temperamento intelectual. Utilizei-a num dado momento, quando nada sabia das sociedades e de Economia e justifiquei mais ou menos mal meus sentimentos com racionalizações: pacifismo, horror à guerra, adesão às ideias de esquerda, universalismo como reação ao nacionalismo dos mais velhos, hostilidades aos possuidores e aos poderosos, um socialismo vago (o partido radical tornava-se cada vez menos apresentável); e um intelectual, ainda por cima judeu, deve simpatizar com a desgraça ou a dignidade dos humildes. Se a política de Alain me tentava, era por poupar-me o trabalho de conhecer a realidade, de imaginar em lugar dos dirigentes uma solução para os problemas propostos. O cidadão contra os poderosos se arroga imediatamente a irresponsabilidade. Uma vez superada as incertezas da juventude e os limites de uma formação acadêmica, adotei posição extremada, do lado oposto: eu me queria responsável quase que a todo instante, sempre inclinado a perguntar-me: que poderia fazer em lugar desse que governa?”¹⁹ (ARON, 2010b, p. 71).

¹⁹ *“L’homme contre les pouvoirs, la politique d’Alain, que je critiquai âprement plus tard, je ne l’ai jamais au fond de moi-même adoptée; elle ne répondait pas à mon tempérament intellectuel; je l’ai utilisée à un moment à un moment où je ne savais rien des sociétés et de l’économie, où je justifiais plus ou moins mal par des raisons mes sentiments: pacifisme, horreur de la guerre, adhésion aux idées de gauche, universalisme par réaction au nationalisme de nos aînés, hostilité aux possédants et aux puissants, vague socialisme (le parti radical devenait de moins en moins présentable); et un intellectuel, de surcroît juif, se doit de sympathiser avec le malheur ou la dignité des humbles. Si la politique d’Alain me tentait, c’est qu’elle m’épargnait la peine de connaître la réalité, d’imaginer à la place des dirigeants une solution aux problèmes posés. Le citoyen contre les pouvoirs s’arroge immédiatement l’irresponsabilité. Une fois que j’eus surmonté les incertitudes de ma jeunesse et les limites de ma*

Mas as décadas de 20 e 30 do século XX não são de fácil interpretação para atores e observadores contemporâneos. As visões panorâmicas e teleológicas da história, independente das ideologias diversas, guardam profunda convergência lógica e formal. E para aqueles que vivenciaram este período, o esclarecimento dos detalhes e as tomadas de posição nem sempre eram feitas de forma consciente ou mesmo eram possíveis. Tony Judt (2007, p. 36) dá-nos uma síntese das opções políticas para a esquerda e a direita daquela época bastante exauridas pelas consequências da guerra de 1914-1918.

“Desde o início da década de 1920, a aspiração por uma certa paz havia marcado toda a comunidade francesa, extenuada pela sua ‘vitória’ na guerra, e sensível, coletivamente à famosa meditação de Paul Valéry sobre a fragilidade das civilizações. A comunidade intelectual dos anos 1920 expressou seu cansaço diante da guerra, mais vivamente, através da abstenção de filiação política, mas até mesmo aqueles de direita ou de esquerda que permaneceram engajados políticamente compartilhavam o desejo universal de ver o fim do envolvimento militar. A direita buscou tal fim por meio do poder ilusório das Forças Armadas francesas, enquanto a esquerda concentrou seus esforços em prol da segurança coletiva” (JUDT, 2007, p. 36).

Quanto tempo teve que passar para que Aron pudesse adotar a prudência e a análise detalhada e crítica dos eventos para no final reconhecer que, diante da pluralidade de perspectivas, a escolha realizada pelo homem não será necessariamente a melhor escolha? Concepção que será desenvolvida em seu livro *Introduction à la philosophie de l’histoire: essai sur les limites de l’objectivité historique*, e defendida como tese de doutoramento em 1938. Acreditamos que seja razoável um ligeiro exercício de comparação entre o jovem e o velho Aron a fim de tentar registrar a grande passagem e mudança de entendimento do processo de escolha e decisão do homem e a forma de abordar e conhecer tal processo.

Nicolas Baverez (2006, p. 12), na biografia de Aron, intitulada *Raymond Aron: un moraliste au temps des idéologies*, cuja publicação original data de 1993, acentua a sabedoria, “*sagesse*”, e a pacificidade, “*apaisement*”, apresentadas na argumentação da última intervenção em vida de Aron: “*L’impregnation faciste*”, *L’Express*, em fevereiro de 1983. O título de tal artigo não deixa dúvida em nos remeter

formation académique, je pris une position extrême, de l’autre côté: je me voulus responsable presque à chaque instant; toujours enclin à me demander: qu’est-ce que je pourrais faire à la place de celui qui gouverne?”

à polêmica entre Bertrand de Jouvenel e Zeev Sternhell (ARON, 2010b, pp. 144 e 145). Sternhell, ao publicar, em 1983, seu livro *Ni droite, ni gauche: l'idéologie faciste en France*, foi processado por Jouvenel em função de qualificar este último como facista e pró-nazista.

A posição de Aron tomada nesta discussão, a favor de Bertrand de Jouvenel, não indica nenhuma filiação ideológica. Seria completamente imprudente e inadequado chegar a tal conclusão. Aron conhece Jouvenel de longa data.

*“De meus interesses pela política, encontro algumas comprovações dispersas. Em 1925 ou 1926, por intermédio de uma associação pró-Sociedade das Nações na qual me inscrevera, passei duas semanas em Genebra, durante a reunião anual da assembléia-geral. [...]. Foi em Genebra que encontrei pela primeira vez Bertrand de Jouvenel, poucos anos apenas mais velho do que eu mas já um jornalista de renome”*²⁰ (ARON, 2010b, pp. 75 e 76).

É preciso prudência dos espíritos mais incautos na avaliação das posições de Aron. O que se exige de foco em termos da reflexão sobre Aron, e este caso é um ótimo exemplo, é quanto à sua defesa incontestável da necessidade de apreciação da condição do homem diante dos eventos dos anos de 1920, 30 e 40 do século XX. Aron apregoa que o desespero dos homens de sua geração, mergulhados em um contexto de frustração e decadência dos regimes democráticos e, em certa medida, do Ocidente, levou-os a tomarem posições fundadas em concepções de mundo carregadas de inevitabilidade, totalização e mesmo fatalidade, quanto ao desenvolvimento da sociedade e da condição humana.

*“É verdade que nós, os homens daquela geração, estávamos desesperados pela fraqueza das democracias. Nós sentíamos a chegada da guerra. Alguns tinham sonhado alguma outra coisa que eliminaria tal fraqueza”*²¹ (ARON apud BAVEREZ, 2006, p. 13).

O caso é emblemático pelo fato de que, no pós Primeira Guerra, as contradições e as opiniões diversas entremeavam um contexto intelectual de ideias

²⁰ “Des mēs intérêts pour la politique, je retrouve quelques témoignages dispersés. En 1925 ou 1926, par l’intermédiaire d’une association pour la Société des Nations à laquelle je m’étais inscrit, je passai deux semaines à Genève, pendant la réunion annuelle de l’Assemblée générale. [...]. C’est à Genève que je rencontrai pour la première fois Bertrand de Jouvenel, de quelques années seulement plus âgé que moi mais déjà journaliste de renom”.

²¹ “C’est vrai que nous, les hommes de cette génération, nous étions désespérés de la faiblesse des démocraties. Nous sentions venir la guerre. Certains ont rêvé de quelque chose d’autre, qui supprimerait cette faiblesse”.

abrangentes e totalizantes e um arranjo institucional, o Tratado de Versalhes, supostamente mundial, mas desequilibrado e confuso.

*“Até a primavera de 1930, meus sentimentos, minhas opiniões, não diferiam, no essencial, daqueles dos amigos de Jouvenel, nem uns nem outros dissimulávamos a fragilidade da ordem construída pelos vencedores, imediatamente a seguir divididos, e julgávamos severamente a diplomacia adotada pela França face ao vencido”*²² (ARON, 2010b, p. 207).

Quanto tempo teve que passar para que Aron adotasse a prudência nas suas avaliações? O que mudou da primeira fase para a segunda fase? E por quais razões ocorreu esta mudança? Entre o primeiro Aron, aquele que advoga o pacifismo e o universalismo, aquele que não percebe a responsabilidade do indivíduo diante dos acontecimentos ao longo do tempo histórico, aquele que flerta com as reivindicações da Alemanha em detrimento da posição da França no final da década de 20 e início da de 30; e o segundo Aron, aquele que está propenso a suspender o juízo absoluto a respeito das coisas, aquele que reconhece a dedução, a indução, a compreensão, e mesmo a intuição, como formas complementares e não exaustivas de conhecer, aquele que observa que o entendimento das imperfeições do processo de conhecer e sua consciência podem levar ao ceticismo, mas não ao desengajamento dos atores e dos observadores. Entre o primeiro e o segundo Aron, há uma mudança radical e defendemos que seu livro *Introduction* é onde assentam as ideias que representam o grande marco de tal passagem.

No plano episódico, ou *événementiel*, o Tratado de Versalhes, edificado no pós Primeira Guerra, logo se revelou ineficaz e ineficiente, fomentando apreensão e desejo de superar tal condição. Fundado no revanchismo de George Clemenceau, em exercício do seu segundo mandato como Ministro da França, entre 1917 e 1920, e na vaga posição de potência francesa, o arranjo institucional não deixava de ser precário e inconsequente. Entretanto, no plano das ideias, as opções não eram, para Aron e outros, inequívocas. Por conseguinte, deveriam ser objeto de análise criteriosa, sobretudo, pelo fato de que elas não se desarticulavam tão facilmente com a cambiante instituição mundial em vigor. Temos, então, nesta condição vivenciada por Aron, a relação entre o

²² “Jusqu’au printemps de 1930, mes sentiments, mes opinions ne différaient pas, pour l’essentiel, de ceux des amis de Jouvenel; ni les uns ni les autres nous ne nous dissimulions la fragilité de l’ordre édifié par les vainqueurs, immédiatement divisés, et jugions sévèrement la diplomatie menée par la France à l’égard du vaincu”.

mundo real e o mundo ideal, ou como ele utilizará em seu livro *Introduction*, entre história real e história ideal (ARON, 1986b, p. 354).

Mas Aron só pode tomar, de fato, tal consciência a partir de 1930. Até então, há certa sensação de angústia que vai se formando lentamente diante da ineficiência do contexto político e da insuficiência do contexto intelectual científico para entendimento das dificuldades institucionais do primeiro. Envolvido neste quadro, na primavera daquele ano, Aron se dirige para Colônia, na Alemanha, em região à margem do rio Reno.

*“Na primavera de 1930, através do serviço de obras francesas no estrangeiro, dirigido por Jean Marx no Quai D’Orsay, obtive um cargo de assistente de Francês na Universidade de Colônia junto a um famoso professor, Léo Spitzer”*²³ (ARON, 2010b, p. 83).

Mesmo tratando-se de Aron, a opção de estudar na Alemanha não partiu de uma avaliação metódica, racional e consciente de que lá seria o lugar em que poderia encontrar respostas para suas inquietações e angústia. Simplesmente, nosso autor foi para a Alemanha por que havia entre os acadêmicos franceses tal expediente para a formação dos professores. Ou seja, um elemento contingente na vida concreta de Aron é que principia sua tomada de posição no plano das ideias.

*“Prolonguei uma tradição de curta duração: E. Durkheim e C. Bouglé haviam um e outro, visitado as universidades alemãs, tendo informado isso em artigos, reunidos em livros”*²⁴ (ARON, 2010b, p. 153).

E durante essa estadia na Alemanha, não prevista, não considerada *a priori*, no ano universitário de 1930-1931, Aron depara-se com um conjunto de situações que colocarão em xeque seus pensamentos, sua formação e seu futuro. É o plano dos eventos que demandará do jovem intelectual a revisão crítica de sua herança intelectual. Algumas ocorrências, o próprio Aron registra em suas *Mémoires* (2010b, p. 85). Por exemplo, a reação de Léo Spitzer, judeu “assimilado”, diretor do Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Colônia, ao comentar um artigo de Aron sobre o nacional-socialismo, criticando-o pelo fato de “[...] não haver insistido bastante

²³ “*Au printemps de 1930, par l’intermédiaire du service des oeuvres françaises à l’étranger que dirigeait Jean Marx au Quai d’Orsay, j’obtins un poste d’assistant de français à l’université de Cologne auprès d’un professeur réputé, Léo Spitzer*”.

²⁴ “*Je prolongeais une courte tradition: E. Durkheim, C. Bouglé avaient l’un et l’autre visité les universités allemandes, ils en avaient rapporté des articles, réunis en livres*”.

sobre a ‘nova civilização’ que trazia consigo o nacional-socialismo”²⁵ (ARON, 2010b, p. 85). É importante notar tal depoimento. As palavras são emblemáticas, pois o que está sendo retratado é a visão de um intelectual judeu, Léo Spitzer, a respeito não só do nazismo em sentido estrito, mas também a expectativa de reverter o quadro de dificuldades que viviam os alemães naquela época. Tal visão se assentava, e isso é um dos pontos mais importantes para Aron, em uma concepção totalizante e mesmo fatalista de desenvolvimento histórico.

Sabemos que os termos do Tratado de Versalhes impostos à Alemanha ofendiam o orgulho nacional alemão, situação que foi explorada pelo nazismo embrionário na segunda metade da década de 20. Tal condição ganhou maior destaque com a crise de 1929, agravando uma circunstância degradante e humilhante imposta ao povo alemão. O resultado direto foi a consagração do Partido Nazista nas eleições parlamentares na segunda metade de 1930, momento em que Aron já se encontrava na Alemanha e, portanto, pode observar diretamente tal processo.

*“O que me impressionou, o que me chocou, o que me perturbou na chegada à Alemanha, na primavera de 1930, foi a violência nacionalista dos alemães, e, três meses depois, em setembro de 1930, a primeira grande vitória dos nacionalsocialistas, a eleição de 107 deputados nazistas”*²⁶ (ARON, 2004, p. 34).

Embora Aron compartilhasse com outros franceses sentimentos de pacifismo, reconheceu que os termos impostos à Alemanha, sobretudo o *status* territorial, impeliavam o povo alemão a uma situação preocupante para a França. Mas o próprio Aron nos dá pistas acerca de tal descoberta não ter ocorrido rapidamente. Aron nos lembra que, ao redigir um artigo, ainda em fevereiro de 1931, reconhece as condições de vencedor e vencido para, respectivamente, França e Alemanha, adota um tom severo diante do vencedor, a França, e mais, defende a justificação das reivindicações do vencido, ou seja, as reivindicações da Alemanha.

“Um de meus primeiros artigos, escrito na Alemanha, [...] reúne à perfeição todos os traços, todos os erros que detesto hoje em dia e que detestei desde a chegada de Hitler ao poder. [...]. Tentei, com razão, rejeitar os lemas e divisas da propaganda. A França e a Alemanha opunham-se uma à outra, não como civilização à barbárie, mas como o vencedor ao vencido. O vencedor quer conservar as vantagens da vitória; o vencido,

²⁵ “[...] n’avoir pas insisté assez sur la ‘nouvelle civilisation’ qu’apportait avec lui le national-socialisme”.

²⁶ “Ce qui m’a frappé, ce qui m’a choqué, ce qui m’a bouleversé, en arrivant en Allemagne au printemps 1930, c’était la violence nationaliste des Allemands et, trois mois après, en septembre 1930, la première grande victoire des nationaux-socialistes, l’élection de 107 députés nazis”.

*apagar os estigmas da derrota. Até aí, meu pacifismo de princípio não me induziu a tolices. Mas quando cheguei às reparações e ao desarmamento, deveria ter argumentado, pesado o desejável e o possível sobre cada um desses temas, e não postular que as reivindicações alemãs, as do oprimido diante da hipoteca, justificavam-se por si mesmas por provirem do mais fraco (provisoriamente)”*²⁷ (ARON, 2010b, p. 86).

Podemos verificar nas palavras do próprio Aron que ele também não tinha completa clareza com relação ao papel do novo regime alemão e suas possíveis relações com a França.

Quanto à sua estadia na Alemanha, Aron esteve por lá de 1930 até agosto de 1933. Entre 1931 e 1933, ficou em Berlin, e somente em 1930 e 1931 esteve em Colônia (ARON, 2004, p. 38). De qualquer forma, é com sua estadia na Alemanha que se inicia sua tomada de consciência no que diz respeito à dificuldade de entender o papel do homem diante da diversidade de acontecimentos que lhe são contemporâneos.

*“Eu vivera dentro do pós-guerra até minha primeira viagem à Alemanha. Entre 14 de setembro de 1930, o primeiro sucesso do Partido Nacional-Socialista nas eleições legislativas, e o 30 de janeiro de 1933, passei lentamente da revolta contra o passado para o pressentimento do porvir. Saí do pós-guerra para ingressar no pré-guerra. Os mesmos valores, em profundidade, animavam-me, mas, para além da esquerda ou do antifacismo, tratava-se doravante da França e de sua salvação”*²⁸ (ARON, 2010b, p. 119).

Na busca por modelos explicativos que pudessem lhe orientar alguma forma de ação, Aron faz uma opção, quase ingênua, pelo marxismo e pela esquerda. Podemos considerar, nesta tomada de posição, a influência de Alain e de sua personalidade. Todavia, reconhece Aron que não possuía repertório conceitual suficiente para dar conta do entendimento das propostas da esquerda e de melhor

²⁷ “Un de mes premiers articles, écrit en Allemagne, [...] rassemble à la perfection tous les traits, toutes les erreurs que je déteste aujourd’hui et que j’ai détestés depuis l’arrivée au pouvoir de Hitler. [...]. Je tâchais, avec raison, de rejeter les slogans de la propagande. La France et l’Allemagne s’opposaient l’une à l’autre, non comme la civilisation à la barbarie mais comme le vainqueur au vaincu. Le vainqueur veut conserver les avantages de la victoire; le vaincu effacer les stigmates de la défaite. Jusque-là, mon pacifisme de principe ne m’induisait pa en sottise. Mais quand j’en vins aux réparations et au désarmement, j’aurais dû argumenter, peser le souhaitable et le possible sur chacun de ces sujets, non postuler que les revendications allemandes, celles de l’opprimé face au nanti, se justifiaient par elles-mêmes parce qu’elles venaient du plus faible (provisoirement)”.

²⁸ “J’avais vécu dans l’après-guerre jusqu’à mon premier voyage en Allemagne. Entre le 14 septembre 1930, le premier succès du parti national-socialiste aux élections législatives, et le 30 janvier 1933, je passai lentement de la révolte contre le passé au pressentiment de l’avenir. Je sortis de l’après-guerre pour entrer dans l’avant-guerre. Les mêmes valeurs, en profondeur, m’animaient, mais, au-delà de la gauche ou de l’antifacisme, il s’agissait désormais de la France et de son salut”.

interpretar o que acontecia no mundo econômico. Assim, no princípio dos anos de 1930, em franco processo de afastamento dos ensinamentos de Brunschvicg e Alain, Aron empreende a leitura de Karl Marx.

*“Em 1931, não possuía cultura econômica suficiente para bem compreender e julgar **O Capital**. Mas duas perguntas comandaram minha leitura: uma antes econômica: o pensamento marxista ajuda-nos a explicar a grande crise? e a outra mais filosófica: o marxismo de Marx, como filosofia da História, libera-nos da carga, pesada mas constitutiva de nossa humanidade, de ter de **escolher** entre diferentes partidos? Se o futuro já está escrito, inevitável e salvador, só recusarão sua chegada os cegos ou os homens presos a seu interesse particular. Na interpretação corrente do marxismo, era a filosofia da História que me tentava e repelia a uma só vez”*²⁹ (ARON, 2010b, pp. 85 e 86).

As palavras de Aron são claras a respeito das questões que o levaram a ler a grande obra de Karl Marx: *O Capital*. Dois problemas eminentes dimensionavam sua reflexão: o primeiro é concernente à tentativa de explicar a ocorrência da crise econômica do período cujos resultados afetavam diretamente a França e toda a Europa, comprometendo uma possível saída não litigiosa; o segundo, que não está dissociado do primeiro, é concernente ao entendimento da filosofia marxista da história. Quanto à primeira questão, não é necessário discorrer sobre a dificuldade que Aron sentiu ao tentar entender as razões da crise econômica daquele período. Filósofo recém-formado, Aron admite suas lacunas com respeito ao entendimento da economia. Entretanto, no que diz respeito à concepção marxista da história, Aron já dispunha de formação sólida que lhe permitia alicerçar suas análises.

No que diz respeito aos autores alemães, sua leitura não se limitou a Karl Marx. Dentro desse quadro, não podemos esquecer seu trabalho de graduação a respeito de Kant, embora, é verdade, sob a orientação de Brunschvicg (ARON, 2010b, p. 102). Ademais, a concepção marxista da história implica considerar a compreensão do movimento global do devir como condição para a adesão política, porém, não explicando as condições e, tampouco, justificando as posições da esquerda. Assim, as

²⁹ “En 1931, je ne possédais pas une culture économique suffisante pour bien comprendre et juger **le Capital**. Mais deux questions commandaient ma lecture; l’une plutôt économique: la pensée marxiste nous aide-t-elle à expliquer la grande crise? l’autre plus philosophique: le marxisme de Marx, en tant que philosophie de l’Histoire, nous libère-t-il de la charge, lourde mais constitutive de notre humanité, de **choisir** entre les différents partis? Si l’avenir est déjà écrit, inévitable et salvateur, seuls refuseront son avènement des hommes aveugles ou prisonniers de leur intérêt particulier. Dans l’interprétation courante du marxisme, c’était la philosophie de l’Histoire qui me tentait et me rebutait tout à la fois”.

preocupações de Aron concernentes à relação do homem e a história levam-no a mergulhar na cultura filosófica crítica alemã.

*“Choque à primeira vista surpreendente. Eu vivera um ano inteiro com Kant. Apesar de um conhecimento insuficiente de Hume limitar minha compreensão das três Críticas, absorvera um elemento preciso da filosofia alemã, talvez o mais preciso. Não esqueci jamais o imperativo categórico, essência da moral, não mais do que a religião nos limites da razão. Mas eu traduzira o kantismo para o neokantismo de Léon Brunschvicg. Kant integrava-se com facilidade no universalismo a-histórico do pensamento francês, pelo menos daquele que se expressava na Sorbonne”*³⁰ (ARON, 2010b, p. 102).

Parece-nos que o que incomoda Aron no início dos anos de 1930 é o afastamento da filosofia, sobretudo a filosofia da escola francesa, ou seja, aquela associada ao neokantismo a-histórico de Brunschvicg, da análise da realidade da própria França. Podemos notar certa mágoa com relação a sua formação filosófica, ou melhor, com a filosofia ensinada na França.

*“A exaltação do pensamento como tal não se dá sem perigo. Os filósofos frequentemente adquirem o mau hábito de conferir ao pensamento em si, sem informação ou prova, a capacidade de captar a verdade; outros excluem a análise ou a demonstração científica”*³¹ (ARON, 2010b, p. 44).

Não só a filosofia, mas também a sociologia francesa daquele período apresentam tal característica: a falta de ferramentas lexicais para explicar o contexto político. Ou seja, ausência de elementos conceituais e teóricos, capazes de identificar os acontecimentos, explicar os processos e, acima de tudo, o papel do homem e sua condição diante dos mesmos. Sobretudo pelo fato de que as visões predominantes assumiam em grande medida certo fatalismo, ou seja, a impossibilidade do homem reverter o quadro que se formava e minimizar suas consequências. Em grande medida, as preocupações de Aron começam a encontrar eco nos autores alemães e, dentre eles, aquele que será sua grande influência: Max Weber.

³⁰ *“Choc au premier abord surprenant. J'avais vécu une année entière avec Kant. Bien qu'une connaissance insuffisante de Hume ait limité mon intelligence des trois Crétiques, j'avais absorbé un élément précieux de la philosophie allemande, peut-être le plus précieux. Je n'oubliai jamais l'impératif catégorique, essence de la morale, pas plus que la religion dans les limites de la raison. Mais j'avais traduit le kantisme dans le néo-kantisme de Léon Brunschvicg. Kant s'intégrait aisément dans l'universalisme ahistorique de la pensée française, telle du moins qu'elle s'exprimait à la Sorbonne”*.

³¹ *“L'exaltation de la pensée en tant que telle ne va pas sans péril. Les philosophes prennent souvent la mauvaise habitude de prêter à la pensée toute seule, sans information ou preuve, la capacité de saisir la vérité; d'autres en excluent l'analyse ou la démonstrations scientifique”*.

Consideramos, portanto, que a conformação de fatores conjunturais somada à percepção negativa de concepções históricas totalizantes é, sob nosso ponto de vista, um elemento basilar na formação do pensamento de Aron, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento histórico. Está, assim, formado o quadro para a recepção de Weber e, com isso, o entusiasmo que não fora despertado pela sociologia de Émile Durkheim.

“Por que Max Weber suscitou em mim um interesse por vezes apaixonado, ao contrário de Émile Durkheim? Eu me achava mais disponível em 1931 ou 1932 do que entre 1924 e 1928. Na Escola, ainda era estudante, não rompera os laços com a família, a França e as banalidades universitárias. Max Weber objetivava, ele também, a realidade vivida dos homens em sociedade, ele os objetivava sem os ‘coisificar’, sem ignorar, como regra do método, as racionalizações que os homens apresentam para suas práticas ou instituições. (De fato Durkheim ignora menos os motivos ou os móveis dos atores do que sugere sua metodologia.) O que me ofuscou em Max Weber foi uma visão da história universal, a iluminação da originalidade da ciência moderna e uma reflexão sobre a condição história ou política do homem”³² (ARON, 2010b, p. 105).

Aron registra sua condição nos anos de 1920 e sua mudança no início dos anos de 1930. Retrata esse período repleto de desejo de mudança não somente por ele, mas por toda uma geração marcada pelo trauma da Primeira Guerra, suas perdas e suas consequências. De forma que toda e qualquer fresta que vazasse uma luz que apontasse para alguma possibilidade de saída dessa condição era abraçada com arroubo e convicção. Em grande medida, poderíamos dizer que em tal época, Aron sabia o que não queria, mas não tinha clareza sobre o que queria e, sobretudo, como refutar o que não queria.

“Neste mesmo período eu era pacifista, e como acreditava ser filósofo eu estava convencido que não se podia deixar de ser de esquerda. E, quando eu tentava explicar as ilusões dos conceitos de esquerda era, muitas vezes, um diálogo comigo mesmo. Nesta época, eu tinha entre 20 e 25 ou 26 anos e queria apaixonadamente ser de esquerda. Ser de esquerda significa estar contra o poder e em todo caso, na época, eu era de tal maneira ingênuo que quase me inscrevi no partido socialista, e me justificava

³² *“Pourquoi Max Weber éveilla-t-il en moi un intérêt parfois passionné, à la différence d’Émile Durkheim? J’étais plus disponible en 1931 ou 1932 que je ne l’étais entre 1924 et 1928. À l’École, j’étais encore étudiant, je n’avais pas encore rompu les amarres avec la famille, l’hexagone et les banalités universitaires. Max Weber objectivait, lui aussi, la réalité vécue des hommes en société, il les objectivait sans les ‘choisifier’, sans ignorer, par règle de méthode, les rationalisations que les hommes donnent de leurs pratiques ou de leurs institutions. (En fait, Durkheim ignore moins les motifs ou les mobiles des acteurs que ne le suggère sa méthodologie.) Ce qui m’éblouissait chez, c’était une vision de l’histoire universelle, la mise en lumière de l’originalité de la science moderne et une réflexion sur la condition historique ou politique de l’homme.*

dizendo que era preciso fazer qualquer coisa pela época em que vivíamos” (ARON, 1981, p.59).

O pacifismo de Alain, a filosofia de Brunschvicg e a concepção de história de Marx, para Aron, não davam conta de explicar a situação e trazer à luz opções políticas para as questões que a história real impunha. Há um conflito entre o primeiro Aron e o segundo Aron, um conflito de passagem do mundo da filosofia abstrata para a reflexão epistemológica sobre a ciência histórica. Como resultado de tal processo, Aron vai reconhecer o papel da política na história.

“Quanto a mim, transpusera uma etapa de minha educação política – uma educação que durará tanto tempo quanto minha própria existência. Eu compreendera e aceitara a política como tal, irreduzível à moral; não procuraria mais, por palavras ou por assinaturas, provar meus bons sentimentos. Pensar a política é pensar os atores, e portanto analisar suas decisões, os fins, os meios, seu universo mental. O nacional-socialismo ensinara-me o poderio das forças irracionais, Max Weber a responsabilidade de cada um, não tanto a responsabilidade por suas intenções quanto pelas consequências de suas opções”³³ (ARON, 2010b, pp. 117 e 118).

Ao retornar da Alemanha, em outubro de 1933, Aron se instala com a família em Havre (ARON, 2010b, p. 119), mas acaba por regressar a Paris em outubro de 1934, indo trabalhar no *Centre De Documentation Sociale* da *École Normale Supérieure*, cuja direção cabia a Célestin Bouglé (ARON, 2010b, p. 122). A condição para conquistar tal cargo foi a obrigação de elaborar seu primeiro livro, publicado em 1935, *La sociologie allemande contemporaine*.

A reconstrução racional empreendida por Aron constitui uma matriz de razões para suas opções. Não seriam, então, escolhas inadequadas, incertas e/ou imaturas? Será que o que vemos é certa linearidade e confluência de causas que giram em torno da tragédia e da dramaticidade do entre guerras? Não podemos afirmar peremptoriamente, pois também devemos reconhecer que sua reconstrução racional indica certa sucessão não ocasional de fatos, portanto, não uma sequência que poderia resultar em posição e entedimento diversos. De certa forma, poderíamos até mesmo

³³ *“Quant à moi, j’avais franchi une étape dans mon éducation politique – une éducation qui durerait aussi longtemps que mon existence elle-même. J’avais compris et accepté la politique en tant que telle, irréductible à la morale; je ne chercherais plus, dans des propos ou par des signatures, à donner la preuve de mes bons sentiments. Penser la politique, c’est penser les acteurs, donc analyser leur décisions, leurs fins, leurs moyens, leur univers mental. Le national-socialisme m’avait enseigné la puissance des forces irrationnelles. Max Weber la responsabilité de chacun, non pas tant la responsabilité de ses intentions que celle des conséquences de ses choix”.*

recusar a idéia de que o drama para Aron estava no desconhecimento das consequências de suas escolhas, pois a reconstrução retrospectiva, à primeira vista, leva-nos a pensar o oposto. Caberia, portanto, vasculhar os textos daquela época a fim de esclarecer tal dúvida. Porém, lamentamos, pois para os propósitos deste trabalho não cabe tal tarefa.

De qualquer forma, é preciso reconhecer que, se nos basearmos em suas próprias visões retrospectivas, podemos notar a relação que mantém, para Aron, a questão do conhecimento histórico e da ação política. E, em tal relação, Aron reconhece a influência exercida por Max Weber, na medida em que este demanda considerar as responsabilidades do indivíduo diante das consequências de suas decisões. É esta relação que permite a Aron vislumbrar um projeto próprio de filosofia crítica da razão histórica.

*“Max Weber não desconhecia os sistemas sociais nem as decisões irreversíveis e fatais tomadas pelos homens do destino. Graças a sua consciência filosófica, unira o sentimento da duração ao instante, o sociólogo e o homem de ação. Graças a ele, meu projeto, pressentido à beira do Reno, tomou corpo”*³⁴ (ARON, 2010b, p. 106).

Não há como fugir da indagação do *status* do conhecimento histórico quando pensamos na ação política. É essa a preocupação despertada em Aron no período em que esteve na Alemanha. O que teria dado o tom do processo intelectual que o leva a tal questionamento: os elementos vividos, experimentados e testemunhados por Aron? Ou seria a recepção da tradição intelectual neokantista em seus estudos sobre os autores alemães? Também não podemos deixar de pensar na necessidade de se conceber uma forma de reação ao mundo político francês diante do cenário que se construía. Portanto “*imanência do sentido da realidade social*”, “*proximidade da política*” e “*epistemologia própria das ciências sociais ou humanas*” passariam a constituir para Aron não temas isolados ou auto-excludentes, mas três dimensões imbricadas do mesmo problema a ser resolvido com base em uma concepção filosófica do homem (ARON, 2010b, p. 106).

Evidentemente, frustração traumática a respeito da Primeira Guerra, derrotismo ou pessimismo, tudo isso se dilui com o pacifismo fácil de Alain. Das visões a respeito da ciência registradas por Whitehead e por Hessen, devemos dar um passo adiante e passar a considerar, como faz Aron, o pessimismo do Ocidente em prover

³⁴ “*Max Weber n'avait méconnu ni les systèmes sociaux ni les décisions irréversibles et fatales prises par les hommes du destin. Grâce à sa conscience philosophique, il avait uni le sens de la durée et celui de l'instant, le sociologue et l'homme d'action. Grâce à lui, mon projet, pressenti sur les bords du Rhin, prenait corps*”.

meios conceituais, teóricos para buscar alternativas ao processo histórico que se edifica. Pessimismo que será também fonte de inspiração e reflexão para Aron e que, segundo o próprio, está, em grande medida, evidenciado na obra de Oswald Spengler, *A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da História Universal*.

Entretanto, a década de 1930 para Aron foi bem diferente do que havia sido o final da década anterior ou mesmo a própria virada de uma para outra. Menos inseguro de suas impressões com relação à filosofia e sociologia francesas, de posse da concepção filosófica alemã a respeito da história e, por conseguinte, considerando a possibilidade de criticar a inexorabilidade da razão histórica, retorna à França em 1933. A partir de então, observa e testemunha a edificação do quadro que indicará a proximidade da segunda guerra.

*“De 1933 a 1939, o III Reich, bem próximo, pesava no clima de nosso país. Afluíam os refugiados. Ao mesmo tempo afinal saía de minhas dúvidas, livre-me do medo à página em branco. Os seis anos, entre agosto de 1933 e agosto de 1939, à sombra da guerra temida e prevista, foram talvez os mais fecundos de minha vida. Felicidade para o homem, desespero para o cidadão”*³⁵ (ARON, 2010b, p. 118).

No plano das relações internacionais, sobretudo dos acontecimentos que envolviam a Alemanha e, por conseguinte a França, Aron foi testemunha ocular, presencial, da ascensão do nazismo. Para ele a descoberta da Alemanha é também a descoberta da política.

*“Essas duas descobertas andaram juntas”*³⁶ (ARON, 2010b, p. 101).

Como vimos chocou-lhe o nacionalismo dos alemães e a vitória do partido nazista em 14 de setembro de 1930. (ARON, 2004, p. 34; ARON, 2010b, p. 119). Trouxe-lhe apreensão a ascensão definitiva de Hitler nos eventos de 1933 e 1934. Em 1933, o presidente alemão, Paul von Hindenburg, não tendo outra opção, nomeou Adolf Hitler como seu Chanceler. No início do mês de agosto do ano seguinte, com o falecimento do presidente alemão, Hitler passa a acumular os dois cargos, da Chancelaria e da Presidência, para então, no plebiscito de 17 de agosto de 1934, a maioria esmagadora do eleitorado alemão aprovar a fusão dos dois cargos a serem exercidos pela figura de Hitler.

³⁵ *“De 1933 à 1939, III^e Reich, tout proche, pesait sur le climat de notre pays. Des réfugiés affluaient. En même temps, je sortis enfin de mes doutes, je secouai ma peur de la page blanche. Les six années, entre août 1933 et août 1939, à l’ombre de la guerre redoutée et prévue, furent peut-être les plus fécondes de mon existence. Bonheur de l’homme, désespoir du citoyen”.*

³⁶ *“Ces deux découvertes allèrent ensemble”.*

Ainda no que concerne à sua análise crítica dentro desse retrospecto, não podemos deixar de citar o episódio da invasão da Renânia, em 1936, cuja lembrança será evocada mais de uma vez por Aron a fim de dar o exemplo de que as decisões dos indivíduos podem mudar o curso dos acontecimentos. Em *Le spectateur engagé*, de 1981, originalmente produzido para a televisão, ao ser indagado pelo entrevistador, Dominique Wolton, a respeito do episódio da Renânia, se haveria a possibilidade de deter o avanço de Hitler, responde Aron de forma enfática.

*“Sem nenhum risco. Todos sabem. Nenhum. Hitler transmitira à Bundeswehr a ordem de entrar na Renânia com uma ressalva imposta pelo alto comando. Se as tropas francesas avançassem, as tropas alemãs se retiravam. Sabemos disso hoje. Sabe-se que, em março de 1936, poderíamos ter alterado o curso da história. Isso faz parte da minha filosofia da história. É uma data, uma data fundamental, em que bastava lucidez e um pouco de coragem para mudar o curso da história. Mas infelizmente Hitler tinha razão. Não havia a menor possibilidade de se encontrar na França um governo que tomasse essa decisão”*³⁷ (ARON, 2004, pp. 82 e 83).

É interessante também para ilustrar, como ponto culminante, o evento de anexação da Áustria, que foi anunciada em 13 de março de 1938, portanto, 13 dias antes da defesa da tese de Aron, que se tornaria seu livro *Introduction à la philosophie de l’histoire: essai sur les limites de l’objectivité historique*. Neste caso, vale lembrar a citação do Padre Gaston Fessard, tetemunha da solenidade de defesa, que fez a questão de registrar a necessidade de correção da data de defesa, assentada inicialmente como 18 de março de 1938 conforme informação do relatório “*Compte rendu de soutenance de thèse de R. Aron*” publicado na *Revue de métaphysique et de morale* em julho de 1938.

*“Comecemos por uma retificação mínima e uma observação mais geral. A defesa realizou-se em 26 de março de 1938 e não em 18, como reporta equivocadamente o **Supplément**, por conseguinte, treze dias antes, e não cinco, depois da **Anschluss** [anexação] da Áustria, proclamada por Hitler no dia 13 em decorrência da invasão militar que começara na noite de 11 para 12. Para nós, hoje, esta diferença de oito dias não é nada. Mas, naquele momento, para os franceses, aturdidos por tal catástrofe, significava o tempo de regressar a si e tomar consciência, face às reações*

³⁷ “*Sans aucun risque. On le sait. Aucun. Hitler avait donné l’ordre à la Bundeswehr d’entrer en Rhénanie, avec une réserve imposée par le haut commandement. Si les troupes françaises avançaient, les troupes allemandes se retireraient. On le sait aujourd’hui. On sait que, en mars 1936, on aurait pu changer le cours de l’histoire. Cela fait une date, une date fondamentale, où il suffisait de lucidité et d’un peu de courage pour changer le cours de l’histoire. Mais, malheureusement, Hitler avait raison. Il n’y avait aucune chance de trouver en France un gouvernement pour prendre cette décision*”.

internacionais, das perspectivas ameaçadoras que o evento propiciava”³⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 447 e 448).

Aron vai advogar, em muitas ocasiões, que tais eventos poderiam ser evitados desde que os homens envolvidos, atores e observadores históricos propriamente, tivessem tomado as decisões para esse fim. Mas o que mais intriga e decepciona Aron é o papel coadjuvante da intelectualidade francesa ao longo de tal processo. A inanição e a contemplação do contexto intelectual tomaram conta dos bancos acadêmicos da França. Os acontecimentos internacionais ocorriam e a filosofia e a sociologia francesas eram incapazes de responder à altura das exigências de tais acontecimentos.

No plano doméstico, as condições não são melhores. Aron testemunha o declínio das intuições políticas francesas e, com tal declínio, a impossibilidade de ver a França responder à militarização da Alemanha. A Terceira República (1870-1940), ou seja, a estrutura política que vai do final da Guerra Franco-Prussiana até o início da Segunda Guerra Mundial, morreu mal amada pela *intelligentsia* francesa de todas as colorações políticas (JUDT, 2007, p. 29).

“A noção de que a [Terceira] República e o mundo que ela representava estavam podres e condenados à ruína era amplamente aceita” (JUDT, 2007, p. 30).

É importante ressaltar que a Terceira República foi vituperada tanto pela esquerda como pela direita. Foi criticada por Charles Maurras, defensor do monarquismo, “*fundador e guia espiritual*” do jornal diário *Action Française* cuja publicação alcançou cem mil exemplares. Segundo Tony Judt (2007, p. 32), a influência de Maurras nos anos 30 poderia ser comparada à influência de Sartre no pós Segunda Guerra.

“Em 1938, o sentimento geral dos intelectuais franceses é descrito (e reproduzido) no comentário clarividente de Arthur Koestler: ‘Que desejo imenso de uma nova ordem humana, na era entre as duas guerras, e que fracasso terrível, por não estar à sua altura’” (JUDT, 2007, p. 35)

³⁸ “*Commençons par une rectification minime et une remarque plus générale. La soutenance a lieu le 26 mars 1938 et non le 18, comme l'imprime par erreur le **Supplément**, donc treize jours, plutôt que cinq, après l'**Anschluss** de l'Autriche, proclamé par Hitler le 13 en conclusion de l'invasion militaire qui commença dans la nuit du 11 au 12. Pour nous aujourd'hui, cette différence de huit jours n'est rien. Mais, à ce moment, pour les Français abasourdis par un tel coup de massue, elle signifiait le temps de revenir à soi et de prendre conscience, face aux réactions internationales, des perspectives menaçantes que l'événement ouvrait*”.

O que nos interessa diante dessa “convergência de opiniões” entre esquerda e direita é a razão de tal alinhamento. Será que haveria um projeto comum? A resposta é negativa, pois, neste caso, o fundamental parece ser não o que desejavam, mas o que recusavam. Ou melhor, o que odiavam: a III República.

“As incertezas e variações da vida intelectual durante os anos 1930 ajudam, também, a explicar a relativa falta de importância do intelectual comunista. Em forte contraste com que estava por vir, o comunismo ainda não exercia um encanto irresistível sobre as classes pensantes. Como o fascismo, o maior atrativo do comunismo soviético era a sua condenação da sociedade burguesa, em sua retórica e em suas ações. De fato, àquela época, assim como nas décadas seguintes, a retórica comunista destilava a preocupação predominante com a corrupção, a decadência e a renovação, que impregnavam os escritos dos intelectuais ‘não-conformistas’ da época” (JUDT, 2007, p. 38).

Mas não podemos esquecer o “pano de fundo” de tais eventos. Ou melhor, não podemos esquecer o “pano de fundo” de tais idéias. Devemos registrar o quanto é marcante o grau de convergência da concepção de tempo e desenvolvimento da sociedade humana entre as diversas opiniões que sustentavam a necessidade de superação daquele período. Independente do que se falava a respeito da III República, não era somente a denúncia das condições institucionais, da corrupção e da incapacidade de apresentar soluções para a crise, mas era, sobretudo, a necessidade de realização inexorável de uma nova etapa histórica tanto nas concepções de direita como nas de esquerda.

“O ano de 1940, portanto, não marca tanto uma ruptura entre um regime democrático e um regime autoritário quanto a consumação de um processo de declínio moral e de alienação cultural partilhado por muitos e articulado por uma nova geração de intelectuais na última década da República. Para muitos, a vitória relâmpago de Hitler constitui um veredicto da história, um julgamento sobre a inadequação e a mediocridade da França contemporânea, assim como a batalha de Stalingrado seria vista, mais tarde, como o veredicto (positivo) com relação ao comunismo” (JUDT, 2007, p. 40).

De forma que muitos estiveram atraídos pelo regime de Vichy, pois este sinalizava a saída para um futuro completamente distinto das condições deploráveis em que se vivia. Como se posicionar de forma oposta ao regime de Vichy e ao Marechal Philippe Pétain? Pétain foi um herói da Primeira Guerra e, naquele momento, era o líder do governo, mesmo que moribundo.

“Assumir uma posição contrária a essa altura dos acontecimentos teria requerido não somente uma clarividência considerável, para não falar em coragem; teria significado, também, uma vontade de defender, mesmo que de maneira diversa, os mesmos valores aos quais a falecida República havia sido associada. [...]. Com respeito ao liberalismo, à democracia, aos direitos humanos e à herança do republicanismo, era extremamente difícil imaginar, em 1940, quanto mais proclamar, uma possibilidade legítima de defesa” (JUDT, 2007, p. 42).

Aron o fez. “*Clarividência considerável*”? Não podemos precisar. Mas denunciou a razão histórica por trás da inanição do pensamento filosófico e sociológico francês, como veremos mais adiante.

Talvez um dos exemplos ou uma das experiências mais intrigantes a respeito da intelectualidade francesa durante o regime de Vichy tenha sido a instituição da *école de chefs* de Uriage. De verniz católico, a escola seria a instituição na qual se formariam as novas lideranças para a reconstrução da nação francesa. Não deixa de suscitar a ideia de uma nova nação, uma nova etapa, representada pela liderança que negava o regime anterior.

“A ambivalência da experiência de Uriage, que durou pouco mais de um ano, reside na sua aceitação de Vichy. De fato, o novo regime e os ativistas de Uriage tinham uma relação simbiótica” (JUDT, 2007, p. 49).

O fato de ter havido a instituição de tal escola é a ideia geral, pelo menos no início dos anos de 1940, da necessidade de se reconstruir a nação francesa. Aspecto que nada mais era que consequência direta do que foi pensado e discutido na década anterior. Para a maior parte da mentalidade que marca a cultura intelectual francesa daquele período, o liberalismo e seus valores já não mais serviam, pois significavam exatamente o que representara a corroída e corrupta III República. Ou seja, uma etapa histórica já ultrapassada.

Mas parece que o liberalismo é uma sombra. Dura existência antagônica da intelectualidade francesa. As saídas totalitárias não suportam a diversidade e a multifacetada ação intelectual francesa. Sobretudo pelo fato de que vozes nem tão isoladas como a de Aron se mantiveram firmes a partir de sua conversão.

A própria *école d’Uriage* com a aproximação e a influência diretiva de Hubert Beuve-Méry³⁹, liberal e antinazista, teve em tal ocorrência um ponto de inflexão

³⁹ Jornalista e fundador do jornal *Le Monde*.

que acabou levando ao afastamento do grupo do regime de Vichy e, com isso, ao fechamento da escola por Pétain.

*“A associação estreita entre o Sr. Beuve-Méry e a direção de Uriage marca uma virada na orientação ideológica da escola e o início de uma colaboração contínua entre os elementos de origem militar e os intelectuais”*⁴⁰ (BOURDIN, 1959, p. 1036).

Triste perda para a diversidade de pensamentos que é a França. Apesar de corroída e corrompida, a III República permitia um tipo de engajamento pessoal variado e esponâneo dos intelectuais. Na década de 1930, durante a III República, portanto, os intelectuais franceses se viam mais como atores independentes, fazendo opções pessoais em função, sobretudo, de suas idéias e percepções.

“Com a derrota da França, tudo isso mudou. Escritores e artistas não eram mais livres para dizer, publicar ou interpretar o que desejavam. Eles corriam o risco, sempre teoricamente, e não raro, na prática, de serem perseguidos ou punidos por suas ideias. Muitos se depararam face a face, pela primeira vez, com a necessidade de refletir a relação entre seus pensamentos pessoais e suas vidas públicas; em meio a uma tragédia nacional humilhante, até escritores mais solitários se sentiam, inevitavelmente, afetados pelo destino da comunidade” (JUDT, 2007, p. 51).

O que podemos tirar da síntese desses eventos para entender o pensamento de Raymond Aron? As experiências vividas ao longo dos anos de 1930, tanto no plano nacional como internacional, demandavam a ação do homem. Mesmo de um homem consciente da imperfeição da sua natureza, mesmo de um homem consciente de sua finitude diante da infinitude da realidade. As experiências daqueles anos apontam para a iminência de uma guerra com consequências desconhecidas. Mas a consciência crítica da razão histórica demanda considerar a guerra não como um produto inexorável dessa mesma razão histórica. Aron adverte, mas está só. Sua última manifestação racional, cética e crítica, antes da Segunda Guerra, foi em 1938.

⁴⁰ “*L’association étroite de M. Beuve-Méry à la direction d’Uriage marque un tournant dans l’orientation idéologique de l’école et le début d’une collaboration suivie entre les éléments d’origine militaire et les intellectuels*”.

1.2. Experiência, revolta e conversão

O capítulo V das *Memórias* de Raymond Aron traz como título “*Desesperado ou satânico...*” (2010b, p. 150). O título, a princípio, remete às considerações de Paul Fauconnet a respeito das idéias de Aron apresentadas na banca de defesa de seu doutoramento, em 26 de março de 1938. Entretanto, é, na verdade, uma forma de apresentar uma pergunta necessária a fim de revisitar o tema da crítica do conhecimento. Ou seja, é, portanto, um ardil da arguta estratégia aroniana não só para a apresentação, mas também, para a defesa tardia do conteúdo dos seus três primeiros livros, redigidos nos anos de 1930: *La Sociologie allemande contemporaine*; *La philosophie critique de l’histoire: essai sur la théorie de l’histoire dans l’Allemagne*; e *Introduciton à la philosophie de l’histoire: essai sur les limites de l’objectivité historique*.

Consideramos que é parte importante do processo de elaboração dos livros de Aron a situação vivida por ele próprio, sua formação e a influência evidente que teve de Léon Brunschvicg e de Alain. Brunschvicg, não deixando de estar imerso no positivismo próprio do contexto racionalista intelectual francês, é profundamente ligado a uma forma de neokantismo bastante divergente daquele no qual Aron pode e deve ser colocado como herdeiro: a filosofia crítica da história. Alain, por sua vez, está relacionado à postura adotada não só com relação à guerra, mas também, com relação a todo e qualquer poder institucionalizado. No que diz respeito a tal postura, Aron adverte que abre a possibilidade de uma forma de contestação recorrente, e até mesmo irresponsável, em dois caminhos. Primeiro, ao contestar a guerra invariavelmente, Alain é levado a apregoar uma ética pacifista demasiadamente inconsequente para o momento em que se encontrava a França. Portanto, uma contestação perigosa na visão de Aron já em plena conversão. Com relação ao segundo caminho possível, a contestação permanente de todo e qualquer poder instituído levaria à disposição de não assumir, e sequer aventar, o exercício de poder, tendo em conta escolhas difíceis em um contexto plural e democrático. É claro que o exercício de tal crítica sem estar associada à dificuldade da escolha do caminho a seguir é simples, ilusório em termos de exercício político, na medida em que o autor de tal procedimento nunca se coloca na condição de tomador de decisão.

Na condição de ator político, ou mesmo de ator histórico, a impressão de Aron é que o homem, carregado de responsabilidade pelas consequências de suas ações

políticas, acaba por ser alijado tanto nas reflexões de Alain, como também nas reflexões de Brunshvieg. Não há consequências que devam ser pensadas pelo ator político. Não há responsabilidade para o analista, sociólogo ou historiador, diante da construção de possibilidades de escolha em função do devir que se processa. Ora, a existência do cientista, para Aron, está diretamente associada com a construção de oportunidades no mundo da decisão política. Ou seja, o homem se caracteriza pela profunda relação entre o modo de ser, modo de conhecer e o modo de existir. E do emaranhado que é essa relação, tanto o historiador como o sociólogo não podem, não devem e, para Aron, sequer conseguem fugir da responsabilidade do que fazem, ou, para o caso francês, do que se omitem. Portanto, não há como se esquivar da crítica aroniana a respeito do conhecimento histórico, sobretudo quando pensamos o processo de escolha da ação política.

Entendemos que estas linhas gerais refletem as preocupações de Aron nos anos de 1930, período em que concebe sua crítica da razão histórica. Parece-nos impossível dissociar as reflexões de Aron do quadro geral de idéias a respeito da possibilidade e da natureza do conhecimento histórico, ou seja, da filosofia crítica da história. Em outras palavras, implica dizer que as idéias de Aron que fundamentam sua crítica à razão histórica estão diretamente associadas com a percepção dos eventos vividos naquele período e o cenário que se criava para a França, e, portanto, para o próprio Aron, diante de tais eventos. E, ainda, a recepção das idéias em função dos seus estudos iniciais a respeito de Kant e, em um momento subsequente, dos autores alemães que compõem o objeto do seu livro *La philosophie critique de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire*, constituem, não exclusivamente, outro elemento importante para a concepção de suas ideias a respeito da história. Em termos metodológicos, somos levados a reconhecer uma relação entre recepção intelectual, experiência vivida e concepção de ideias.

Considerando tal aspecto, é importante recuperar alguns elementos do caminho traçado para a elaboração de seu livro *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique* – central para esta investigação - a fim de perscrutar as razões que o levaram a desenvolvê-lo. Admitimos a condição de escrito fundamental, pois o mesmo é evocado por Aron inúmeras vezes ao entrar em discussão com outros autores. Não só isso, advogamos que, se há de fato uma unidade no pensamento de Aron, diante da diversidade de temas tratados por ele e da extensão de escritos publicados, tal unidade se funda nas idéias desenvolvidas no *Introduction*.

Consoante Sylvie Mesure, o *Introduction* é fruto de uma “*double genèse, universitaire et intellectuelle*” (MESURE in ARON, 1986b, p. II). A gênese “*universitaire*” diz respeito ao fato de Léon Brunschvicg ter julgado o manuscrito do *Philosophie critique de l’histoire* com severidade, dizendo tratar-se de uma interpretação obscura. Com isso Aron se viu impelido a escrever sua “*version personnelle de la critique de la Raison historique*”, passando o *Philosophie critique de l’histoire* para a condição de tese secundária (ARON, 2010b, p. 158). Quanto à gênese de caráter “*intellectuelle*”, temos dois planos distintos. O primeiro diz respeito à ideia inicial de Aron em elaborar discussão filosófica sobre a Biologia, tratando especificamente da genética mendeliana. Porém, tal projeto é imediatamente abandonado.

“*Que poderia eu dizer sobre as diligências do geneticista que este não pudesse dizer melhor do que eu no dia em que viesse a ser tentado a refletir acerca de seu trabalho? Que dizer mais sobre o indivíduo biológico do que o que a biologia nos ensina ou nos ensinará?*”⁴¹ (ARON, 2010b, p. 83).

Quano ao segundo plano da gênese intelectual de seu livro, é preciso lembrar que, para nosso autor, fazia-se necessário procurar entender uma das respostas históricas mais importantes daquele período: a filosofia marxista da história. Portanto, é justamente a tentativa de desenvolver seu entendimento a respeito da filosofia marxista da história que o leva à redação do *Introduction*.

Indubitavelmente, tais dimensões são de extrema importância para entender a gênese do livro de Aron, de forma que não contestamos de maneira nenhuma Sylvie Mesure. Reconhecemos as duas dimensões apresentadas e, de fato, até discutimos alguns aspectos de tais dimensões na parte anterior aqui apresentada. Todavia, acreditamos que há mais coisas entre as dimensões, “*universitaire*” e “*intellectuelle*”. Por exemplo, não podemos deixar de considerar que, no princípio dos anos 1930, Aron carregava certa desilusão com aquilo que ele designou a “*moral do sábio*”, que o colocava em “*revolta contra Léon Brunschvicg*” (ARON, 2010b, p. 83). Havia certo conformismo em tal pensamento o qual não poderia, em sua opinião, ser a base para o pensamento analítico sobre a história. Era necessário superar o distanciamento entre o intelecto e a *praxis*, no sentido de buscar síntese que permitisse o

⁴¹ “*Que pourrais-je dire sur les démarches du généticien que celui-ci ne pût dire mieux que moi le jour où il serait tenté de réfléchir sur son travail? Que dire de plus sur l’individu biologique que ce que la biologie nous apprend ou apprendra?*”

engajamento. Síntese que atendesse ao espírito e ao coração, ao sábio e ao político, ao saber e ao querer.

*“O sábio não pratica a moral do sábio senão em seu laboratório (e mais: os sociólogos desmistificaram essa representação, bem lisonjeira, do sábio). A **fortiori**, o homem, em cada um de nós, não é um sábio;[...]. Procurei, então, um objeto de reflexão que interessasse ao mesmo tempo o coração e ao espírito, que requeresse a vontade de rigor científico e, simultaneamente, me engajasse por inteiro em minha pesquisa. Um dia, à beira do Reno, decidi por mim mesmo”*⁴² (ARON, 2010b, p. 83).

Como vimos, a busca da síntese entre intelecto e *praxis* se desenhava de forma dramática para Aron, pois não encontrava em sua formação e herança intelectual respondesse a essa busca. Não encontrou em sua herança intelectual elementos conceituais que fornecessem meios para pensar a condição histórica do homem. Foi necessária a leitura dos filósofos críticos alemães para encontrar as respostas e os fundamentos para aquilo que viria a ser sua própria crítica da razão histórica.

A reconstrução de alguns elementos dos seus primeiros dois livros, *La sociologie allemande contemporaine* e *La philosophie critique de l’histoire*, permite-nos aclarar outros aspectos da gênese do *Introduction*, levantando outras hipóteses para a composição do quadro de sua elaboração. Com relação à datação dos três primeiros livros de Aron, o primeiro, *La sociologie allemande contemporaine*, foi publicado em 1935. Seu segundo livro, que se tornou sua tese secundária, *La philosophie critique de l’histoire: essai sur une théorie allemande de l’histoire* é de 1938. E do mesmo ano data o livro *Introduction à la philosophie de l’histoire: essai sur les limits de l’objectivité historique*, o qual será a tese principal.

*“Entre os diplomas de estudos superiores sobre Kant (1926-1927) e meu ano no Havre, li bastante, um pouco em todas as direções. Fora os artigos de **Libres Propos** e de **Europe**, nada escrevi. Entre outubro de 1933 e abril de 1937, consegui escrever os três livros citados acima”*⁴³ (ARON, 2010b, p. 117).

⁴² “Le savant ne pratique la morale du savant que dans son laboratoire (et encore: les sociologues ont démythifié cette représentation, trop flatteuse, du savant). A **fortiori**, l’homme, en chacun de nous, n’est pas un savant; [...]. Je cherchai donc un objet de réflexion qui intéressât à la fois le coeur et l’esprit, qui requît la volonté de rigueur scientifique et, en même temps, m’engageât tout entier dans ma recherche. Un jour, sur les bords du Rhin, je décidai de moi-même”.

⁴³ “Entre le diplôme d’études supérieures sur Kant (1926-1927) et mon anée havraise, j’avais beaucoup lu, un peu dans toutes les directions. En dehors des articles de **Libres Propos** et de **Europe**, je n’avais rien écrit. Entre octobre 1933 et avril 1937, je parvins à écrire les trois livres que j’ai mentionnés plus haut”.

Segundo Aron, os três livros foram escritos entre os anos de 1933 e 1937. Admite, em suas *Mémoires*, a dificuldade que foi superar o “*medo à pagina em branco*” em função da sua “*dificuldade para escrever*” (ARON, 2010b, p. 151). Entretanto, entendemos que não se trata de “*dificuldade para escrever*” no sentido estrito; seríamos demasiadamente ingênuos se a tomássemos literalmente. Na verdade, acreditamos que Aron utiliza-se de uma metáfora para aludir o seu problema do “*escapismo*”, como já havíamos comentado. Ou seja, se tem alguma dificuldade para escrever, seria para enunciar respostas dogmáticas com pretensão de certeza, verdade e validade absolutas. Aron é contra os totalitarismos, tanto com relação às saídas institucionais da realidade política, como com relação às especulações totalizantes no campo do conhecimento.

“É geralmente bem conhecido que Aron rejeita qualquer forma de absolutismo, seja ele de variedade histórica ou maquiaveliano”⁴⁴ (STRONG, 1972, p. 180).

Quanto ao seu primeiro livro *La sociologie allemande contemporaine*, um livro pequeno, de 146 páginas, Aron o escreveu, em função da solicitação de Celestin Bouglé, o qual lhe prometera um cargo no *Centre De Documentation Sociale* da *École Normale Supérieure*, cuja direção era de responsabilidade do próprio Bouglé (ARON, 2010b, p. 122). Sua primeira publicação deu-se em 1935. Porém, conta-nos Aron que a maior parte de sua redação ocorreu paralelamente ao seu primeiro ano de docência em Filosofia, entre 1933 e 1934, no liceu de Havre.

“Trabalhei naquele ano 1933-1934 mais que o fizera antes ou faria depois, já que redigi grande parte de **La Sociologie Allemande Contemporaine** e da tese secundária consagrada a filósofos alemães que agrupei sob o tema da **Critique de la Raison Historique**. Como, simultaneamente, ministrava, pela primeira vez, um curso de Filosofia tratando de problemas tradicionais sobre os quais não refletira havia anos, tive de preparar meus cursos com qualidade pelo menos variável”⁴⁵ (ARON, 2010b p. 121).

Para Aron, levando em conta que a maioria dos sociólogos alemães tratados em *La sociologie allemande contemporaine* era desconhecida, o livro foi útil

⁴⁴ “It is generally well known that Aron rejects any form of absolutism, be it of the historical variety or of the Machiavellian”.

⁴⁵ “Je travaillai durant cette année 1933-1934 plus que je ne l’ai jamais fait avant ou après, puisque que je rédigeai la plus grande partie de **la Sociologie allemande contemporaine** et de la thèse secondaire consacrée à des philosophes allemands que je regroupai sous le thème de la **Critique de la Raison historique**. Comme, simultanément, je professais, pour la première fois, un cours de philosophie traitant de problèmes traditionnels sur lesquels je n’avais pas réfléchi depuis des années, je dus préparer mes cours, de qualité, à coup sûr, pour le moins variable”.

para aquele momento, sobretudo na França. Chegou a ser traduzido para o espanhol, inglês, japonês e alemão. Foi reeditado em língua francesa em 1950, 1957 e 1958. Entretanto, com o tempo, a apresentação de tais sociólogos e a descrição de suas idéias já não se fizeram mais necessárias. (ARON, 2010b, pp. 151 e 152). Todavia, podemos ainda encontrá-lo no catálogo da editora francesa Quadrige/PUF, em sua 5ª edição de 2007. Deveríamos, com isso, discordar da falsa modéstia de Raymond Aron?

Ao mesmo tempo em que redigia seu primeiro livro e ensinava no Havre, vimos que Aron dedicava seu tempo à redação daquele que veio a se tornar sua tese secundária, seu segundo livro: *La philosophie critique de l'histoire*. Com relação a este, seu prefácio, redigido pelo próprio Aron, é significativo ao apresentar não só os autores que serão desenvolvidos, mas também suas escolas de pensamento histórico e, sobretudo, o problema comum a eles: a questão do conhecimento histórico. Entendemos que é marcante nesse livro a preocupação a respeito do conhecimento histórico alemão e a consciência alemã da história, tão necessária, tão criticada e tão exigida na compreensão dos eventos decorrentes da França napoleônica. Todavia, não temos dúvida de que ali Aron já anuncia suas preocupações a respeito do conhecimento histórico: conhecimento necessário, mas nunca inequívoco, diante dos problemas que se apresentam à existência individual e coletiva.

Ao apresentar o objetivo do livro *La philosophie critique de l'histoire*, Aron nos permite conhecer o cerne da questão que com o tempo se tornará foco das discussões que participará, revestindo-o epistemologicamente e metodologicamente, em todo e qualquer debate: a natureza do conhecimento histórico. Inicialmente, reconhece que os autores abordados, Wilhelm Dilthey (1833-1911), Georg Simmel (1858-1918), Heinrich Rickert (1863-1936) e Max Weber (1864-1920), representam certa diversidade em termos de pensamento. Todavia, todos, sem exceção, esclarece Aron, têm um objetivo comum: elucidar a natureza da ciência histórica.

“Nós levamos em conta no livro esta diversidade. Mas nossos quatro autores não deixam de ter um objetivo comum: elucidar a natureza das ciências históricas; um princípio filosófico comum: hostis à filosofia tradicional da história, eles imaginam renovar o problema substituindo a metafísica por uma reflexão positiva. E é por isso que nós colocamos no centro de nosso estudo a idéia de uma crítica da razão histórica, e orientamos toda nossa exposição no sentido da questão fundamental: é possível

*transpor o método kantiano de maneira a tornar desnecessária a filosofia da história e fundar uma lógica original das ciências históricas?”*⁴⁶ (ARON, 1969, p. 13).

Colocar em questão a razão histórica e, com isso, aferir a originalidade da ciência histórica: o título do livro não poderia ser mais correto para o empreendimento ao qual Aron se propõe. É de fato a filosofia crítica da história que está em pleno processo de sistematização. Vale registrar que a designação “*filosofia crítica*”, originalmente proposta por Aron, a partir do empreendimento kantiano, será lembrada e utilizada posteriormente por outros autores.

A necessidade de consciência crítica a respeito do conhecimento da história é um dado importante para os intelectuais da França dos anos de 1930, assim como foi para aqueles da Alemanha do século XIX. Entendemos que Aron vê tal necessidade não só para a França de forma exclusiva, mas para a Europa como um todo. De fato, devemos indagar sobre o papel exercido pelos alemães da então chamada escola de sociologia alemã na formação do jovem Aron. Dentro de tal aspecto, não podemos deixar de destacar, no *Preface* do *La philosophie critique de l'histoire*, o comentário a respeito da influência do livro *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler, escrito originalmente em dois volumes em 1918 e 1922, sobre o pensamento alemão.

*“Todo mundo conhece o papel desempenhado pela filosofia da história, sob suas diversas formas, no pensamento alemão. A lógica do conhecimento histórico tanto quanto as visões panorâmicas, grandiosas e incertas, de um Spengler, exerceram uma ação profunda sobre a consciência que os alemães tomaram de seu tempo e de sua cultura”*⁴⁷ (ARON, 1969, p. 9).

Quais seriam os aspectos fundamentais que poderíamos destacar do livro de Oswald Spengler que indicariam sua influência sobre Aron? Primeiramente, vale lembrar o objetivo central de Spengler.

⁴⁶ “*Nous avons tenu compte dans le livre de cette diversité. Mais nos quatre auteurs n'en n'ont pas moins un objectif commun: élucider la nature des sciences historiques; un principe philosophique commun: hostiles à la philosophie traditionnelle de l'histoire, ils se figurent renouveler le problème en substituant à la métaphysique une réflexion positive. Et c'est pourquoi nous avons mis au centre de notre étude l'idée d'une critique de la raison historique, et orienté tout notre exposé vers la question fondamentale: est-il possible de transposer la méthode kantienne de manière à rendre inutile la philosophie de l'histoire et à fonder une logique originale des sciences historiques?*”

⁴⁷ “*Tout le monde sait le rôle joué par la philosophie de l'histoire, sous ses diverses formes, dans la pensée allemande. La logique de la connaissance historique aussi bien que les visions panoramiques, grandioses et incertaines, d'un Spengler, ont exercé une action profonde sur la conscience que les Allemands ont prise de leur temps e de leur culture*”.

“O tema estrito é, portanto, uma análise da decadência da Cultura ocidental, hoje espalhada pelo globo inteiro. Mas é meu propósito expor uma filosofia com seu método característico, o qual consiste na morfologia comparativa da História Universal” (SPENGLER, 2014, p. 39).

O fundamental da análise spengleriana é a decadência da cultura na qual se insere não só o pensamento alemão, mas também aquele do próprio Aron. Spengler advoga a ideia de decadência da cultura em função daquilo que a Europa estava vivendo naquele momento e, sobretudo, tendo em vista o impacto da Primeira Guerra Mundial.

“Mas já podemos perceber com absoluta clareza, tanto dentro de nós como ao nosso redor, os primeiros sinais de um acontecimento perfeitamente semelhante, no que se refere à sua duração e ao seu transcurso, e que ocorrerá nos séculos iniciais do próximo milênio. Trata-se de nossa própria decadência, da ‘decadência do Ocidente’” (SPENGLER, 2014, pp. 72 e 73).

Vale destacar, ainda, uma das afirmações que pode ilustrar o pressuposto central da *“morfologia comparativa da História Universal”* e que propõe estabelecer lei histórica de desenvolvimento das sociedades e de suas instituições, sob a qual deveria se encontrar, naquele momento, a própria Europa.

“Cada cultura percorre fases de envelhecimento iguais às da vida do indivíduo. Todas elas têm sua infância, sua adolescência, sua vida e sua velhice” (SPENGLER, 2014, p. 73).

Esta é, para nós, característica marcante de outro elemento fundamental da cultura intelectual que marca o pano de fundo das reflexões de Aron que o levarão à redação do *Introduction*. E é exatamente a ideia de transitoriedade das culturas, dos povos, enfim das obras espirituais e materiais dos homens, que ele rejeita. Mas, ao mesmo tempo, consiste na sombra que o perseguiu: a superação da Europa. Estariam os princípios e os valores, supostamente ocidentais, de liberdade e de racionalidade em pleno processo de superação? Devemos registrar que muitos anos depois, em palestra realizada na Universidade de Brasília, no início dos anos de 1980, Aron faz questão de lembrar tal influência.

“Disseram muito justamente que a minha filosofia da história não seguia o estilo de Spengler. É verdade. Não sou spengleriano, mas, ao contrário de muitos franceses, fui influenciado por Spengler. E ainda sou” (ARON, 1981, p.11).

Todavia, podemos observar e devemos destacar que não se trata de um alinhamento de Aron com as ideias de Spengler. Na verdade, Aron está chamando a atenção para o fato de que a aceitação de um livro como o de Spengler é sinal marcante do pessimismo, ou decadentismo, ainda incorporado pela cultura intelectual de parte da Europa.

Reafirmamos, portanto, que a relevância de tal influência é concernente à assunção, consciente ou não, da condição histórica da Europa. Se tal lei, a “lei spengleriana da decadência das culturas”, é certa, qual o papel do ator político diante daquilo que foi elaborado pelo observador histórico? Ou, antes disso, qual o papel dos historiadores para o mundo da política? Os atores do contexto intelectual científico devem se resignar a encontrar leis históricas que estabelecerão as formas e os determinantes da aceitação política, histórica e científica diante de tais leis? No pensamento de Aron, paira uma questão importante: a guerra futura que se desenha não pode ser evitada? Toda a obra espiritual francesa não pode contornar o processo histórico?

Raymond Aron tem um objeto e uma preocupação. Por isso pesquisa e estuda os autores alemães, sob uma análise epistemológica e crítica. Mas, para ele, o problema histórico comum de tais autores é evidenciado pela assunção do decadentismo Europeu; tal decadentismo é a marca de sua época. Contudo, a crise da cultura Ocidental não é consequência direta de uma reflexão epistemológica acurada e extensiva; não se trata da exaustão das possibilidades das visões históricas. A resposta é simples para Aron: é a mera aceitação de tal condição em função das consequências da primeira grande guerra. Este tema será desenvolvido na terceira parte, *L’homme et l’histoire*, da Seção IV, *Histoire et vérité*, do *Introduction*.

É necessário, portanto, avaliar em que medida tal visão influenciou de fato os pensadores alemães que tratam do conhecimento histórico. Com isso, Aron desembocou na oposição de seus mestres franceses, chegando à crítica da razão histórica encontrada nos autores do seu livro *La philosophie critique de l’histoire* e, sobretudo, aqueles da escola de Baden da qual podemos colocá-lo como herdeiro. E quais seriam os autores a serem estudados no *La philosophie critique de l’histoire*? Wilhelm Dilthey, Georg Simmel, Heinrich Rickert e Max Weber. Além disso, Aron deveria elaborar um segundo trabalho que o seguiria, sobre a “filosofia do relativismo histórico” ou historismo, no qual seriam abordados outros quatro autores alemães: Ernst Troeltsch (1865-1923), Max Scheler (1874-1928), Karl Mannheim (1893-1947) e

Oswald Spengler (1880-1936). Entretanto, como veremos adiante, este segundo trabalho não será redigido.

De qualquer forma devemos colocar uma questão concerning aos dois grupos de autores. O que regula tal agrupamento? No primeiro caso, aquele da filosofia crítica da histórica, o objeto dos autores é o mesmo, como já notamos, ou seja, a elucidação da natureza do conhecimento histórico. Já para o segundo caso, a filosofia do relativismo da história, consoante Aron, os quatro autores vivenciavam a mesma crise e o último, Spengler, proclama a plena decadência.

*“Esses quatro autores, muito diferentes entre si, não respondiam a uma mesma pergunta, como filósofos críticos, mas encontravam-se ou sentiam-se numa situação histórica análoga, exprimiam, em linguagens diferentes, a mesma crise, buscavam uma saída em direções bem distintas”*⁴⁸ (ARON, 2010b, p. 159).

Portanto, preocupação com o conhecimento histórico e percepção de vivenciar a crise, estão aí os dois critérios estabelecidos por Aron para a estruturação de seus trabalhos. Vale salientar que Aron reconhece que está imerso em tal crise, a crise de consciência histórica.

Em todo caso, concerning ao *La philosophie critique de l'histoire*, embora o objeto de preocupação dos autores seja o mesmo, Aron adverte quanto à diferenciação que devemos fazer entre os autores. Tomando como exemplo a relação entre Dilthey e Rickert-Wildelband, é possível notar que cada um representa formas diferentes de refletir o conhecimento histórico. Porém, esta diferenciação não os deixa menos importantes como fontes do desenvolvimento da crítica histórica.

Quais seriam as bases do chamado conhecimento histórico? Esse tema passa a integrar o conjunto de preocupações de Aron ao se deparar com a problemática, de solução difícil, ou mesmo impossível, da existência do indivíduo diante da complexa trama de eventos que compõe o devir histórico. Qual decisão política tomar diante do quadro histórico? Como conceber o conhecimento histórico e disponibilizá-lo para o ator político? Na visão de Aron, conhecer a história é fundamental para a decisão política. E mais: conhecer a história é uma exigência própria da existência humana. Todavia, o que nos impele a estudar a história não nos garante verdade e validade de tal

⁴⁸ “Ces quatre auteurs, très différents l'un de l'autre, ne répondaient pas à une même question, comme les philosophes critiques, mais ils se trouvaient ou se sentaient dans une situation historique semblable, ils en exprimaient, en un langage différent, la même crise, ils cherchaient dans des directions tout autres une issue”.

conhecimento. Ademais, quais características fundamentais de tal campo de saber nos permitem indagar a respeito de sua especificidade?

Veremos que, para Dilthey, a diferenciação é de ordem ontológica. Ou seja, devemos considerar a distinção fundamental entre ciências da natureza e ciências do espírito, e dentre estas a ciência histórica. Já, para Rickert, o que garante a especificidade da ciência histórica não é sua metodologia, tampouco sua ontologia, mas a dimensão axiológica deste saber.

“O critério de Rickert para demarcar a ciência natural da ciência histórica é o quinto e final elo na cadeia de raciocínio que o leva a uma solução do problema do conhecimento histórico. Este critério de demarcação não é ontológico. Em outras palavras, Rickert não segue Wilhelm Dilthey na argumentação de que a diferença entre ciência natural e ciência histórica é finalmente fundada em diferenças entre dois tipos de objeto ou modos de existência. Rickert não nega que tais diferenças possam ser identificadas. Ele alega apenas que elas são irrelevantes para uma taxonomia válida das ciências. O critério é antes determinado pela teoria dos interesses cognitivos de Rickert e sua metodologia, ou teoria de formação de conceitos. Na análise final, pode ser dito que o critério é axiológico. Ciência natural e ciência histórica são diferenciadas com base em dois valores teóricos diferentes irreduzíveis que requerem diferenças correspondentes na conceitualização da realidade”⁴⁹. (OAKES, 1986, p. xxii).

Podemos observar que, para Dilthey, a distinção entre ciência natural e ciência histórica se dá em função dos tipos mutuamente exclusivos de conteúdo e fenômenos específicos de cada campo. Portanto, a distinção diz respeito às suas naturezas diversas. Sendo assim, o problema da fronteira entre ciência histórica e ciência natural se coloca em termos ontológicos. Neste caso, não seria errado pensar que o objeto de estudo dos dois campos é mutuamente exclusivo. Tal condição implicaria, portanto, a necessidade de lançar mão de metodologias distintas em função da natureza diversa do objeto de análise. Esta será a resposta de Dilthey para o problema, ao lançar mão da compreensão empática. Assim, tomando por base o ponto de vista de Dilthey,

⁴⁹ “Rickert’s criterion for demarcating natural science from historical science is the fifth and final link in the chain of reasoning that leads him to a solution of the problem of historical knowledge. This demarcation criterion is not ontological. In other words, Rickert does not follow Wilhelm Dilthey in arguing that the difference between natural science and historical science is ultimately grounded in differences between two kinds of material or modes of existence. Rickert does not deny that such differences can be identified. He claims only that they are irrelevant for a valid taxonomy of the sciences. The criterion is rather determined by Rickert’s theory of cognitive interests and his methodology, or theory of concept formation. In the final analysis, it can be said that the criterion is axiological: Natural science and historical science are differentiated on the basis of two irreducibly different theoretical values that require corresponding differences in conceptualization of reality”.

a ontologia precede a metodologia, exatamente em função das considerações em termos da imputação da distinção da natureza dos dois campos.

Todavia, para Rickert, o critério de demarcação entre ciência histórica e ciência natural não é de caráter ontológico. Isso não implica que não reconheça a distinção de conteúdo entre as duas concepções de saber. Seria absurdamente imprudente imputar-lhe tal consideração. A questão que se coloca para ele diz respeito aos valores e interesses cognitivos que conduzem à investigação tanto de uma como de outra ciência. Ou seja, se a questão não é a ontologia, como pode ser observado nas considerações a respeito de Dilthey, também não seria nos procedimentos metodológicos em que se desenvolvem, de forma distinta, ambas as ciências. Ao considerar os aspectos valorativos como critérios fundamentais de distinção, Rickert advoga a distinção axiológica entre os dois campos de saber. É evidente, que não desconsidera especificidade metodológica e ontológica, mas os valores que estão em jogo para a ciência histórica são os elementos cruciais na sua distinção das ciências da natureza, atribuindo-lhe não só especificidade cognitiva, mas relevância em outros campos de saber das ciências do homem.

Portanto, na opinião de Rickert, os elementos que levam ao estudo da história são os valores. A distinção é importante, pois não se trata da natureza do conhecimento, da sua ontologia; também não se trata do procedimento do estudo, da metodologia; mas das motivações individuais que obrigam o homem a pensar sua condição diante do movimento temporal. Esta é, para Aron, como será visto, um elemento material que preenche a lógica do pensamento histórico.

Se a distinção, em termos de consideração da ciência histórica, era de tal ordem, o que permitiria a aproximação entre as duas correntes? O que permitiu a Aron desenvolver uma tese, que se tornaria secundária, recepcionando diferentes correntes? É justamente a unidade do objeto de tais autores. Ou seja, a questão do conhecimento histórico. Pelo menos naquele momento, Aron se viu diante de um tema a ser desenvolvido. Contudo, escreve, quase meio século depois:

“Parece-me, atualmente, que a aproximação desses autores se justificava, com condição de precisar o objetivo limitado do trabalho. Tratava-se não de expor o conjunto do pensamento de Dilthey ou de Weber, mas de explicitar e de comparar as respostas que tinham dado a uma mesma interrogação. A interrogação era exatamente a mesma? Provavelmente não, porquanto ela era expressa para cada um na linguagem e no quadro de uma certa filosofia. Porém, relendo após tantos anos esse livro árduo,

compreendo simultaneamente os méritos que lhe atribuí, certo ou errado, e dos diversos movimentos que suscitou”⁵⁰ (ARON, 2010b, pp. 157 e 158).

Sua posição muda com o tempo. Pelo menos é o que Aron faz questão de afirmar. Por enquanto, basta-nos para o momento registrar que a questão que se colocava para as diferentes escolas alemãs do pensamento histórico era justamente o próprio conhecimento histórico. O que as diferenciava: questões metodológicas ou questões axiológicas? Tais são as reflexões colocadas no segundo livro de Raymond Aron *La philosophie critique de l’histoire*.

Uma vez redigido o manuscrito do livro, Aron franqueou a Léon Brunschvicg uma leitura preliminar, e foi por ele severamente criticado. E não podia ser diferente, pois os autores abordados apresentavam concepções de conhecimento distintas da doutrina de Brunschvicg. Com tal crítica, Aron se viu obrigado a desenvolver sua própria versão da crítica da razão histórica.

“Pensei de início que a *Philosophie Critique de l’Histoire* servir-me-ia de tese principal. Léon Brunschvicg leu o manuscrito (antes das correções que introduzi a seguir) e julgou-o com severidade. Com toda razão, anunciou-me que eu ‘não cumpriria meu propósito’ se apostasse em uma interpretação, amiúde obscura, de filósofos no final das contas secundários. [...]. Durante as férias de 1935, revi o conjunto da *Philosophie Critique de l’Histoire* e tomei a decisão de escrever um livro que servisse de tese principal, minha versão pessoal da crítica da razão histórica”⁵¹ (ARON, 2010b, p. 158).

Essa decisão definitivamente marcou sua desfiliação da doutrina filosófica de Brunschvicg. Podemos especular a agonia e a apreensão de Aron diante dos acontecimentos para os quais não havia tradução em termos de ação política a partir de suas influências intelectuais: o pacifismo de Alain e o neokantismo de Brunschvicg.

⁵⁰ “Il me paraît, aujourd’hui encore, que le rapprochement de ces auteurs se justifie, à condition de préciser l’objectif limité du travail. Il s’agissait non d’exposer l’ensemble de la pensée de Dilthey ou de Weber mais d’expliciter et de comparer les réponses qu’ils avaient données à une même interrogation. Probablement non, parce qu’elle était exprimée par chacun dans le langage et le cadre d’une certaine philosophie. Mais, en relisant après tant d’années ce livre difficile, je comprends à la fois les mérites que je lui attribuai, à tort ou à raison, et les mouvements divers qu’il suscita”.

⁵¹ “Je pensai d’abord que la *Philosophie critique de l’Histoire* me servirait de thèse principale. Léon Brunschvicg lut le manuscrit (avant les corrections que j’y apportai ensuite) et le jugea sévèrement. À juste titre il m’annonça que je ‘manquerais mon affaire’ si je misais sur une interprétations, souvent obscure, de philosophes au bout du compte secondaires. [...]. Pendant les vacances de 1935, je révisai l’ensemble de la *Philosophie critique de l’Histoire*, et je pris la décision d’écrire un livre qui servirait de thèse principale, ma version personnelle de la critique de la Raison historique”.

É claro que diante de um quadro como este, um resultado possível não deixa de ser, de fato, a desfiliação intelectual.

“Uma ou duas vezes, na *Union pour la Vérité*, eu me opusera a Léon Brunschvicg, repreendendo-o por não se interessar pela condição humana, por não conhecer outra moral além da do sábio. Eu me livrara definitivamente de uma certa forma de neokantismo. Sociólogos e historiadores pertencem a uma sociedade, a um momento de seu devir: guardam a marca de sua historicidade ainda quando se pretendem – e devem pretender-se – sábios”⁵² (ARON, 2010b, p. 158).

Também devemos salientar que não houve, por parte de Aron, uma intenção, racionalmente pensada, de encontrar em sua estadia na Alemanha respostas para sua apreensão e, por conseguinte, as bases para o desenvolvimento do pensamento que o seguiria até o fim da vida. Simplesmente, tal descoberta teve caráter contingencial: o acaso permitiu a Aron viver experiências fundamentais para a concepção de ideias que fundamentariam sua crítica da razão histórica.

Achamos razoável considerar que algumas decisões e escolhas implicam descartar ou adiar outros trabalhos. Com a decisão de Aron de elaborar sua “*versão pessoal da crítica da razão histórica*” não foi diferente. Como vimos, se no *La philosophie critique de l’histoire* foram tratados autores que tinham por unidade de pensamento a busca do entendimento do conhecimento histórico, em outro livro, Aron tinha por objetivo abordar a filosofia do relativismo histórico. É o que lemos na apresentação do próprio *La philosophie critique de l’histoire*.

“O livro que nós apresentamos hoje constitui o início de um estudo que deve compreender duas partes: a primeira trata da ‘filosofia crítica da história’, a segunda será consagrada ao historicismo, ou seja, à filosofia do relativismo histórico”⁵³ (ARON, 1969, p. 9).

Embora Aron não tenha elaborado o livro a respeito do historicismo, teremos oportunidade de verificar que o tema será desenvolvido nos capítulos constantes da Seção IV do *Introduction*. Entendemos que Aron utiliza como recurso último o contexto intelectual pessimista da Europa, ou melhor, do Ocidente. Há uma

⁵² “Une fois ou deux, à l’*Union pour la Vérité*, je m’étais opposé à Léon Brunschvicg, je lui reprochais de se désintéresser de la condition humaine, de ne connaître d’autre morale que celle du savant. Je m’étais libéré définitivement d’une certaine forme de néo-kantisme. Sociologues et historiens appartiennent à une société, à un moment de son devenir: ils gardent la marque de leur historicité lors même qu’ils se veulent – et ils doivent se vouloir – savants”.

⁵³ “Le livre que nous présentons aujourd’hui constitue le début d’une étude qui doit comprendre deux parties: la première porte sur ‘la philosophie critique de l’histoire’, la deuxième sera consacrée à l’historicisme, c’est-à-dire à la philosophie du relativisme historique”.

relação clara entre um problema concreto do presente e a tentativa de responder ao mesmo. A questão da crise, da “*mesma crise*”, em que se encontravam os autores a serem tratados no segundo volume, é concernente à condição do Ocidente, que é a condição do próprio Aron. Para ele, é justamente no momento em que a diversidade cultural ganha atenção, no momento em que o mundo dá conta de si como unidade e passa, assim, a gozar de um destino comum e, portanto, de uma história única, o Ocidente se encontra imerso na crise da sua cultura intelectual racionalista.

*“Se o Ocidente tivesse hoje ainda confiança em sua missão, seria escrita, coletivamente ou individualmente, uma história universal que mostraria, a partir de aventuras solitárias, a ascensão progressiva de todas as sociedades à civilização do presente. O que torna impossível tal história, é que a Europa não sabe mais se prefere aquilo que contribui àquilo que ela destrói. Ela reconhece as singularidades das criações expressivas e das existências, ao mesmo tempo em que ameaça destruir os valores únicos. O homem teme suas conquistas, seus instrumentos e seus escravos: a ciência, a técnica, as classes e as raças inferiores”*⁵⁴ (ARON, 1986b, p. 361).

Tal problemática será recolocada na Seção IV do *Introduction*. Podemos até dizer que Aron se dispõe a dar sua resposta para tal crise. Não se trata de desenvolver uma história totalizante, mas sim de reconhecer aquilo que é a condição propícia de sua época.

*“Nossa época seria, por conseguinte, em aparência favorável a tal tentativa já que, pela primeira vez, o planeta inteiro participa de um destino comum”*⁵⁵ (ARON, 1986b, p. 361).

É justamente no momento em que o contato com a diversidade cultural se acentua que a suposta crise do Ocidente leva a intelectualidade européia a se eximir da responsabilidade de apresentar ferramentas conceituais para as necessidades da conjuntura política. Mas não queremos adiantar tal assunto, pois este é próprio das conclusões que Aron desenvolve na última parte do *Introduction*. Em todo caso, tal questão é o objetivo fundamental para a reflexão que será desenvolvida em seu livro.

⁵⁴ “Si l’Occident avait aujourd’hui encore confiance dans sa mission, on écrirait, collectivement ou individuellement, une histoire universelle qui montrerait, à partir d’aventures solitaires, l’accession progressive de toutes les sociétés à la civilisation du présent. Ce qui rend une telle histoire impossible, c’est que l’Europe ne sait plus si elle préfère ce qu’elle apporte à ce qu’elle détruit. Elle reconnaît les singularités des créations expressives et des existences, au moment où elle menace de détruire les valeurs uniques. L’homme craint ses conquêtes, ses instruments et ses esclaves, la science, la technique, les classes et les races inférieures”.

⁵⁵ “Notre époque serait donc en apparence favorable à une telle tentative puisque, pour la première fois, la planète entière participe d’un sort commun”.

Portanto, se Aron abdicou de estudar os autores acima citados no segundo volume não escrito, não deixou de tratar, à sua maneira, da crise sob a qual vivam tais autores e, ao fazê-lo, incluiu a si mesmo.

De posse dos dois volumes, *La philosophie critique de l'histoire*, sua tese secundária, e *Introduction à la philosophie de l'histoire*, sua tese principal, Raymond Aron se lança formalmente no debate intelectual com seus professores.

1.3. Recepção abafada

Por se tratar de uma tese, a primeira recepção do *Introduction* ocorre em sua defesa, em 26 de março de 1938. Em tal ocasião, Raymond Aron apresentou seus dois trabalhos: primeiramente a tese secundária, *La philosophie critique de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire*; e, em seguida, sua tese principal, *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*. Compuseram a banca, para examinar os trabalhos, seis professores que argüíram Aron nesta ordem: Célestin Bouglé, Paul Fauconnet, Edmond Vermeil, Léon Brunschvicg, Émilie Bréhier e Maurice Halbwachs. Em suas *Mémoires*, Aron destaca a consternação manifestada não só por Paul Fauconnet, mas também pelos demais membros que participavam da banca:

“Ademais, a reação de Fauconnet, caricatural em sua expressão, não diferiu fundamentalmente da de outros membros da banca e, mais genericamente, da dos mestres dos anos 30. [...]. Meus livros introduziam a uma ou mais das problemáticas oriundas da outra margem do Reno. Fauconnet se sentiu contestado por minha crítica da objetividade histórica; todos se espantaram de não encontrar em mim um de seus alunos, que acolheram antecipadamente como membro da família”⁵⁶ (ARON, 2010b, p. 151).

O primeiro registro que temos de tal discussão é o próprio relatório de defesa, de caráter oficial, e que foi publicado na edição de julho de 1938 da *Revue de métaphysique et de morale*, sob o título *Compte rendu de la soutenance de thèse de R. Aron*. Também temos o relato do Padre Gaston Fessard, parceiro de Aron nos seminários de Alexandre Kojève sobre o pensamento de Hegel, e que foi testemunha da discussão. O relato de Fessard foi publicado somente em 1980, como capítulo de seu livro intitulado *La philosophie historique de R. Aron* (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 446-457). E não podemos deixar de citar as próprias lembranças de Aron, assentadas em suas *Mémoires* (ARON, 2010b, pp. 150-182). Tais registros serviram para nossa reprodução da narrativa da defesa de Aron.

Gaston Fessard utiliza uma expressão interessante para lembrar a atmosfera controversa da banca, beirando a incompreensão. Diz ele que os

⁵⁶ “Au reste, la réaction de Fauconnet, caricaturale dans son expression, ne différait pas fondamentalement de celle des autres membres du jury et, plus généralement, de celles des maîtres des années 30. [...]. Més livres introduisaient une ou des problématiques, venues de l'autre rive du Rhin. Fauconnet se sentit contesté par ma critique de l'objectivité historique; tous s'étonnèrent de ne pas retrouver en moi un de leurs étudiants, qu'ils accueillaiient à l'avance comme un membre de la famille”.

examinadores lembravam “*galinhas que tinham chocado um pato*”, tamanho foi o não entendimento, ou mesmo a não aceitação, da proposta de Aron.

“*De minha parte, ao sair dessas cinco horas intermináveis, eu tiraria uma impressão do conjunto que ficou muito viva: de galinhas que tinham chocado um pato e o viam com terror se precipitar em direção ao lago e se mover com desembaraço em um elemento que lhes é desconhecido*”⁵⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 457).

Apesar da possibilidade de desentendimento, estamos diante do confronto não só de duas gerações, mas também de duas concepções de conhecimento histórico. Não só isso; há certo tom de advertência, por parte de Aron, no que diz respeito à responsabilidade do filósofo e do sociólogo diante de sua condição histórica no presente. Situação que é lembrada e esclarecida pelo próprio Aron ao comentar a respeito de um dos examinadores, Paul Fauconnet.

“*Aquele sociólogo, discípulo incondicional de Émile Durkheim, olhava de longe quase indiferente à força de serenidade científica, a ascensão de uma catástrofe de que eu não media as dimensões [...]*”⁵⁸ (ARON, 2010b, p. 151).

A primeira parte da defesa tem início com a apresentação, por parte de Aron, de sua tese secundária: *La philosophie critique de l'histoire*. Os examinadores foram Célestin Bouglé, filósofo e sociólogo, Paul Fauconnet, sociólogo, e Edmond Vermeil, germanista (BAVEREZ, 2006, p. 160). Nicolas Baverez não deixa esquecer o espírito da intelectualidade francesa da época ao comentar que Célestin Bouglé e Paul Fauconnet, eram “*dois discípulos de Durkheim impregnados de positivismo*”⁵⁹ (BAVEREZ, 2006, p. 162). A apresentação da tese secundária serviu como forma não só de iniciar a discussão, mas também de conduzi-la até o tema da tese principal, sobretudo pelo fato de que suas conclusões levam logicamente às questões que Aron desenvolveu no *Introduction*.

“*Quanto à sua tese secundária, o sr. Aron concentrou-se em apresentá-la como uma introdução à sua tese principal*”⁶⁰ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 441).

⁵⁷ “*Pour ma part, au sortir de ces cinq heures d'horloge, je retirerai une impression d'ensemble restée très vivace: des poules qui ont couvé un canard et le voient avec terreur se précipiter vers la mare et se mouvoir avec aisance dans un élément qui leur est inconnu*”.

⁵⁸ “*Ce sociologue, disciple incondicional d'Émile Durkheim, regardait de loin, presque indifférent à force de sérénité scientifique, la montée d'une catastrophe dont je me mesurais pas les dimensions [...]*”.

⁵⁹ “*deux disciples de Durkheim imprégnés de positivisme*”.

⁶⁰ “*Au sujet de sa thèse secondaire, M. Aron s'est attaché à y faire voir une introduction à sa thèse principale*”.

Iniciando sua apresentação, Aron dá destaque para sua busca pessoal, tendo por base a reflexão sobre a filosofia marxista da história.

*“No ponto de partida do meu trabalho, diz R. Aron, há uma reflexão sobre ‘a filosofia marxista da história’, herdeira de Hegel”*⁶¹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 448).

Assim, é colocado o ponto de partida do trabalho. Entretanto, Aron não deixa de fazer menção ao contexto histórico das ideias, pois este é fundamental para sua reflexão.

*“Mas, após a ruptura da escola hegeliana entre direita e esquerda e o desabamento do idealismo absoluto, toda uma corrente de pensamento desenvolveu-se na Alemanha [...]”*⁶² (FESSARD in ARON, 1986b, p. 448).

Aron quer dizer que a filosofia marxista da história faz parte de uma das correntes herdeiras da escola hegeliana. Ora, se partiu da reflexão a seu respeito, é claro que não há como declinar de analisar autores que refletem sobre a mesma problemática. Assim, Aron se depara com o movimento de ideias designado como *Crítica da razão histórica*.

*“Dilthey, Rickert e Simmel são os representantes deste movimento, usualmente designado pela expressão ‘Crítica da razão histórica’, e do qual a obra de Max Weber marca em algum sentido o acabamento”*⁶³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 448).

De fato, Aron observa nos autores de que estava tratando, cada um a seu modo, a tentativa de superação da concepção hegeliana da história e, por conseguinte, sua relação lógica com a herança marxista. Os autores presentes em seu primeiro ensaio fazem parte dessa corrente da “filosofia crítica” da qual ele se tornará herdeiro direto.

Uma vez colocado o contexto das ideias e os autores representantes de tal contexto, Aron aponta questões fundamentais, a partir das quais elabora suas observações. Assim, uma primeira questão é apontada.

“Daí, ‘um primeiro problema: qual é a significação e o valor da razão histórica? Esta pode substituir a filosofia? A intenção do estudo histórico no qual eu me entrego examinando esses quatro autores é filosófica’. Em minha tese, não se encontrará por conseguinte ‘explicação de suas doutrinas pelo meio’ e pelas circunstâncias, ‘embora

⁶¹ “*Au point de départ de mon travail, dit R. Aron, il y a une réflexion sur ‘la philosophie marxiste de l’histoire’, héritière de Hegel*”.

⁶² “*Mais, après la rupture de l’école hégélienne entre droite et gauche et l’effondrement de l’idéalisme absolu, tout un courant de pensée s’est développé en Allemagne [...]*”.

⁶³ “*Dilthey, Rickert et Simmel sont les représentants de ce mouvement, désigné d’ordinaire par l’expression de ‘Critique de la raison historique’, et dont l’oeuvre de Max Weber marque en un sens l’achèvement*”.

este gênero de esclarecimento não seja sem valor' [...]. Acima de tudo, eu me interessei em depreender 'a significação lógica desses autores: é possível ou não tomar a razão histórica como base de uma filosofia?' ”⁶⁴ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 448).

Seguindo as palavras de Aron, vemos que seu objetivo inicial é o aprofundamento lógico em cada autor a fim de verificar a filosofia que se encontra por trás de cada pensamento. Não se trata, portanto, de estabelecer relação de divergência ou convergência entre os autores. É, sobretudo, uma recuperação da lógica que orienta a construção do pensamento. Por conseguinte, temos então um segundo problema que concerne à questão do procedimento metodológico.

“Em consequência surgia ‘um segundo problema: estando dado os quatro filósofos que trataram a mesma questão’, o melhor método me pareceu consistir em uma reconstrução rigorosa de seus sistemas considerados neles mesmos, ‘embora levando em conta cada filósofo e até mesmo cada linguagem, e mostrando ao mesmo tempo a unidade do problema e a complementaridade das soluções’ ”⁶⁵ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 448 e 449).

O segundo problema, de ordem formal, é consequência direta do problema principal. Concerne ao método adotado no desenvolvimento de seu trabalho o qual demandou a reconstrução do pensamento de cada autor. Consoante Aron, a crítica da razão histórica é erigida a partir da tentativa de substituir a filosofia da história pela análise do conhecimento histórico. Esta tentativa é o que permite estabelecer a unidade entre autores tão diversos; dentro de tal movimento é que podemos agrupá-los. Entretanto, destaca Aron que a crítica da razão histórica é própria de uma época, condicionada por elementos que não foram de fato tratados pelos autores, excetuando em certo grau, Max Weber.

⁶⁴ “De là, ‘un premier problème: quelle est la signification et la valeur de la raison historique? Celle-ci peut-elle remplacer la philosophie? L’intention de l’étude historique à laquelle je me livre en examinant ces quatre auteurs est philosophique’. Dans ma thèse, on ne trouvera donc ‘pas d’explication de leurs doctrines par le milieu’ et les circonstances, ‘quoique ce genre d’éclaircissement ne soit pas sans valeur’ [...]. Avant tout, je me suis intéressé à dégager ‘la signification logique de ces auteurs: est-il possible ou non de prendre la raison historique pour base d’une philosophie?’ ”.

⁶⁵ “Dès lors surgissait ‘un second problème: étant donné les quatre philosophes qui ont traité la même question’, la meilleure méthode m’a paru consister en une reconstruction rigoureuse de leurs systèmes considérés en eux-mêmes, tout en ‘tenant compte de chaque philosophe et presque de chaque langage, et en montrant en même temps l’unité du problème et la complémentarité des solutions’ ”.

“O resultado essencial assim obtido foi estabelecer que a crítica da razão histórica não teve êxito, já que, em sua obra, o historiador empenha sempre sua pessoa e sua filosofia”⁶⁶ (*Compte rendu...* in Aron, 1986b, p. 441).

Ora, se o historiador sempre é uma pessoa engajada, temos, por consequência lógica, o problema da tese principal, que concerne ao afastamento da ideia de ciência do passado universalmente válida.

“Por ali se encontrava colocado o problema da tese principal: em que medida pode existir uma ciência universalmente válida do passado?”⁶⁷ (*Compte rendu...* in Aron, 1986b, p. 441).

Em todo caso, deixemos as questões ligadas à tese principal, o *Introduction*, pois estas serão tratadas na segunda parte da defesa. Observemos, então, as considerações dos examinadores e as respostas de Aron. O primeiro a dar início à arguição é Celestin Bouglé que havia se tornado Diretor da *École Normale Supérieure* em 1935 (MUCCHIELLI & PLUET-DESPATIN, 2001, p. 15). Bouglé apresenta como questionamento problemas de caráter metodológico ao indicar que a disposição dos autores, e, sobretudo, a ordem de temas enumerados por Aron: *La critique de la raison historique* (Dilthey), *Logique de l’histoire et philosophie des valeurs* (Rickert), *Philosophie de la vie et logique de l’histoire* (Simmel) e *Les limites de l’objectivité historique et la philosophie du choix* (Weber) não permitiam abordar necessariamente as preocupações centrais de cada autor.

“O sr. Bouglé, após ter felicitado o futuro doutor pelas suas qualidades pessoais tanto quanto pelos méritos de seu trabalho, fez observar que ele [Aron] dispõe as questões seguindo sua conveniência intelectual e não em razão de sua importância no pensamento dos seus autores”⁶⁸ (*Compte rendu...* in Aron, 1986b, pp. 441 e 442).

A mesma passagem é também testemunhada por Fessard. Seu testemunho, aliás, permite trazer certa complementação com relação ao excesso de personalismo por parte de Aron, notado e devidamente questionado por Bouglé.

⁶⁶ “Le résultat essentiel ainsi obtenu fut d’établir que la critique de la raison historique n’a pas réussi, puisque, dans son oeuvre, l’historien engage toujours sa personne et sa philosophie”.

⁶⁷ “Par là se trouvait posé le problème de la thèse principale: dans quelle mesure peut-il exister une science universellement valable du passé?”

⁶⁸ “M. Bouglé, après avoir félicité le futur docteur des ses qualités personnelles autant que des mérites de son travail, lui fait observer qu’il dispose les questions suivant sa convenance intellectuelle plutôt qu’en raison de leur importance dans la pensée de ses auteurs”.

“Mas ‘o senhor é um mestre recortador que substitui seus problemas próprios por aqueles dos autores’”⁶⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 449).

Não se trata apenas de ampliar o número de registros. O cerne da questão, como é relatado no *Compte rendu de soutenance*, acaba dando um tom de atmosfera cordial e de respeito sem dar conta da animosidade argumentativa. Não queremos, é claro, dizer que a atmosfera tenha sido desrespeitosa, mas, simplesmente, chamar a atenção para a tensão que envolvia a disputa intelectual entre as duas gerações de pensadores franceses. E tal tensão já é visível nos primeiros momentos da solenidade. Portanto, a complementação de Fessard nos permite verificar que as palavras de Bouglé não escondem o clima difícil e árido que se antecipava.

“Ademais, seu estilo é denso, [...], até se transformar algumas vezes em obscuro, por exemplo, quando o senhor desenvolve, [...], a antinomia entre Dilthey e Weber”⁷⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 449).

“Denso” e “obscuro”. Tais termos vão marcar definitivamente as lembranças e as reflexões posteriores de Aron a respeito de seu livro *Introduction*. Vale notar sua resposta para os primeiros questionamentos de Bouglé:

“O sr. Aron responde que ele encontrou no centro das preocupações dos autores o problema que lhe interessava e que, retringindo-se em um problema limitado, deveria ele propor-lhe uma questão determinada”⁷¹ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 442).

Mas a resposta de Aron não se esgota com tais observações. As anotações de Fessard nos ajudam a reconstituir a discussão e com isso esclarecer os termos do debate.

“Quanto a Dilthey e Weber, ‘o primeiro considera que o espírito é simplesmente receptivo, enquanto que para o segundo ele é criador. Diante de um conjunto histórico, Weber escolhe uma característica como central e recompõe a totalidade arbitrariamente, de um ponto de vista parcial’”⁷² (FESSARD in ARON, 1986b, p. 449).

⁶⁹ “Mais ‘vous êtes un maître découpeur qui substitue ses problèmes propres à ceux des auteurs’”.

⁷⁰ “‘De plus, votre style est dense, [...], jusqu’à devenir parfois obscur, par exemple lorsque vous développez, [...], l’antinomie entre Dilthey et Weber’”.

⁷¹ “M. Aron répond qu’il a trouvé au centre de leurs préoccupations le problème qui l’intéressait lui-même et que, se bornant à un problème limité, il devait leur poser une question déterminée”.

⁷² “Quant à Dilthey et Weber, ‘le premier considère que l’esprit est simplement réceptif, alors que pour le second il est créateur. Devant un ensemble historique, Weber choisit un caractère pour centre et recompose la totalité arbitrairement, d’un point de vue partiel’”.

De certa forma, Aron acaba por reapresentar, em outras palavras, a justificativa que já estava presente no prefácio de seu *La philosophie critique*. A preocupação dos autores era a elucidação da natureza do conhecimento histórico, que é a mesma dele. Quanto a Dilthey e Weber, a resposta de Aron não poderia ser mais exata e direta. Entretanto, aventamos que respostas simples e diretas em vez de esclarecer suas opiniões, acabaram gerando outros questionamentos, pois enfatizavam interpretações não aceitas pelos examinadores. É o caso, por exemplo, do tratamento dado por Aron para o saber sociológico. Bouglé o recrimina pela forma com que tratou o autor Georg Simmel.

*“Passando a Simmel, Bouglé censura Aron por ‘tratá-lo com um cético e de não ter exposto sua sociologia que é considerável’”*⁷³ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 449 e 450).

Aron embasa sua réplica na relação entre sociologia e história, afirmando enfaticamente a falta de necessidade daquela para responder questões essencialmente de história.

*“‘Esta exposição não era necessária, replica o candidato, por que a teoria sociológica não é indispensável para responder a questão que coloca a história’”*⁷⁴ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 450).

A resposta direta e objetiva pode ter colocado o candidato em posição diametralmente oposta à dos examinadores, gerando uma situação de entrincheiramento intelectual e falta de desejo de compreensão mútua. Nunca é demais lembrar que estamos em pleno movimento de institucionalização da sociologia como campo de saber. Dentro de tal movimento, a herança francesa durkheiminiana é forte e seu peso é sentido nas credenciais dos membros da banca.

“Ao mesmo tempo [em 1932], [Paul] Fauconnet se torna titular de uma cátedra da Sorbonne que, pela primeira vez, é chamada simplesmente ‘Sociologia’” (MUCCHIELLI & PLUET-DESPATIN, 2001, p. 15).

Paul Fauconnet era não só um dos seguidores de Durkheim, mas se tornara o primeiro titular da cátedra de Sociologia na Sorbonne. Aron não é desavisado, tampouco incauto. Parece, sim, seguro de suas opiniões. Mas se o clima não era dos

⁷³ *“Passant à Simmel, Bouglé reproche à Aron de ‘le traiter comme un sceptique et de n’avoir pas exposé sa sociologie qui est considérable’”*.

⁷⁴ *“‘Cet exposé n’était pas nécessaire, réplique le candidat, parce que la théorie sociologique n’est pas indispensable pour répondre à la question que pose l’histoire’”*.

mais amistosos, a partir de então, o confronto é não só direto, mas desconfortável para os presentes, sobretudo considerando as questões colocadas em termos de saber germânico em contraposição ao saber francês. E, neste caso, podemos muito bem reconhecer, que Aron pode ser visto como uma espécie de representante daquele. É o que fica bastante evidente diante das últimas considerações de Bouglé concernentes à questão da teoria universal.

*“No entanto, retoma Bouglé, mesmo que a teoria universal não seja possível, não se pode fazer a soma de observações particulares? A noção central é para o senhor aquela da **compreensão**, de origem alemã, que o senhor opõe à **explicação**, a qual se prefere usar em França. Não poderia esclarecer esta oposição?”⁷⁵ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 450).*

A forma sistemática e maniqueísta como se relaciona compreensivismo alemão e explicacionismo francês fica clara nesta intervenção de Bouglé. Mas é preciso estar prudente com os reducionismos. Aron tem uma definição de compreensão a qual não está necessariamente associada com a intuição, mas diz respeito à tentativa de inteligibilidade histórica.

*“Depois, diante da demanda do sr. Bouglé, Aron precisa sua concepção de **compreensão**: apresenta-a não como uma tentativa para substituir uma construção **a priori** às aparências, mas como o esforço para desobstruir a inteligibilidade imanente à realidade que se estuda”⁷⁶ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).*

A compreensão não coincide com a intuição. Não é um exercício simples que se possa alcançar imediatamente. Também não se trata de empatia. Requer exame minucioso a fim de tornar inteligível uma dada realidade para os agentes estudados. Uma coisa é buscar as regularidades e suas relações causais. Outra é considerar o mundo espiritual como dimensão própria do homem concreto, opondo-o assim ao mundo material.

“Assim, ‘Max Weber sublinha a diferença entre as sucessões regulares onde se pode descobrir uma causa, e as relações de meios e fins; do mesmo, Dilthey opõe ao mundo

⁷⁵ “Cependant, reprend Bouglé, même si la théorie universelle n’est pas possible, ne peut-on faire la somme de remarques particulières? La notion centrale est pour vous celle de **compréhension**, d’origine allemande, que vous opposez à l’**explication**, dont on préfère user en France. Ne pourriez-vous éclairer cette opposition?”

⁷⁶ “Puis, sur la demande de M. Bouglé, il précise sa conception de la **compréhension**: il la présente, non comme une tentative pour substituer une construction **a priori** aux apparences, mais comme l’effort pour dégager l’intelligibilité immanente à réalité qu’on étudie”.

material e atômico, reconstruído pelas ciências naturais, o mundo espiritual cujas estruturas provêm da psicologia”⁷⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 450).

Como resultado positivo, acentua Aron, a compreensão permite retomar a filosofia em função da crítica do conhecimento histórico.

*“Graças à compreensão, como observou para sr. Bouglé, reencontra a filosofia pelo viés da história e, enquanto que o historicismo tem o ceticismo por fruto, a crítica do conhecimento em história nos conduz a admitir, senão a validade objetiva, pelo menos o valor pessoal do pensamento”*⁷⁸ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

Vemos que Aron estabelece uma relação entre historicismo e ceticismo, por um lado, e, para sua devida superação, crítica do conhecimento histórico e pensamento, por outro. Aqui, já encontramos antecipações da preocupação fundamental a ser desenvolvida em seu principal trabalho, que é concernente à superação do historicismo. As anotações de Fessard complementam o entendimento de tais questões.

*“Assim, Max Weber acredita salvar a filosofia pela crítica histórica”*⁷⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 450).

Superar o historicismo e salvar a filosofia era ao que Aron também se propunha. Suas análises e respostas poderiam preparar terreno para a tese principal. Mas o que acontece de fato é o aumento do grau do contencioso intergeracional. Entendemos que Aron não se preocupa com o aspecto ostensivo de suas colocações. Não poderíamos dizer que se trata de alguém inexperiente, pois sua vivência e bagagem intelectual permitiam-lhe ter ciência das circunstâncias. Ademais, conhecia os professores presentes, seus trabalhos e suas posições. Entretanto, as certezas de Aron não eram aceitas facilmente e suas justificações não eram entendidas, gerando tensão e hostilidade.

Aron poderia ter cedido em suas respostas, pois já sabia o que esperar dos membros da banca. Em seguida aos questionamentos de Bouglé, era a vez do próprio Paul Fauconnet argüir Aron. Mas suas convicções não permitiam declinar de

⁷⁷ “Ainsi, ‘Max Weber souligne la différence entre les successions régulières où peut se découvrir une cause, et les rapports de moyens à fin; de même, Dilthey oppose au monde matériel et atomique, reconstruit par les sciences naturelles, le monde spirituel dont les structures relèvent de la psychologie’”.

⁷⁸ “Grâce à elle [a compreensão], comme le lui fait remarquer M. Bouglé, il retrouve la philosophie par le biais de l’histoire et, tandis que l’historisme a le scepticisme pour fruit, la critique de la connaissance en histoire nous conduit à admettre, sinon la validité objective, du moins la valeur personnelle de la pensée”.

⁷⁹ “Ainsi, Max Weber croit sauver la philosophie par la critique historique”.

suas posições e de seu desejo de apresentar respostas com clareza e objetividade. Fessard, testemunha presencial, não deixa de registrar suas percepções desse momento.

*“Muito mais que Bouglé, Paul Fauconnet parece desamparado diante dos livros do candidato [...]”*⁸⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 450).

De forma que a discussão ganha tons de rusga pessoal. O registro de Baverez é importante para nos indicar o ar pesado que tomara a Sala Louis Liard, onde ocorria o confronto intelectual.

*“Com Paul Fauconnet, durkheimiano de observância estrita, o diálogo desaparece para deixar lugar a um choque frontal, onde a dimensão pessoal eclipsa o debate filosófico”*⁸¹ (BAVEREZ, 2006, p. 163).

E deixando de lado questões próprias do trabalho, Fauconnet avança em questões ligadas à personalidade do autor.

*“O sr. Fauconnet confessa que o esforço do sr. Aron lhe parece uma ameaça contra a construção sociológica elaborada pela geração precedente, e ele não decide se o espírito negador que inspira esta crítica impiedosa, e que atinge ele também, é o feito ‘de um satânico ou de um desesperado’”*⁸² (Compte rendu...in ARON, 1986b, p. 442).

“Satânico” ou “desesperado”: não é à toa que Baverez chama a atenção para a mudança radical do teor da discussão. Também serão essas duas palavras, “satânico e desesperado”, o título do capítulo das *Mémoires* de Aron que tratará, mais de trinta anos depois, do conteúdo expresso em seu livro *Introduction*. Mas não podemos esquecer que ele já havia alijado da discussão a disciplina da qual Fauconnet tornara-se o primeiro titular na Sorbonne: a sociologia. Ou seja, fora ele próprio que havia feito o primeiro movimento ostensivo.

Entretanto as colocações de Fauconnet revelavam que ele não só não admitia, mas também reprovava a elaboração do livro, tanto em sua forma como em seu conteúdo.

⁸⁰ “Beaucoup plus que Bouglé, Paul Fauconnet paraît désespéré devant les livres du candidat [...]”

⁸¹ “Avec Paul Fauconnet, durkheimien de stricte observance, le dialogue disparaît pour laisser place à un choc frontal, où la dimension personnelle éclipse le débat philosophique”.

⁸² “M. Fauconnet avoue que l’effort de M. Aron lui semble une menace contre la construction sociologique élevée par la génération précédente, et il ne devine pas si l’esprit négateur qui inspire cette impitoyable critique, et le vise lui-même, est le fait ‘d’un satanique ou d’un désespéré’”.

*“Pois, enfin, ‘o senhor critica os sociólogos das gerações precedentes misturando todas as questões: história, crítica, política, metafísica... Qual é a razão desta mistura? Seu ressentimento com o marxismo?’”*⁸³ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 450 e 451).

Suas questões não dizem respeito à ordem lógica ou ao conteúdo dos capítulos do trabalho, mas a razões pessoais que levaram Aron a se posicionar daquela maneira. Seguindo, com sua reprovação, Fauconnet critica, de forma mais aguda, o modo de Aron estruturar seu trabalho, intentando aprofundar logicamente o sistema de cada autor estudado, ponto este que já fora criticado por Bouglé.

*“Pois ele lamenta que o sr. Aron não tenha situado seus quatro autores uns em relação aos outros e no movimento das ideias que representam; ele lhe opõe o método que teria consistido em tomar um certo número de historiadores, para ver se eles não introduziram mais ou menos subjetividade segundo o objeto de seu estudo”*⁸⁴ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

O clima é tenso, mas Aron tinha suas respostas na medida e as colocava de forma clara e direta.

*“O sr. Aron responde que estando dado o problema que ele havia fixado, um método se impunha logicamente: reconstruir o sistema dos diferentes autores, para encontrar para além de suas análises o caminho fundamental do pensamento histórico”*⁸⁵ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

Mas não podemos esquecer que o trabalho de Aron é sobre conhecimento histórico, o que implica ter em mente que os pressupostos da teoria do conhecimento podem fundamentar seu procedimento investigativo. Ora, não é o que observamos na conclusão de sua resposta?

*“Pois, ‘a teoria do conhecimento permite considerar as ideias em função da verdade, independente de suas fontes...’”*⁸⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

⁸³ “Car, enfin, ‘vous critiquez les sociologues des générations précédentes en mélangeant toutes les questions: histoire, critique, politique, métaphysique... Quelle est la raison de ce mélange? Votre déconvenue en face du marxisme?’”

⁸⁴ “Puis il regrette que M. Aron n’ait pas situé ses quatre auteurs les uns par rapport aux autres et dans le mouvement d’idées qu’ils représentent; il lui oppose la méthode qui aurait consisté à prendre un certain nombre d’historiens, pour voir s’ils n’ont pas introduit plus ou moins de subjectivité suivant l’objet de leur étude”.

⁸⁵ “M. Aron répond qu’étant donné le problème qu’il s’était fixé, une méthode s’imposait logiquement: reconstruire le système des différents auteurs, pour retrouver par-delà leurs analyses la démarche fondamentale de la pensée historique”.

⁸⁶ “Car, ‘la théorie de la connaissance permet de considérer les idées en fonction de la vérité, indépendamment de leurs sources...’”.

Mas Fauconnet seguiu com sua crítica reprovadora. Diante da oposição entre pensamento francês e pensamento alemão, efetuou questionamento ostensivo contra Max Weber.

*“A propósito de Max Weber, Fauconnet objeta então: ‘Eu confesso ao senhor, sua ideia de carisma me parece barroca e disparatada’”*⁸⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

Diante da qual, entretanto, temos a impressão de que Aron não se abala, pois mantém suas respostas em relação direta às razões do seu trabalho.

*“‘Eu busquei, replica Aron, compreender aquilo que era a história a partir das coisas mais simples!’”*⁸⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

Assim, não sendo capaz de abalar a imperturbabilidade de Aron, Fauconnet conclui sua intervenção com críticas agudas e recriminantes às ideias apregoadas por ele.

*“‘Eu termino, conclui o sr. Fauconnet, por um ato de caridade, reafirmando ao senhor minha admiração e minha simpatia; um ato de fé no valor das teses que condena, e um ato de esperança, esperança de que no futuro a juventude não o seguirá’”*⁸⁹ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

Com tal episódio, o que podemos esperar do próximo interlocutor de Aron? Por tratar-se de Edmond Vermeil, o pensamento alemão é sua especialidade, de maneira que os autores estudados por Aron não causam grande estranhamento a este examinador. Em grande medida, o embate entre pensamento francês e pensamento alemão deixa de ser o pano de fundo do conflito entre as duas gerações de intelectuais.

*“À incompreensão radical de Paul Fauconnet, sucederam as reflexões muito finas de Edmond Vermeil, cuja qualidade de germanista deixa mais próximo dos autores abordados por Aron e acessível à crítica ao racionalismo”*⁹⁰ (BAVEREZ, 2006, p. 163).

⁸⁷ *“A propos de Max Weber, Fauconnet objecte alors: ‘Je vous l'avoue, son idée de <charisme> me paraît baroque et saugrenue’”*.

⁸⁸ *“‘J'ai cherché, réplique Aron, à comprendre ce qu'était l'histoire à partir des choses les plus simples!’”*

⁸⁹ *“Je termine, conclut M. Fauconnet, par un acte de charité, en vous redisant mon admiration et ma sympathie; un acte de foi dans la valeur des thèses que vous condamnez, et un acte d'espérance, l'espérance qu'à l'avenir la jeunesse ne vous suive pas”*.

⁹⁰ *“A l'incompréhension radicale de Paul Fauconnet succèdent les réflexions très fines d'Edmond Vermeil, que sa qualité de germaniste rend plus proche des auteurs abordés par Aron et accessible à la critique du rationalisme”*.

Conhecedor do pensamento alemão e, por conseguinte, consciente da crítica ao racionalismo, o próximo examinador, Vermeil, com segurança, não mostrará dificuldades para compreender e aceitar as proposta de Aron.

*“O sr. Vermeil felicita o sr. Aron por ter sabido esclarecer um aspecto importante ‘da tragédia intelectual da Alemanha’, por ter facilitado a inteligência por suas conclusões sintéticas e sua arte de transpor as palavras alemãs por hábeis locuções”*⁹¹ (*Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442*).

Como podemos notar, Vermeil abre sua colocações de forma bastante amigável. Não resta dúvida que o confronto ocorrido com os dois primeiros examinadores deixa lugar para uma crítica menos contundente e mais esclarecedora. Vermeil, inclusive, dá detalhes de que outro autor francês já havia se dedicado ao tema da tragédia intelectual alemã.

*“[...] ‘tragédia’ intelectual daquele país que’ [Charles] ‘Andler tinha já evocado em um artigo sobre os Historiadores alemães”*⁹² (*FESSARD in ARON, 1986b, p. 451*).

Em seguida, traça um quadro comparativo sobre o pensamento alemão e o francês, apresentando ao mesmo tempo elementos comuns e divergentes.

*“‘Sociologia alemã e sociologia francesa se opõem, parece-me, por sua orientação específica, a primeira visando um universalismo de composição onde os elementos são determinados em relação ao todo, a segunda um universalismo de abstração”*⁹³ (*FESSARD in ARON, 1986b, p. 451*).

É visível que Vermeil prudentemente dosa suas palavras. Ademais, não parece que seus argumentos divergem das propostas ali apresentadas. Seria um armistício intelectual? Talvez não, pois Aron não só complementa as palavras de Vermeil, mas também deixa claro seu conhecimento sobre o assunto e, sobretudo, faz questão de marcar seu posicionamento a respeito do pensamento no qual se relacionam os autores por ele estudados. O espírito polemista de Aron o dificulta a considerar alguma forma de armistício intelectual com os membros da banca.

⁹¹ “M. Vermeil félicite M. Aron d’avoir su éclairer un aspect important ‘de la tragédie intellectuelle de l’Allemagne’, d’en avoir facilité l’intelligence par ses conclusions synthétiques et son art de transposer les mots allemands par d’habiles périphrases”.

⁹² “[...] ‘tragédie’ intellectuelle de ce pays qu’Andler avait déjà évoqué dans un article sur les Historiens allemandes”.

⁹³ “‘Sociologie allemande et sociologie française s’opposent, me semble-t-il, par leur orientation spécifique, la première visant un universalisme de composition où les éléments son déterminés par rapport au tout, la seconde un universalisme d’abstraction”.

“*‘Buscar alcançar o todo individual é, observa Aron, uma herança do romantismo alemão!’*”⁹⁴ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

Entretanto, Vermeil, mantendo o tom ameno, propõe um quadro sucinto da conjuntura intelectual dos pensadores abordados por Aron.

“*Depois [Edmond Vermeil] esboça alguns dos traços que poderiam servir como um quadro do meio intelectual no qual se ligam Dilthey, Rickert, Simmel e Weber: ruptura com o positivismo; crítica de Weber à ‘racionalização’ moderna*”⁹⁵ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

E apontando páginas do trabalho de Aron que mostrariam a convergência do relato que estava narrando, Vermeil conclui sua intervenção finalmente.

“*[...] esses filósofos preparam o relativismo integral que levou à ruína a base de todo universalismo*”⁹⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

Parece-nos que a forma pela qual Vermeil procede, no final da primeira parte da defesa, poderia muito bem ter contornado o clima tenso do debate. As colocações de Vermeil são convergentes com as opiniões do candidato. Porém, mais uma vez, Aron não perde chance de colocar suas opiniões.

“*No entanto, observa Aron, eles têm ainda a fé na ciência, mas mostram que não se podia mais ter fé na história!*”⁹⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 451).

Não temos dúvida, Aron faz questão de marcar sua posição. E adota tal procedimento complementando, mais de uma vez, as palavras de Vermeil, o que não implica concordar necessariamente. Mas faz isso não só pela polêmica em si. Faz por que sua proposta tem por objetivo superar o quadro intelectual apresentado por Vermeil. Aron não se curva diante da lógica ou da ordem das razões das obras por ele estudadas. Tal quadro é nada mais que um passo necessário para dar encaminhamento a uma parte decisiva do seu trabalho principal, e, sobretudo, para entender a angústia e o drama que é a existência humana na história. De qualquer forma, a tensão já se instalara e não dava sinais de que poderia se dissipar.

⁹⁴ “*‘Chercher à saisir le tout individuel, c’est, remarque Aron, un héritage du romantisme allemand!’*”

⁹⁵ “*Puis il [E. Vermeil] esquisse quelques-uns des traits qui auraient pu servir à un tableau du milieu intellectuel auquel se rattachent Dilthey, Rickert, Simmel et Weber: rupture avec le positivisme; critique par Weber de la ‘rationalisation’ moderne*”.

⁹⁶ “*[...] ces philosophes ont préparé le relativisme intégral qui ruine à la base tout universalisme*”.

⁹⁷ “*‘Cependant, remarque Aron, ils ont encore la foi en la science, mais ils montrent qu’on ne pouvait plus avoir foi dans l’histoire!’*”

Passando para a segunda parte da sustentação, é este o momento em que Aron apresenta seu trabalho original, sua crítica existencial da razão histórica: seu livro *Introduction à la philosophie de l'histoire*. Para o devido exame deste trabalho, encontramos Léon Brunschvicg, filósofo, Emile Bréhier, também filósofo e Maurice Halbwachs, sociólogo (BAVEREZ, 2006, p. 164).

Embora tivesse havido um intervalo entre as duas sessões da defesa, as condições nas quais se fechou a primeira parte não permitiram que o intervalo desfizesse a tensão.

*“A tradicional interrupção não relaxou em nada a atmosfera. A sessão retomada em uma sala daí em diante plena a estourar, diante de um auditório alerta, despertado pela vivacidade das primeiras trocas”*⁹⁸ (BAVEREZ, 2006, p. 164).

A discussão anterior agravou as expectativas com relação ao embate entre Aron e seus examinadores. O testemunho de Fessard é marcante quanto esse aspecto.

*“Após a interrupção regulamentar, e diante de um auditório bastante numeroso, sobretudo deixado mais atento pela troca de fogo precedente, R. Aron começa sua exposição da tese principal [...]”*⁹⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 452).

Portanto, dentro de um clima de tensão e expectativa, Aron inicia a exposição dos elementos fundamentais da sua tese principal.

*“R. Aron apresenta como ponto de partida da sua tese principal uma reflexão toda pessoal sobre as condições da escolha política”*¹⁰⁰ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 442).

Reflexão toda pessoal? O que isso significaria? Os registros de Fessard salvam-nos mais uma vez.

*“R. Aron começa sua exposição da tese principal da maneira mais direta: ‘Porque eu sou socialista? O que significa ter uma posição política? Tais são as questões que eu me coloquei estudando o marxismo e a economia política’”*¹⁰¹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 452).

⁹⁸ “La traditionnelle interruption ne détendit en rien l’atmosphère. La séance reprit dans une salle désormais pleine à craquer, devant un auditoire aux aguets, mis en éveil par la vivacité des premiers échanges”.

⁹⁹ “Après l’interruption réglementaire, et devant un auditoire plus nombreux, surtout rendu plus attentif par la passe d’armes précédente, R. Aron commence son exposé de la thèse principale [...]”

¹⁰⁰ “M. Aron présente comme point de départ de sa thèse principale une réflexion toute personnelle sur les conditions du choix politique”.

¹⁰¹ “R. Aron commence son exposé de la thèse principale de la manière la plus directe: ‘Pourquoi suis-je socialiste? Que signifie avoir une position politique? Telles sont les questions que je me suis posées en étudiant le marxisme et l’économie politique’”.

Vemos, portanto, que o *Compte rendu* não é suficiente para deixar claro o tom enfático do início da exposição de Aron. Afirmamos, inclusive, que as colocações ponderadas de Vermeil não sensibilizaram a argúcia acurada do candidato. Na segunda parte da defesa, teremos oportunidade de ver que a forma incisiva das colocações de Aron transforma-o de arguido em arguidor. É importante perceber, de início, que a relação que estabelece entre *querer* e *saber* é a chave de entrada para fundamentar a argumentação de seu trabalho.

*“Querer e saber nesta matéria lhe pareciam rapidamente se limitar e se determinar mutuamente. Ao desenvolvê-las, essas constatações colocavam o problema mais vasto do conhecimento em sociologia e em história”*¹⁰² (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, pp. 442 e 443).

Qual é o problema mais vasto? Aron quer dizer que a decisão política esta diretamente ligada ao conhecimento sociológico e histórico. Há necessidade para o homem de buscar conhecimento a fim de se posicionar politicamente. Em outras palavras, ponderações com relação à realidade e a valores coexistem no pensamento do homem. Mas Aron não se detem neste ponto.

*“A crítica do pensamento histórico e a lógica do pensamento político se condicionam uma à outra. Daí, minha tese central: a relatividade do conhecimento histórico mostra o momento em que a decisão intervém”*¹⁰³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 452).

Para Aron, a decisão do homem, localizada em dado momento histórico, é o elemento fundamental da relação entre *querer* e *saber*, implicando, por conseguinte, a relatividade do conhecimento histórico. É esta a dimensão original de sua tese. É importante notar que, ao dar evidência a uma decisão do sujeito que conhece para justificar a relatividade desse conhecimento, coloca-o na condição de quem não está acima de tudo e de todos. É ele também um cidadão.

“A tese do sr. Aron ‘consiste em afirmar que, em uma larga medida pelo menos, o sujeito do conhecimento histórico não é um sujeito puro nem um eu transcendental, mas

¹⁰² “*Vouloir et savoir en cette matière lui parurent bien vite se limiter et se déterminer mutuellement. En se développant, ces constatations posaient le problème plus vaste de la connaissance en sociologie et en histoire*”.

¹⁰³ “*La critique de la pensée historique et la logique de la pensée politique se conditionnent l’une l’autre. De là, ma thèse centrale: la relativité de la connaissance historique montre le moment où la décision intervient*”.

um homem vivo, um eu histórico, que busca compreender seu passado e seu meio”¹⁰⁴
(*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 443).

Não podemos deixar de notar que Aron esboça um esquema preliminar, que nos ajuda a entender parte de seu pensamento. Para que o homem possa compreender o passado, precisa da história; e, para compreender seu meio, da sociologia. Não só isso. Aron apregoa que o sujeito que conhece é um homem comum como todos os outros. Não podemos deixar de especular que tal afirmação poderia muito bem ser mal interpretada pelos racionalistas da banca. Entretanto, consoante Aron, afirmar que o sujeito que conhece não deixa de ser um cidadão comum não significa se colocar contra a ciência propriamente, mas procurar entender algo que está acima ou é anterior a ela. Algo que em sua opinião implica coexistir dialeticamente com ela, e que, por sua vez, garante a compatibilidade desse pensamento com a ciência.

*“Esta profissão de relatividade não é anticientífica; ela volta a dizer, antes, que a posição das relações causais supõe antes e depois dela elementos que o método científico se esforça em eliminar: em outros termos, ao pensamento causal se substitui necessariamente um pensamento que lhe é irredutível, - um pensamento comprometido em uma existência num momento dado e com pré-julgamentos filosóficos dados, que se esforça, por suas concepções e de seu ponto de vista mesmo, para compreender o passado, para alcançar a continuidade de seu desenvolvimento e sua significação”*¹⁰⁵
(*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 443).

Qual a razão da compreensão? Aron a coloca como uma complementariedade necessária da explicação causal, pois esta não esgota as possibilidades de interpretar a amplitude que é o homem na história. A explicação causal não garante a plenitude da inteligibilidade das coisas do homem. Ademais, o pensamento engajado, adverte, é irredutível às relações causais, e só é possível alcançá-lo pelo exercício compreensivo.

*“[...] a **compreensão** que comporta elementos objetivos, mas não puramente científicos, porque uma pluralidade de perspectivas é sempre possível e que o passado*

¹⁰⁴ “La thèse de M. Aron ‘consiste à affirmer que, dans une large mesure au moins, le sujet de la connaissance historique n’est pas un sujet pur ni un moi transcendental, mais un homme vivant, un moi historique, qui cherche à comprendre son passé et son milieu”.

¹⁰⁵ “Cette profession de relativité n’est pas antiscientifique; elle revient à dire, plutôt, que la position des relations causales suppose avant et après elle des éléments que la méthode scientifique s’efforce d’éliminer: en d’autres termes, à la pensée causale se substitue nécessairement une pensée qui lui est irréductible, - une pensée engagée dans une existence à un moment donné et avec des préjugés philosophiques donnés, qui s’efforce, par ses conceptions et de son point de vue même, de **comprendre** le passé, de saisir la continuité de son développement et sa signification”.

se renova incessantemente à medida que ele se distancia. Tal é o fundamento do relativismo. Em outros termos, a história é sempre feita em função de uma filosofia, senão estar-se-ia diante de uma pluralidade incoerente”¹⁰⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 452).

Objetividade não científica é a característica fundamental da compreensão que comporta a ideia de pluralidade de perspectivas, como também a renovação incessante do passado. Entretanto, é extremamente importante advertir que isso não significa apregoar a anarquia de valores. Aron é enfático quanto a esse ponto, pois não há incoerência na renovação das perspectivas. O afastamento temporal implica a renovação permanente da interpretação do passado. Mas essa renovação incessante não é alheia a certa organização oriunda da reflexão filosófica. Aqui vemos que Aron já apresenta alguns traços da superação do relativismo histórico. Todavia esse é um aspecto que não será tão evidente para os examinadores. O que é importante para este momento é o registro de sua admissão de que há elementos próprios da compreensão que são inalcançáveis pela explicação científica.

*“É dizer que a direção geral desta tese é bem precisamente anticientificista ou antipositivista. Ela, no entanto, não nos lança novamente no arbitrário das preferências individuais quando se trata de decisão prática, nem em um ceticismo irremediável quando se trata de filosofia”*¹⁰⁷ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 443).

No que concerne à orientação geral antipositivista do trabalho, Aron esclarece que tal posição não implica obrigatoriamente a anarquia das preferências, não cai logicamente no historismo. Esse ponto é de extrema importância, pois estaria completamente equivocado afirmar tal posicionamento de sua parte.

*“Na vida, intervêm decisões que podemos justificar, mas de outro modo do que pela razão científica. Eu tento, portanto, restabelecer uma esfera de validade para o homem concreto’ [...]”*¹⁰⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 452).

¹⁰⁶ “[...] la **compréhension** qui comporte des éléments objectifs, mais non purement scientifiques, parce qu’une pluralité de perspectives est toujours possible et que le passé se renouvelle incessamment à mesure qu’il s’éloigne. Tel est le fondement du relativisme. En d’autres termes, on fait toujours l’histoire en fonction d’une philosophie, sinon on resterait en face d’une pluralité incohérente”.

¹⁰⁷ “C’est dire que la direction générale de cette thèse est très exactement antiscientiste ou antipositiviste. Elle ne nous rejette pourtant pas dans l’arbitraire des préférences individuelles quand il s’agit de décision pratique, ni dans un scepticisme irrémédiable quand il s’agit de philosophie”.

¹⁰⁸ “Dans la vie interviennent des décisions que l’on peut justifier, mais autrement que par des raisons scientifiques. J’essaie donc de rétablir une sphère de validité pour l’homme concret’ [...]”.

O homem concreto toma decisões de ordem não científica ligadas à sua natureza prática. Mas, Aron insiste, há algo mais que a ciência não captura, uma reflexão filosófica em função da história.

*“Eu tentei mostrar, diz o sr. Aron, que pode haver, para além da ciência, uma reflexão filosófica, mas esta reflexão é ela própria em função da história”*¹⁰⁹ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 443).

Para dar prosseguimento a sua argumentação, Aron utiliza seu tempo de exposição para responder as provocações de Fauconnet. De forma que, por oposição, Aron intenta deixar claro seu posicionamento. A passagem é recuperada por Fessard.

*“Dizendo que não há verdade da história na história, eu não sou nem desesperado, por que pensar não é tudo – há também a esfera da ação -, nem satânico pelo simples fato de que elimino um certo número de ideologias’ [...]”*¹¹⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 452 e 453).

Confrontando as afirmações de Fauconnet, Aron deixa claro que não apregoa satanicamente o anarquismo dos valores individuais. Por isso não se desespera diante da constatação do fim da verdade histórica. As considerações a esse respeito são desenvolvidas na Seção IV do seu trabalho *Introduction*. Para o momento, é importante que, nesta passagem, possamos acompanhar a complementação das ideias de Aron a partir do registro do relatório de defesa, pois prossegue emitindo seu juízo a respeito das ideologias que havia citado.

*“Esta tese elimina em um único golpe certo número de ideologias que o tempo parece ter condenado: a ideia de progresso indefinido estendido ao conjunto social, a crença que a atividade de pesquisa objetiva e de contemplação pura esgotam a vocação do homem”*¹¹¹ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 443).

Não se trata, portanto, de ideologias de caráter exclusivamente político. Não é desilusão com o marxismo, como havia insinuado Fauconnet. Aron chama a atenção para a ideologia cientificista, ou positivista, que impregna as considerações dos seus arguidores, como também impregnou as filosofias da história do século XIX. Com

¹⁰⁹ “J’essaie de montrer, dit M. Aron, qu’il peut y avoir, au delà de la science, une réflexion philosophique; mais cette réflexion est elle-même fonction de l’histoire”.

¹¹⁰ “En disant qu’il n’y a pas de vérité de l’histoire dans l’histoire, je ne suis ni désespéré, parce que penser n’est pas tout – il y a aussi la sphère de l’action -, ni satanique du seul fait que j’élimine un certain nombre d’idéologies’ [...]”.

¹¹¹ “Cette thèse élimine du même coup un certain nombre d’idéologies que le temps paraît avoir condamnées: l’idée de progrès indéfini étendue à l’ensemble social, la croyance que l’activité de recherche objective et de contemplation pure épuise la vocation de l’homme”.

isso, atinge o cerne dos argumentos de Fauconnet, devolvendo-lhe a provocação. Em sua exposição, Aron não se defende, mas definitivamente ataca as posições dos membros da banca, e passa, dessa forma, de arguido para arguidor.

Seguindo sua exposição, Aron anuncia solenemente que seu trabalho é ao mesmo tempo teoria do conhecimento histórico e introdução à ciência política.

*“Teoria do saber histórico, o livro é ao mesmo tempo uma introdução ao pensamento político, pois ele convida a renunciar às abstrações para buscar ‘determinar o conteúdo verdadeiro das escolhas possíveis’ que são limitadas pela própria realidade. Mas ela atinge finalmente o fundo de nossa atividade de homem”*¹¹² (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 443).

E, renunciando às abstrações dos ideologismos, procura resgatar um elemento de fundo da atividade humana que torna a todos nós filósofos da história.

*“Já que toda ciência social não se contenta em estabelecer as relações causais e que todo conhecimento histórico supõe uma filosofia da história, nós somos todos filósofos da história”*¹¹³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 453).

De forma que a filosofia da história, na expressão de Aron, não é exatamente ou exclusivamente uma especialidade de estudo, ou um campo de saber. É na verdade uma experiência comum a todos os homens. É próprio da conduta humana pensar a história no seu movimento global, que abarca o indivíduo e sua coletividade.

*“A filosofia da história não é uma especialidade: é uma experiência da vida humana, se, afinal, ‘querer filosofar é querer viver pensando sua vida’”*¹¹⁴ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 443).

Uma vez encerrada a exposição de Aron, passamos para a arguição propriamente. Entretanto, é de se esperar, após tais colocações, que comportam completa e abrupta desfiliação intelectual de Aron, certa decepção por parte de seus professores. O registro de Fessard permite-nos, mais uma vez, ter a impressão de tal

¹¹² “*Théorie du savoir historique, le livre est en même temps une introduction à la pensée politique, car elle invite à renoncer aux abstractions pour chercher à ‘déterminer le contenu véritable des choix possibles’ qui sont limités par la réalité même. Mais elle atteint finalement le fond de notre activité d’homme*”.

¹¹³ “*‘Puisque toute science sociale ne se contente pas d’établir des relations causales et que toute connaissance historique suppose une philosophie de l’histoire, nous sommes tous des philosophes de l’histoire’*”.

¹¹⁴ “*La philosophie de l’histoire n’est pas une spécialité: c’est une expérience de la vie humaine, si, après tout, ‘vouloir philosopher c’est vouloir vivre en pensant sa vie’*”.

situação. Testemunha ele a decepção de Léon Brunschvicg diante das reflexões advindas do posicionamento intelectual de seu aluno, tão opostas ao dele próprio.

*“Orientador desta tese principal, Léon Brunschvicg exprime ‘sua admiração pelo talento do autor, mas não lhe esconde sua decepção de início em razão do recorte no qual são submetidos os problemas abordados e também por que ele tem o sentimento de uma diferença entre os dois pensamentos’”*¹¹⁵ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 453).

Mas, tal decepção não é exclusivamente em função da exposição oral de Aron. Não se trata necessariamente de uma surpresa. Brunschvicg seguramente havia lido a última colocação do *Introduction*, exatamente seu último parágrafo. Temos a impressão de que Aron o havia escrito com a intenção de marcar sua diferença em relação ao orientador.

*“A existência humana é dialética, ou seja, dramática, pois ela atua em um mundo incoerente, se engaja apesar da duração, pesquisa uma verdade que escapa, tendo apenas como garantia uma ciência fragmentária e uma reflexão formal”*¹¹⁶ (ARON, 1986b, p. 437).

Não podemos deixar de notar que as últimas palavras do *Introduction* atingiram diretamente Brunschvicg, pois, ao deixar claro que sua posição é distinta da posição de Aron, faz questão de indicar-lhe que havia tomado ciência da citação e, por conseguinte, do posicionamento oposto de seu discípulo.

*“Assim o senhor opõe às ideologias a dialética que significa para si um processo dramático sem unidade, enquanto que no meu sentido ela é uma unidade sem drama”*¹¹⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 453).

Uma vez deixado claro ao candidato suas posições, Brunschvicg passa, então, a colocar seus questionamentos. Entretanto, por ser seu orientador, é aquele que mais conhece Aron, o que pode implicar saber de antemão as possíveis respostas de seu aluno.

“O sr. Brunschvicg exprime ao sr. Aron seu desejo de ouvi-lo se explicar em vez de se defender, como se faz em uma defesa ordinária. Ele o levou de início a precisar sua

¹¹⁵ *“Patron de cette thèse principale, Léon Brunschvicg exprime ‘son admiration pour le talent de l’auteur, mais ne lui cache pas sa déception d’abord en raison du découpage auquel sont soumis les problèmes abordés et aussi parce qu’il a le sentiment d’un ‘décalage’ entre leurs deux pensées’”*.

¹¹⁶ *“L’existence humaine est dialectique, c’est-à-dire dramatique, puisqu’elle agit dans un monde incohérent, s’engage en dépit de la durée, recherche une vérité qui fuit, sans autre assurance qu’une science fragmentaire et une réflexion formelle”*.

¹¹⁷ *“Ainsi vous opposez aux idéologies la dialectique qui signifie pour vous un processus dramatique sans unité, alors, qu’à mon sens elle est une unité sans drame”*.

*tese essencial, perguntando-lhe se sua teoria da história pode se aplicar às informações contidas no **Annuaire du Bureau des longitudes** como aquelas fornecidas pelo **Almanach de Gotha***¹¹⁸ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 443).

Mas se Brunshvicg conhece a posição intelectual de Aron, o inverso pode ser verdadeiro: o aluno conhece extensamente as opiniões de seu mestre e suas conclusões. De forma que, em grande medida, Aron já aguardava certos tipos de questões. Assim, suas respostas pareciam estar prontas para serem colocadas, o que gerava distanciamento e provocações intelectuais.

*“Estas são duas histórias parciais, responde Aron, que não deveriam se separar. Pois o mesmo homem elaborou as duas obras com a vontade de recompor sua unidade’. Depois, fazendo uma alusão tácita à página 157 do **Introduction** onde é criticado um artigo recente de seu examinador, faz observar que tomar ‘a história das idéias científicas por critério de verdade supõe uma escolha anterior à investigação e que não poderia ser justificada por ela”*¹¹⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 453).

Ora, o que vemos é que Aron não só se afirma como oposto ao seu orientador, mas o adverte, transformando um dos trabalhos de Brunshvicg em objeto de sua análise. E, então, busca esclarecer sua proposta de abordagem.

*“O sr. Aron, transpondo a questão em conceitos, mostra que, na medida em que o indivíduo tenta recompor sua própria unidade e em que o historiador quer compreender, para além das relações causais, a unidade do homem ou da sociedade que ele estuda, as diferentes ordens de realidades que entram em jogo não são o objeto de uma teoria diferente da história, já que decorrem uns e outros de uma mesma história humana”*¹²⁰ (Compte rendu... in ARON, 1986b, pp. 443 e 444).

¹¹⁸ “M. Brunshvicg exprime à M. Aron son désir de l’entendre s’expliquer plutôt que défendre, comme on le fait à une soutenance ordinaire. Il l’amène d’abord à préciser sa thèse essentielle, en lui demandant si sa théorie de l’histoire peut s’appliquer aux renseignements contenus dans l’**Annuaire du Bureau des longitudes** comme à ceux que fournit l’**Almanach de Gotha**”.

¹¹⁹ “Ce sont deux histoires partielles, répond Aron, qui ne doivent point se séparer. Car le même homme fit les deux ouvrages avec la volonté de recomposer leur unité’. Puis, faisant une allusion tacite à la page 157 de l’**Introduction** où est critiqué un article récent de son examinateur, il lui fait remarquer que prendre l’histoire des idées scientifiques pour critère du vrai suppose un choix antérieur à l’investigation et qui ne saurait être justifié par elle”.

¹²⁰ “M. Aron transposant la question en concepts, montre que, dans la mesure où l’individu essaie de recomposer sa propre unité et où historien veut comprendre, par-delà les relations causales, l’unité de l’homme ou de la société qu’il étudie, les différents ordres de réalités qui entrent en jeu ne sont pas l’objet d’une théorie différente de l’histoire, puisqu’ils relèvent les uns et les autres d’une même histoire humaine”.

No final, resumidamente, todos estão na história e, portanto, a teoria da história abrange a todos. Mas Brunshvicg não está satisfeito e insiste na aplicabilidade da teoria de Aron a um caso concreto de história parcial.

“O sr. Brunshvicg pergunta em seguida se não valeria mais substituir as considerações gerais pela análise da compreensão nas diferentes atitudes e nos diferentes objetos segundo as quais ela se particulariza”¹²¹ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 444).

Aron intenta, então, esclarecer que sua questão é de outra ordem. É a natureza da compreensão que deseja abordar, e, por conseguinte, detalha, mais uma vez, sua posição.

“Aron precisa que seu desejo era descobrir a natureza da compreensão a partir da formas mais simples, a compreensão de si mesmo e dos outros, a fim de alcançar não uma metodologia da história, mas uma teoria transcendental do conhecimento histórico”¹²² (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 444).

O tema referente à natureza da compreensão é desenvolvido exatamente na segunda Seção de seu trabalho. Suas considerações a este respeito são fundamentais para entender como espera alcançar a superação do historismo e, assim, apresentar sua concepção à qual atribui a ideia de uma *“teoria transcendental do conhecimento histórico”*.

“Ela tem por consequência disover as falsas filosofias que adotam sociólogo e historiador devido a sua profissão, o primeiro se interessando pelo determinismo necessário, o segundo pela singularidade do evento”¹²³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

E Aron conclui:

“A generalidade que é incontestável deveria ser a generalidade das análises fundamentais”¹²⁴ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 444).

¹²¹ “M. Brunshvicg demande ensuite s’il n’aurait pas mieux valu substituer à des considérations générales l’analyse de la compréhension dans les différentes attitudes et les différents objets suivant lesquels elle se particularise”.

¹²² “M. Aron précise que son dessein était de découvrir la nature de la compréhension à partir des formes les plus simples, la compréhension de moi-même et des autres, afin d’aboutir non pas à une méthodologie de l’histoire, mais à une théorie transcendental de la connaissance historique”.

¹²³ “Elle a pour conséquence de dissoudre les fausses philosophies qu’adoptent sociologue et historien par suite de leur profession, le premier s’intéressant au déterminisme nécessaire, le second à la singularité de l’événement”.

¹²⁴ “La généralité qui est incontestable devrait être la généralité des analyses fondamentales”.

Então, Brunschvicg demanda de Aron, parece-nos de forma artilosa, o prosseguimento de suas explicações.

*“Depois, sob o convite do sr. Brunschvicg, ele indica que após ter aplainado o terreno por um trabalho sobretudo crítico, será daqui em diante possível colocar a verdadeira questão da filosofia da história: que significa para o homem seu próprio devir? Qual é seu destino?”*¹²⁵ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 444).

E finalmente, Brunschvicg o interroga a fim de verificar onde chegaria com as perguntas por ele mesmo colocadas.

*“Finalmente, qual é a sua conclusão?” Pergunta L. Brunschvicg*¹²⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

Mas Aron não cede. Não abandonando a ideia de limites do conhecimento, esclarece os pressupostos adotados a partir das visões mais generalizantes do contexto intelectual em que está inserido. Dizendo isso, reconhece que, na verdade, simplesmente pensou o papel do homem diante de tais pressupostos. E, de forma honesta e prudente, fecha suas colocações diante das últimas perguntas de seu orientador.

*“Eu fiz o esforço para tirar as conseqüências do ateísmo e reconstruir a partir daí, supondo que possam desaparecer o capitalismo e o racionalismo progressista. Assim, eu creio ter mostrado a necessidade de reencontrar uma fé no homem e de buscar compreender nossa situação histórica”*¹²⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

Sugerimos que o entrincheiramento racionalista de Brunschvicg, apelando para a dicotomia entre a filosofia francesa e filosofia alemã, enuncia certa perda de fôlego do arguidor diante das colocações de Aron.

*“[...] para concluir, L. Brunschvicg exprime ‘sua preferência pela filosofia de Voltaire no **Essai sur les mœurs** e de Condorcet no **Esquisse d’un tableau historique des progrès de l’esprit humain**’”*¹²⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

¹²⁵ “Puis, sur l’invitation de M. Brunschvicg, il indique qu’après avoir débarrassé le terrain par une oeuvre surtout critique, il lui sera désormais possible de poser la véritable question de la philosophie de l’histoire: que signifie pour l’homme son propre devenir? Quelle est sa destinée?”.

¹²⁶ “‘Finallement, quelle est votre conclusion?’ demande L. Brunschvicg”.

¹²⁷ “‘J’ai fait effort pour tirer les conséquences de l’athéisme et reconstruire à partir de là, en supposant que puissent disparaître et le capitalisme et le rationalisme progressiste. Ainsi, je crois avoir montré la nécessité de retrouver une foi en l’homme et de chercher à comprendre notre situation historique”.

¹²⁸ “[...] pour conclure, L. Brunschvicg exprime ‘sa préférence pour la philosophie de Voltaire dans l’**Essai sur les mœurs** et de Condorcet dans l’**Esquisse d’un tableau historique des progrès de l’esprit humain**’”.

Assim, termina o embate entre orientador e orientando. Se a discussão com Fauconnet havia sido dura, com Brunschvicg foi aguda e amarga, sobretudo, no que diz respeito à tentativa de se buscar a contradição do pensamento defendido por Aron. Ademais, não podemos deixar de notar que há profunda decepção à medida que Aron não apenas rompe com as visões de seus professores mas os critica diretamente. Entretanto, é com o examinador seguinte que Aron terá o momento mais ostensivo do debate. E mais uma vez, o testemunho de Fessard nos revela a situação que se anuncia.

*“Sensível já durante esta intervenção como naquela de Fauconnet, a ‘diferença’ das gerações iria se transformar bem mais ainda com o historiador experiente Émile Bréhier. De imediato, o diálogo tomou uma forma abrupta: ‘Que seu ensaio sobre a crítica histórica seja uma introdução à ciência política, seja!’”*¹²⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

Há certa intolerância que se evidencia tanto na forma como no conteúdo dos questionamentos iniciais de Émile Bréhier. Faz questão de manifestar certa indulgência resignada na aceitação da ideia de que o trabalho de Aron é também uma introdução à ciência política. E mais uma vez, a forma como o trabalho foi elaborado é questionada por um membro da banca.

*“‘Mas minha primeira objeção trata de sua forma’”*¹³⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

A questão da forma do trabalho é algo que perseguirá Aron. Não à toa, como veremos na parte seguinte, Aron irá renomear as partes e os capítulos de seu trabalho na edição posterior. Especulamos que uma das razões é exatamente seu reconhecimento da deficiência do aspecto formal do *Introduction*. No caso de Bréhier, entretanto, há certo tipo de especificação da questão sobre a forma.

*“O sr. Bréhier pergunta ao sr. Aron qual a razão dele ter adotado, à maneira dos escolásticos, um método que consiste em dividir exaustivamente seu assunto em questões e as questões em artigos, com o risco de mascarar a sequência das ideias?”*¹³¹ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, p. 444).

¹²⁹ *“Sensible déjà durant cette intervention comme en celle de Fauconnet, le ‘décalage’ des générations allait le devenir bien plus encore avec l'historien chevronné Émile Bréhier. D'emblée le dialogue prend un forme abrupte: ‘que votre essai sur la critique historique soit une introduction à la science politique soit!’”*

¹³⁰ *“‘Mais ma première objection porte sur sa forme’”*.

¹³¹ *“M. Bréhier demande à M. Aron quelle raison lui a fait adopter, à la manière des scolastiques, une méthode qui consiste à déchiquer sa matière en questions et les questions en articles, au risque de masquer la suite des idées?”*

Bréhier afirma que a estrutura adotada por Aron tem como risco o comprometimento da ordem das ideias. Mas a resposta sugere algo diferente.

*“Minha exposição, responde Aron, procede com efeito por parágrafos sucessivos, a conclusão de cada um buscando recompor a unidade do conjunto”, mas “é com vista de não sacrificar o rigor da análise à elegância do desenvolvimento retórico”*¹³² (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

Em sua resposta, Aron esclarece a razão da sucessão de parágrafos e o papel fundamental da conclusão no final de cada parte cuja função é tentar recompor a unidade do conjunto. O interessante é notar que Aron sugere que a demanda de Bréhier atendia à elegância retórica e não à exigência quanto à clareza dos argumentos contidos no trabalho. Bréhier, sem entrar na polêmica, prossegue com suas questões.

*“Em todo caso, prosseguiu Bréhier, se eu comparo seu ensaio à filosofia das matemáticas que tem necessidade das ciências matemáticas, parece-me que o senhor não procede da mesma maneira”*¹³³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

Não estaria errado considerar que o paralelismo de Bréhier implica, na verdade, dizer que falta a história realizada pelo historiador no trabalho de Aron. Adiantamos que não será o único a questionar tal característica. Mas Aron tem suas respostas prontas na algibeira.

*“O historiador tal qual ele é ou deve ser, segundo o manual de Langlois e Seignobos, não me interessa muito, eu o reconheço, disse Aron, mas muito mais a reflexão sobre o trabalho histórico e a interpretação concreta do passado, por conseguinte, duas coisas que intervêm na filosofia da história”*¹³⁴ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 454 e 455).

Aron sabe muito bem a que ponto da atividade científica se dirige sua crítica. E no caso da história, a questão não é propriamente no estabelecimento do melhor método para o ofício do historiador. O que Aron pretende, na verdade, é colocar sob a crítica o próprio *métier d'historien*. Bréhier prossegue então.

¹³² “*Mon exposé, répond Aron, procède en effet par paragraphes successifs. La conclusion de chacun tâchant de recomposer l'unité de l'ensemble, mais c'est en vue de ne pas sacrifier la rigueur de l'analyse à l'élégance du développement rhétorique*”.

¹³³ “*En tout cas, poursuit Bréhier, si je compare votre essai à la philosophie des mathématiques qui a besoin des sciences mathématiques, il me semble que vous ne procédez pas de la même manière*”.

¹³⁴ “*L'historien tel qu'il est ou doit être, selon le manuel de Langlois et Seignobos, ne m'intéresse pas beaucoup, je le reconnais, dit Aron, mais bien davantage et la réflexion sur le travail historique et l'interprétation concrète du passé, donc deux choses qui interviennent dans la philosophie de l'histoire*”.

“Assim, seu conhecimento da história pode dispensar a história!”¹³⁵ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

E Aron responde.

“De forma alguma, mas todo conhecimento está na história...”¹³⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Então, Bréhier interrompe abruptamente Aron e afirma a germanização intelectual do candidato.

“O pensamento alemão tingiu completamente o seu, prossegue É. Bréhier. Todas as suas afirmações podem ser contraditas... Sua filosofia da história tem por objetivo solidificar uma tradição, enquanto que no meu sentido a história deve ao contrário nos desprender do passado e, como diz Bayle, nos libertar... Sua concepção é arbitrária”¹³⁷ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Embora Bréhier tenha interrompido Aron, afirmando sua germanização, manifestando a contradição de suas ideias e a arbitrariedade de sua concepção de conhecimento, Aron reforça suas colocações.

“De forma alguma, responde Aron. Pois não é possível sacrificar um dos dois elementos, passado ou futuro.... Elimina-se tanto quanto se conserva. Libertar-se do passado é construir uma tradição diferente daquela que se recebeu. Por exemplo, quando Brunschvicg faz a história do pensamento matemático ou físico, ele constrói uma tradição...”¹³⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Aos olhos de seus examinadores, Aron comete uma verdadeira violação, trazendo ao plano mundano a prática de um dos membros da banca. É de fato um atentado contra o racionalismo e o positivismo francês. A tensão aumenta, pois Aron violou o templo do racionalismo de seus mestres. De pronto, Bréhier se manifesta a fim de defender seu par.

¹³⁵ “Ainsi votre connaissance de l’histoire peut se passer de l’histoire!”.

¹³⁶ “Nullement, mais toute connaissance est dans l’histoire...”.

¹³⁷ “La pensée allemande a complètement déteint sur la vôtre, poursuit É. Bréhier. Toutes vos affirmations peuvent être contredites... Votre philosophie de l’histoire a pour but de solidifier une tradition, tandis qu’à mon sens l’histoire doit au contraire nous détacher du passé et, comme el dit Bayle, nous en libérer... Votre conception est arbitraire”.

¹³⁸ “Nullement, répond Aron. Car il n’est pas possible de sacrifier un des deux éléments, passé ou avenir... On élimine autant qu’on conserve. Se détacher du passé, c’est se construire une tradition différente de celle qu’on a reçue. Par exemple, quand Brunschvicg fait l’histoire de la pensée mathématique ou physique, il se construit une tradition...”.

“Segundo o senhor, interrompe Bréhier, compreender as leis de Kepler, isso seria fazer história”¹³⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

E Aron mantém-se firme em suas colocações.

“Sem nenhuma dúvida, respondeu Aron, por que o homem que as compreende está na história!”¹⁴⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

E as colocações de Aron parecem que têm certa circularidade, sobretudo pelo fato de que há a afirmação constante da localização do homem na história. E tal insistência deixa Bréhier profundamente irritado.

“Visivelmente animado por uma irritação surda diante dessas respostas, Bréhier eleva o tom: ‘Verdadeiramente, Senhor, eu não o compreendo: segundo o senhor, fazer história resulta de uma decisão e implica uma série de escolhas! Apesar de, como diz o velho preceito, o historiador deve ser *sine ira et sine studio*... [sem ódio e sem entusiasmo]”¹⁴¹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

O fato de Aron chamar a atenção para a condição do historiador, colocando-o como um cidadão como outro qualquer, localizando-o, portanto, na história, não implica que advogue o ceticismo ou o relativismo. Aron reconhece a necessidade de se mitigar as paixões humanas pela análise. Mas o que ele deseja apontar é que há escolhas anteriores que precisam ser logicamente consideradas.

“Sem dúvida, mas escolha e decisão não são menos necessárias, replicou Aron, imperturbável e sempre sorridente. Esta necessidade é fácil apreender e eu posso explicá-la com um exemplo dos mais simples: suponho que eu queira escrever uma história da filosofia alemã...”¹⁴² (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Mais uma vez o exemplo que ele propõe eleva, ainda mais, a tensão e a expectativa do ambiente. Fessard nos lembra que tanto Aron quanto o público sabiam que Émile Bréhier havia publicado um livro que abordava justamente a história da filosofia alemã, *Histoire de la philosophie allemande*, de 1923.

“No anfiteatro, repleto de ouvintes, estabeleceu-se então um silêncio mais tenso que nunca, pois ninguém poderia ignorar que É. Bréhier tinha outrora publicado, sob esse

¹³⁹ “Selon vous, interrompt Bréhier, comprendre les lois de Képler, ce serait faire de l’histoire”.

¹⁴⁰ “Sans nul doute, répond Aron, parce que l’homme qui les comprend est dans l’histoire!”.

¹⁴¹ “Visiblement animé d’une sourde irritation devant ces réponses, Bréhier élève le ton: ‘Vraiment, Monsieur, je ne vous comprends pas: selon vous, faire de l’histoire résulte d’une décision et implique une série de choix! Alors que, comme le dit le vieux précepte, l’historien doit être *sine ira et sine studio*...”.

¹⁴² “Sans doute, mais choix et décision n’en sont pas moins nécessaires, rétorque Aron, resté imperturbable et toujours souriant. Cette nécessité est facile à saisir et je puis l’expliquer par un exemple des plus simples: je suppose que je veuille écrire une histoire de la philosophie allemande...”.

mesmo título, um trabalho do qual uma segunda edição, aumentada, tinha sido recentemente publicada”¹⁴³ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Os argumentos de Aron não agradaram e, por isso, foi levado ao limite. E, no limite, não perdeu a chance de responder a Fauconnet, como também não deixou de dar como exemplo um trabalho de Brunschvicg. E, agora, seria a vez de Bréhier ser tomado como exemplo a fim de perguntar pelas decisões e escolhas anteriores que o levaram a escrever seu livro.

*“Em caso parecido, eu posso muito bem escolher consagrar todo um capítulo a Leibniz, outro a Kant, outro enfim ao idealismo pós-kantiano, e somente uma pequena página a Dilthey e a Simmel, sem mesmo mencionar nem Rickert nem Max Weber. Ou ao contrário, eu posso preferir ouvir mais sobre estes autores e restringir a parte de outros...”*¹⁴⁴ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Mais uma vez Aron leva tacitamente seu arguidor para a condição não só de arguido, mas também de objeto de análise a partir do instrumental desenvolvido por ele próprio. Consternado, sentindo a inversão de papéis estabelecida por Aron, não restando mais a Bréhier, desloca, então, para a incerteza aberta com relação ao porvir e para questão da imparcialidade do historiador.

“Desconcertado, senão apaziguado, Bréhier interroga ainda: ‘E a abertura na direção do futuro?’ – E sobretudo, última questão crucial a seus olhos: ‘o historiador deve ser imparcial?’”¹⁴⁵ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

Aron esclarece sua reflexão a respeito desses dois temas de tão difícil aceitação por parte da banca. Sentindo o abismo que o separa dos examinadores, não perde a chance de responder de maneira enfática e sistemática (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455).

“Sim, do ponto de vista psicológico’, então ‘a imparcialidade é real na medida em que cada um refaz a história de sua verdade”; ‘não, do ponto de vista lógico’, pois, sob este ângulo, “ela é ilusória””¹⁴⁶ (FESSARD in ARON, 1986b, pp. 455 e 456).

¹⁴³ “Dans l’amphithéâtre, rempli d’auditeurs, s’établit alors un silence plus tendu que jamais, car nul ne pouvait ignorer qu’É. Bréhier avait jadis, sous ce titre même, publié un ouvrage dont une deuxième édition, augmentée, était récemment parue”.

¹⁴⁴ “En pareil cas, je puis fort bien choisir de consacrer tout un chapitre à Leibniz, un autre à Kant, un autre enfin à l’idéalisme postkantien, et seulement une petite page à Dilthey et à Simmel sans même mentionner ni Rickert ni Max Weber. Ou au contraire, je puis préférer m’étendre davantage sur ces auteurs quitte à restreindre la part des autres...”.

¹⁴⁵ “Désarçonné, sinon apaisé, Bréhier interroge encore: ‘Et l’ouverture vers l’avenir?’ Et surtout, dernière question cruciale à ses yeux: ‘L’historien doit-il être impartial?’”

Não nos resta a menor dúvida de que Aron, ao fazer tais colocações, acaba por sugerir claramente que o posicionamento dos membros da banca, impregnados de positivismo, não só é o objeto da crítica, mas também é “*ilusório*”. Veremos adiante que o próprio Fauconnet, sentindo o peso de tais afirmações, escreverá uma carta para Aron, dias após a defesa, retomando o assunto e reafirmando seu posicionamento.

Uma vez terminada a discussão entre Bréhier e Aron, passamos para o último examinador, o sociólogo durkheiminiano Maurice Halbwachs. Conta-nos Fessard que a preocupação de Halbwachs é com a Seção III do trabalho de Aron, cujo conteúdo, sob o título *Le devenir humain et la pensée causale*, trata de elementos que compõem a causação na análise da história (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456). De fato, Maurice Halbwachs é citado mais de uma vez na segunda parte, *Les régularités et la causalité sociologique*, da Seção III. E, como sociólogo, sua questão é dirigida ao tratamento que Aron dedica ao compreensivismo, na medida em que o coloca no mesmo patamar que o explicacionismo.

“O sr. Halbwachs pergunta se a compreensão histórica e a explicação sociológica podem ser colocadas sob o mesmo plano, como pensa o sr. Aron”¹⁴⁷ (*Compte rendu...* in ARON, 1986b, pp. 444 e 445).

A condição de paralelismo que Aron atribui ao compreensivismo e ao explicacionismo parece não só difícil, mas insuportável para a banca. Aron responde diretamente, utilizando tacitamente elementos objetivos próprios do compreensivismo ao alijar de tal processo qualquer afetividade subjetiva.

“A reconstrução do outro, precisou logo Aron, não é participação afetiva”¹⁴⁸ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456).

Não diríamos que Halbwachs não entende as colocações de Aron. Na verdade, adepto do explicacionismo durkheiminiano, não pode aceitar o posicionamento do candidato.

“Mas então, de onde vem o valor da inteligibilidade atribuída à compreensão do outro?”¹⁴⁹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456).

¹⁴⁶ “‘Oui, au point de vue psychologique’, alors ‘l’impartialité est réelle dans la mesure où chacun refait l’histoire de sa vérité’; ‘non, au point de vue logique’, car, sous cet angle, ‘elle est illusoire’”.

¹⁴⁷ “M. Halbwachs demande si la compréhension historique et l’explication sociologique peuvent bien être placées sur le même plan, comme le pense M. Aron”.

¹⁴⁸ “La reconstruction d’autrui, précise aussitôt Aron, n’est pas participation affective”.

A insistência de Halbwachs não provém de uma exigência formal. O arguidor conhece Aron, entretanto, percebemos que não entende a definição de compreensão estabelecida por ele. De forma que Aron se vê obrigado a insistir na característica básica da compreensão: sua universalidade.

*“Não se pode tratar de simples probabilidade. Pois a compreensão é sempre mediada, pelo universal; não há participação pela simpatia”*¹⁵⁰ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456).

Portanto, segundo Aron, não se trata de analisar as prováveis ações a serem tomadas pelos atores históricos. Tampouco é a simpatia que está em jogo no processo de compreensão. Aron não admite a associação entre intuição e compreensão. O que é universal e tratado na quarta parte do seu trabalho é a questão da reflexão e do pensamento engajado. Todavia, tal questão não é o ponto para Halbwachs. Sua discórdia atem-se à relação desequilibrada entre sociologia e compreensão histórica assumida por Aron.

*“O senhor emprega diversas vezes a expressão: diferença de nível microscópico e macroscópico para designar, eu penso, o histórico e o sociológico, mas o senhor parece atribuir mais valor ao primeiro que ao segundo. Porém, a sociologia é superior a história... Podemos dizer igualmente o contrário: **Sociologia est ancilla Historiae** [Sociologia é escrava da História]. Pois nada pode substituir o desejo do conhecimento do singular”*¹⁵¹ (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456).

A dicotomia apontada por Halbwachs está presente na obra de Aron, isso é indiscutível. Mas este deseja superá-la. A dicotomia entre contextos intelectuais não implica reconhecê-los como opções necessárias de filiação. É claro que o cientificismo do examinador não lhe permite admitir a eficácia interpretativa da compreensão defendida pelo candidato. Ademais, especulamos que emergiu no debate a divergência explorada pela intelectualidade francesa envolvendo método histórico e ciência social. Com isso, não deixou de fazer referência às preocupações já colocadas por François

¹⁴⁹ “*Mais alors, d’où vient la valeur d’intelligibilité attribuée à la compréhension de l’autre?*”

¹⁵⁰ “*Il ne peut s’agir que d’une simple probabilité. Car la compréhension est toujours médiate, par l’universel; il n’y a pas de participation par sympathie*”.

¹⁵¹ “*Vous employez à diverses reprises l’expression: différence de niveau microscopique et macroscopique pour désigner, je pense, l’historique et le sociologique, mais vous semblez attribuer plus valeur au premier qu’au second. Or, la sociologie est supérieure à l’histoire... On peut dire tout autant le contraire: **Sociologia est ancilla Historiae**. Car rien ne peut remplacer le désir de la connaissance du singulier*”.

Simiand¹⁵² (1873-1935), em seu trabalho *Método histórico e ciência social*, publicado originalmente em 1903. Assim, Halbwachs abriu outra dimensão da controvérsia com Aron que trata de Simiand (FESSARD in ARON, 1986b, p. 456).

É importante lembrar que o texto de Simiand é dirigido à corrente da “história historicizante” de Langlois e Seignobos a qual, por sua vez, tinha por base profunda referência aos episódios históricos, sobretudo os episódios de caráter político. De fato, o trabalho de Simiand é conhecido pela crítica contundente aos ídolos político e individual, tão recorrentes na história episódica, ou *événementielle*, como ficou conhecida. Um dos traços marcantes da história *événementielle* é justamente o primado dos eventos políticos. Não podemos ter certeza, mas não deixamos de aventar que Halbwachs poderia ter associado Aron à “história historicizante”. E tal associação poderia ter ocorrido em função de duas coisas: primeiro, o fato de que o objeto de análise de Aron não deixa de ser o ator histórico, portanto o indivíduo; e, em segundo lugar, pela questão política, resgatada por Aron na análise histórica. Infelizmente, não temos mais registros de tal discussão para aferir tal hipótese.

Seguindo na discussão, diante das questões colocadas por Halbwachs, Aron apresenta sua resposta final.

*“[Aron] mostra que a pesquisa das relações gerais em sociologia implica uma análise dos fatos singulares e que, por outro lado, permanece insuficiente se não se colocar a serviço da história que, sozinha, pode nos satisfazer recompondo os conjuntos acima das relações dispersas e nos permitindo restituir o devir concreto da humanidade”*¹⁵³ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 445).

Para desespero dos presentes, Aron apregoa a insuficiência da sociologia na análise dos fatos. Com isso não deixa de colocar em xeque a visão durkheiminiana a respeito da relação entre sociologia e história, colocando esta como superior àquela. Todavia, tal afirmação não nos parece algo novo na discussão, pois Aron já havia alijado a sociologia da discussão a respeito do conhecimento histórico tendo por base sua própria concepção.

¹⁵² François Simiand, historiador e economista, foi eleito para o *Collège de France* em 1931. Fez parte do conselho editorial da revista *Année Sociologique*, fundada por Durkheim.

¹⁵³ “[Aron] montre que la recherche des relations générales en sociologie implique une analyse des faits singuliers et que, d’autre part, elle reste insuffisante si elle ne se met au service de l’histoire qui, seule, peut nous satisfaire en recomposant des ensembles au-dessus des rapports dispersés et en nous permettant de restituer le devenir concret de l’humanité”.

Com a resposta final de Aron, os membros da banca se retiraram para a devida deliberação (BAVEREZ, 2006, p. 169). Ao retornarem, Léon Brunschvicg faz o anúncio final, coroando a argúcia de Raymond Aron.

*“O sr. Brunschvicg, declarando o sr. Aron doutor com menção **très honorable**, traz o reconhecimento oficial desta tese, da qual o sr. Fauconnet teria dito que ela revela ‘uma virtuosidade verbal e intelectual, uma lealdade à pesquisa, que sem dúvida classificam seu autor no primeiro time’”¹⁵⁴ (Compte rendu... in ARON, 1986b, p. 445).*

Admitimos que não é de se admirar a menção *très honorable* concedida à tese de Aron. A discussão, que durou em torno de cinco horas, de fato, é marcante quanto à sua capacidade reflexiva, argumentativa e crítica. Tivemos a oportunidade de observar que Aron, mais de uma vez, praticamente inverteu os papéis, passando ele a ser o inquisidor da forma de conhecimento defendida por seus professores. Contudo, o que nos chama a atenção é a manifestação de Paul Fauconnet. Teria o sociólogo, discípulo de Durkheim, revisto seus posicionamentos positivistas? Não é o que atesta a carta de Fauconnet encaminhada a Aron em 28 de março de 1938, dois dias após a defesa.

“Estou feliz em encerrar nossa polêmica por uma troca de palavras afetuosas. Como lhe havia dito, acredito que pertencemos todos os dois à mesma sociedade espiritual, apesar de nossas divergências: de onde segue que, quando pensa contra mim, isso deve ser em nome de princípios que nos são comuns e que, de qualquer maneira, deve ter razão. No fundo, diferimos, sobretudo, como acontece geralmente, pela importância relativa que atribuímos cada um aos elementos parciais de nosso pensamento do conjunto. Eu entendo sua reação, que, a seus olhos vai contra o otimismo racionalista e democrático, como momento do progresso desse otimismo. Minhas “ilusões”, como vê, são tenazes”¹⁵⁵ (FAUCONNET in BAVEREZ, 2006, pp. 169 e 170).

Vemos que as posições de Fauconnet não se submeteram à crítica de Aron. Mas entendemos que, em grande medida, Fauconnet deixou de perceber certos aspectos do trabalho de Aron. A impressão que temos é que Fauconnet classifica Aron

¹⁵⁴ “M. Brunschvicg, en déclarant M. Aron docteur avec mention **très honorable**, apporte la reconnaissance officielle à cette thèse, dont M. Fauconnet avait dit qu’elle révèle ‘une virtuosité verbale et intellectuelle, une loyauté dans la recherche, qui classent son auteur tout à fait au premier rang’”.

¹⁵⁵ “Je suis heureux de clore notre polémique par un échange de mots affectueux. Comme je vous l’ai dit, je crois que nous appartenons tous deux à une même société spirituelle, en dépit de nos divergences: d’où il suit que, quand vous pensez contre moi, ce doit être au nom des principes qui nous sont communs et que, de quelque manière, vous devez avoir raison. Au fond, nous différons surtout, comme il arrive si souvent, par l’importance relative que nous donnons chacun aux éléments partiels de notre pensée d’ensemble. Je tiens votre réaction, qui, à vos yeux va contre l’optimisme rationaliste et démocratique, pour un moment du progrès de cet optimisme. Mes ‘illusions’, comme vous voyez, sont tenaces”.

equivocadamente como relativista histórico, deixando de lado todo o esforço de Aron para superar o historismo.

Especulamos que a polarização ocorrida durante a defesa acabou deixando evidenciar de forma errônea uma postura radical de Aron. É o que podemos perceber quanto à alusão feita por Léon Brunschvicg às palavras finais do trabalho principal de Aron, onde este atribui ao processo histórico a idéia de “*un processus dramatique sans unité*”. Tal tipo de questionamento, entendemos, fez com que Aron se posicionasse no oposto simétrico, por conseguinte, sendo reconhecido prematuramente como relativista e antipositivista. Assim, uma vez colocado e isolado do outro lado do espectro, não havia nenhuma possibilidade de reconciliação. E isso lamentamos, pois, sabidamente, o relativismo histórico não é a postura de Aron. De qualquer forma, a carta de Fauconnet é indicativa de que a discussão proposta por Aron gerou alguma reflexão. Contudo, o anúncio dos anos dramáticos da Segunda Guerra Mundial, demandando justa atenção, potencializaram as dificuldades de leitura e entendimento do *Introduction*.

2. A argumentação do *Introduction*

2.1. A estrutura do trabalho

O objetivo desta parte é seguir o itinerário da argumentação apresentada no *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique* de Raymond Aron. Entendemos que devemos apontar as ideias principais e apresentar como o autor procura utilizá-las na estruturação lógica de sua proposta pessoal de crítica à razão histórica. Para darmos início, é relevante apresentar o pressuposto fundamental assumido por Aron na introdução do *Introduction*, como também, algumas idéias dele decorrentes.

“A verdade científica se depreende da consciência histórica que a elaborou [...]”¹⁵⁶
(ARON, 1986b, p. 10).

Tomando por base tal pressuposto, Aron se propõe a analisar a verdade no campo da história. A questão para ele é saber se aquilo que acontece com a verdade científica ocorre também com a reconstituição histórica. Ou seja, se a reconstituição histórica decorre da consciência do historiador, da mesma forma que a verdade científica se depreenderia da consciência de quem a elabora. A percepção coletiva do mundo numa cultura e num momento histórico afeta a elaboração do conhecimento a cerca da história?

“Em outros termos, nós nos questionamos se a ciência histórica, como as ciências da natureza, desenvolve-se segundo um ritmo de acumulação e de progresso ou se, ao contrário, cada sociedade recria sua história por que se ela escolhe, recria seu passado”¹⁵⁷ (ARON, 1986b, p. 11).

No que diz respeito ao conhecimento histórico, Aron se coloca diante da seguinte dualidade: acumulação e progresso ou recriação anárquica. Em outras palavras, tal dualidade parece retomar a dicotomia: positivismo de um lado, e, de outro, relativismo histórico, que significa o mesmo que historismo (ARON, 1986b, p. 367).

As questões que Aron coloca já permitem identificar suas fórmulas e especular acerca de suas opiniões. Seria o historiador um observador transcendente em

¹⁵⁶ “La vérité scientifique se détache de la conscience qui l’a élaborée [...]”.

¹⁵⁷ “En d’autres termes, nous nous demandons si la science historique, comme les sciences de la nature, se développe selon un rythme d’accumulation et de progrès ou bien si, au contraire, chaque société récrit son histoire parce qu’elle se choisit, recrée son passé”.

relação à sua época e, por conseguinte, visionário do passado e do futuro; ou o historiador é expressão de sua própria época? Ou seja, o conhecimento histórico se dá por acumulação e progresso ou é recriado a cada momento do devir (ARON, 1986b, p. 11)?

Avaliando as perguntas colocadas por Aron e, sobretudo, a forma antagônica como as coloca, entendemos que acabam direcionando preliminarmente as possíveis respostas. Contudo, sua argumentação visa superar as oposições inicialmente colocadas, via de regra buscando um tipo de resposta intermediária.

Nunca é demais lembrar o entendimento de Aron acerca do que é epistemologia (ARON, 1986b, p. 11). Primeiro, não se trata de uma posição positivista, de um sujeito observador isento de valores e julgamentos que se coloca a estudar friamente o tecido humano que se constitui com a história. Disso decorre a aproximação entre epistemologia e crítica. Se é o homem que elabora o exercício científico, devemos explorar a natureza, as possibilidades e os limites dessa ciência, ou mesmo desse exercício em si, já que este homem está na história. De forma que, para Aron, o desenvolvimento do estudo epistemológico não pode dispensar o exercício crítico.

*“Entre a epistemologia e a crítica, nós não fazemos distinção rigorosa, já que uma e outra são uma reflexão sobre o ato da ciência, uma descrição da realidade e do conhecimento que dela temos”*¹⁵⁸ (ARON, 1986b, p. 11).

Cientes de dois pressupostos fundamentais adotados por Aron, um concernente ao despreendimento da verdade a partir da consciência do cientista, e outro, a respeito da não separação entre epistemologia e crítica, partimos para avaliação da argumentação da crítica pessoal de Aron à razão histórica. O livro, além da Introdução, está organizado em quatro Seções: Seção I, *Le passé et les concepts d’histoire*; Seção II, *Le devenir humain et la compréhension historique*; Seção III, *Le devenir humain et la pensée causale*; e, por fim, a Seção IV, *Histoire et vérité*. Sua crítica procurou exaurir os aspectos interpretativos tanto da compreensão quanto da explicação, que se encontram, respectivamente, nas Seções II e III. E é na última parte, na Seção IV, que é desenvolvida a argumentação a respeito da razão histórica, sob o título *Histoire et vérité*.

¹⁵⁸ “Entre l’épistémologie et la critique, nous ne faisons pas de distinction rigoureuse puisque l’une et l’autre sont une réflexion sur l’acte de la science, une description de la réalité et de la connaissance que nous en avons”.

A Seção I, *Le passé et les concepts d'histoire*, tem por fim delimitar o assunto que será tratado. O autor entende que o termo história carrega profunda polissemia e, por conseguinte, torna-se necessário esclarecer certos aspectos a respeito deste termo.

*“A história, no sentido estrito, é a ciência do passado humano. Em sentido amplo, ela estuda o devir da terra, do céu e das espécies como também o da civilização. Por outro lado, no sentido concreto, o termo história designa uma certa realidade, no sentido formal, o conhecimento desta realidade. Este duplo equívoco será o tema de nossa primeira seção”*¹⁵⁹ (ARON, 1986b, p. 17).

Por um lado, o passado humano e o devir, por outro, a realidade e o conhecimento que se tem desta. É dessa maneira que Aron abre propriamente a Seção I de seu livro. Mas não temos interesse em analisar tal argumentação. Queremos apenas chamar a atenção para as conclusões a que Aron chega nesta parte do livro.

*“A nossos olhos, o conceito de história não está ligado essencialmente à hipótese de uma ordem total. O que é decisivo, é a consciência do passado e a vontade de se definir em função dele”*¹⁶⁰ (ARON, 1986b, p. 52).

Com tal citação, está definido o marco teórico para início da argumentação de Aron. Toda e qualquer reflexão sobre a história está ela mesma na história e tal consideração exige levar em conta a não dissociação entre sujeito e objeto. É preciso ter preocupação permanente com relação ao que leva o homem a intentar apreender a história como um movimento único.

*“Já que o conhecimento do passado é um aspecto da realidade histórica, nós não separaremos reflexão sobre a ciência e descrição do devir. A teoria, não mais que a linguagem, não deve dissociar o sujeito do objeto”*¹⁶¹ (ARON, 1986b, p. 53).

Não há ciência histórica no sentido de um sistema de leis das quais podemos tirar deduções para casos concretos. Mas isso não significa que não deva ser intentada alguma objetividade no plano da história.

¹⁵⁹ “L’histoire, au sens étroit, est la science du passé humain. Au sens large, elle étudie le devenir de la terre, du ciel et des espèces aussi bien que de la civilisation. D’autre part, au sens concret, le terme histoire désigne une certaine réalité, au sens formel, la connaissance de cette réalité. Cette double équivoque sera le thème de notre première section”.

¹⁶⁰ “A nos yeux, le concept d’histoire n’est pas lié essentiellement à l’hypothèse d’un ordre total. Ce qui est décisif, c’est la conscience du passé et la volonté de se définir en fonction de lui”.

¹⁶¹ “Puisque la connaissance du passé est un aspect de la réalité historique, nous ne séparerons pas réflexion sur la science et description du devenir. La théorie, pas plus que le langage, ne doit dissocier le sujet de l’objet”.

“Duplo resultado facilmente explicável: o sujeito não é um eu transcendental mas um ser histórico. É por isso vão perguntar se a curiosidade do historiador ou a estrutura da história devem ser consideradas em primeiro lugar, já que elas remetem uma à outra”¹⁶² (ARON, 1986b, p. 54).

Conhecemos as condições do homem cognoscente, sujeito histórico e na história. Precisamos, portanto, refletir sobre as condições de cognição deste homem. Para tanto, Aron se propõe a refletir exaustivamente a respeito da compreensão e da explicação nas Seções II e III. A argumentação, ali desenvolvida, expõe a forma de estruturação do seu trabalho, a qual, como vimos, foi duramente criticada pelos professores da banca. Ambas as Seções têm certa simetria na sua conformação estrutural. Tanto uma como outra tem três partes com quatro capítulos seguidos de uma conclusão de cada parte. E, por fim, cada Seção apresenta sua conclusão geral.

No caso da Seção II, *Le devenir humain et la compréhension historique*, esta é composta das seguintes partes: 1ª, *De l'individu à l'histoire*; 2ª, *Les univers spirituels et la pluralité des systèmes d'interprétation*; e, a 3ª parte, *L'évolution et la pluralité des perspectives*. Não é nossa intenção discorrer sobre a argumentação dos capítulos que compõem as três partes, ou mesmo de cada parte em si. Basta-nos chamar a atenção para alguns aspectos que permitem realçar a lógica reflexiva de Aron.

Um primeiro ponto é com relação à distinção entre causalidade e compreensão, o que leva à melhor definição desta última.

“Tal é, em algumas palavras, a distinção fundamental que proporíamos entre os dois tipo de saber. Nós não teremos aliás de utilizá-la, apenas nos importará a diferença entre **compreensão** (apreensão de uma inteligibilidade objetivamente dada) e **causalidade** (estabelecimento de regras causais segundo a regularidade das sucessões)”¹⁶³ (ARON, 1986b, p. 57).

Aqui temos clareza acerca dos elementos que podem ser estabelecidos para a distinção entre compreensão e explicação. Não só isso, temos também uma definição preliminar da compreensão estabelecida em relação à sua diferenciação da

¹⁶² “Double résultat aisément explicable: le sujet n'est pas un moi transcendental mais un être historique. Il est donc vain de se demander si la curiosité de l'historien ou la structure de l'histoire doivent être considérées en premier lieu, puisqu'elles renvoient l'une à l'autre”.

¹⁶³ “Telle est, en quelques mots, la distinction fondamentale que nous proposerions entre les deux types de savoir. Nous n'aurons d'ailleurs pas à l'utiliser, seule nous importera la différence entre **compréhension** (saisie d'une intelligibilité objectivement donnée) et **causalité** (établissement des règles causales selon la régularité des successions)”.

causalidade. Entretanto, Aron intenta aprimorá-la, considerando elementos existenciais, vale dizer, considerando a ideia de temporalidade.

*“A compreensão designa o conhecimento que tomamos da existência e das obras humanas pelo tempo em que permanecem inteligíveis sem a elaboração de regularidades causais”*¹⁶⁴ (ARON, 1986b, p. 59).

E quando a compreensão propriamente é possível? É aqui que interfere, consoante Aron, outro elemento fundamental para caracterizar a compreensão: a significação.

*“Falamos de compreensão quando o conhecimento libera uma significação que, imanente ao real, foi ou poderia ser pensada por aqueles que a viveram ou a realizaram”*¹⁶⁵ (ARON, 1986b, p. 59).

Uma vez definida a compreensão, Aron procura desenvolver os elementos importantes que darão sequencia à sua análise. É importante notar que experiência vivida e reflexão são dimensões fundamentais para entender o papel tanto da significação como da compreensão. Por essa via, ele acaba por elaborar certa lógica do procedimento compreensivista, buscando alcançar e defender aspecto universalmente válido para a compreensão. E sua defesa se funda na seguinte afirmação.

*“[...] toda filosofia da história parte do dado fundamental: o indivíduo em uma coletividade em transformação, que reflete sobre ele mesmo, sobre seu passado, sobre sua própria reflexão”*¹⁶⁶ (ARON, 1986b, p. 103).

Com o historiador não é diferente: está imerso em um processo histórico o qual intenta apreender. O que implica dizer que a ciência histórica tem ao mesmo tempo uma dimensão individual e outra coletiva.

*“O historiador pertence ao devir que ele reconstitui. Ele está situado após os eventos, mas na mesma evolução. A ciência histórica é uma forma da consciência que uma comunidade toma dela mesma, um elemento da vida coletiva, como o conhecimento de si um aspecto da consciência pessoal, um dos fatores do destino individual”*¹⁶⁷ (ARON, 1986b, p. 105).

¹⁶⁴ “La compréhension désigne la connaissance que nous prenons de l’existence et des oeuvres humaines si longtemps que celles-ci restent intelligibles sans élaboration de régularités causales”.

¹⁶⁵ “Nous parlons de compréhension lorsque la connaissance dégage une signification qui, immanente au réel, a été ou aurait pu être pensée par ceux qui l’ont vécue ou réalisée”.

¹⁶⁶ “[...] toute la philosophie de l’histoire sort du donné fondamental: l’individu dans une collectivité en devenir, qui réfléchit sur lui-même, sur son passé, sur sa propre réflexion”.

¹⁶⁷ “L’historien appartient au devenir qu’il retrace. Il est situé après les événements, mais dans la même évolution. La science historique est une forme de la conscience qu’une communauté prend d’elle-même,

Entretanto, mesmo considerando um aspecto individualizante do procedimento do conhecer, não podemos cair na relatividade individual. Aron chama nossa atenção para o fato de que, mesmo considerando o ato de um sujeito histórico ou uma obra cultural, fazemos uso de conceitos que, na maior parte das vezes, não fomos nós que os criamos. E isso implica reconhecer que há uma lógica e uma realidade social acima das consciências individuais. Em todo caso, os signos disponíveis na linguagem comum acabam tendo uma valoração distintiva para cada indivíduo no seu uso concreto.

*“Para comunicar, os homens utilizam sistemas de signos que eles recebem de fora. Assim uma palavra tem uma significação objetivamente fixada (por convenção, uso, etc.), mas o sentido que lhe dá este ser determinado que a emprega em tal momento difere sempre mais ou menos da significação comum”*¹⁶⁸ (ARON, 1986b, p. 109).

Tal aspecto é realçado por Aron, considerando uma relação linguística entre contemporâneos. Quando a mesma questão é colocada numa relação extemporânea, a distinção de significados se agrava e o problema histórico passa a ser de outra ordem.

*“Quando os interlocutores estão separados por séculos, a única interpretação da linguagem implica uma reconstrução de sistemas utilizados, pela época ou por tal pessoa, sem que jamais esteja assegurado alcançar a impressão singular que se traduziu de maneira talvez evidente para os contemporâneos”*¹⁶⁹ (ARON, 1986b, p. 109).

Assim, desembocamos na obrigação de reconhecer o que Aron chama de pluralidade de sistemas de interpretação. Esta remete à dificuldade de apreensão do processo histórico em sua totalidade, uma vez que este é produto do homem, cuja natureza é errante e a capacidade analítica finita diante da realidade histórica infinita. Com isso, chegamos a um dos temas mais importantes para o autor: a dissolução do objeto.

un élément de la vie collective, comme la connaissance de soi un aspect de la conscience personnelle, un des facteurs de la destinée individuelle”.

¹⁶⁸ *“Pour communiquer, les hommes utilisent des systèmes de signes qu’ils reçoivent du dehors. Ainsi un mot a une signification objectivement fixée (par convention, usage, etc.), mais le sens que lui donne cet être déterminé qui l’emploie à tel moment diffère toujours plus ou moins de la signification commune”.*

¹⁶⁹ *“Lorsque les interlocuteurs sont séparés par des siècles, la seule interprétation du langage implique une reconstruction de systèmes utilisés, par l’époque ou par telle personne, sans que jamais on soit assuré d’atteindre l’impression singulière qui s’est traduite de manière peut-être évidente aux contemporains”.*

*“Uma idéia fundamental se destaca, parece-nos, das análises precedentes: a **dissolução do objeto**. Não existe uma **realidade histórica**, toda feita antes da ciência, que conviria simplesmente reproduzir com fidelidade. A realidade histórica, por que é humana, é **equivoca e inesgotável**”*¹⁷⁰ (ARON, 1986b, p. 147).

É importante registrar que tais considerações vão fazer com que Aron seja considerado irracionalista e relativista. Mas ele não se detém neste ponto, deseja superar o relativismo. Aron admite que compreensão deve ser considerada imersa no movimento histórico do homem. Por conseguinte, não podemos deixar de levar em consideração que toda e qualquer tentativa de interpretação histórica – de ideias, fatos e instituições - passa necessariamente pela racionalização retrospectiva.

Passando para Seção III do *Introduction - Le devenir humain et la pensée causale* -, sua composição se dá na seguinte ordem: 1ª parte, *Les événements et la causalité historique*; 2ª parte, *Les régularités et la causalité sociologique*; e a 3ª parte, *Le déterminisme historique*. Nesta Seção, Aron coloca em questão o pensamento positivista sociológico, o qual leva em conta a causação formal, desconsiderando as intenções e motivações do homem propriamente. É portanto, nesta parte que Aron criticará a concepção sociológica de Émile Durkheim, como também colocará em evidência as imperfeições do trabalho de François Simiand, sobretudo em termos da não diferenciação entre epistemologia e metodologia. Mais uma vez, Aron reafirma as distinções lógicas entre compreensão e causalidade.

*“[...] estas observações iniciais bastam para distinguir compreensão e causalidade. Aquela se prende à inteligibilidade intrínseca dos motivos, dos móveis e das ideias. Esta visa antes de tudo a estabelecer vínculos necessários observando regularidades”*¹⁷¹ (ARON, 1986b, p. 197).

Entretanto, destaca que a causalidade histórica tem dimensões formais e materiais.

“Os problemas da causalidade histórica uns são formais, e outros materiais. ‘Qual é a ação na história das massas e dos grandes homens, das ideias e dos interesses?’ Tais

¹⁷⁰ “Une idée fondamentale se dégage, nous semble-t-il, des analyses précédentes: **la dissolution de l’objet**. Il n’existe pas une **réalité historique**, toute faite avant la science, qu’il conviendrait simplement de reproduire avec fidélité. La réalité historique, parce qu’elle est humaine, est **équivoque et inépuisable**”.

¹⁷¹ “[...] ces remarques initiales suffisent à distinguer compréhension et causalité. Celle-là s’attache à l’intelligibilité intrinsèque des motifs, des mobiles et des idées. Celle-ci vise avant tout à établir des liens nécessaires en observant des régularités”.

questões são materiais. Nós consideramos como formais as questões relativas à noção lógica da causalidade histórica”¹⁷² (ARON, 1986b, p. 197).

É importante notar que Aron não adere a uma associação esquemática entre forma e sociologia e conteúdo e história. Tal diferenciação acaba por estabelecer lacuna intransponível entre os dois campos de saber, como é proposto por Émile Durkheim. Por isso, Aron tece ostensiva crítica lógica ao formalismo sociológico de Durkheim.

“Durkheim considera que a explicação histórica não é uma verdadeira explicação científica. Pensa que se pode explicar os fenômenos sociais pelas condições concomitantes. Chega mesmo a dizer que, se o meio social não explica os fenômenos observados num determinado momento da história, é impossível estabelecer uma relação de causalidade. De certa maneira, a causalidade eficiente do meio social representa, para Durkheim, a condição da existência da sociologia científica” (ARON, 2000, pp. 331 e 332).

Na verdade, chegamos ao ponto de pensar que Aron não considera a sociologia como elemento importante para a explicação de coisas do passado. De fato, sua conclusão parcial quanto à sociologia é bastante negativa.

*“Poderíamos dizer, em um sentido geral, que todas as relações causais são, em sociologia, parciais e prováveis, mas estas características tomam, segundo o caso, um valor diferente. As causas naturais não implicam jamais efeitos necessários por que a natureza jamais impõe às sociedades humanas tal ou qual instituição exatamente definida. As causas sociais são mais ou menos adequadas, e não necessárias, por que raramente um efeito depende de uma só causa, porque, em todo caso, o determinismo parcial não se desenrola regularmente senão numa constelação singular que jamais se reproduz exatamente”*¹⁷³ (ARON, 1986b, p. 281).

A preocupação de Aron vai mais adiante, pois é concernente aos elementos que estabelecem a definição de ciência, comprometendo o entendimento de

¹⁷² “Les problèmes de la causalité historique sont les uns formels, les autres matériels. ‘Quelle est l’action en histoire des masses et des grands hommes, des idées et des intérêts?’ De telles questions sont matérielles. Nous considérons comme formelles les questions relatives à la notion logique de la causalité historique”.

¹⁷³ “On pourrait dire, en un sens général, que toutes les relations causales sont, en sociologie, partielles et probables, mais ces caractères prennent, selon les cas, une valeur différente. Les causes naturelles n’impliquent jamais des effets nécessaires parce que la nature n’impose jamais aux sociétés humaines telle ou telle institution exactement définie. Les causes sociales sont plus ou moins adéquates, et non nécessaires, parce que rarement un effet dépend d’une seule cause, parce que, en tout cas, le déterminisme parcellaire ne se déroule régulièrement que dans une constellation singulière qui ne se reproduit jamais exactement”.

sua natureza e, até mesmo, de sua aplicabilidade. De forma que coloca em questão a definição de ciência que tem por base a explicação causal, característica da sociologia positivista durkheimiana.

*“[...] a definição da ciência pela causalidade apresenta uma característica problemática e paradoxal: em algumas disciplinas sociais a descrição ou a compreensão importam mais que as pretendidas necessidades; em todas, a construção conceitual precede ou acompanha a investigação causal; por fim, em nenhuma, [a investigação causal] é suficiente por si mesma, quer invoque uma teoria racional ou exija uma sistematização”*¹⁷⁴ (ARON, 1986b, p. 282).

Aron entende que ciência fundada exclusivamente nas relações causais não dá conta de explicar a condição do ator histórico, ou do homem de ação. Ele argumenta no sentido de superar a dicotomia entre saber sociológico e saber histórico, mas sua crítica é dirigida a um tipo de sociologia que não reflete acerca do homem no processo histórico. Suas preocupações com relação à imputação causal no campo da história fazem com que ele reflita sobre a questão do determinismo histórico.

*“Não existe o primeiro motor do movimento histórico total, tal seria, em uma palavra, a conclusão de nosso estudo”*¹⁷⁵ (ARON, 1986b, p. 316).

Tal observação é importante, pois Aron espera resgatar o homem e sua condição na análise histórica. E é por tal razão que sua concepção de conhecimento histórico corresponde, ao mesmo tempo, aos fundamentos de uma ciência da política.

*“No lugar de definir a causa como o antecedente constante, concebe-se o determinismo à luz do determinismo físico, sob a forma mais rígida”*¹⁷⁶ (ARON, 1986b, p. 318).

De acordo com Aron, leis na história acabam por alijar o homem da análise, restando a ele uma condição reativa diante de um determinismo extra humano.

“A pesquisa causal se orienta espontaneamente na direção das situações em que a pessoa desaparece. Instituições e costumes, movimentos históricos (cristianismo, nacional-socialismo), evoluções coletivas, em todos esses exemplos, as paixões

¹⁷⁴ “[...] la définition de la science par la causalité présente un caractère problématique et paradoxal: dans certaines disciplines sociales la description ou la compréhension importent plus que les prétendues nécessités, dans toutes la construction conceptuelle précède ou accompagne l’enquête causale, nulle part enfin celle-ci ne se suffit à elle-même, soit qu’elle appelle une théorie rationnelle soit qu’elle exige une systématisation”.

¹⁷⁵ “*Il n’y a pas de premier moteur du mouvement historique total, telle serait, d’un mot, la conclusion de notre étude*”.

¹⁷⁶ “*Au lieu de définir la cause comme l’antécédent constant, on conçoit le déterminisme à la lumière du déterminisme physique, sous la forme la plus rigide*”.

particulaires estão subordinadas às paixões comuns, as condutas de cada um no fim atribuídas a todos”¹⁷⁷ (ARON, 1986b, p. 323).

Estas são, em resumo bastante sintético, as questões que sugerem elementos fundamentais na elaboração da crítica aroniana da razão histórica. Uma vez colocadas tais questões, desenvolvidas nas primeiras Seções do *Introduction*, chegamos, então, à Seção IV: *Histoire et Verité*. O título da Seção já nos dá as indicações para o tema que será desenvolvido: a tensão entre história e verdade. De fato, esse objetivo é devidamente assinalado.

*“A antítese dos dois termos **história** e **verdade** constitui o tema único desta última seção*”¹⁷⁸ (ARON, 1986b, p. 333).

Entretanto, não deixa de ser, em grande medida, a reiteração da questão fundamental que percorre o livro, como o próprio assim observa.

*“Nós retomamos de início nossa interrogação fundamental: até que ponto chegamos a apreender objetivamente o passado?”*¹⁷⁹ (ARON, 1986b, p. 333).

Até que ponto podemos apreender objetivamente o passado? Na tentativa de buscar uma resposta para tal questão, Aron se depara com uma situação ao mesmo tempo desafiadora e equívoca. Não pode declinar da constatação de que a teoria da história, ao questionar a apreensão objetiva do passado, se confunde com a teoria do homem. Ora, teorizar sobre o homem e sobre sua condição é próprio do exercício filosófico; assim, para Aron, a teoria da história se confunde com a filosofia, por isso a teoria do homem desemboca necessariamente em uma filosofia. De forma que história e filosofia seriam inseparáveis, ou pelo menos não excludentes entre si. Tal pressuposto permeará toda a discussão proposta por Aron: a indissociabilidade entre história e filosofia.

“[...] a teoria da história se confunde com uma teoria do homem, isto é, uma filosofia. História e filosofia seriam duplamente inseparáveis: por um lado, a evolução das interpretações históricas estaria subordinada àquela das filosofias, por outro, as

¹⁷⁷ “*La recherche causale s’oriente spontanément vers les situations où la personne disparaît. Institutions et coutumes, mouvements historiques (christianisme, national-socialisme), évolutions collectives, dans tous ces exemples, les passions particulières sont subordonnées aux passions communes, les conduites de chacun au but assigné à tous*”.

¹⁷⁸ “*L’antithèse des deux termes **histoire** et **verité** constitue le thème unique de cette dernière section*”.

¹⁷⁹ “*Nous reprenons d’abord notre interrogation fondamentale: jusqu’à quel point parvenons-nous à saisir objectivement le passé?*”

*transformações das sociedades determinariam as concepções de mundo, ao mesmo tempo causas e parcialmente objetos destas*¹⁸⁰ (ARON, 1986b, p. 333).

Acompanhando a argumentação de Aron, podemos verificar que a reflexão sobre o conhecimento histórico conduz à reflexão sobre o homem. Buscá-la exaustivamente é um trabalho exigente e inesgotável. Todavia, declinar de tal reflexão seria abrir mão do verdadeiro exercício filosófico.

Ademais, devemos observar que a evolução do conhecimento histórico, por um lado, está subordinada à evolução das filosofias; por outro, as transformações da sociedade são determinantes nas concepções de mundo. É visível a relação dialética aqui presente e que sugere a possibilidade do desenvolvimento de uma concepção filosófica existencial da história. Não só podemos inferir tal ideia, mas, de fato, constatá-la mediante a observação que é devidamente colocada pelo próprio Aron em nota da introdução da Seção IV.

*“Toda esta seção não é mais que um esboço. Ela indica os problemas e sugere soluções. Para aprofundar aqueles, para demonstrar estas, seria preciso sair do quadro que nós traçamos, relacionar estas reflexões a sua origem (a situação histórica), prolongá-las em direção a seu fim (uma concepção filosófica da existência)”*¹⁸¹ (ARON, 1986b, p. 333n).

Portanto, dizer que o homem tem uma história implica considerar filosoficamente a condição deste mesmo homem na história. Tendo por base tais reflexões, Aron parte para explorar tanto os limites da objetividade histórica¹⁸², quanto os limites do relativismo histórico, respectivamente, na 1ª e 2ª Partes da Seção IV do

¹⁸⁰ “[...] *la théorie de l’histoire se confond avec une théorie de l’homme, c’est-à-dire une philosophie. Histoire et philosophie seraient doublement inséparables: d’une part l’évolution des interprétations historiques serait subordonnées à celle des philosophies, d’autre part les transformations des sociétés détermineraient les conceptions du monde, à la fois causes et partiellement objets de celles-ci*”.

¹⁸¹ “*Toute cette section n’est qu’une esquisse. Elle indique les problèmes et suggère des solutions. Pour approfondir ceux-là, pour démontrer celles-ci, il faudrait sortir du cadre que nous nous sommes tracé, ramener ces réflexions à leur origine (la situation historique), les prolonger vers leur fin (une conception philosophique de l’existence)*”.

¹⁸² Antes de adentrarmos ao assunto propriamente, vale registrar a diferenciação que notamos no sumário da edição de 1938 (ARON, 1986b, p. 458) ao cotejarmos com o sumário da edição de 1948, republicada em 1981, e da edição de 1986. Enquanto a primeira parte da Seção IV da edição de 1938 tinha por título: *Les limites de la science objective du passé*; a mesma primeira parte da Seção IV, na edição de 1948, passa a ter uma nomenclatura diferente: *Les limites de l’objectivité historique*. Especulamos que a alteração da nomenclatura teve como intento facilitar o paralelismo entre a primeira parte e a segunda parte, cuja designação, sendo *Les limites du relativisme historique*, deixa mais perceptível a confrontação de ambas as partes. Parece-nos que com tal alteração ganhou-se mais evidência o fato de que Aron não se posiciona completamente nem em uma nem outra postura. Todavia, deixamos claro, tratar-se apenas de uma especulação de nossa parte que se abriu em função da constatação da alteração da designação desta parte da Seção IV do livro *Introduction*.

livro. Um vez desenvolvida tal argumentação, passa a refletir sobre a condição do homem na história na 3ª Parte da mesma Seção: *L'homme et l'histoire*. É importante registrar que o objetivo fundamental da Seção IV é buscar a síntese das análises apresentadas nas Seções II e III, respectivamente, compreensão, elemento que pode estar relacionado ao historicismo relativista, e explicação causal, cuja natureza alija o aspecto humano do movimento histórico. Nos capítulos das Seções II e III, tais assuntos foram submetidos a exaustivas análises, todavia de modo independente, de maneira que os termos e as dimensões analíticas se excluía mutuamente (ARON, 1986b, p. 335). Na Seção IV, as reflexões de Aron a respeito do conhecimento histórico e sociológico têm como objetivo superar o dualismo entre compreensão e explicação, refletindo em termos de sua complementaridade, e não como dimensões mutuamente excludentes ou isoladas.

2.2. Os limites da objetividade histórica

Para Aron, as estruturas interpretativas que se desenvolvem a partir da ideia de colaboração e complementação entre causalidade e compreensão são concernentes à própria estrutura da história.

*“[...] ou a história encadeia os eventos e as idéias segundo a lógica imanente do real, ou elabora relações causais segundo a regularidade das consecuições, sem levar em conta a inteligibilidade das vontades humanas”*¹⁸³ (ARON, 1986b, p. 335).

Não se trata de admitir a distinção ou a exclusão mútua entre as duas possibilidades de ver a história: a primeira como o encadeamento de acontecimentos e de ideias consoante à realidade, ou seja, compreensivismo; tampouco tornar absoluta a ideia de que seja a história o resultado de relações causais conforme a regularidade das sequências, desconsiderando a inteligibilidade dos homens, o que está diretamente associado ao determinismo causal.

A fim de passar da análise para a síntese, Aron admite a possibilidade hipotética de exaustão tanto de uma como de outra postura, não restando senão buscar a aproximação, ou a harmonização, entre compreensão e causalidade. Em outros termos, devemos colocar a seguinte questão: quando uma se exaure, podemos passar a utilizar a outra? E se podemos fazer tal passagem, caberia saber como ambas se complementam. Com isso, abrem-se três problemas fundamentais na comparação entre compreensão e causalidade. O primeiro diz respeito ao problema de fato: combinação e complementação entre compreensão e causalidade. O segundo, o problema lógico, concerne a indagar se toda e qualquer relação compreensiva, para alcançar o *status* científico, deve ser verificada em termos causais. E, por fim, o problema filosófico investiga se os dados estabelecidos mediante laços causais seriam são opacos à inteligência do historiador (ARON, 1986b, p. 337).

A fim de refletir sobre tais problemas, Aron apresenta preliminarmente a posição de Max Weber, que aponta para a verificação causal três funções distintas: permitir a passagem do tipo ideal para o caso particular, do racional para o real, e ainda, passar da pluralidade das interpretações verossímeis à unidade da interpretação verdadeira. Todavia, Aron não concorda integralmente com a proposta de Weber,

¹⁸³ *“[...] ou bien l’histoire enchaîne les événements et les idées selon la logique immanente au réel, ou bien elle élabore des relations causales selon la régularité des consécutions, sans tenir compte de l’intelligibilité des volontés humaines”*.

sobretudo no que diz respeito à terceira função apresentada, aquela concernente à passagem da pluralidade para a unidade. No campo da história, o historiador não tem certeza, diante das várias interpretações plausíveis, para orientar a escolha daquela que assumirá a condição de verdadeira.

*“A solução lógica de Weber vale, portanto, somente para os casos em que a análise causal é exterior à tradução conceitual, ela não vale nem para a compreensão autônoma, nem para a síntese da compreensão e da causalidade”*¹⁸⁴ (ARON, 1986b, p. 341).

Quando o historiador escolhe uma entre várias interpretações possíveis, a verificação desse processo não se dá necessariamente em termos causais ou explicacionistas. Essa decisão que implica uma escolha é o ponto fundamental. Aron coloca tal questionamento pensando em Weber, mas atinge certamente a tradição durkheiminiana. E vai adiante, ao afirmar que tal característica não é específica da história, mas própria das ciências humanas como um todo. No caso da história, a verdade que será eleita simplesmente é condizente com os documentos dispostos para o historiador, de forma que não se trata de uma situação que se enquadre em uma relação geral de caráter causal. Muitas vezes, o historiador busca uma verdade de outra natureza, por exemplo, espera mostrar o móbil, ou seja, o elemento que induz ou incita alguém a tomar certa ação. Aron não descarta a ideia de que há certo psicologismo na atividade do historiador. Evidentemente, este por vezes converter-se-á em sociólogo, e, então, apresentará uma proposição geral. Aquilo para o que faz questão de chamar a atenção, de fato, é a existência de certa alternância entre esses dois processos. Mas, ao mesmo tempo, não deixa de evidenciar a inversão da operação científica no caso do historiador. Ou seja, no exercício do desenvolvimento do conhecimento histórico, o historiador não vai do tipo para o particular, mas sim, extrai do documento o tipo que corresponde à conduta individual ou coletiva (ARON, 1986b, p. 339).

*“O historiador não vai do tipo ao particular, ele extrai dos fatos (dos documentos) o tipo que corresponde à conduta individual ou coletiva e que, considerada como uma interpretação compreensiva, não exige outra prova”*¹⁸⁵ (ARON, 1986b, p. 339).

¹⁸⁴ “La solution logique de Weber vaut donc seulement pour les cas où l'analyse causale est extérieure à la traduction conceptuelle, elle ne vaut ni pour la compréhension autonome, ni pour la synthèse de la compréhension et de la causalité”.

¹⁸⁵ “[...] l'historien ne va pas du type au particulier, il extrait des faits (ou des documents) le type qui correspond à la conduite individuelle ou collective et qui, considérée comme une interprétation compréhensive, n'exige pas d'autre preuve”.

Avançando em sua análise, Aron afirma que as formas de explicação histórica não esgotam a antítese compreensão-causalidade. Todavia, não deixa de considerar que compreensão e causalidade ainda são as modalidades de maior possibilidade para toda explicação. Sendo assim, propõe, então, descrever de forma teórica a colaboração dos dois procedimentos, tanto em história como em ciências sociais (ARON, 1986b, p. 341).

O campo da história pode admitir que um ato individual seja algo completamente diferente daquele que as circunstâncias do presente pudessem permitir prever. Mais ainda, tal ato implicaria uma novidade, pois também não se relaciona com os antecedentes tanto do meio social como da própria pessoa individual. Em tais situações de análise histórica, o historiador vê-se inclinado a focar no momento da decisão do ator histórico. Embora não haja absolutamente nenhuma correlação do ato com o presente ou com o passado, Aron afirma que o mesmo representa “[...] *a transcendência progressiva do devir dos indivíduos* [...]”¹⁸⁶ (ARON, 1986b, p. 341). Tal afirmação se apóia na condição do próprio ato: inseguro, aberto e ao mesmo tempo datado.

No campo das ciências sociais, há, na verdade, contínua colaboração entre explicação e compreensão, tendo por base fundamentalmente o esquema de Weber apresentado anteriormente. Ainda, o esforço da construção racional não rompe com as evidências da vida cotidiana, mas estabelece certo desnível entre um tipo ideal e um tipo concreto. Contudo, Aron está preocupado com o fato de que o historiador não faz uso generalizado das abstrações da sociologia. O objetivo do historiador é apreender a experiência vivida, esperando tornar inteligíveis os atos humanos.

“*Ele se limita a seguir os eventos, a simpatizar com as consciências e, pela escolha e organização dos dados, a tornar inteligíveis existências e destinos*”¹⁸⁷ (ARON, 1986b, p. 342).

Afirma Aron que uma história unicamente com tais características, ou seja, exclusivamente compreensiva é completamente possível e concebível. Porém, chama a atenção para a idéia de que não podemos dizer o mesmo de uma ciência social unicamente causal. Uma história como ciência, ou mesmo qualquer ciência social, exclusivamente causal, não seria humana.

¹⁸⁶ “[...] *la transcendance progressive du devenir aux individus* [...]”.

¹⁸⁷ “*II se borne à suivre les événements, à sympathiser avec les consciences et, par le choix et l'organisation des données, à rendre intelligibles existences et destinées*”.

Uma consequência direta de tais reflexões é que o historiador fixa seu objetivo em um tipo particular de causa: os motivos ou os móveis individuais. Todavia, Aron acredita que tal conclusão é inexata, ou melhor, insuficiente, pois o historiador não deixa de observar antecedentes e instituições. Ademais, o historiador não declina da ambição de apreender a estrutura da totalidade histórica. Ou seja, não basta uma história compreensivista para o pleno entendimento humano, ou mesmo para o pleno desenvolvimento do conhecimento histórico.

*“Mas a ambição do historiador não é apanhar a estrutura da totalidade histórica? A questão que nós tínhamos anunciado muitas vezes se apresenta de novo”*¹⁸⁸ (ARON, 1986b. p. 343).

Entendemos que não há como fugir das questões colocadas por Aron. E, neste caso, a questão que fora colocada e que deve ser explorada é a seguinte:

*“Em outros termos, qual é o lugar, na estrutura do mundo histórico, da racionalidade e da necessidade?”*¹⁸⁹ (ARON, 1986b. p. 337).

E neste ponto, devemos reconhecer a originalidade de Aron, pois há considerável nível de refinamento argumentativo nas questões, ou melhor, de aprimoramento das problematizações.

*“A combinação no real das relações necessárias e das condutas inteligíveis, a colaboração da compreensão e da causalidade, permitem ultrapassar a pluralidade das racionalizações retrospectivas e dos determinismos fragmentários?”*¹⁹⁰ (ARON, 1986b. p. 343).

Com essas questões, adentramos com Aron na problematização da estrutura do mundo histórico¹⁹¹. A título preambular, devemos notar que Aron faz questão de lembrar que na Seção II do *Introduction - Le devenir humain et la compréhension historique* - foi possível desenvolver argumentação acerca de testemunhas, atores e historiadores apresentarem diferentes interpretações para os mesmos acontecimentos, ou seja, uma pluralidade de considerações a respeito do

¹⁸⁸ “Or, l’ambition de l’historien n’est-elle pas de saisir la structure de la totalité historique? La question que nous avons annoncée plusieurs fois se présente à nouveau”.

¹⁸⁹ “En d’autres termes, quelles est la place, dans la structure du monde historique, de la rationalité et de la nécessité?”

¹⁹⁰ “La combinaison dans le réel des relations nécessaires et des conduites intelligibles, la collaboration de la compréhension et de la causalité, permettent-elles de dépasser la pluralité des rationalisations rétrospectives et des déterminismes fragmentaires?”

¹⁹¹ *La structure du monde historique* é o título do segundo capítulo da primeira parte da Seção IV do *Introduction*. Seguimos, aqui, a nomenclatura adotada pelo próprio Aron.

mesmo evento. O objetivo fundamental desta parte da argumentação aroniana é não só discutir a dialética entre a pluralidade e a totalidade, mas, sobretudo, ultrapassá-la. Aron defende que não há método, nem sintético nem dialético, que resolva o problema da pluralidade em unidade, tanto no que diz respeito aos fatos como também no plano das idéias. Ademais, a pluralidade de considerações é de fato a pluralidade de visões construídas.

Concernente à ideia de que há um determinismo global acima da possibilidade de construção do historiador, ou seja, a ideia de que há uma estrutura externa e determinante sobre as ações dos atores e observadores, diz Aron, que tal ideia permaneceu intacta, até o momento em sua argumentação, e que valeria a pena, então, discuti-la a fim de apreender seus limites (ARON, 1986b, p. 344). Para tanto, admite, inicialmente, que será empregado o termo estrutura com referência à vida econômica. Todavia, adverte que nem uma sociedade total nem o devir podem ser reduzidos às relações da economia. Como a descrição estrutural da sociedade capitalista mostra a tendência à manutenção de tal sociedade, tal estrutura se aplica a uma sociedade capitalista ideal ou é um corte transversal no tempo? (ARON, 1986b, p. 345). A transformação progressiva das relações sociais, condição própria do devir histórico, implica não só considerações de caráter material, mas também, aspectos do mundo da moral. Esse dado é importante, pois Aron, ao descrever uma maneira de viver, lembra-nos de que devemos levar em conta certos aspectos ligados a preferências ou juízos de valor que não são redutíveis ao determinismo material. Ou seja, a estrutura da história não pode ser reduzida à dimensão econômica, pois a vida não se limita a questões materiais, mas inclui também juízos de valor. Podemos indagar, neste ponto, se Aron não está abrindo discussão concernente ao antecedente ontológico do conhecimento histórico, discussão própria da epistemologia da ciência. Entretanto, a constatação fundamental de Aron é o alijamento da totalidade econômica como unidade da pluralidade societária.

Aron observa que a redução da vida à dimensão econômica marginaliza reações políticas, tradições e disposições individuais não materiais. Todavia, não descarta completamente a relação entre estrutura e determinismo, pois reconhece e admite que a estrutura do mundo histórico é determinada, parcialmente, ou fragmentariamente, pelo meio em que se encontram os atores e sujeitos do período estudado. De fato, Aron não nega tal consideração.

“A estrutura do mundo histórico é aquela do determinismo”¹⁹² (ARON, 1986b. p. 345).

E, neste caso, Aron intenta deixar claro que não se trata de um determinismo total, mas sim de um determinismo parcial, ou como ele mesmo insiste, fragmentário (ARON, 1986b. p. 343).

Contudo, parece-nos razoável chamar a atenção para o fato de que considerações desta natureza, ou seja, a reflexão crítica a respeito da imputação da estrutura determinante da vida social à dimensão exclusivamente econômica, já fora alvo de questionamento por Max Weber em 1904, a quem, Aron se coloca como seguidor.

“Hoje em dia, não é preciso explicar a um especialista que esta interpretação dos fins da análise econômica da cultura era resultante, em parte, de uma determinada conjuntura histórica que orientou o interesse científico para certos problemas culturais ‘economicamente condicionados’, e, em parte, também, de um forte apego à especialidade científica. Achamos que é necessário demonstrar que esta interpretação, nos dias de hoje, está pelo menos ultrapassada. Em nenhum setor dos fenômenos culturais se pode reduzir tudo a causas econômicas, nem sequer no setor específico dos ‘fenômenos econômicos’” (WEBER, 1992, p. 123).

Devemos chamar a atenção para o fato de que reflexões dessa ordem, quanto à consideração da economia como base causal para o entendimento da vida social, não é Aron a apresentá-las pela primeira vez. Todavia, consideramos haver originalidade na argumentação que desenvolve a partir de tal questão. Salienta que se trata de certo tipo de determinismo do meio. Com isso, estaria saindo da idéia de objetivismo para a de subjetivismo, ou mais especificamente para a de relativismo? Não necessariamente, como será visto. Segundo sua concepção, o objetivismo implica que o meio determina as ações do homem e, com isso, permitiria certa previsibilidade. Mas tal condição, adverte-nos, é própria de alguns setores da sociedade mas não de toda a existência humana.

“Adotamos assim a tese subjetivista contra o objetivismo? Este implica que o meio determina os homens ou que sua reação seja unívoca e previsível. Essas condições são dadas em certos setores da sociedade, mas não na existência como um todo (não mais na existência individual do que na existência coletiva). Nem a realidade dos conjuntos

¹⁹² “La structure du monde historique est celle du déterminisme”.

*parciais nem a objetividade dos determinismos fragmentários excluem a incoerência dos fatos parciais e a incerteza do todo*¹⁹³ (ARON, 1986b, p. 345).

Portanto, consoante o pensamento de Aron, um dos aspectos fundamentais da estrutura do mundo histórico é ligada ao determinismo parcial do meio. Todavia, tal condição não elimina a incoerência e a incerteza da existência humana, a “*incoerência dos fatos*” e a “*incerteza do todo*”.

Outro aspecto ligado ao problema da estrutura é concernente à relação entre ideias e realidade. Para dar andamento à sua argumentação, Aron afirma que devemos levar em conta a necessidade de analisar a pluralidade dos sistemas de interpretação. Tal consideração implica chegar logicamente a conclusões filosóficas. As questões que se colocam neste campo são concernentes à situação do homem imerso nas condições de seu tempo e de seu espaço, ambos definidos socialmente.

*“Os valores espirituais são, enquanto tais, transcendentais à sua origem e a toda realidade. O espírito é potência de criação e não simples reflexo do mundo ou expressão de forças irracionais”*¹⁹⁴ (ARON, 1986b, p. 346).

No caso das idéias, portanto, devemos levar em conta que o espírito exerce de fato uma dimensão criadora à medida que não se reduz a um reflexo ou mera expressão do exterior. A idéia em si é impotente, ou seja, não representa uma proposição concreta; só ganha evidência efetiva e concretude quando é convertida em convicção pelo espírito, tornando-se assim força histórica. Infelizmente, não há como avaliar seu poder de antemão. Portanto, não há apenas escolha como móbil da ação histórica, há também criação, pois esta é própria da natureza do espírito.

Diante desse quadro, fica evidente que, para analisar verdadeiramente a influência das ideias, é razoável considerar o que foi realizado e o que poderia ter sido realizado ou mesmo motivado por outro ideário. O que implica retornar às considerações sobre a questão da causalidade histórica a qual admite soluções particulares e sempre prováveis. Para Aron, o problema que se apresenta mais uma vez é o problema da pluralidade.

¹⁹³ “Adoptons-nous ainsi la thèse subjectiviste contre l’objectivisme? Celui-ci implique que le milieu détermine les hommes ou que la réaction de ceux-ci soit univoque et prévisible. Ces conditions sont données dans certains secteurs de la société, mais non dans l’existence tout entière (pas plus dans l’existence individuelle que dans l’existence collective). Ni la réalité d’ensembles parties, ni l’objectivité de déterminismes fragmentaires n’excluent l’incohérence des faits parcellaires et l’incertitude du tout”.

¹⁹⁴ “Les valeurs spirituelles sont, en tant que telles, transcendantales à leur origine et à toute réalité. L’esprit est puissance de création et non simple reflet du monde ou expression de forces irrationnelles”.

*“Pluralidade dialética, se quiserem: entre as situações e as vontades humanas, entre a realidade e a idéia, estabelece-se por ação recíproca um tipo de solidariedade, assimilável não a um determinismo bruto ou a uma reprodução estéril, mas a reação criativa de um ser consciente”*¹⁹⁵ (ARON, 1986b, p. 347).

É importante notar que Aron não se contenta com a constatação de tal pluralidade. Vale dizer que, embora nos deparemos com a relação dialética entre as situações e as vontades humanas, insiste na ideia de solidariedade entre ambas. Não se trata de oposição exclusiva, mas de complementação necessária. Esta, por sua vez, dá-se em função de ação e reação contínua e criadora do indivíduo na história.

*“Regularidades apenas aparecem no nível macro-sociológico: quando eventos são abordados no nível micro-sociológico, o determinismo é relativizado e a eficácia das decisões individuais e o jogo do acaso se tornam imediatamente aparentes. Há, na terminologia de Aron, um **determinismo probabilístico** ou **aleatório** que deixa aberta a margem de liberdade humana essencial para a razão política”*¹⁹⁶ (ANDERSON, 1997, p. 39).

Todavia, é muito enfático: a dispersão, a fragmentação, não elimina a unidade; por tal razão é que devemos designar tal estrutura como dialética. Ou seja, por um lado, considera certa fragmentação do determinismo, levando em conta os aspectos formal e material: formal em função da contradição existente entre o sistema e a análise, e material, tendo por base a impossibilidade de fixar as consequências de um acidente ou de compor os movimentos históricos. Por outro, adverte que em toda sociedade há uma unidade das interações que se impõe à vida coletiva e da evolução que arrasta a todos, seja uma nação, ou uma civilização. Sendo assim, a realidade é total, porém escapa de ser elaborada em síntese única. É inapreensível e até mesmo inefável. Tal consideração, enfatizamos, será característica precípua das argumentações de Aron em todo debate no qual estará envolvido, sustentando sua moderação. Em outras palavras, a relação entre criação e universalidade humanas é a base para a refutação de esquemas reflexivos totalitários.

¹⁹⁵ *“Pluralité dialectique, si l'on veut: entre les situations et les volontés humaines, entre la réalité et l'idée, s'établit par action réciproque une sorte de solidarité, assimilable non à un déterminisme brut ou à une reproduction stérile, mais à la réaction créatrice d'un être conscient”*.

¹⁹⁶ *“Regularities appear only at the macro-sociological level: when events are approached on the micro-sociological level, determinism is relativised and the efficacy of individual decisions and the play of chance are immediately apparent. There is, in Aron's terminology, a **probabilistic** or **aleatory** **determinism** that leaves open the margin of human freedom essential to political reason”*.

*“A realidade é portanto sempre total já que a cada instante e na duração, ela revela uma organização singular, ela se presta a apreensões globais e no entanto escapa a uma síntese única”*¹⁹⁷ (ARON, 1986b. p. 347).

Tal consideração é importante, pois em grande medida, Aron não espera, em seu trabalho, elaborar síntese que abarque toda a realidade, ou mesmo de resolva completamente a dualidade entre compreensão e explicação. Mas também não é purista a ponto de advogar ingenuamente a relatividade de todas as culturas. Reconhece a existência trágica do homem diante da pluralidade e da totalidade históricas. Para ele, não há como declinar de observar a oposição permanente entre a unidade do homem e a autonomia dos universos do espírito. Sendo assim, a dialética da pluralidade e totalidade está e estará sempre presente. Todas as unidades, do indivíduo ou da sociedade, têm sua realidade. Um homem diante de seus contemporâneos terá visão fragmentária, mas para o historiador este mesmo homem e seus contemporâneos podem compor o mesmo conjunto em função do espaço retrospectivo percorrido pelo historiador o qual em grande medida reduz as incoerências e os fragmentos. E tal processo demanda justificação por parte do historiador, pois não deixa de ser um ato de escolha.

Segundo Aron, pluralidade e totalidade se articulam de diferentes maneiras segundos os tempos e as estruturas sociais. É claro que pode haver o desejo de se buscar violentamente uma sociedade integralmente racionalizada, marxista ou nazista. Tal situação pode até reduzir a incoerência histórica. Mas a natureza da última etapa, adverte Aron, não é alterada, ou seja, jamais deixa de ter seu caráter provisório (ARON, 1986b, p. 348). A transitoriedade é parte das visões que buscam as concepções racionalmente construídas do todo ou da integração das individualidades. Tal situação, como será visto, remete a reflexões para o campo das condições da decisão política, pois não há doutrina mais nociva que a ilusão de advogar a si ou a uma corrente a capacidade racional de compor uma sociedade ideal, sobretudo quando se pensa presumindo a possibilidade de apreensão da totalidade da diacronia e da sincronia históricas.

Aron identifica oposições intrínsecas à estrutura da história humana e que são capazes, por um lado, de definir essa própria estrutura, e, por outro, de impor à existência humana uma condição dramática.

¹⁹⁷ *“La réalité est donc toujours totale, puisque, à chaque instant et dans la durée, elle révèle une organisation singulière, se prête à des saisies globales et pourtant échappe à une synthèse unique”*.

*“Esta oposição da pluralidade e das unidades complexas é tão decisiva quanto àquela dos acasos e das regularidades, do devir e da evolução: todas três reunidas definem a estrutura da história humana”*¹⁹⁸ (ARON, 1986b. p. 348).

Como se observa na citação, vemos três formas de oposição. A primeira é a oposição entre pluralidade e unidades complexas. Esta é própria do desenvolvimento argumentativo de Aron. Já a segunda, a relação entre o acaso e as regularidades, é concernente às reflexões do matemático francês Cournot¹⁹⁹; e, por fim, têm-se a oposição entre o devir e a evolução a qual compreende o duplo esforço de ver a verdade e compreender as singularidades humanas. Para Aron, as três oposições são próprias da estrutura da história humana. Porém, chama-nos a atenção para o fato de que a primeira oposição, entre pluralidade e unidades complexas, é aquela que demanda precisar as condições da escolha e da decisão política (ARON, 1986b, p. 348)

Mas Aron não quer dizer que somente para o ator histórico, ou político, deve-se considerar a primeira oposição: pluralidades *versus* unidades complexas. Para o observador histórico, historiador, cientista, até mesmo o sociólogo, é tão ou mais importante, pois o reconhecimento da pluralidade dos conjuntos concretos estabelece os limites da abstração do cientista, ou seja, do sujeito cognoscente, sobretudo quando este especula a respeito do porvir histórico. Assim, qualquer tentativa de totalidade histórica rompe inadvertidamente os limites de tal abstração, o que só seria possível com o fim da história do homem.

*“Cada totalidade é obra imperfeita (perfeita retrospectivamente) de uma humanidade, a unidade inteira equivale a um objetivo situado no infinito: a totalidade que abraçaria o filósofo se o homem tivesse esgotado sua história, terminado de criar e de criar a si mesmo”*²⁰⁰ (ARON, 1986b. p. 349).

A estrutura argumentativa do *Introduction* desemboca em assertivas que não nos permitem deixar de pensar os limites da objetividade histórica. Objetividade que muitas vezes fornece as bases para a fundamentação inadvertida das visões

¹⁹⁸ “*Cette opposition de la pluralité et des unités complexes est aussi décisive que celle des hasards et des régularités, du devenir et de l’évolution : toutes trois réunies définissent la structure de l’histoire humaine*”.

¹⁹⁹ Antoine-Augustin Cournot (1801-1877), matemático francês cujas reflexões sobre a probabilidade são utilizadas por Raymond Aron na Seção I, *Le passé et les concepts d’histoire*, do *Introduction*. Sobretudo, no primeiro capítulo, *Théorie et histoire (ordre et hasard)*, em que explora a relação entre regularidade e acaso.

²⁰⁰ “*Chaque totalité est l’oeuvre imparfaite (parfaite rétrospectivement) d’une humanité, l’unité entière équivaut à un but situé à l’infini: la totalité qu’embrasserait le philosophe si l’homme avait épuisé son histoire, fini de créer et de se créer lui-même*”.

totalizantes da história ou das filosofias da história²⁰¹. O terceiro capítulo da primeira parte da Seção IV, intitulado *Le devenir e l'existence*, trata dos limites da objetividade histórica propriamente²⁰².

No que diz respeito ao significado da expressão “*limites da objetividade*”, Aron admite inicialmente que sua definição pode ser apresentada de três formas distintas. A primeira delas estaria relacionada ao grau do abstracionismo generalista próprio da ciência: a partir de certo grau, as proposições passariam a não ser mais válidas para certos casos. A segunda forma é concernente ao papel do cientista ao estabelecer as hipóteses de trabalho, uma ação seletiva e voluntária de caráter absolutamente arbitrário, para então cotejá-las com a experiência concreta. Quanto à terceira forma, a proposta de Aron é considerar a simultaneidade das duas situações anteriores, ou seja, tanto do abstracionismo generalista quanto da arbitrariedade do cientista (ARON, 1986b, p. 350).

“[...] enfin, toda a história é ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, conforme as regras da lógica e da probabilidade, mas orientada em uma perspectiva que é aquela de um indivíduo ou de uma época e que, a esse respeito, não poderia se impor universalmente”²⁰³ (ARON, 1986b, p. 350).

Parece claro que Aron assume como pressuposto a terceira condição para os limites da objetividade a fim de explorar os processos e as razões da passagem da objetividade para a subjetividade. Com isso, espera esboçar a natureza, as possibilidades e os limites da objetividade.

“Em outros termos: em que momento a ciência se completa?”²⁰⁴ (ARON, 1986b, p. 350).

Entendemos que tal questão é orientadora para a compreensão da argumentação de Aron a respeito dos limites da objetividade desenvolvida nesta parte

²⁰¹ As filosofias da história são objetos de análise, por parte de Aron, tanto no quarto capítulo - *Science et philosophie de l'histoire* - da primeira parte como também do terceiro capítulo - *Philosophies de l'histoire et idéologies* - da segunda parte, sendo que ambas as partes pertencem à Seção IV do *Introduction*.

²⁰² Chamamos a atenção para o fato de que no sumário da edição original de 1938, o título desse mesmo capítulo - terceiro capítulo da primeira parte da Seção IV - apresentava-se como *Les limites de l'objectivité historique* e não como *Le devenir et l'existence*. A razão para essa mudança, já apresentada na edição de 1948, reeditada em 1981, é consequente da alteração do título da primeira parte da IV Seção que passou de *Les limites de la science objective du passé* para justamente *Les limites de l'objectivité historique*, o que, entendemos, inviabilizaria a manutenção do mesmo nome para este capítulo.

²⁰³ “[...] ou bien enfin, toute l'histoire est en même temps objective et subjective, conforme aux règles de la logique et de la probabilité, mais orientée dans une perspective qui est celle d'un individu ou d'une époque et qui, à ce titre, ne saurait s'imposer universellement”.

²⁰⁴ “En autres termes: à quel moment la science s'achève-t-elle?”

da Seção IV do livro. De fato, parece-nos plausível que, em dado momento, a objetividade não se apresente *per se*: é produto de um ato seletivo, por conseguinte arbitrário, da parte do cientista. Para apoiar sua afirmação, Aron utiliza o exemplo do ato humano e das duas experiências ideais importantes para sua reflexão: a experiência do ator e do observador contemporâneo. Para nosso autor as duas experiências são recíprocas e incompletas. O que valeria dizer, na verdade, que são complementares e se combinam. Contudo não esgotam as possibilidades de análise da estrutura do devir humano (ARON, 1986b, p. 350).

As narrações originais são aquelas elaboradas pelas testemunhas ou interessados diretos nos eventos relatados, ou seja, são os atores ou os observadores contemporâneos propriamente que apresentam os primeiros relatos os quais se tornam, na maioria das vezes, objetos da observação crítica. As visões contemporâneas podem oferecer apresentações sucintas ou detalhadas dos homens e das coisas ligados imediatamente aos acontecimentos narrados. Contudo, apesar da precisão, dos detalhes e das minúcias, os testemunhos e as memórias dos contemporâneos não deixam de ser as mais parciais em função justamente da ausência de distanciamento temporal.

De forma que, a princípio, a experiência do observador extemporâneo é aquela que permite abarcar maior grau de verdade na dimensão histórica da análise dos eventos.

*“A dimensão histórica está além de complôs, intrigas, crônicas escandalosas ou deslumbrantes. Os historiôgrafos dos reis não são mais historiadores que os valetes de câmara ou os cortesãos. Uns e outros entregam materiais e conservam o sabor insubstituível da vida”*²⁰⁵ (ARON, 1986b, p. 351).

Em grande medida, somente o historiador, em função do seu distanciamento no tempo, é capaz de cotejar o indivíduo histórico e sua função, superando o ambiente particular do próprio indivíduo e buscando conexões dentro de movimentos mais gerais e complexos. Tais conexões e movimentos globais não são e não podem ser conhecidos ou notados pelos contemporâneos. O historiador pode se colocar acima das intrigas palacianas que contaminam o testemunho dos partícipes dos eventos relatados. O historiador se beneficia de maior dimensão perspectiva em função dos resultados subseqüentes ao momento estudado. De forma que, a princípio, o grau de

²⁰⁵ “La dimension historique est au-delà des complots, intrigues, chroniques scandaleuses ou éclatantes. Les historiographes des rois ne sont pas plus des historiens que les valets de chambre ou les courtisans. Les uns et les autres livrent des matériaux et gardent la saveur irremplaçable de la vie”.

percepção dos fenômenos pode aumentar à medida que conhecemos os efeitos posteriores às decisões tomadas pelos atores históricos. Neste caso, o observador retrospectivo tem maior dimensão interpretativa da ação pretérita do que o observador contemporâneo.

Contudo, adverte Aron que o observador retrospectivo não tem a última palavra a respeito da história. Reconhece que é possuidor de uma visão dentre outras, mesmo que retrospectivamente. Portanto, nenhum observador extemporâneo tem visão exclusiva do passado.

“Para que uma interpretação possa excluir absolutamente todas as outras, ela deveria destacar uma necessidade ou uma racionalidade. Porém, ela se limita a elaborar séries verossímeis. O agrupamento de elementos, a definição dos fatos, cada vez menos redutíveis a uma pura materialidade, o equívoco das consciências e dos conjuntos, sem impedir a edificação do mundo histórico, dão lugar às visões múltiplas e cambiantes”²⁰⁶ (ARON, 1986b, p. 351).

As visões extemporâneas desenvolvem séries as quais não implicam dar a última palavra em termos do conhecimento do passado. De fato, a visão retrospectiva, mesmo temporalmente melhor posicionada do que aquela do contemporâneo, apenas justapõe fatos sem poder interferir no desenvolvimento do mundo histórico. Aron, conhecedor de que as escolhas do observador são arbitrárias, ou mesmo cético diante das mesmas, nega qualquer possibilidade de sistematização causal da história a partir de uma razão única. O que advoga nosso autor é que tais esquemas são fragmentários, pois são erigidos em dado instante, e parciais, pois representam uma visão entre outras.

*“Pois o determinismo é sempre fragmentário: **instantâneo** se se trata de explicar um evento, **parcial** em construir regularidades. [...]. Não existe sistematização causal, assim como não existe um **primum movens** da história inteira”²⁰⁷ (ARON, 1986b, p. 352).*

Notamos que a preocupação de Aron está centrada em outra dimensão do problema. Implica levar em conta a intenção particular do agente observador. A visão global na qual se insere o determinismo se assenta aprioristicamente numa intenção

²⁰⁶ “Pour qu’une interprétation pût exclure absolument toutes les autres, elle devrait dégager une nécessité ou une rationalité. Or elle se borne à élaborer des suites vraisemblables. Le groupement des éléments, la définition des faits, des moins en moins réductibles à une pure matérialité, l’équivoque des consciences et des ensembles, sans interdire l’édification du monde historique, laissent place à des visions multiples et changeantes”.

²⁰⁷ “Car le déterminisme est toujours fragmentaire: **instantané** s’il s’agit d’expliquer un événement, **partiel** de construire des régularités. [...] Il n’existe pas de systématisation causale, pas plus qu’il n’existe un **primum movens** de l’histoire entière”.

particular que domina a escolha dos fatos observáveis, o sentido dos conceitos e a forma com que se dá a organização das relações. E tal intenção não foge de assumir uma meta final superior à apreciação dos homens de uma determinada época (ARON, 1986b, p. 352). Aron avança colocando em foco aspectos anteriores à intenção particular do cientista. Passa, portanto, para um outra ordem de questionamento, aprofundando a dimensão analítica do estudo ao avaliar as condições de apropriação por parte do espírito (ARON, 1986b, p. 353). Para nosso autor, esta apropriação não se dá de forma pura e passiva. Ocorre de maneira simultânea ao ato de criar, pois simplesmente se trata de um evento da ordem do espírito.

*“Um elemento espiritual não é jamais fechado sobre si mesmo, jamais fixado, ele invoca um ato de recriação para trazer de volta a vida, isto é, para ser de novo pensado ou sentido por um espírito”*²⁰⁸ (ARON, 1986b, p. 353).

O espírito não é passivo diante do real, ou seja, como processo intelectual, a apropriação implica a recriação contínua e permanente, de forma que todas as formas de compreensão são renovadas com o desenvolvimento da história em função de decisões pessoais do observador retrospectivo. Decisões de risco, é claro - o próprio Aron reconhece -, mas das quais o historiador não pode declinar. Chegamos assim à seguinte consideração:

*“A história da filosofia é incerta como a essência da filosofia, intermediária entre a descoberta e a criação, ou simultaneamente uma e outra. Ela emana do homem, realidade imperfeita que ela exprime ou conhece”*²⁰⁹ (ARON, 1986b, p. 353).

Portanto, estamos inseridos em um espectro cujos opostos são criação e descobrimento. A ação do observador retrospectivo implica duas formas de renovação. A primeira é concernente ao desejo de se captar coincidente e unicamente as formas externas do real que envolvem o historiador. É esta a “*renouvellement statique*”, a qual, por sua natureza, está condenada ao fracasso à medida que se propõe a buscar um espelhamento inapreensível. Com relação à segunda, a “*renouvellement historique*”, condena à relatividade toda e qualquer tentativa de apreensão do global, pois se vincula à diversidade e complexidade dos modelos humanos. Entretanto, Aron nos lembra que a liberdade do homem, daquele que cria e recria, está acima de tal oposição (ARON,

²⁰⁸ “Un élément spirituel n’est jamais fermé sur lui-même, jamais fixé, il appelle un acte de récréation pour revenir à la vie, c’est-à-dire pour être à nouveau pensé ou senti par un esprit”.

²⁰⁹ “L’histoire de la philosophie est incertaine comme l’essence de la philosophie, intermédiaire entre la découverte et la création, ou simultanément l’une et l’autre. Elle émane de l’homme, réalité imparfaite qu’elle exprime ou connaît”.

1986b, p. 354). Tal constatação implica dizer que não devemos jamais fazer distinção rígida entre história real e história ideal. Não podemos de forma alguma isolá-las, pois ambas fazem parte da história humana e, por conseguinte, da própria existência.

*“História real e história ideal são, tomadas isoladamente, insuficientes. Elas remetem uma e outra à história humana, esta [a história ideal], porque os universos espirituais procedem do homem e, em última análise, não explicam senão por ele; aquela [a história real], porque os eventos só nos interessaam à medida em que eles influenciam a existência. Esta história total exige, como a história espiritual, decisões que, como na história real, comandam a organização conceitual e a orientação do devir”*²¹⁰ (ARON, 1986b, p. 354).

O excerto anterior é esclarecedor ao se referir ao papel desempenhado pelas decisões individuais que levam à organização dos conceitos e à orientação do devir. Tal dado é de extrema importância na avaliação de Aron; considerando o tempo de sua elaboração e exposição, é, sem dúvida, a grande contribuição da sua análise. Ademais, ao dar ênfase às questões das decisões individuais para organizar conceitos e orientar o devir, torna permanente na discussão a questão da existência e sua relação com a consciência histórica. Devemos lembrar o quanto foi polêmica a primeira apreensão, por parte dos membros da banca em 1938, de tais ideias elaboradas por Aron, sobretudo, a que diz respeito à dimensão própria da individualidade nas decisões do historiador no fazer história (FESSARD *in* ARON, 1986b, p. 455).

Valeria a pena notar que, usando o próprio modelo aroniano exposto acima, nosso autor toma a decisão de selecionar o tipo de eventos que implica a existência do homem, quando pensamos a primeira dimensão da história humana, ou seja, a história real. E tal procedimento está dentro de um patamar que é exclusivo da sua reflexão espiritual, remetendo-nos, portanto, à segunda dimensão da história humana: a história ideal. Aron deseja eliminar essa fronteira; parece ser o seu problema pessoal.

Quais seriam então as incertezas para o conhecimento do sujeito histórico? Para conhecer o indivíduo próximo, ou seja, no presente, Aron nos aponta as dificuldades e as incertezas diante dos atos e as percepções a respeito dos mesmos. Tais contradições foram extensamente desenvolvidas na primeira parte, *De l'individu à*

²¹⁰ *“Histoire réelle et histoire idéale sont, prises isolément, insuffisantes. Elles renvoient l'une et l'autre à l'histoire humaine, celle-ci parce que les univers spirituels viennent de l'homme et, en dernière analyse, ne s'expliquent que par lui, celle-là parce que les événements ne nous intéressent que dans la mesure où ils influent sur l'existence. Cette histoire totale exige, comme l'histoire spirituelle, des décisions qui, comme dans l'histoire réelle, commandent l'organisation conceptuelle et l'orientation du devenir”*.

l'histoire, da Seção II, *Le devenir humain et la compréhension historique*. E para conhecer o ato do indivíduo no passado, Aron deixa claro que as dificuldades iniciais são as mesmas. Entretanto, há outras decorrentes da pluralidade dos universos históricos e de relações equívocas entre as diversas humanidades. Questões que também foram discutidas na segunda parte, *Les univers spirituels et la pluralité des systèmes d'interprétation*, da segunda Seção do *Introduction* (ARON, 1986b, p. 354).

Mas a existência do indivíduo, ator ou observador, é uma diante da pluralidade de universos que se acumulam a cada instante de apropriação. E, em cada instante, segue o indivíduo criando e recriando. A fim de dimensionar as dificuldades de tal condição, Aron apresenta algumas questões a serem refletidas pelo indivíduo no instante de apropriação.

*“Estaticamente, onde apreender o princípio da unidade de uma totalidade? Em uma perspectiva, como se discernem os traços comuns e as características originais? Como se unem as singularidades em um desenvolvimento que abraçaria épocas e culturas diversas?”*²¹¹ (ARON, 1986b, p. 354).

Qual decisão do indivíduo importa para o estudo de Raymond Aron? A eleição do princípio da unidade do todo? O critério fundamental de diferenciação dos traços comuns das características originais? Ou a decisão que rege a composição das singularidades em um movimento que perpassa a diversidade no tempo e no espaço?

Aron admite a possibilidade de que tais dificuldades possam levar a decisões independentes. Porém, afirma que a última decisão não só implica as anteriores, mas é, acima de tudo, a primeira de fato, pois revela o problema permanente na história, à medida que expressa a decisão que o homem toma a seu respeito diante da visão retrospectiva do passado ao qual julga pertencer. Assim, temos uma decisão de criar e escolher, ou ainda, um problema que não deixa de ser da própria existência humana (ARON, 1986b, p. 355). Aqui, não temos dúvida que Aron estabeleceu a relação fundamental entre consciência e existência históricas.

A título de síntese, vale a pena enumerar as três conclusões possíveis.

“[...] tratemos a história como uma realidade objetiva, e então o conhecimento está condenado a uma jornada indefinida em direção a um lugar inacessível. [...]. Ou a história se confunde com o desenvolvimento dos universos espirituais. E, então, a ciência histórica tem por origem e por fim a apropriação pelo espírito vivo das obras

²¹¹ “Statiquement, où saisir le principe d’unité d’une totalité? Dans une perspective, comment se discernent les traits communs et les caractères originaux? Comment s’unissent les singularités dans un développement qui embrasserait époques et cultures diverses?”

*antigas. [...] Ou, enfim, a história é comparável a uma existência humana, e o conhecimento, semelhante ao mesmo tempo àquele de si e do outro, é orientado por uma decisão dirigida ao futuro e não apreende os outros senão os relacionando ao sujeito*²¹² (ARON, 1986b, p. 355).

A primeira conclusão não é satisfatória para Aron. Tratar a história como realidade objetiva implica a necessidade de assumir que as limitações e os desejos próprios do homem não permitem sua apreensão. De acordo com tal ideia, o cientista teria apenas um papel passivo diante dos acontecimentos, mesmo desejando apreendê-los em diferentes momentos do desenvolvimento histórico. Quanto à segunda, também entendemos que não se apresenta de forma satisfatória. Pensar a história como o desenvolvimento dos universos do espírito, de forma que a apropriação espiritual das obras do passado marcaria a extensão da história como um todo, implica, em grande medida, não pensar as condições de apropriação, sobretudo o instante no qual o indivíduo, em função das características do próprio espírito, cria e recria. Por fim, a saída, a qual seguramente mais agrada a Aron, seria aquela que torna a história comparável à existência humana, pois é tributária de uma decisão do próprio homem, ou seja, o conhecimento histórico não é algo resolvido. É produto incompleto e imperfeito de uma decisão envolta em uma dialética incessante: o historiador se descobre continuamente descobrindo o que é o mundo e o que dele deseja (ARON, 1986b, p. 355).

Entendemos que não há como declinar das consequências formais que se deduzem da argumentação de Aron. Chegamos ao momento em que se faz necessário o confronto entre ciência e filosofia da história²¹³. Para tanto, Aron adota um pressuposto básico que define o conhecimento histórico e garante aplicação mais adequada do seu argumento.

²¹² “[...] on traite l’histoire comme une réalité objective, et alors la connaissance est condamnée à un cheminement indéfini vers un terme inaccessible.[...]. Ou bien l’histoire se confond avec le développement des univers spirituels. Et alors la science historique a pour origine et pour fin l’appropriation par l’esprit vivant des oeuvres anciennes. [...] Ou bien, enfin, l’histoire est comparable à une existence humaine, et la connaissance, semblable à la fois à celle de soi et d’autrui, est orientée par une décision tendue vers l’avenir et ne saisit les autres qu’en les rapportant au sujet”.

²¹³ Conteúdo abordado no quarto capítulo, *Science et philosophie de l’histoire*, da primeira parte, *Les limites de l’objectivité historique*, da Seção IV, *Histoire et vérité*, de seu livro *Introduction*. Nunca é demais lembrar que o título original da primeira parte da Seção IV não era *Les limites de l’objectivité historique*. Era originalmente em 1938, como já dissemos, *Les limites de la science objective du passé* (ver nota 182).

*“Afastemos a antinomia entre as generalidades científicas e as particularidades históricas, reconheçamos a história, tal como a temos estudado até o presente, como o conhecimento do devir humano”*²¹⁴ (ARON, 1986b, p. 356).

Podemos notar que Aron busca definir conhecimento histórico excluindo as concepções desenvolvidas de acordo com o contexto intelectual de sua formação, dentre elas, aquela que tem raiz durkheiminiana.

Em grande medida, podemos entender o grande esforço que Aron empreende em termos de descrição do conhecimento, crítica epistemológica e reflexão filosófica (ARON, 1986b, p. 12). Seria impossível propor reflexão própria sobre a razão histórica sem intentar exaurir, consciente das dificuldades de tal empreendimento, a natureza e as limitações desse mesmo conhecimento. Todavia, encontrar tal caminho não implica deixar de constatar um quadro intelectual próprio da época de elaboração do *Introduction* a respeito da filosofia da história.

*“A filosofia da história é, na França, um gênero literário tão desacreditado que ninguém ousa confessar que a pratique”*²¹⁵ (ARON, 1986b, p. 356).

De fato, não podemos negar que, nos anos trinta, a filosofia da história na França estava em profunda crise. Aliás, não é por outra razão o cuidado adotado por Aron ao explicar o que não significa o subtítulo do seu livro, *Introduction à la philosophie de l’histoire: essai sur les limites de l’objectivité historique*. É instigante o fato de que podemos encontrar este cuidado nas primeiras frases do seu trabalho.

*“O título desta obra arrisca induzir ao erro o leitor que identificar a filosofia da história com os grandes sistemas do início do século XIX, tão desacreditados na atualidade”*²¹⁶ (ARON, 1986b, p. 9).

Entendemos que não há como colocar em questão a situação de descrédito a respeito da filosofia da história. Talvez, pudesse ser um silêncio francês de reprovação contra a intelectualidade alemã que pensa encontrar uma forma de sistematizar o devir histórico. Ou, então, a lembrança de como a filosofia da história importou para a ascensão da história como ciência no século XIX. Todavia, como

²¹⁴ “Écartons l’antinomie entre les généralités scientifiques et les particularités historiques, reconnaissons l’histoire, telle que nous l’avons étudiée jusqu’à présent, comme la connaissance du devenir humain”.

²¹⁵ “La philosophie de l’histoire est, en France, un genre littéraire se décrié que personne n’ose avouer qu’il le pratique”.

²¹⁶ “Le titre de cet ouvrage risque d’induire en erreur le lecteur qui identifierait la philosophie de l’histoire et les grands systèmes du début du XIX^e siècle, si décriés aujourd’hui”.

veremos, não é esse o pensamento de Aron a respeito das causas para o alijamento da filosofia da história. Diante da possibilidade, não muito remota, de ser mal interpretado, Aron acha prudente esclarecer a diferenciação entre filosofia e história. Para tanto adota, como fora observado, o pressuposto do afastamento da antinomia entre generalidades científicas e particularidades históricas. Deixa de lado a contradição tão aparente de dois quadros referenciais de conhecimento e reconhece a história como “*la connaissance du devenir humain*”. E então, coloca certas questões a fim de verificar como que a história pode ser diferenciada da filosofia. Admite para tanto dois caminhos: especulando sobre a natureza de ambas ou pela extensão de seus resultados. Seu objetivo, com tal procedimento é demonstrar a dificuldade de dissociação teórica e a impossibilidade de separação prática entre filosofia e história (ARON, 1986b, p. 356). Antecipamos e chamamos a atenção de que, para Aron, filosofia e história estão em um limite muito tênue uma em relação a outra, ou mesmo, não há senão uma fronteira demasiadamente porosa entre elas. Por precaução, devemos lembrar que Aron não quer, e não pode, ser associado aos grandes sistemas do século XIX. É uma filosofia da história de outra natureza que Aron desenvolve.

Para efeito de sua argumentação, elege inicialmente, tomando como referências típicas de filosofia da história, as doutrinas de Hegel e de Comte. Aron as classifica dessa maneira, pois ambas adotam um princípio único. A filosofia da história de Hegel, o progresso da liberdade; e a filosofia da história de Comte, a lei dos três estados. E, com base em tal princípio, apresentam uma organização dos períodos, um sentido e um fim para a história (ARON, 1986b, p. 357). Em seguida, Aron lança uma questão: qual seria então a diferenciação fundamental entre as doutrinas apresentadas e a ciência?

Para Aron, não há diferença entre as pretensões do historiador e do filósofo na construção dos seus esquemas interpretativos. Os fins que se propõem os indivíduos históricos podem ser conhecidos pelos historiadores, mas estes não conhecem o fim da história. Entretanto, quanto mais amplo, em termos de periodização, o evento for estabelecido, revolução ou capitalismo, maior será a imprecisão dos atos individuais. Seria, então, a diferenciação fundamental uma questão de amplitude de períodos? Ou, colocando em outros termos, de longevidade das causas? Não é isso que Aron defende.

*“A diferença, se ela existe, está ligada ao modo de consideração. A ciência elabora um determinismo lacunar, a filosofia imaginaria um determinismo contínuo”*²¹⁷ (ARON, 1986b, p. 357).

Como podemos observar, para Aron a grande diferenciação entre filosofia e ciência histórica está diretamente relacionada com a forma de abordagem. É importante ressaltar que, tal avaliação não implica, por parte de Aron, considerar tais doutrinas como elementos ligados diretamente a esquemas dogmáticos. Aron faz questão de diferenciar as doutrinas de Hegel e de Comte da doutrina de Spengler, por exemplo, cujas características não permitem inseri-la nos esquemas anteriores.

*“Nós temos encontrado com efeito tais doutrinas que se formulam em leis, eliminam os acidentes, suprimem a pluralidade e traçam uma evolução ou uma dialética fatal”*²¹⁸ (ARON, 1986b, p. 357).

As análises de Aron levam-no a considerar as dificuldades em encontrar plena distinção entre ciência e filosofia. Diante de suas reflexões, conclui que há concomitantemente unidade e distinção entre ambas: unidade, pois a ciência contém aquilo que é posto em certa forma pela filosofia; distinção, pois a ciência se submete às variações e reconhece sua parcialidade (ARON, 1986b, pp. 359-360). Sendo assim, sua conclusão implica levar em conta uma relação porosa entre ciência e filosofia na caracterização da filosofia da história.

*“A filosofia da história se caracteriza por um duplo esforço para apreciar a contribuição de todas épocas do comum adquirido e conferir aos seus julgamentos um alcance ilimitado”*²¹⁹ (ARON, 1986b, p. 360).

Provisoriamente, ficamos sem uma resposta concreta com relação às razões do descrédito das filosofias da história nos anos trinta. Raymond Aron empreendeu a tentativa de estabelecer as diferenças entre história e filosofia a fim de garantir, pelo menos hipoteticamente, que o procedimento de historiar ocorre sem o apelo da filosofia. Contudo, tal empreendimento não é possível. Se, por um lado, há diferenças entre filosofia e história; por outros suas relações são de tal grau de

²¹⁷ *“La différence, si elle existe, est liée au mode de considération. La science élabore un déterminisme lacunaire, la philosophie imaginerait un déterminisme continu”.*

²¹⁸ *“Nous avons en effet rencontré de telles doctrines qui se formulent en lois, éliminent les accidents, suppriment la pluralité et retracent une évolution ou une dialectique fatale”.*

²¹⁹ *“La philosophie de l’histoire se caractérise par un double effort pour apprécier la contribution de toutes les époques à l’acquis commun et conférer à ses jugements une portée illimitée”.*

proximidade que uma depende da outra. Qual seria, então, as razões para o alijamento da filosofia da história do quadro intelectual no qual Aron está inserido?

Antes de responder diretamente esta questão, lembra-nos Aron que o historiador faz parte da totalidade a qual deseja apreender. As escolhas que o historiador faz e as formas com que organiza seu conhecimento estão inseridas em uma dada realidade. Por conseguinte, decisões individuais, discutidas anteriormente, estando em momentos em que o historiador pode criar e recriar no processo de apropriação da história real, fazem parte da própria realidade. De forma que a imanência das ações do historiador em uma dada realidade não permite assegurar a objetividade de suas ações. É claro que tais limitações não impedem o procedimento fundamental do historiador que é a base para a interpretação retrospectiva, ou seja, a formação de conjuntos temporais.

*“À medida que o historiador deixa as fronteiras de um conjunto coerente, sociedade, época ou civilização, a interpretação retrospectiva reprime o esforço de resurreição ou de compreensão simpática”*²²⁰ (ARON, 1986b, p. 360).

Entretanto, uma vez tomado um conjunto, o que de fato o historiador se propõe é reconstruir o passado ou compreender as ações dos indivíduos. Em grande medida, Aron não vê plena desconexão entre as possíveis formas de operação do historiador. Ademais, propõem a ideia de que há três possíveis produtos de tal empreendimento. Aron deseja apresentá-los, pelo menos preliminarmente, como elementos específicos e, até certo ponto, mutuamente excludentes: história universal; sociologia comparada; e, filosofia da história (ARON, 1986b, p. 360).

Raymond Aron se esforça em estabelecer a diferenciação entre esses três produtos próprios da cultura filosófica e científica ocidentais. A diferenciação, consoante nosso autor, dá-se em função da especificidade da natureza da exigência de cada um.

*“Teoricamente, a sociologia exige o discernimento de problemas comuns e de soluções diferentes. A história universal exige, além disso, a orientação das diversidades em direção a certo objetivo, a filosofia da história, enfim, justifica a interpretação que ela propõe e o movimento que constata”*²²¹ (ARON, 1986b, p. 360).

²²⁰ “A mesure que l'historien sort des frontières d'un ensemble cohérent, société, époque ou civilisation, l'interprétation rétrospective refoule l'effort de résurrection ou de compréhension sympathique”.

²²¹ “Théoriquement, la sociologie exige le discernement de problèmes communs et de solutions différentes. L'histoire universelle exige, en outre, l'orientation des diversités vers un certain terme, la philosophie de l'histoire enfin justifie l'interprétation qu'elle propose et le mouvement qu'elle constate”.

Embora Aron aponte os fundamentos da sociologia, da história universal e da filosofia da história, respectivamente, como “*discernimento de problemas comuns*” e “*soluções diferentes*”, “*orientação da diversidade*” em um “*certo objetivo*” e “*interpretação*” e “*movimento*”, não exclui o caráter provisional de cada uma. Ademais, ao analisar suas características isoladamente constata o entrelaçamento que entre elas ocorre. É o caso, por exemplo, da sociologia que apresenta a necessidade de conceitos a fim de destacar os traços comuns de sociedades diferentes. Entretanto, a amplitude etimológica de tais termos conceituais, como por exemplo civilização, demanda retomar considerações com base na filosofia da sociologia ou crítica da sociologia. Ademais, no que diz respeito ao uso dos conceitos para designação dos fenômenos sociais e para a devida interpretação da sociedade tanto no espaço como no tempo e, neste último caso, salientando o estado provisional da evolução de uma dada sociedade, a sociologia, ao refletir criticamente sobre tais conceitos, não prescinde de estudar objetos que são próprios da filosofia da história.

Quanto ao empreendimento da história universal, Aron deixa claro que não se trata da justaposição das civilizações. Reconhece a dificuldade de sua elaboração, pois há a necessidade fulcral de se passar de uma unidade abstrata para uma unidade histórica de fato, o que implicaria reconhecer a convergência das relações sociais e das instituições políticas (ARON, 1986b, p. 361). Neste ponto achamos importante ressaltar a ideia de Aron concernente à história universal. Segundo nosso autor, o Ocidente, em função da perda de sua confiança, declinou da responsabilidade de escrever uma história de tal envergadura. Todavia, isso não implica advogar uma história total ou etnocêntrica, mas, simplesmente, constatar a condição única da história que o momento apresenta para a humanidade como um todo.

*“Nossa época seria então aparentemente favorável a tal tentativa, já que, pela primeira vez, o planeta inteiro participa de um destino comum. [...]. Se o Ocidente tivesse ainda confiança em sua missão, escreveria coletivamente ou individualmente, uma história universal que mostraria, a partir das aventuras solitárias, a ascensão progressiva de todas as sociedades à civilização do presente”*²²² (ARON, 1986b, p. 361).

Veremos a seguir que a constação da perda da confiança está ligada à própria situação dos anos 30. A princípio, Aron reconhece o descrédito da filosofia da

²²² “Notre époque serait donc en apparence favorable à une telle tentative puisque, pour la première fois, la planète entière participe d’un sort commun. [...]. Si l’Occident avait aujourd’hui encore confiance dans sa mission, on écrirait, collectivement ou individuellement, une histoire universelle qui montrerait, à partir d’aventures solitaires, l’accession progressive de toutes les sociétés à la civilisation du présent”.

história e a ascensão do historismo. Entretanto, não se trata de esgotamento da discussão lógica ou crítica da filosofia da história. Veremos que Aron aponta outra razão para o descrédito da filosofia da história e, por conseguinte, de se aventar a ideia de uma história universal.

Voltando para a série, sociologia comparada, história universal e filosofia da história, Aron destaca sua visão a respeito desta última e faz uma colocação bastante importante para a sua avaliação.

*“A filosofia nos tem parecido imanente a toda visão global do passado e, no entanto, para a validade a qual ela pretende, para além do saber positivo. Ultrapassagem ilegítima?”*²²³ (ARON, 1986b, p. 362).

A questão de Aron é intrigante e provocativa. Admite nosso autor, que a ilegitimidade de tal ultrapassagem estaria diretamente ligada a significação que lhe é imputada. O esforço de buscar a unidade é próprio da filosofia. Em grande medida, aventar a ideia de um determinismo contínuo não deixa de ser hipoteticamente a fundação de tal unidade. Todavia, deve-se ter consciência de que tal exercício não implica a eliminação da pluralidade e do caráter provisional das possíveis séries a serem construídas pelas diversas perspectivas. Portanto, para Aron há profunda interação entre filosofia e história. Aron adverte-nos quanto ao risco de, na busca da superação das parcialidades, chegar a filosofias doutrinárias, ou seja, movimentos dialéticos da totalidade que determinam a fatalidade do porvir. Contudo, admite que esse risco devemos correr, pois ele faz parte indissociável do esforço em busca da verdade (ARON, 1986b, p. 362).

É preciso pensar, então, a respeito da natureza da relatividade do conhecimento histórico, pois não vivemos sob a égide da anarquia de valores, como tão bem pode apregoar o historismo. Seguindo o desenvolvimento de Aron em sua argumentação, adentramos em questões dispostas no capítulo *La relativité de la connaissance historique*²²⁴ e que preparam o terreno para a discussão do capítulo seguinte: *Les limites du relativisme historique*.

²²³ “*La philosophie nous a paru immanente à toute vision globale du passé et pourtant, par la validité à laquelle elle prétend, au-delà du savoir positif. Dépassement illégitime?*”

²²⁴ Este capítulo, *La relativité de la connaissance historique*, na verdade, é a conclusão da primeira parte da Seção IV do livro de Aron. Entendemos que seja importante comentar que na edição original de 1938, este trecho se apresenta como conclusão propriamente, com o título apostro em seu início e relacionado no sumário original. Porém, na edição de 1948, da qual se seguiram as edições de 1981 e 1986, o mesmo trecho não apresenta título e tampouco está enumerado no sumário. Desconhecemos as razões para tais mudanças, mas aventamos a hipótese de que as considerações com relação à forma do livro por parte de

Aron afirma que a primeira relatividade é aquela da percepção individual, ou seja, é quando o mesmo objeto percebido se coloca diante de múltiplos observadores de forma simultânea. É claro que devemos considerar, ao tomar consciência de tal quadro, que cada observador apresenta condições singulares em relação aos demais. A princípio, temos a impressão de que Aron leva sua argumentação no sentido de convergência com o relativismo ou perspectivismo, sobretudo, quando considera as condições do observador no processo de periodicizar.

*“Toda medida implica um observador que está no universo, não temos o direito de negligenciar a situação e o movimento do observador no cálculo das distâncias ou dos intervalos temporais”*²²⁵ (ARON, 1986b, p. 363).

Todavia, Aron afirma que a ciência tem a capacidade de superar o relativismo das singularidades à medida que substitui as múltiplas percepções individuais por relações lógicas. Tais relações são próprias dos fenômenos, assim como são aquelas relações das matemáticas. Ademais, Aron chama a atenção para o fato de que a relatividade da perspectiva não é o último estágio que devemos considerar as condições do indivíduo que observa. Devemos pensar que há outros observadores os quais adotam o mesmo processo de acordo com suas perspectivas. E, se assim pensamos, não está errado admitir que podemos tomar consciência da pluralidade de perspectivas e buscar destacar seus aspectos de ordem formal.

*“Esta relatividade de cada perspectiva não é aliás a última palavra da ciência, a consciência que nós tomamos dela permite passar de uma perspectiva à outra, estabelecer um sistema de equivalência e chegar ao conhecimento objetivo dos invariantes”*²²⁶ (ARON, 1986b, pp. 363 e 364).

Portanto, temos inicialmente a relatividade perceptiva, em seguida, a consciência da diversidade das relatividades perceptivas e, por fim, um sistema formal de equivalências. Da parte do historiador, seu empreendimento visando a reconstrução dos fatos e das regularidades não é suficiente para cobrir todo campo histórico e produzir um relato global. Podemos pensar em relatividade por parte da percepção do

Bréhier e Marrou, reconhecidas por Aron e manifestadas em suas *Mémoires*, tenham-no levado a esta alteração. De qualquer forma o texto, sem o título, está mantido na edição de 1986 e o mesmo foi objeto de nossa apreciação.

²²⁵ *“Toute mesure implique un observateur qui est dans l’univers, on n’a pas le droit de négliger la situation et le mouvement de l’observateur dans le calcul des distances ou des intervalles temporels”*.

²²⁶ *“Cette relativité de chaque perspective n’est d’ailleurs pas le dernier mot de la science, la conscience que nous en prenons permet de passer d’une perspective à une autre, d’établir un système d’équivalence et d’aboutir à la connaissance objective des invariants”*.

historiador, como também pensar uma relatividade própria do tempo, ou relatividade histórica, ao qual pertence o passado estudado. O historiador não se coloca em posição transcendental, com uma visão positiva, capaz de olhar fenômenos e suas evoluções sem interferência subjetiva (ARON, 1986b, p. 365). Qual seria então o objeto da história? Aron avança em sua argumentação dizendo que o objeto da história não se reduz apenas aos eventos que já passaram ou as culturas e estados que já desapareceram, mas está profundamente ligada com a condição intelectual do homem (ARON, 1986b, p. 364). Não se trata de questões materiais propriamente, mas sim de dimensões lógicas do conhecer. E essa condição, aparentemente relativa e subjetiva, que devemos explorar para entender e ultrapassar os limites do relativismo histórico.

2.3. Os limites do relativismo histórico

Na primeira parte da Seção IV do *Introduction*, Raymond Aron tratou de questões que tinham por fundamento avaliar os limites da objetividade histórica²²⁷. Sua argumentação o levou, entretanto, a explorar a natureza da relatividade do conhecimento histórico, ou seja, a fim de mostrar os limites da objetividade histórica, Aron apresentou uma série de condições que desembocaram em postura diametralmente oposta: o relativismo histórico. Assim, na segunda parte da Seção IV, intenta mostrar justamente os limites de tal postura.

Inicialmente, relata-nos que seu livro *La philosophie critique de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire*, deveria ser seguido por um segundo tomo dedicado ao historismo, ou filosofia do relativismo histórico.

“A segunda parte de nosso *Essai sur la théorie de l'histoire [La philosophie critique de l'histoire]* devia tratar do historismo, filosofia do relativismo histórico que se desenvolveu no início do século, sobretudo depois da guerra, e que sucedeu a um período que estava consagrado à análise da ciência”²²⁸ (ARON, 1986b, p. 367).

Todavia, como relatou em suas *Mémoires*, a idéia inicial de desenvolver um grande estudo ensaístico sobre teoria da história comportando duas partes acabou ficando de lado. As severas críticas de Léon Brunschvicg à primeira parte do seu estudo e a proximidade da guerra o fizeram declinar de tal projeto. Em vez disso, Aron decidiu escrever sua “[...] versão pessoal da crítica da razão histórica”²²⁹ que se tornou o seu livro *Introduction* (ARON, 2010b, p. 158).

É importante notar a preocupação do jovem Aron a respeito da filosofia da história. Denota certa clareza no que diz respeito ao desenvolvimento das idéias e à relação entre conhecimento histórico e filosofia da história. Aron tem ciência do papel do positivismo no processo de alijamento do relativismo histórico. Todavia, sabe que tal processo alijou do debate a reflexão sobre a ciência histórica. Mas isso não significa que passou a advogar o historismo ingenuamente. Seu objetivo é sempre adotar postura intermediária, ou melhor, superar a dualidade entre objetividade e relativismo.

²²⁷ Vale lembrar, mais uma vez, a distinção da nomenclatura da edição 1938 e das edições de 1948, 1981 e 1986. O título desta primeira parte da edição de 1938 era *Les limites de la science objective du passé*, e nas edições posteriores passou a ser *Les limites de l'objectivité historique*.

²²⁸ “La deuxième partie de notre *Essai sur la théorie de l'histoire* devait traiter de l'historisme, philosophie du relativisme historique qui s'est développé au début du siècle, surtout après la guerre, et qui a succédé à une période qui s'était consacrée à l'analyse de la science”.

²²⁹ “[...] version personnelle de la critique de la Raison historique”.

Mais impressionante é ver como Aron apresenta o retorno do historicismo ao pensamento ocidental alemão. Sua preocupação é saber a razão pela qual o historicismo ganhou a reflexão de autores como Ernst Troeltsch (1865-1923), Max Scheler (1874-1928), Karl Mannheim (1893-1947) e Oswald Spengler (1880-1936). Por qual razão há certo ceticismo com relação as propriedades positivistas da evolução da análise histórica? O que permite consagrar a relatividade das obras humanas, das culturas ou das civilizações? Será que ao explorar os limites da objetividade histórica devemos cair logicamente no ceticismo histórico?

Consoante Aron, o fracasso, ou melhor, a marginalização do exercício lógico-crítico foi uma das causas da ascensão do historicismo. Entretanto, chama a atenção para alguns elementos importantes desse processo.

*“Nem a descoberta dos primitivos, nem aquela das outras culturas suscitava o ceticismo ou a anarquia enquanto que mantivemos a significação normativa, normal por assim dizer, da sociedade presente. Mais temível que a investigação empírica é a crise que faz tremer nossa civilização”*²³⁰ (ARON, 1986b, p. 367).

Aron está querendo dizer que a descoberta da diversidade no tempo e no espaço, que a ampliação do conhecimento do passado da humanidade e de suas diferenciações não promoveram o desenvolvimento lógico do historicismo. Não foram novas descobertas e pesquisa exaustiva que possibilitaram a disseminação do perspectivismo desenfreado. Não foi necessariamente a superação dos limites da análise uma exigência ou uma saída lógica dessa mesma análise para uma síntese relativista. A situação é outra. Simplesmente, trata-se da passagem da euforia progressista ocidental para a frustração anárquica. Esta é a crise fundamental que influenciará marcadamente as bases que permitem a ascensão do relativismo histórico. Foi a crise da civilização ocidental que provocou a passagem de uma visão para outra, ou seja, do evolucionismo positivista para o perspectivismo anárquico.

*“O evolucionismo transformou-se em historicismo no dia em que os dois valores sobre os quais se fundava a confiança do século XIX, a ciência positiva e a democracia, ou seja, no fundo o racionalismo, perderam seu prestígio e sua autoridade”*²³¹ (ARON, 1986b, p. 367).

²³⁰ “Ni la découverte des primitifs, ni celle des cultures autres ne suscitait le scepticisme ou l’anarchie aussi longtemps que l’on maintenait la signification normative, normale pour ainsi dire, de la société présente. Plus redoutable que l’investigation empirique est la crise qui ébranle notre civilisation”.

²³¹ “L’évolutionnisme est devenu historicisme le jour où les deux valeurs sur lesquelles se fondait la confiance du XIX^e siècle, la science positive et la démocratie, c’est-à-dire au fond le rationalisme, ont perdu leur prestige et leur autorité”.

Esta é a crise do início do século XX, fundada na crise da ciência e da democracia, o que permitiu, na visão de Aron, a ascensão da filosofia relativista da história. A crise do mundo liberal que permitiu não só o avanço de alternativas contrárias à democracia, também facilitou, no campo do saber, a ascensão de visões alternativas à ciência. Em outras palavras, Aron reafirma suas considerações de que política e conhecimento andam lado a lado. Concernente a este quadro de crise, sem dúvida, o historismo é uma das respostas, sendo a outra o determinismo totalitário. Na visão aroniana, o Ocidente passou da confiança ao pessimismo, da razão ao irracionalismo. Entendemos que ficou mais fácil compreender a “*mesma crise*” que comporta a visão dos autores enumerados para compor o segundo volume não escrito do seu trabalho.

*“Teriam figurado no segundo tomo: Ernst Troeltsch, Max Scheler, Karl Mannheim e talvez Oswald Spengler. Esses quatro autores, muito diferentes entre si, não respondiam a uma mesma pergunta, como os filósofos críticos, mas encontravam-se ou sentiam-se numa situação histórica análoga, exprimiam, numa linguagem diferente, a mesma crise, buscavam em direções distintas uma saída”*²³² (ARON, 2010b, p. 159).

E é importante registrar que a “*crise*”, entre os autores apontados, não deixa de ser a mesma crise sentida por Aron. É a crise da cultura intelectual cientificista do Ocidente. Segundo ele, a ascensão do historismo, ou do relativismo histórico, representa não só um momento de insegurança da civilização ocidental, mas também é produto direto dessa mesma insegurança. E, ainda, traz como decreto a falta de futuro para essa sociedade, oscilando entre revolução utópica e fatalismo. Não é à toa que o próprio Aron, em outros momentos, lembrará a influência de Oswald Spengler, cujo livro *A decadência do Ocidente*, de 1918, não deixa de ser referência básica para o pessimismo da visão ocidental daquela época.

“Disseram muito justamente que a minha filosofia da história não seguia o estilo de Spengler. É verdade. Não sou splengeriano, mas, ao contrário de muitos franceses, fui influenciado por Spengler. E ainda sou” (ARON, 1981, p.11).

²³² “*Auraient figuré dans le deuxième tome: Ernst Troeltsch, Max Scheler, Karl Mannheim et peut-être Oswald Spengler. Ces quatre auteurs, très différents l’un de l’autre, ne répondaient pas à une même question, comme les philosophes critiques, mais ils se trouvaient ou se sentaient dans une situation historique semblable, ils en exprimaient, en un langage différent, la même crise, ils cherchaient dans des directions tout autres une issue*”.

Contudo, uma vez identificadas as razões da penetração do historismo, devemos notar que a dimensão analítica do jovem Aron não tem por base a mentalidade de seus contemporâneos, seja a pacifista de Alain ou a fatalista de Spengler. Na verdade, seu objetivo é mostrar que as discussões no âmbito da teoria do conhecimento histórico não desembocam obrigatoriamente em filosofias relativistas da história. Todavia, é preciso analisar detalhadamente a natureza das propostas que culminam no relativismo ao intentar apreender os fenômenos históricos. Consoante Aron, o relativismo está sempre vinculado à alguma metafísica, ou seja, há por trás da filosofia relativista da história alguma visão superior supostamente capaz de estabelecer uma regra para o desenvolvimento das sociedades. É preciso lançar mão da filosofia crítica para desconstruir logicamente o relativismo histórico e avaliar suas aplicações e seus limites. A síntese dos vários argumentos e pressupostos possíveis do relativismo está associada a uma idéia generalizada e cultuada da mudança inexorável, de acordo com cada época, das morais, das filosofias e das religiões.

*“É atualmente uma proposição banal que, segundo as épocas e as sociedades, costumes, modos, regras de conduta variem. Desta diversidade, cada um está a tal ponto convencido que pareceria tão inútil sublinhá-la quanto discuti-la”*²³³ (ARON, 1986b, p. 372).

O que percebemos, seguindo os passos de Aron, é que a banalidade da proposição se dá em função da crise sentida pela cultura intelectual do Ocidente. Isso parece ser um fato incontestável para Aron. E tal ideia não deixa de ter profunda ligação com o momento decadentista de todas as civilizações sugerido na interpretação de Spengler.

“Cada cultura percorre fases de envelhecimento iguais às da vida do indivíduo. Todas elas têm sua infância, sua adolescência, sua vida e sua velhice” (SPENGLER, 2014, p. 73).

É o momento do envelhecimento intelectual ocidental que permitiu a ascensão das filosofias relativistas da história. A visão de Spengler seria, então, produto e diagnóstico da mesma cultura intelectual. Entretanto, se admitirmos especulativamente as mudanças inexoráveis no campo da história, devemos analisar

²³³ *“C’est aujourd’hui une proposition banale que, selon les époques et les sociétés, coutumes, moeurs, règles de conduite varient. De cette diversité, chacun est à tel point convaincu qu’il paraît aussi inutile de la souligner que de la discuter”*.

suas condições e sua natureza. Para isso, é importante colocarmos algumas questões bastante pertinentes:

*“[...] qual é a profundidade das mudanças históricas? A diversidade histórica das obras ou da natureza humana é ou não superficial? Até onde penetra?”*²³⁴ (ARON, 1986b, p. 369).

As questões de Aron não deixam de ser intrigantes. Profundidade das mudanças históricas, superficialidade das obras ou da natureza humana e especificidade da diversidade compõem um conjunto de indagações fundamentais para colocar em xeque as proposições do relativismo histórico. Ademais, tais questões são importantes pois permitem não só revisar as teses perspectivistas, mas, sobretudo, apontar a obrigação lógica de buscar a superação de tais visões.

Nosso autor admite que os métodos podem mudar, mas isso não permite afirmar que as proposições científicas devam se circunscrever às fronteiras de uma dada coletividade. Podemos e devemos admitir a diversidade e isso é fundamental, todavia, passar da variabilidade observada para a relatividade das essências é impróprio para Aron. Tal passagem considera dois pressupostos que carecem de explicação. O primeiro é considerar que moral, artes, religião e, sobretudo, ciência dependem unicamente e totalmente de uma singular realidade social ou histórica. Por conseguinte, como corolário de tal pressuposto, teríamos unicamente um princípio irracional de devir a partir do qual se dá a simples justaposição de expressões singulares evanescentes sem qualquer relação entre elas. Esta característica, Aron a chama de princípio reducionista (ARON, 1986b, pp. 369 e 370).

Portanto, se considerarmos o princípio reducionista do relativismo, chegaremos à radical diversidade na sucessão das coletividades sem um elemento ordenador. É o que se infere da “lógica” do relativismo histórico. Assim, não teríamos nem acúmulo de conhecimento nem de progresso. De forma que historismo seria uma filosofia do devir e não da evolução: não há valores que possam orientar o processo histórico. Em outras palavras, o historismo assume e defende inadvertidamente a anarquia moral (ARON, 1986b, p. 370).

É verdade que o desenvolvimento do conhecimento e o contato com outras culturas obrigam a necessidade de se reconhecer a diversidade. Porém, é preciso tomar cuidado em não assumir inadvertidamente a profundidade radical das

²³⁴ “[...] quelle est la profondeur des changements historiques? La diversité historique des oeuvres ou de la nature humaine est-elle ou non superficielle? Jusqu’où pénètre-t-elle?”

transformações. Chama a atenção Aron para o fato de que a etnologia não implica a obrigatoriedade de sacrificar a unidade do espírito humano. Explicações causais servem para distintas coletividades singulares. Sem dúvida que a tomada de consciência e o reconhecimento da pluralidade das representações do mundo levaram a certos filósofos renunciarem a razão. Ao invés de evocarem prudência científica, assumiram o ceticismo histórico-cultural, alijando as considerações do seu próprio pensamento, o pensamento ocidental.

*“Em vez de organizar o passado segundo o esquema do progresso ou do envelhecimento, em vez de opor as fantasias pueris ao saber científico, certos filósofos renunciaram a toda afirmação da finalidade. Mesmo na ordem do saber, não reivindicam para o Ocidente nem privilégio nem supremacia”*²³⁵ (ARON, 1986b, p. 370).

Todavia, Aron quer refutar tal condição. Colocar em questionamento o próprio princípio reducionista do relativismo. Qual a situação da natureza da moral? Há de fato consequências advindas da realidade da história? De fato, algumas conclusões céticas são tiradas do princípio reducionista: a negação da possibilidade de se alcançar leis universais; a negação de se pensar uma ética não exclusiva de uma época ou de uma estrutura social. Contudo, dentro do campo político institucional, não haveria uma norma social aplicável para todos? (ARON, 1986b, p. 372).

De fato, devemos reconhecer a diversidade de costumes e de instituições. Não negamos que as singularidades temporais são diversas. Porém, diante de tal diversidade, como pensar a evolução histórica sem cair no princípio reducionista do historicismo? Estamos condenados à anarquia moral e à irracionalidade institucional com o passar do tempo? Para Aron, uma saída seria pensar consoante a tradição racionalista, levando em conta o princípio moral como condutor da história

*“O indivíduo deve se elevar da animalidade à humanidade, do egoísmo ao respeito à lei, da cegueira à conduta reflexiva, assim o devir histórico é lugar de um progresso indefinido já que o ideal se mantém inacessível”*²³⁶ (ARON, 1986b, p. 373).

²³⁵ “Au lieu d’organiser le passé selon le schéma du progrès ou du vieillissement, au lieu d’opposer les fantaisies puériles à la sagesse scientifique, certains philosophes ont renoncé à toute affirmation de la finalité. Même dans l’ordre de savoir, ils n’ont revendiqué pour l’Occident ni privilège ni suprématie”.

²³⁶ “L’individu doit s’élever de l’animalité à l’humanité, de l’égoïsme au respect de la loi, de l’aveuglement à la conduite réfléchie, ainsi le devenir historique est lieu d’un progrès indéfini puisque l’idéal demeure inaccessible”.

Entretanto, Aron não advoga ingenuamente tal ideia. Sabe que a dicotomia do *ser* e do *dever ser* será colocada em xeque diante dos argumentos historicistas. Todavia, ele se mostra preocupado com a seguinte condição:

*“Uma ética com pretensões universalistas, uma vez que cessemos de esperar sua difusão, engendra mais a inquietude que a confiança”*²³⁷ (ARON, 1986b, p. 373).

Vemos que Aron reconhece a força do argumento historicista contra o dualismo com pretensão universalista. Entretanto, não se resigna diante desse fato. Pensa em considerar as virtudes individuais como forma de tentar superar o princípio reducionista do historicismo, mas, também, admite que tal solução é precária.

*“Solução intermediária, sem dúvida muito fraca, pois as virtudes participam da diversidade das culturas das quais elas são elementos. Como não são todas compatíveis, elas exigem de cada um uma escolha que as organize na unidade de uma atitude”*²³⁸ (ARON, 1986b, p. 374).

Se não é possível pensar uma ética universal que representaria o fim histórico, tampouco considerar as virtudes humanas como imperativos capazes de organizar a conduta do homem no tempo, o que pode propor Aron? Declinar do exercício filosófico? De maneira nenhuma, pois propõe matizar a perspectiva, considerando não mais a intenção do indivíduo, mas sim seu ato reflexivo consequente do seu engajamento.

Seguindo o argumento de Aron, o historicismo é na verdade a mistura de ceticismo e irracionalismo. Filosoficamente, tal proposta é absurda, mas, psicologicamente, é inteligível, sobretudo, quando levado em conta a crise intelectual do Ocidente. Ao mesmo tempo, o historicismo implica a obrigação do reconhecimento do homem como ser mundano, cuja natureza é equívoca e a existência trágica. Todavia, isso não deve implicar nem a justificativa nem a resignação do não filosofar.

“O sujeito não é o eu transcendental, mas o homem social e pessoal. A crise do historicismo leva ao encontro dessas ideias contraditórias: descobriu-se a

²³⁷ *“Une éthique à prétentions ununiversalistes, dès que l’on cesse d’en espérer la diffusion, engendre l’inquiétude bien plus que la confiance.*

²³⁸ *“Solution intermédiaire, sans doute assez faible, car les vertus participent de la diversité des cultures dont elles sont des éléments. Comme elles ne sont pas toutes compatibles, elles appellent de chacun un choix qui les organise dans l’unité d’une attitude”.*

impossibilidade de uma verdade filosófica e a impossibilidade de não filosofar”²³⁹
(ARON, 1986b, p. 376).

Estamos diante de um dilema: não há verdade, todavia não posso deixar de filosofar. Vale lembrar que, na história da filosofia, os argumentos céticos reconhecem tal condição amarga da busca pelo conhecimento. Todavia, o ceticismo não implica resignação diante da história e abandono da ciência. A ascensão do historismo é também fruto da crise da ciência histórica. De fato, somos obrigados a constatar que passamos da história total para a fragmentação perspectivista da história. Será que passamos da certeza racional para o fatalismo da incerteza irracional?

“O historismo se define essencialmente pela substituição do mito do progresso pelo mito do devir. Mesma resignação ao destino anônimo, mas no lugar do otimismo seguro que o futuro será melhor que o presente, uma espécie de pessimismo ou agnosticismo”²⁴⁰ (ARON, 1986b, p. 377).

Suas considerações acerca daquilo que observa em seu tempo não lhe permitem resignar-se diante das afirmações do ceticismo. Sabe que o mundo, ou a humanidade, apesar de toda a diversidade cultural, toma ciência de sua totalidade. Com isso, propõe pensar algo, que será bastante peculiar no seu pensamento: o destino comum da diversidade cultural.

“Nem a dispersão do determinismo, nem a pluralidade das lógicas autônomas nos arrancam da tirania do destino comum”²⁴¹ (ARON, 1986b, p. 377).

De maneira bastante esquemática, podemos pensar as filosofias da história da seguinte forma: certeza cataclísmica da filosofia religiosa da história; certeza do progresso da filosofia iluminista; e, por fim, o fatalismo da incerteza geral da filosofia historista. Todavia, Aron não deixa de correr o risco de aventar uma história universal, especulando formas de superar o irracionalismo, o ceticismo e o fatalismo do historismo. Reconhece que o movimento histórico é indiferente aos desejos morais ou racionais. Mas o contato entre as diversas formas sociais o impelem a engajar-se em

²³⁹ “Le sujet n’est pas le moi transcendantal, mais l’homme social et personnel. La crise de l’historisme tient à la rencontre de ces idées contradictoires: on découvrirait l’impossibilité d’une vérité philosophique et l’impossibilité de ne pas philosopher”.

²⁴⁰ “L’historisme se définit essentiellement par la substitution du mythe du devenir au mythe du progrès. Même résignation au destin anonyme, mais au lieu de l’optimisme assuré que l’avenir vaudra mieux que le présent, une sorte de pessimisme ou d’agnosticisme”.

²⁴¹ “Ni la dispersion du déterminisme, ni la pluralité des logiques autonomes ne nous arrachent à la tyrannie du sort commun”.

reflexões que superem a inanição intelectual consequente da assunção do relativismo histórico. Engajamento e reflexão exigem do indivíduo pensar sua singularidade. E é exatamente o que ocorre com Aron. Esperar encontrar saídas políticas para os problemas do seu tempo, pois sabe que ainda haverá um futuro, mas este não está determinado nem está certo ou é previsível.

*“O futuro será distinto, nem melhor ou pior”*²⁴² (ARON, 1986b, p. 377).

A única coisa que Aron pode dizer sobre o futuro é que, apesar de toda a diversidade, ele será comum a todos. Para nosso autor, tal situação sempre chamará a responsabilidade de arriscar-se em um empreendimento caro ao racionalismo que é o da história universal. Como elaborá-la sem cair em uma filosofia especulativa da história? Como reconhecer e evidenciar os limites do relativismo histórico?

*“Se a crítica sucede sempre à ontologia e se esta exprime uma atitude vital, nossa teoria da história, em nossa avaliação, não se reduz a uma experiência ou uma vontade particular?”*²⁴³ (ARON, 1986b, p. 378).

Pensar a questão da ontologia não é apenas escrutinar os elementos formais ou materiais da natureza de cada filosofia para então aferir suas proximidades ou semelhanças. A questão do indivíduo, sua vontade e sua decisão, deverão estar sempre presentes na análise. Para Aron, a possibilidade de superar o relativismo histórico está justamente na consideração do engajamento e da reflexão que leva o sujeito a adotar esta ou aquela ontologia, condição que se impõe a todos.

*“A superação formal do historicismo já não consiste em reservar os direitos da lógica no interior das obras ou dos conjuntos, mas em elevar acima do pensamento engajado na existência a reflexão pela qual o espírito escapa aos limites da individualidade”*²⁴⁴ (ARON, 1986b, p. 379).

Há um patamar extracientífico da ciência que Aron deseja revelar. O que implica considerar a universalidade da reflexão do pensamento engajado do indivíduo. Mas sabe que a reflexão do indivíduo se defronta com duas realidades, em grande medida irreduzíveis uma à outra: de um lado a sociedade e de outro os valores. Há uma relação direta entre as duas a qual é intermediada pela reflexão do sujeito.

²⁴² “*Le futur sera autre, ni meilleur ni pire*”.

²⁴³ “*Si la critique succède toujours à l’ontologie et si celle-ci exprime une attitude vitale, notre théorie de l’histoire, à notre insu, ne se ramène-t-elle pas à une expérience ou à une volonté particulière?*”

²⁴⁴ “*Le dépassement formel de l’historisme ne consiste plus à réserver les droits de la logique à l’intérieur des oeuvres ou des ensembles, mais à élever au-dessus de la pensée engagée dans l’existence la réflexion par laquelle l’esprit échappe aux limites de l’individualité*”.

*“Pode-se reconhecer que os valores estão ligados à história, ao mesmo tempo na sua evolução de fato e na sua validade, sem confundir costumes e moral, sem esgotar a significação das normas no respeito do grupo. A cultura se define pelo universo de valores no qual se vive, ela é em uma comunidade o equivalente do destino para o indivíduo, o conjunto da existência ao mesmo tempo sofrida e querida”*²⁴⁵ (ARON, 1986b, p. 384.).

Na verdade, a argumentação de Aron não implica alijar o historismo, mas superá-lo. Espera chamar a atenção para a questão das condições do indivíduo inserido no engajamento e na reflexão. Condições de que não se pode escapar e que estão colocadas para todos. Os problemas que foram colocados não são resolvidos diretamente, mas nosso autor abre outra dimensão da análise e minimiza o ceticismo e o fatalismo próprios do relativismo histórico.

E quanto à profundidade das mudanças? Questão que também foi colocada pelo próprio Aron e, até o momento, deixada intacta. Consoante seus argumentos, percebemos que ele admite a ideia da não invariabilidade da natureza humana, ou seja, admite a mudança. Entretanto, para responder a questão colocada concernente à profundidade das mudanças históricas, Aron faz uso da análise da relação entre as filosofias da história e as ideologias²⁴⁶.

Nunca é demais lembrar que uma das razões fundamentais da elaboração do *Introduction* é o estudo sobre o marxismo (ARON, 1986b, p. 66). De forma que não causa estranheza o fato de Aron utilizar como exemplo o marxismo para avaliar a relação entre história e ideologia. Entretanto, deixa claro que não se trata de um estudo visando exaurir as pressuposições da ciência histórica. O procedimento que adota é o da dissociação lógica do marxismo a fim de avaliar as partes que o compõem: a *teoria* e a *perspectiva*.

*“Nós distinguiremos primeiramente, no marxismo, em conformidade com nossos estudos anteriores, a **teoria** e a **perspectiva**. Chamamos de teoria a dupla afirmação relativa à eficácia da economia entre os fatores materiais e à relação entre matéria social e ideia. Chamamos perspectiva a orientação de todo o passado humano em direção ao conflito atual de classes, o triunfo do proletariado e o advento do*

²⁴⁵ “On peut reconnaître que les valeurs sont liées à histoire, à la fois dans leur évolution de fait e dans leur validité, sans confondre moeurs et morale, sans épuiser la signification des normes dans le respect du groupe. La culture se définit par l’univers des valeurs dans lequel on vit, elle est à une communauté l’équivalent de la destinée pour l’individu, l’ensemble de l’existence à la fois subie et voulue”.

²⁴⁶ Mais uma vez, entendemos que vale a pena registrar a diferenciação de nomenclatura quanto ao sumário original de 1938. O capítulo, na edição de 1938 e no qual se inicia a análise da relação entre filosofias da história e ideologia, apresenta-se com o título *Histoire et idéologie*. A partir da edição de 1948, passa a ter outra designação: *Philosophies de l’histoire et idéologies*.

socialismo. A teoria poderia ser de direito verdadeira para todos, a perspectiva estaria ligada a uma situação provisória.”²⁴⁷ (ARON, 1986b, p. 387).

Embora o marxismo seja o exemplo de filosofia da história, a distinção é importante para a avaliação das filosofias da história em um sentido geral. No que diz respeito à teoria do marxismo, adverte sobre a dificuldade de sustentar a preeminência da economia para os fenômenos históricos. Diante da lógica causal, não haveria uma dimensão fundamental que gozasse de *status* universalmente válido. Ou seja, diante da tentativa de se estabelecer a causa constante, erigiu-se uma forma de determinismo material. Ora, no que concerne à relação entre matéria social e ideal, Aron chama a atenção para a necessidade de se observar a pluralidade das interpretações. A questão da pluralidade das interpretações é uma das bases argumentativas recorrentes do pensamento aroniano.

Quanto à questão da perspectiva do marxismo, adverte que suas proposições concernentes à luta de classes, às contradições intrínsecas do capitalismo e à fatalidade das crises têm caráter provisório. O sujeito que analisa a história não é um sujeito transcendental, com visão da história acima dela. Sua visão também é histórica, pois, mesmo estando após os eventos que aborda, faz parte do devir que deseja recompor. Mas tal constatação não tira da perspectiva marxista sua filosofia.

*“A perspectiva não é menos filosófica pelo fato de reter certos elementos de preferência a outros e de organizá-los em função do futuro”*²⁴⁸ (ARON, 1986b, p. 388).

O advento do socialismo e da inevitabilidade do triunfo do proletariado podem ser antecipações primárias e proféticas, mas é próprio do homem, que jamais se exime do engajamento, refletir sobre sua condição do presente, recusando-a ou aceitando-a, pela reconstituição do seu passado, para, então, projetar seu futuro.

“[...] o que é primeiro, é a recusa do capitalismo e a vontade de destruí-lo. A imagem do futuro nasce dessa recusa, como a perspectiva sobre o passado. E é porque esta última, ligada a uma vontade, é essencialmente relativa, inseparável de uma escolha na

²⁴⁷ “*Nous distinguons tout d’abord, dans le marxisme, conformément à nos études antérieures, la **théorie** et la **perspective**. Nous appelons théorie la double affirmation relative à l’efficace de l’économie parmi les facteurs matériels et au rapport entre matière sociale et idée. Nous appelons perspective l’orientation de tout le passé humain vers le conflit actuel des classes, le triomphe du prolétariat et l’avènement du socialisme. La théorie pourrait être en droit vraie pour tous, la perspective serait liée à une situation provisoire*”.

²⁴⁸ “*La perspective n’en est pas moins philosophique, par le fait qu’elle retient ces éléments de préférence à d’autres et qu’elle les organise en fonction de l’avenir*”.

*história. Mais, esta escolha comanda a teoria e também a perspectiva*²⁴⁹ (ARON, 1986b, p. 389).

Aron, então, advoga que o sujeito se posiciona em relação àquilo que vive no presente. Seu engajamento e reflexão o levam a escolhas e decisões que serão os elementos fundamentais da relação entre sua existência e sua filosofia. Ademais, a realidade histórica que o cerca não se revela facilmente ou imediatamente às suas intuições. A imagem do futuro que nasce da negação do presente é produto de determinações filosóficas. Há, na verdade, certas decisões, por parte do homem, com relação ao mundo político que não o permitem deixar de filosofar. O homem se engaja, reflete e decide.

*“Mas a filosofia da história é, por essência, transcendente ao dado porque ela situa o passado em relação ao futuro (que imaginamos a imagem do passado). Ela é por isso, como todo pensamento engajado, solidária de uma vontade. É a prioridade do futuro na consciência histórica que condena à parcialidade as filosofias concretas”*²⁵⁰ (ARON, 1986b, p. 392.).

Para Aron, a característica fundamental da ideologia é justamente o juízo que antecipa o porvir. De forma que a ideologia é concernente a uma filosofia da história e, por isso, tem significação histórica. Mas na base de toda essa estrutura de pensamento está a vontade do sujeito que de forma engajada reflete sobre sua condição no presente. Ora, ao pensar o sujeito, como pensa Aron, caímos inevitavelmente na relatividade das visões particulares. De forma que toda e qualquer tentativa, por mais concreta que se deseje, do passado, está definitivamente ligada à expectativa que se tem diante do futuro.

Aron faz questão de deixar claro que a discussão que está desenvolvendo não implica se opor ao marxismo. Sua discussão tem caráter estritamente lógico.

“Esta discussão, assim como aquela que havíamos consagrado ao primado causal, não constitui uma refutação ou uma confirmação do marxismo. Ela leva a uma elucidação

²⁴⁹ “[...] ce qui est premier, c’est le refus du capitalisme et la volonté de le détruire. L’image du futur naît de ce refus, une comme la perspective sur le passé. Et c’est pourquoi cette dernière, liée à une volonté, est essentiellement relative, inséparable d’un choix dans l’histoire. Bien plus ce choix commande la théorie aussi bien que la perspective”.

²⁵⁰ “Or la philosophie de l’histoire est, par essence, transcendante au donné parce qu’elle situe le passé par rapport au futur (que l’on imagine à l’image du passé). Elle est donc, comme toute pensée engagée, solidaire d’une volonté. C’est la priorité de l’avenir dans la conscience historique qui condamne à la partialité les philosophies concrètes”.

*lógica, resultado formal, inútil, para todos aqueles que estão mais preocupados com o agir do que com o conhecer*²⁵¹ (ARON, 1986b, p. 393).

O marxismo, em função de suas características, é uma filosofia ligada a uma vontade política particular e a uma atitude vital, como é o caso de toda e qualquer filosofia. Particular pois toda filosofia é produto de uma vontade localizada historicamente, é fruto, portanto, do engajamento e da reflexão. Isso não implica deslegitimá-la pelo reconhecimento de que apropriações históricas também são históricas. Para Aron, há uma dimensão importante que precede o ato do sujeito no presente ao se apropriar do passado, esperando com isso, pela recusa ou rejeição, alcançar possíveis decisões para seu futuro.

Tendo por base tal ideia, ou seja, as interpretações do passado segundo vontades particulares que objetivam o futuro, Aron passa, então, a se preocupar com as formas de considerar e escrever a história. Quais são os modos de consideração histórica e quais reflexões a respeito do conhecimento histórico nos permitem realizar? (ARON, 1986b, p. 394). Na verdade, a variabilidade de obras historiográficas é de tal magnitude que poderíamos elaborar uma história das historiografias. Sendo assim, propõe-se a categorizar as obras segundo um critério lógico.

*“De um ponto de vista lógico, podemos agrupá-las em três categorias: aquelas que se fundam sobre a natureza dos fatos retidos (concepções política, econômica, social, cultural da história), aquelas que se fundam sobre o caráter do conhecimento (histórias narrativa, evolutiva, explicativa e psicológica), aquelas enfim que se fundam na intenção do historiador e sua relação com a história (história monumental, pragmática, erudita, crítica, filosófica)”*²⁵² (ARON, 1986b, p. 394).

Concernente à natureza dos fatos, Aron nos diz que os elementos que regem sua seleção estão diretamente ligados ao interesse que se tem pelo passado. De forma que não é fixo, mas cambiante, à medida que esse interesse é renovado a cada instante. Por exemplo, faz questão de deixar claro qual é a natureza dos fatos relevantes para o momento em que escreve seu livro.

²⁵¹ “Cette discussion ne constitue pas plus que celle que nous avons précédemment consacrée au primat causal une réfutation ou une confirmation du marxisme. Elle aboutit à une élucidation logique, résultat formel, inutile, pour tous ceux qui sont plus préoccupés d’agir que de connaître”.

²⁵² “D’un point de vue logique, nous pouvons les grouper en trois catégories: celles qui se fondent sur la nature des faits retenus (conceptions politique, économique, sociale, culturelle de l’histoire), celles qui se fondent sur le caractère de la connaissance (histoires narrative, évolutive, explicative et psychologique), celles enfin qui se fondent sur l’intention de l’historien et sa relation à l’histoire (histoire monumentale, pragmatique, érudite, critique, philosophique)”.

*“Os regimes econômicos, a vida social nos importam mais hoje em dia do que os relatos de batalhas ou os jogos da política”*²⁵³ (ARON, 1986b, p. 395).

De qualquer forma, o fato de termos a possibilidade de histórias específicas não implica não pensar uma história geral do homem. E de nada adiantaria a justaposição de visões parciais de especialistas, sejam eles historiadores da economia e/ou historiadores da política.

*“A interação universal das forças, a ligação das ideias ao real e sua relativa autonomia, tornam igualmente indispensável uma teoria que esteja acima do saber empírico e dos prejulgamentos positivistas”*²⁵⁴ (ARON, 1986b, p. 395).

No que diz respeito ao caráter do conhecimento, Aron faz questão de se posicionar com relação à dificuldade em estabelecer a diferenciação entre os gêneros históricos.

*“Somos tentados a reduzir a diferença entre história narrativa e evolutiva, entre erudição e explicação”*²⁵⁵ (ARON, 1986b, p. 395).

Aron não desconhece a diferenciação entre história propriamente e o conhecimento que é elaborado desta mesma história. Não podemos esquecer que esta foi uma das diferenciações estabelecidas no início do *Introduction* (ARON, 1986b, p. 17). É fácil perceber que não advoga ingenuamente que o conhecimento histórico seja capaz de apropriar perfeitamente da realidade histórica. Não é a diferenciação que está em pauta. Sabe e advoga que toda e qualquer história científica apresenta aspectos ligados à narrativa, assim como toda é qualquer narrativa procede com base em uma racionalização retrospectiva. A diferenciação é apenas formal, e, evidentemente, pode não proceder tal preocupação na prática concreta do historiador. A intenção do historiador, em função do seu grau de equivocidade não permite estabelecer categorias precisas da historiografia. Ademais, sujeito cognoscente e objeto cognoscível se mesclam em termos do interesse do primeiro e da natureza do segundo. Entretanto, apesar dos diversos modos de consideração histórica, Aron acha que é comum a todos a questão da verdade. Todavia, não acredita que estejam plenamente diferenciados ou que

²⁵³ *“Les régimes économiques, la vie sociale nous importent aujourd’hui plus que les récits de bataille ou les jeux de la politique”.*

²⁵⁴ *“L’universelle interaction des forces, la liaison des idées au réel et leur relative autonomie, rendent également indispensable une théorie qui est au-delà du savoir empirique et des préjugés positivistes”.*

²⁵⁵ *“Nous sommes tentés de réduire la différence entre histoire narrative et évolutive, entre érudition et explication”.*

não intercambiem características. Admite até a dificuldade de dar conta da diversidade historiográfica.

*“Nenhuma filosofia saberia eliminar nem a pluralidade das considerações, nem a relatividade das perspectivas. E já que, segundo as questões que nós lhe colocamos, o devir toma uma aparência ou outra, as visões do passado devem ser também diversas como as intenções dos homens”*²⁵⁶ (ARON, 1986b, p. 396).

Para ele, a filosofia deve partir de outra dimensão para dar conta dessa pluralidade de considerações. Isso não implica que a filosofia deva negar as particularidades. Entende que os testemunhos conservam e transmitem a memória dos acontecimentos. Entretanto, há uma dimensão coletiva do movimento histórico a qual não pode ser submetida pelo sujeito testemunhal.

*“Mas o filósofo não tem nenhuma necessidade de negar esta identidade, para perceber, além das condutas e das experiências individuais, o devir social e espiritual no qual e pelo qual o homem alcança a sua humanidade, supondo que esta se defina pelo espírito e na sociedade”*²⁵⁷ (ARON, 1986b, p. 397).

A filosofia, portanto, não se opõe às identidades particulares, tampouco as elimina. As questões que a filosofia deve colocar, segundo Aron, são concernentes à possibilidade do homem descobrir a verdade. Mas há dificuldade em responder tais questões e que jamais se exaurem. No caso da possibilidade de uma resposta afirmativa por parte do indivíduo, será demandada sua verificação. De forma que as decisões individuais são confrontadas a todo momento com a diversidade das concepções filosóficas.

*“A diversidade de concepções de mundo é um fato incontestável; na ausência de dados que enfraqueçam ou confirmem nossas hipóteses sem deixar lugar para as contestações, inevitavelmente ela exige de cada um uma decisão pessoal”*²⁵⁸ (ARON, 1986b, p. 397).

Como podemos observar, Aron conhece adequadamente o contraste entre a busca da verdade e as diversas concepções de mundo em disputa. Antecipa, portanto,

²⁵⁶ “Aucune philosophie ne saurait éliminer ni la pluralité des considérations, ni la relativité des perspectives. Et puisque, selon les questions que nous lui posons, le devenir prend une apparence autre, les visions du passé doivent être aussi diverses que les intentions des hommes”.

²⁵⁷ “Mais le philosophe n’a nul besoin de nier cette identité, pour apercevoir, au-delà des conduites et des expériences individuelles, le devenir social et spirituel dans et par lequel l’homme accède à son humanité, à supposer que celle-ci se définisse par l’esprit et dans la société”.

²⁵⁸ “La diversité des conceptions du monde est un fait incontestable; en l’absence de données qui infirment ou confirment nos hypothèses sans laisser place aux contestations, inévitablement elle appelle de chacun une décision personnelle”.

que a ideia de verdade do homem não permite superar a particularidade das perspectivas. Veremos, mais adiante, quanto isso é um problema de ordem política. Contudo, adverte-nos quanto à natureza da negação dessa verdade.

*“A negação não se funda sobre uma única observação. De fato, quase sempre, implicitamente ou explicitamente, ela adere não ao ceticismo ou ao agnosticismo, mas a um dogmatismo”*²⁵⁹ (ARON, 1986b, pp. 397 e 398).

Ora, não é essa a situação do Ocidente no momento em que Aron escreve seu livro? Na verdade, não é o que vinha tentando demonstrar ao longo de sua argumentação? Segundo ele, tais considerações se fundam em uma contradição própria do irracionalismo, mas alega que essa contradição é inerente ao próprio exercício de filosofar - próprio da natureza humana. Porém, Aron não pretende mergulhar em discussão desse âmbito, simplesmente chama a atenção para a seguinte constatação.

*“Discussão puramente formal que não convenceria ninguém (e não pretende fazê-lo), mas sugere ao menos a antinomia fundamental da vocação racional e da vida animal. A história só existe por esta contradição. Espírito puro ou ímpeto cego, ela se perderia igualmente, em um progresso contínuo ou em uma sucessão sem lei”*²⁶⁰ (ARON, 1986b, p. 398).

É próprio de Aron apresentar antinomias que cercam aqueles que desejam apreender a história vivendo nela. Neste caso não é diferente, pois é intrínseca à natureza do homem a superação da animalidade por meio da sua racionalidade. Com isso, na verdade, quer não só admitir a situação trágica que cerca o homem, mas também apresentar sua ética da prudência, a qual decorre inevitavelmente de considerações de ordem política de tal situação. Portanto, a mudança de plano de perspectiva não é uma atitude mecânica de mera ampliação da dimensão do observador. Também não é a tentativa de se buscar outra dimensão de estudo, outro conjunto de conceitos e teorias. É na verdade reconhecer uma qualidade humana do sujeito observador cosgnoscente a qual permite comprovar, segundo ele, a possibilidade do abandono da animalidade humana que nega ao homem a possibilidade de conhecer. Não se trata, com isso, de voltar à questão do *ser* e do *dever ser*.

²⁵⁹ “La négation ne se fonde pas sur la seule observation. En fait, presque toujours, implicitement ou explicitement, elle se rattache non au scepticisme ou à l’agnosticisme, mais à un dogmatisme”.

²⁶⁰ “Discussion purement formelle qui ne convaincra personne (et n’y prétend pas), mais suggère au moins l’antinomie fondamentale de la vocation rationnelle et de la vie animale. L’histoire n’existe que par cette contradiction. Esprit pur ou élan aveugle, elle se perdrait également, en un progrès continu ou en une succession sans loi”.

*“Nós não regressamos assim à dualidade do ser e do dever ser”*²⁶¹ (ARON, 1986b, p. 398).

Ele está chamando a atenção para o fato de que as decisões, diante desta condição, angustiante para o homem, e que não deixa de ser parte de sua existência, estão abertas. Cabe a ele, portanto, tomar consciência de tal condição a fim de pensar seu futuro.

*“É através do devir coletivo onde o horror se compõe com a grandeza, que a humanidade eleva-se à consciência dela mesma e com isso a opor sua destinação e seu destino”*²⁶² (ARON, 1986b, p. 399).

Assim, Aron deixa claro em sua epistemologia da história que não há como fugir dessa condição trágica em que o indivíduo se encontra na história: ter que conhecer e não encontrar a verdade. Ou seja, não há como não deixar de relacionar a lógica do conhecimento histórico e a interpretação do devir pelo sujeito cognoscente. Seria um equívoco alijar em tal processo as antinomias intrínsecas a ele. Este foi, para Aron, o equívoco de Marx.

*“Marx via no comunismo a reconciliação das velhas antinomias, da essência e da existência, dos homens entre eles e com a natureza”*²⁶³ (ARON, 1986b, p. 399).

Mas lembra Aron que este equívoco não é exclusivo de Marx. É próprio de toda e qualquer tentativa de interpretação do devir, portanto, próprio de toda e qualquer filosofia da história, pois o indivíduo que a concebe está imerso na duração que constrói e reelabora continuamente.

*“Mas esses dois elementos se encontram inevitavelmente em toda filosofia da história: uma intenção particular, que se situa entre um fragmento conhecido do passado e o futuro pressentido, e uma ideia, representação provisória do fim”*²⁶⁴ (ARON, 1986b, p. 399).

É fácil perceber que Aron não desloca de sua análise do conhecimento histórico a situação do cientista na história. Esta constação foi seguida da tentativa de

²⁶¹ “*Nous n'en revenons pas ainsi à la dualité de l'être et du devoir être*”.

²⁶² “*C'est à travers le devenir collectif où l'horreur se compose avec la grandeur, que l'humanité s'élève à la conscience d'elle-même et en vient à opposer sa destination à sa destinée*”.

²⁶³ “*Marx voyait dans le communisme la réconciliation des vieilles antinomies, de l'essence et de l'existence, des hommes entre eux et avec la nature*”.

²⁶⁴ “*Mais ces deux éléments se retrouvent inévitablement dans toute philosophie de l'histoire: une intention particulière, qui se situe entre un fragment connu du passé et l'avenir pressenti, et une idée, représentation provisoire de la fin*”.

superar o historismo. Todavia, Aron observa que a situação equívoca do sujeito não se resolve, mesmo para ele.

*“A fórmula que nós temos empregado, superação do historismo, é tão equívoca quanto o próprio historismo”*²⁶⁵ (ARON, 1986b, p. 400).

Diante de tal constatação, Aron considera prudente o reconhecimento, e, portanto, a aceitação, da coexistência das particularidades, visões, interpretações e vontades, e da totalidade do devir, tomando este como o movimento histórico global que abarca a todas particularidades. Com isso, não deixa de admitir as mudanças históricas. Todavia, admite não conseguir precisar ao grau de diferenciação entre essas mudanças (ARON, 1986b, p. 400).

*“[...] sugerimos a dialética da existência que atua, pensa e pensa a si mesma (que descreveremos mais precisamente na última parte). Dialética histórica sem dúvida, mas perpetuamente obstinada em ultrapassar a história e que se define por esta vontade, sempre vã e sempre retomada. Pois a história desapareceria tanto se o homem não tivesse mais nada a aprender como também se ele nunca pudesse aprender nada”*²⁶⁶ (ARON, 1986b, p. 401).

As considerações de Aron, sobretudo em seu aspecto mais formal, permitem reconhecer o mérito do seu trabalho. Não se trata de assumir ingenuamente a tradição racionalista e defender uma ética eterna, do ser e do dever ser, acima do processo histórico e da condição natural do homem. Mas tal constatação não implica cair na dimensão cética e irracionalista do relativismo. As questões levantadas por Aron, por mais que tenham profundo caráter formal, permitem de fato buscar logicamente uma saída tendo por base a reflexão e o engajamento. Essa saída lógica, por sua vez, volta ao plano real à medida que se verifica a dialética histórica a qual envolve perpétua e evanescentemente o próprio homem.

Portanto, da reflexão sobre a ciência passamos para a reflexão a respeito do sujeito científico. Mais especificamente, da reflexão sobre a história passamos a refletir sobre o sujeito na história que, para Aron, não deixa de ser a própria condição do historiador. Como vimos, a situação trágica deste homem é sua condição existencial,

²⁶⁵ “La formule que nous avons employée, dépassement de l'historisme, est aussi équivoque que l'historisme lui-même”.

²⁶⁶ “[...] nous avons suggéré la dialectique de l'existence qui agit, pense et se pense elle-même (que nous décrivons plus précisément dans la dernière partie). Dialectique historique sans doute, mais perpétuellement acharnée à dépasser l'histoire et qui se définit par cette volonté, toujours vaine et toujours reprise. Car l'histoire disparaît aussi bien si l'homme n'a plus rien à apprendre que s'il n'apprendra jamais rien”.

empenhando-se sempre em superar sua própria história. Seguindo a argumentação aroniana, devemos avaliar, por conseguinte, o homem e sua relação com a história, sua consciência e seu papel diante do devir.

2.4. Crítica aroniana da razão histórica

As considerações de Aron a respeito da objetividade e do relativismo histórico o levaram a pensar a condição do indivíduo, a qual impõe a obrigação de conhecer em função da situação engajada em que se encontra. Condição inescapável para o homem e, por conseguinte, próprio de sua existência. Caberia, então, especular em que medida o homem tem consciência de tal condição. Dentro desse quadro, Aron assume uma característica variável para a consciência histórica.

*“A consciência histórica varia com os povos e as épocas, ora dominada pela nostalgia do passado, ora pelo sentido da conservação ou da esperança do futuro”*²⁶⁷ (ARON, 1986b, p. 403).

Há três elementos fundamentais que caracterizam o exercício da consciência histórica, e todos associados com o tempo. “*Nostalgie*”, “*conservation*” e “*espoir*” não deixam de estar respectivamente ligados ao passado, ao presente e ao futuro. É difícil dissociá-los um do outro. Mas também é difícil equilibrá-los na reflexão. Portanto, é inevitável a necessidade de reconhecer a tensão permanente que há entre eles.

*“O tempo é ao mesmo tempo a potência destruidora que leva ao nada os monumentos e os impérios, e o princípio da vida e da criação. Nem o otimismo do progresso, nem o pessimismo da dispersão e da solidão definem propriamente a idéia histórica”*²⁶⁸ (ARON, 1986b, p. 403).

Ademais, como podemos ver, o tempo é marcante no posicionamento reflexivo do homem. Não importa o otimismo iluminista ou o pessimismo pragmatista pós-racionalista, os três elementos da consciência histórica continuarão imperando na reflexão do homem. É importante destacar a relação direta entre consciência histórica e tempo. A princípio, pode parecer óbvio, mas Aron, ao cotejar a tripartição do processo de tomada de consciência, propõe algo superior, ou melhor, comum, a todas as filosofias da história: a relação entre homem e história (ARON, 1986b, p. 403).

Dentro desse quadro, é razoável pensar como o homem se relaciona com a história. Para tomar ciência de que está na história, o homem, individualmente, parte

²⁶⁷ “*La conscience historique varie avec les peuples et les époques, tantôt elle est dominée par la nostalgie du passé, tantôt par le sens de la conservation ou l’espoir de l’avenir*”.

²⁶⁸ “*Le temps est à la fois la puissance destructrice qui emporte dans le néant les monuments et les empires, et le principe de vie et de création. Ni l’optimisme du progrès, ni le pessimisme de la dispersion et de la solitude ne définissent en propre l’idée historique*”.

de um sentimento de pertencimento a uma dada coletividade. E tal sentimento não deixa de ser um posicionamento diante de uma história comum.

*“A sociedade e sua história representam o meio no qual cada um se realiza, meio em que se sofre e se julga”*²⁶⁹ (ARON, 1986b, p. 403).

Esse posicionamento não está dissociado da reflexão e do engajamento. E tal condição, para Aron, demanda observar os aspectos da historicidade de toda política, o que implica levar em conta duas operações decisivas para o indivíduo: a escolha e a ação. Trata-se de um problema político fundamental para o indivíduo: escolher entre aceitar ou recusar a situação em que se vive. Não deixa de ser um confronto de opiniões do próprio indivíduo e em relação aos demais indivíduos: seja moralista, economista ou marxista, tal escolha é inerente ao homem. Portanto, deve-se restituir o caráter histórico da política assentada na escolha e na ação do indivíduo no tempo. Todavia, Aron chama a atenção para o fato de que há certa rejeição de pensar a política e sua historicidade.

*“Três ilusões impedem de reconhecer a **historicidade** de toda política. Uma é aquela dos cientistas que imaginam uma ciência (da sociedade ou da moral) que permitiria fundar uma arte racional. Outra é aquela dos racionalistas que, mais tributários do ideal cristão que pensam, admitem sem reservas que a razão prática determina tanto o ideal da conduta individual, quanto a da vida coletiva. A última é aquela dos pseudorealistas, que pretendem fundar sobre a experiência histórica, regularidades fragmentárias ou necessidades eternas, e sobrecarregam os idealistas com seu desprezo, sem ver que submetem o futuro a um passado menos conhecido do que reconstruído, sombra de seu pessimismo, imagem de sua própria resignação”*²⁷⁰ (ARON, 1986b, p. 406).

Aron deseja afastar as falsas impressões que possam contaminar sua reflexão. A questão não é colocar a sociedade como elemento fundamental de e para onde devem caminhar todas as proposições e conclusões. Aron é profundo crítico do uso constante de imperativos excessivamente abstratos no trato das coisas do homem. É preciso fazer uma escolha e agir, e o homem assim o faz. Tal processo está

²⁶⁹ “La société et son histoire représentent le milieu dans lequel chacun se réalise, milieu que l’on subit et que l’on juge”.

²⁷⁰ “Trois illusions empêchent de reconnaître l’**historicité** de toute politique. L’une est celle des scientifiques qui imaginent une science (de la société ou de la morale) qui permettrait de fonder un art rationnel. L’autre est celle des rationalistes qui, plus tributaires qu’ils ne pensent de l’idéal chrétien, admettent sans réserves que la raison pratique détermine aussi bien que l’idéal de la conduite individuelle, celui de la vie collective. La dernière est celle des pseudo-réalistes, qui prétendent se fonder sur l’expérience historique, régularités fragmentaires ou nécessités éternelles, et accablent les idéalistes de leur mépris, sans voir qu’ils soumettent l’avenir à un passé moins conçu que reconstruit, ombre de leur scepticisme, image de leur propre résignation”.

profundamente ligado a aceitar ou não a sociedade na qual se vive: os cientistas sociais não estão acima de tal dilema.

*“Na verdade, o cientista encontra no objeto os conflitos que agitam os outros homens e ele mesmo”*²⁷¹ (ARON, 1986b, p. 406).

Também não há uma razão histórica, superior, metafísica ou material, governando as ações dos homens e determinando, assim, sua vocação e sua missão original e final na história.

*“A ideia de uma vocação única para todos os homens e todos os povos se justifica com facilidade no interior de uma representação cristã do mundo”*²⁷² (ARON, 1986b, p. 407).

Consoante Aron, a ideia de uma vocação humana capaz de estabelecer a unidade da humanidade é herança do pensamento cristão. Para ele, tal concepção pouco esclarece a cerca da vocação humana. O que é próprio da natureza humana, e pode ser considerado como vocação do homem, está em uma dimensão estritamente formal do pensamento.

*“Ao contrário, a vocação, inscrita em nossa natureza espiritual e decifrada pela reflexão, torna-se necessariamente formal, se ela deve valer para todas as épocas, ela nem reconcilia os indivíduos, nem o grupos rivais”*²⁷³ (ARON, 1986b, p. 407).

É importante notar que Aron, ao mesmo tempo em que acentua a possibilidade aberta de ação do homem, também procura deixar clara uma dimensão da conduta humana consequente da condição de engajamento e reflexão permanentes desse mesmo homem. Com isso, renova as considerações causais do mundo político, colocando-o como outra forma de razão histórica.

Na verdade, Aron não só minimiza a ideia de ciência racional como também descarta qualquer ideia predeterminada de vocação humana. E, assim, reconhece a relevância do conflito político permanente. A escolha de sistemas econômicos e/ou formas institucionais não advém de uma escolha racional estritamente. As escolhas são históricas, cercadas de riscos e contradições.

²⁷¹ *“En vérité, le savant rencontre dans l’objet les conflits qui agitent les autres hommes et lui-même”.*

²⁷² *“L’idée d’une vocation une pour tous les hommes et tous les peuples se justifie aisément à l’intérieur d’une représentation chrétienne du monde”.*

²⁷³ *“Au contraire, la vocation, inscrite dans notre nature spirituelle et déchiffrée par la réflexion, devient nécessairement formelle, si elle doit valoir pour toutes les époques, elle ne réconcilie ni les individus, ni les groupes rivaux”.*

*“As definições concretas são sempre emprestadas de uma realidade histórica e não de um imperativo abstrato”*²⁷⁴ (ARON, 1986b, p. 408).

Não há elementos abstratos que satisfaçam as condições e as exigências da realidade concreta dos homens. As escolhas são políticas em contextos históricos distintos. E os resultados de tais escolhas jamais implicarão em formas perfeitas de organização social. É o exemplo que Aron apresenta concernente à economia.

*“Acrescentamos que jamais se escolhe entre dois sistemas ideais: aquele do automatismo e aquele do planejamento, mas entre duas formas imperfeitas”*²⁷⁵ (ARON, 1986b, p. 408).

Decisões políticas em contextos históricos próprios e que implicam escolhas imperfeitas. Deveríamos dizer sempre imperfeitas, por isso Aron não espera idealizar a escolha política.

*“Acrescentamos que se idealiza ainda esta escolha reduzindo-a à alternativa do passado e do futuro, esquecendo a pluralidade de possibilidades que se oferecem a cada instante, confundindo o regime novo com a encarnação do absoluto”*²⁷⁶ (ARON, 1986b, p. 408).

Ou seja, não é a melhor, não é a mais justa, não é aquela que advém de da lógica da certeza ou da verdade, é apenas uma decisão histórica, uma escolha dentre a pluralidade de possibilidades. Escolha que jamais deixa de ocorrer, pois reflete a concretude de uma condição que não se evanesce e que é produto direto da relação entre engajamento e reflexão. Para contornar tais dificuldades no processo humano de decidir não poderíamos buscar orientação no passado histórico nem no conjunto de experiências do homem? É Aron quem responde.

*“A ciência histórica não sugere que o foi deva continuar a ser, nem o que dure seja melhor que aquilo que passa, nem mesmo que o que se encontra em todo lugar no passado deva sempre se encontrar no futuro”*²⁷⁷ (ARON, 1986b, p. 409).

²⁷⁴ “Les définitions concrètes sont toujours empruntées à une réalité historique et non à l’impératif abstrait”.

²⁷⁵ “Ajoutons que l’on n’a jamais à choisir entre deux systèmes idéaux: celui de l’automatisme et celui du plan, mais entre deux formés imparfaites”.

²⁷⁶ “Ajoutons que l’on idéalise encore ce choix en le réduisant à l’alternative du passé et de l’avenir, en oubliant la pluralité des possibilités qui s’offrent à chaque instant, en confondant le régime nouveau avec l’incarnation de l’absolu”.

²⁷⁷ “La science historique ne suggère nullement que ce qui a été doive continuer d’être, ni que ce qui dure vaille mieux que ce qui passe, ni même que ce que l’on rencontre partout dans le passé doive toujours se rencontrer dans l’avenir”.

Isso não implica descartar o conhecimento sobre o passado, nem desconsiderar a ciência histórica. Aron sabe e defende que escolha e decisão políticas ocorrem de fato em função da própria consciência que o homem tem do seu passado.

*“Logicamente, a história conduz à política por intermédio das regularidades observadas”*²⁷⁸ (ARON, 1986b, p. 409).

Faz-se necessário, portanto, averiguar as “*regularidades observadas*” pelo homem para suas escolhas políticas. Isso não implica admitir que Aron deixou de lado a pluralidade de regularidades e a diversidade de perspectivas. Não há lições da história para se observar. O que é feito, de fato, é o realce particular de regularidades. E é um equívoco transformar qualquer regularidade observada em uma lei propriamente.

*“Se a geografia física não muda nada, a geografia política participa do devir. É fácil invocar a experiência, mais difícil é utilizá-la, mais difícil ainda é esquecê-la”*²⁷⁹ (ARON, 1986b, p. 409).

As regularidades que podem ser observadas não obrigam ao engessamento as decisões e escolhas políticas. Segundo Aron, podemos identificar três tipos de regularidades históricas: aquelas no plano dos indivíduos propriamente, ou seja, dos impulsos humanos; aquelas no plano das coletividades, das características comuns dos grupos sociais; e, por fim, as relações causais. Mas o que é importante em seu argumento é o fato de considerá-las, sem exceção, “*parciais e fragmentárias*” (ARON, 1986b. pp. 409 e 410).

*“Todas essas regularidades, sabemos, são parciais e fragmentárias”*²⁸⁰ (ARON, 1986b, p. 410).

Embora as regularidades sejam parciais e fragmentárias, Aron não as dissocia da ciência histórica definitivamente. Na verdade, afirma que a ciência histórica permite obter três tipos de conclusão que se associam diretamente com as regularidades observadas.

“A ciência histórica leva a três tipos de conclusão: a narrativa pura, as relações de causalidade e uma representação global do devir, representação que parece o objetivo

²⁷⁸ “*Logiquement, l’histoire conduit à la politique par l’intermédiaire des régularités observées*”.

²⁷⁹ “*Si la géographie physique ne change guère, la géographie politique participe du devenir. Il est facile d’invoquer l’expérience, plus difficile de l’utiliser, plus difficile encore de l’oublier*”.

²⁸⁰ “*Toutes ces régularités, nous le savons, sont partielles et fragmentaires*”.

*último ainda que inspire a tradução conceitual e a escolha dos eventos*²⁸¹ (ARON, 1986b, p. 410).

Diante da enumeração de conclusões possíveis a partir da observação das regularidades, Aron chama a atenção para o fato de que representações globais do devir não deixam de ser produto de escolhas anteriores. Para ele, toda e qualquer tentativa de se buscar uma história total implicará sempre decisões ligadas a vontades particulares. Ou seja, as regularidades da ciência histórica, que, como vimos, estão associadas a escolhas políticas, não permitem tomar ciência do movimento global como um todo, porém são fundamentais na conformação das opiniões diversas. Em outras palavras, não há como suprimir as opiniões contraditórias buscando fundamentos no conhecimento histórico.

*“Aquilo que torna absurda a noção de uma política científica, é o fato de que a ciência, sempre parcial, subordina-se às vontades contraditórias”*²⁸² (ARON, 1986b, p. 410).

Não é o caso somente da história: vemos na citação que essa condição parcial e fragmentária é própria da ciência como um todo. Mas, no caso da história, especificamente, Aron chama a atenção para o fato de que o processo que devemos levar em conta é a relação dialética entre ação e contemplação.

*“Nós encontramos a dialética que tem sido o centro de nosso trabalho, do passado e do presente em direção ao futuro, da contemplação e da ação”*²⁸³ (ARON, 1986b, p. 410).

Não há como não colocar em xeque as pretensões positivistas de sociólogos e historiadores imersos na cultura intelectual do cientificismo político. Não há como deixar de questionar o posicionamento intelectual dos professores e mestres de Aron. Suas decisões são particulares e não resolvem o confronto das vontades contraditórias. São escolhas assim como são as escolhas de todos os homens. De forma que se torna inegável a necessidade de se observar não só a reflexão dos indivíduos no momento de suas escolhas políticas, mas também certas dimensões dessa escolha.

²⁸¹ *“La science historique aboutit à trois types de conclusion: le récit pur, les rapports de causalité, une représentation globale du devenir, représentation qui semble le terme dernier encore qu’elle inspire déjà la traduction conceptuelle et le choix des événements”*.

²⁸² *“Ce qui rend absurde la notion d’une politique scientifique, c’est donc le fait que la science, toujours partielle, se subordonne à des volontés contradictoires”*.

²⁸³ *“Nous retrouvons la dialectique qui a été au centre de notre travail, du passé et du présent tendu vers l’avenir, de la contemplation et de l’action”*.

*“A escolha da qual nós temos falado até o momento comporta logicamente dois esforços distintos: a escolha de uma política, a adesão a um partido”*²⁸⁴ (ARON, 1986b, p. 410).

Para Aron, é preciso ter em mente as diferenças entre a escolha política e a escolha de um partido. A primeira diz respeito ao posicionamento do indivíduo diante da realidade social que o cerca, avaliando elementos que devem e podem ser mudados, para então, pensar e propor objetivos para a efetivação dessa mudança. Essa é a escolha de uma política. Contudo, levar a cabo tal escolha, demanda a adesão a um grupo social implicado em ações concretas de mudança, reforma ou revolução, ou continuação. Esta é sem dúvida uma dificuldade permanente, pois a participação implica necessariamente a adesão a grupos, o que demanda não só uma relação bilateral de aceitação e pertencimento, mas também de revisão constante das escolhas políticas primeiras. Todavia, para ele a questão é outra, é dentro da dimensão lógica que nosso autor sempre procura posicionar seus argumentos.

*“Logicamente, importa antes de tudo, aceitar ou não a ordem existente: a favor ou contra aquilo em que está, esta seria a primeira alternativa”*²⁸⁵ (ARON, 1986b, p. 411).

Em grande medida, a dimensão lógica deve ser observada. E, de fato, a primeira escolha pode diferenciar o conservador do revolucionário. Mas o que importa observar é que tal escolha implica exatamente a dialética incessante, já observada por Aron, entre passado e presente em vista do futuro. O homem pode até ter a liberdade de escolher entre visões totais do movimento da história e apregoar categoricamente um futuro por ele concebido; ou, então, prudente e conservador, admitir que as previsões são imperfeitas, pois são produtos de opiniões fragmentárias e contraditórias da realidade. A questão que sabemos de antemão e dela não podemos escapar é que para razoável grau de ignorância quanto aos resultados consequentes de qualquer escolha que seja feita. A visão cética de Aron permite suspender o juízo?

*“[...] a incerteza do futuro proíbe o ceticismo e a abdicação”*²⁸⁶ (ARON, 1986b, p. 412).

²⁸⁴ *“Le choix dont nous avons parlé jusqu’à présent comporte logiquement deux démarches distinctes: le choix d’une politique, l’adhésion à un parti”.*

²⁸⁵ *“Logiquement, il importe avant tout, d’accepter ou non l’ordre existant: pour ou contre ce qui est, telle serait l’alternative première”.*

²⁸⁶ *“[...] l’incertitude de l’avenir interdit le scepticisme et l’abdication”.*

Não é o que pensa nosso autor. É justamente a condição existencial do homem, imerso na dialética entre presente e passado, que não permite a suspensão do juízo. O ceticismo aroniano não permite alcançar a ataraxia filosófica.

*“[Aron era] um cético inquieto, perturbado, sem ataraxia. A paixão da realidade e de sua inteligência não exclui a assombração refletida do mal”*²⁸⁷ (BOYER, 1999, p. 54).

O desejo de tornar inteligível a realidade impõe a nosso autor a obrigação de tentar interpretar o processo histórico, sabendo que isso não é apenas refletir, mas também agir, ou, pelo menos, indicar certas ações. A consciência histórica se faz necessária, pois devemos escolher, devemos agir.

*“Há dois problemas distintos da ação: obter ou conservar o poder, primeiramente, em seguida, utilizá-lo com vista a um fim”*²⁸⁸ (ARON, 1986b, p. 412).

As opções para o homem estão dentro de um espectro cujos extremos são os seguintes: a cegueira ou a resignação (ARON, 1986b, p. 414). E neste caso, não devemos esquecer que resignação também é escolha, também é opção de uma ação propriamente: a da inanição. O tempo é que dará a marca da necessidade das escolhas não realizadas.

*“A política é ao mesmo tempo a arte das escolhas sem volta e de longas intenções”*²⁸⁹ (ARON, 1986b, p. 414).

Mas Aron não advoga o engajamento político não reflexivo. Conhece muito bem as imperfeições da percepção que o indivíduo tem não só do presente mas também do passado histórico. Suas ideias avançadas no campo da epistemologia histórica acabam por fundamentar sua moderação política.

*“Um único ponto nos importa, porque ele toca nosso tema central, aquele da diferença entre a realidade e a tomada de consciência”*²⁹⁰ (ARON, 1986b, p. 412).

Entre a realidade que cerca o homem e a consciência que toma dela, há uma certa distância. Não há o espelhamento, na consciência do homem, da realidade que o cerca. Não há como dar conta de seu dinamismo e de sua infinitude. Não há como

²⁸⁷ “[Aron era] un sceptique inquiet, troublé, sans ataraxie. La passion de la réalité et de son intelligence n’exclut pas la hantise réfléchie du mal”.

²⁸⁸ “Il y a deux problèmes distincts de l’action: obtenir ou conserver le pouvoir d’abord, l’utiliser en vue d’une fin ensuite”.

²⁸⁹ “La politique est à la fois l’art des choix sans retour et de longs desseins”.

²⁹⁰ “Un seul point nous importe, parce qu’il touche à notre thème central, celui du décalage entre la réalité et la prise de conscience”.

negar, escolha e ação são históricas, segundo nosso autor. As condições singulares de uma dada época são relevantes e fundamentais para o mundo político. O tempo tem papel relevante, à medida que escolhas e ações, uma vez tomadas ou realizadas, não voltam jamais. E, quanto aos seus resultados, há riscos que são assumidos e que são produtos da imprevisibilidade das ações humanas, o que acentua a incerteza do futuro (ARON, 1986b, pp. 414 e 415).

*“Tripla historicidade que corresponde a uma tripla exigência: recolher uma herança, tender na direção de um futuro que se ignora, situar-se em um movimento que ultrapassa os indivíduos”*²⁹¹ (ARON, 1986b, p. 415).

Portanto, não deixamos de notar a condição trágica na qual se encontra o homem perpetuamente fazendo escolhas jamais inequívocas. Esta é a condição de quem se situa historicamente. É essa a situação em que se encontra o jovem Aron: momento em que o intelectual toma consciência da cultura intelectual em que está inserido. Situação inegável do indivíduo que julga o presente, recebendo da história os critérios morais para tal julgamento. Não deixa de ser um ato de compromisso, pois revela uma maneira de se relacionar com o meio social a qual pertence. Todavia, não é algo exterior ao indivíduo, é próprio de sua reflexão e engajamento existenciais.

*“A escolha na história se confunde na realidade com uma decisão sobre mim, já que ela tem por origem e por objeto minha própria existência”*²⁹² (ARON, 1986b, p. 416).

Evidentemente, para Aron, tais condições são colocadas nos momentos críticos da história, os quais, para ele, não representam os momentos mais raros. A guerra é que traz para o homem a lembrança da sua condição de pertencimento a um dado grupo social. A guerra é a situação política extrema que faz com que o homem tome decisões presentes buscando sua conservação no futuro.

*“Foi necessário a guerra para recordar aos homens que eles são cidadãos antes de serem indivíduos particulares: a coletividade, seja classe ou pátria, exige legitimamente de cada um que se sacrifique a uma causa. Defesa nacional ou Revolução, o indivíduo que pertence à história é levado a assumir o risco supremo”*²⁹³ (ARON, 1986b, p. 416).

²⁹¹ *“Triple historicité qui correspond à une triple exigence: recueillir un héritage, tendre vers un avenir que l’on ignore, se situer dans un mouvement qui dépasse les individus”.*

²⁹² *“Le choix dans l’histoire se confond en réalité avec une décision sur moi, puisqu’elle a pour origine et pour objet ma propre existence”.*

²⁹³ *“Il a fallu la guerre pour réapprendre aux hommes qu’ils son citoyens avant d’être particuliers: la collectivité, qu’elle soit classe ou patrie, exige légitimement de chacun qu’il se sacrifie à une cause.*

Não podemos deixar de notar que as consequências das decisões do homem importam para ele. Dentro desse quadro, engajamento e reflexão não são só históricos, mas são basilares para o entendimento da política. Sobretudo pelo fato de que o movimento histórico da política não permite desconsiderar a própria existência humana. E não há como deixar de correr riscos. Para desespero de Aron, o homem pode, e muitas vezes irá, hipostasiar valores, assim como o cientista poderá hipostasiar conceitos. E Aron desconfia da “*hypostase des concepts collectifs*” (BOYER, 1999, p. 45). Homem e cientista atribuirão concretude e materialidade a ideias abstratas intentando justificar e explicar realizações mundanas como saídas necessárias. Em tais casos, a consciência do homem, tentando transformar um ideal abstrato em uma ação concreta, poderá comprometer sua existência em nome da teoria. É o reconhecimento, de forma muito negativa e trágica, da tensão permanente entre conhecimento e vontade.

*“A existência do indivíduo no tempo implica as três dialéticas do passado e do futuro, do saber e do querer, do eu e dos outros. Essas três dialéticas elementares se subordinam àquela do mundo e da pessoa. Eu descubro a situação na qual eu vivo, mas eu só a reconheço como minha aceitando-a ou recusando-a, isto é, determinando aquela em que eu quero viver”*²⁹⁴ (ARON, 1986b, p. 419).

Para Aron, dentro dessa lógica, não poderia haver espaços para fanatismos. Todavia, é próprio da escolha do homem a possibilidade de fazê-la em nome de um grupo social. Entretanto, deveria reconhecer a situação provisória de tal decisão e a singularidade da conjuntura da qual faz parte ele e seu grupo.

*“[...] a decisão concreta do comunista, da nacional-socialista, do republicano, do francês, integra o indivíduo às coletividades fechadas sobre si mesmas, não obedece a uma lei universal, responde a uma conjuntura singular a qual não sobrevive. Ela parece relativa como tudo aquilo que se prende às coisas perecíveis”*²⁹⁵ (ARON, 1986b, p. 420).

Défense nationale ou Révolution, l'individu qui appartient à l'histoire est tenu d'assumer le risque suprême”.

²⁹⁴ *“L'existence de l'individu dans le temps implique les trois dialectiques du passé et de l'avenir, du savoir et du vouloir, du moi et des autres. Ces trois dialectiques élémentaires se subordonnent à celle du monde et de la personne. Je découvre la situation dans laquelle je vis, mais je ne la reconnais pour mienne qu'en l'acceptant ou la refusant, c'est-à-dire en déterminant celle où je veux vivre”.*

²⁹⁵ *“[...] la décision concrète du communiste, du national-socialiste, du républicain, du Français, intègre l'individu à des collectivités fermées sur elles-mêmes, elle n'obéit pas à une loi universelle, elle répond à une conjoncture singulière à laquelle elle ne survit pas. Elle semble relative comme tout ce qui s'attache aux choses périssables”.*

Há riscos? Sem dúvida. Esta é a condição trágica do homem na história. Contudo, é, para Aron, no reconhecimento desse processo que se encontra a superação do historismo. A estrutura lógica dos processos decisórios está acima das conjunturas singulares. Haverá sempre uma opção coletiva e temporal que jamais deixará de acontecer.

*“[...] afirmar a potência daquilo que se acredita julgando seu meio e escolhendo a si. Só assim o indivíduo supera a relatividade da história pelo absoluto da decisão, e integra ao seu eu essencial a história que ele traz em si e que se torna em sua”*²⁹⁶
(ARON, 1986b, p. 421)

Entendemos que Aron procura nos aspectos estritamente formais da relação entre engajamento e reflexão a dimensão única da existência do homem que possa superar toda a diversidade espacial e temporal. É no plano essencialmente formal das ideias que o homem encontra sua unidade enquanto homem; porém, por outro, é fazendo parte de um meio social, cujas tradição e expectativa de futuro são suas características básicas e marcantes, que o homem pode realizar suas ideias. O homem socialmente engajado reflete e escolhe e, por estar engajado, deve decidir.

*“Se a decisão comunica à escolha seu caráter incondicional, esta em compensação comunica àquela sua particularidade. Eu não estou além da existência social que levo, eu me confundo com meu destino, encerro-me na contingência do dado psicológico e histórico que recolhi e assimilei”*²⁹⁷ (ARON, 1986b, p. 421).

Decisão incondicional e exigida de todos os homens. Seus processos formais não deixam escapar a individualidade das consciências históricas particulares. E escolha, concreta e ligada aos meios e às conjunturas, implica que o indivíduo não existe fora ou acima da existência das coletividades. Na verdade, está imbricado em uma realidade contingencial de um dado meio social. Assim, Aron recupera elementos fundamentais na definição da ciência histórica, ao situá-la como um exercício reflexivo que está acima das contingências.

²⁹⁶ “[...] affirmer la puissance de celui se crée en jugeant son milieu et en se choisissant. Ainsi seulement l’individu surmonte la relativité de l’histoire par l’absolu de la décision, et intègre à son moi essentiel l’histoire qu’il porte en lui et qui devient la sienne”.

²⁹⁷ “Si la décision communique au choix son caractère inconditionnel, celui-ci en revanche communique à celle-là sa particularité. Je ne suis pas au-delà de l’existence sociale que je mène, je me confonds avec ma destinée, je m’enferme dans la contingence du donné psychologique et historique que j’ai recueilli et assimilé”.

*“[...] a ciência histórica é por definição uma saber reflexivo, já que ela me revela aquilo que eu sou na história, eu entre os outros”*²⁹⁸ (ARON, 1986b, p. 421).

Outra indagação pertinente para Aron é quanto à relação entre homem e história. Tivemos a oportunidade, ao pensarmos o homem na história, de perceber o conflito entre o indivíduo e seu meio social; ao pensar na historicidade do homem, resgatamos a unidade do homem, sem com isso deixar de pensar a relatividade das vontades individuais (ARON, 1986b, p. 422). Mas propõe outra dimensão para sua análise. Ele quer saber qual é a dimensão crítica da missão do homem na história. Para tanto, parte da avaliação da relação entre arte e ciência. Nesta relação, devemos considerar dois valores fundamentais intrínsecos a cada atividade: beleza e verdade. Por um lado, podemos pensar que a ideia de beleza sempre pode ser algo acabado. A contemplação das obras artísticas permite sempre a realização plena da ideia de beleza, da perfeição estética. De fato, o artista goza de uma dimensão criativa infinita na concepção e elaboração de suas obras. Não há limites para a sua inventividade e criatividade. Seria a história uma arte? Por outro lado, no que diz respeito à ciência, Aron faz questão de colocá-la no outro extremo do espectro. Para a atividade científica, a ideia de verdade é sempre algo inacabado. Todo e qualquer estudo e/ou empreendimento científico jamais permite a realização plena da verdade. Ou seja, o cientista não goza de infinita possibilidade na criação científica. Na verdade, sofre, o cientista, o constrangimento dos limites da verdade. Seria a história uma ciência?

*“A regras da verdade não são, de direito, variáveis como as normas estéticas. O conhecimento é por natureza inacabado, mas ele se acumula sem limite”*²⁹⁹ (ARON, 1986b, p. 424).

Entendemos que Aron advoga inicialmente a ideia de que o homem na história busca a verdade indefinidamente. Todavia, não há, de fato, nenhuma condição de realização plena do conhecimento verdadeiro. O cientista tem ciência de tal condição, ou a toma, em função das regras que estabelecem a própria verdade.

“Como a perfeição do belo decompõe a duração em uma pluralidade dispersa, assim a imperfeição de toda verdade científica compõe a série de uma conquista indefinida. O

²⁹⁸ “[...] la science historique est par définition un savoir réflexif, puisqu’elle me révèle ce que je suis dans l’histoire, moi parmi les autres”.

²⁹⁹ “Les règles de la vérité ne sont pas, en droit, variables comme les normes esthétiques. La connaissance est par nature inachevée, mais elle s’accumule sans terme”.

artista é único e se reporta a Deus, o cientista se situa na humanidade a caminho e conhece sua finitude”³⁰⁰ (ARON, 1986b, p. 424).

A narrativa histórica que pretende ser ciência não pode ser um romance. Entretanto, sabe Aron que o homem tem a tendência a hipostasiar e projetar no plano mundano seus conceitos pensados e idealizados intelectualmente. É próprio da inteligência humana a criação. Assim, trata-se de admitir essa tensão como uma dialética própria da inteligência humana.

*“Dialética do devir científico e da fixação em forma lógica, da criação e da elaboração, que é sem dúvida constitutiva de nossa inteligência”*³⁰¹ (ARON, 1986b, p. 425).

É importante notar a diferença entre criação artística e criação científica. Para Aron, na criação científica há elementos que fazem parte da busca eterna da verdade. De acordo com esse quadro, como ficaria então o historicismo? Como se situaria a filosofia relativista da história diante desse processo dialético? Segundo Aron, o historicismo condena a si mesmo como parte relativa de uma história geral que não existe como evolução.

*“O historicismo puro refuta a si mesmo, dissolve toda a verdade e finalmente a história”*³⁰² (ARON, 1986b, p. 426).

O historicismo é contraditório em si, pois assume uma condição que o coloca contra ele mesmo: como pode se armar em verdade para destruir tudo inclusive a si próprio? Se por uma lado, há limites para a objetividade histórica, por outro, deve haver limites para o relativismo histórico.

Seguindo o raciocínio de Aron, devemos, então, resgatar uma aspecto da história do homem que é justamente a busca da verdade, jamais realizada na sua plenitude,. Lembramos que, consoante Aron, a dimensão analítica a que se propõe é própria da filosofia, ou seja, ao indagarmos sobre a busca da verdade e seu papel na realização da história do homem e do exercício da liberdade do homem na história,

³⁰⁰ “Comme la perfection du beau décompose la durée en une pluralité dispersée, ainsi l'imperfection de toute vérité scientifique compose la suite d'une conquête indéfinie. L'artiste est seul et se mesure à Dieu, le savant se situe dans l'humanité en chemin et connaît sa finitude”.

³⁰¹ “Dialectique du devenir scientifique et de la mise en forme logique, de la création et de l'élaboration, qui est sans doute constitutive de notre intelligence”.

³⁰² “L'historisme pur se réfute lui-même, il dissout toute vérité et finalement l'histoire”.

passamos a um plano que permite observar um diálogo transcendente entre as metafísicas, as diversas filosofias, inclusive a relativista, e as ideologias.

*“O diálogo das metafísicas e das ideologias históricas prova, pelo menos no interior de uma certa cultura, uma comunidade que invoca uma procura da verdade”*³⁰³ (ARON, 1986b, p. 429).

Como Aron havia colocado no início de seu livro, seus questionamentos são desenvolvidos em três planos: epistemológico, transcendental e filosófico (ARON, 1986b, p. 11). É o que podemos notar neste ponto. As considerações filosóficas fecham a argumentação de Aron ao propor que a busca da verdade leva em conta uma dimensão própria da ciência histórica e da inteligibilidade humana. Essa busca é um diálogo permanente que estabelece a unidade do todo.

Mas Aron não quer se perder no abstracionismo da moral filosófica de seu orientador, Léon Brunschvicg (ARON, 2010b, p. 83). Como seria, então, para Aron essa verdade?

*“Esta verdade deveria estar acima da pluralidade das atividades e dos valores, na falta da qual ela voltaria a cair no nível das vontades particulares e contraditórias. Ela deveria ser concreta, na falta da qual, como as normas éticas, permaneceria à margem da ação”*³⁰⁴ (ARON, 1986b, p. 429).

Uma verdade acima da pluralidade, uma verdade que não poderia ficar à margem das opções de ação do mundo concreto. Reconhece Aron o caráter abstrato e idealizado dessa verdade. Sua característica fundamental é perpetuar a reflexão e o saber filosófico.

*“Ideal sem dúvida indeterminado já que o concebemos variadamente participação e reconciliação, mas que pelo menos não seria angélica ou abstrato”*³⁰⁵ (ARON, 1986b, p. 429).

Também não deixa de reconhecer o caráter utópico dessa ideia se não for coerente com a reflexão a respeito da condição futura do homem. Reflexão criativa e livre associada a um compromisso que não pode deixar de ser provisório, pois jamais se

³⁰³ “Le dialogue des métaphysiques et des idéologies historiques prouve, au moins à l’intérieur d’une certaine culture, une communauté qui appelle une recherche de la vérité”.

³⁰⁴ “Cette vérité devrait être au-dessus de la pluralité des activités et des valeurs, faute de quoi elle retomberait au niveau des volontés particulières et contradictoires. Elle devrait être concrète, faute de quoi, comme les normes éthiques, elle resterait en marge de l’action”.

³⁰⁵ “Idéal sans doute indéterminé puisque l’on conçoit diversement participation et réconciliation, mais qui du moins ne serait ni angélique, ni abstrait”.

constituirá em um fim concreto da evolução, restando a ele, portanto, sua condição unicamente formal. Com isso, Aron reconhece a relação indissociável entre filosofia e história. Ao considerar a relação formal entre reflexão livre e pensamento engajado, admite que a filosofia está na mesma condição do homem em relação à história, ou seja, está na história e, por conseguinte, é histórica.

*“Uma vez mais, filosofia e história, filosofia da história e filosofia total são inseparáveis. A filosofia também está a princípio na história já que ela está encerrada nos limites de um ser particular, ela é histórica, já que é a alma ou a expressão de uma época, ela é história já que é a tomada de consciência de uma criação inacabada. A filosofia é a questão radical que o homem, na busca da verdade, faz a si mesmo”*³⁰⁶ (ARON, 1986b, pp. 429 e 430).

Em sua argumentação que concerne a reflexão sobre o conhecimento histórico, Aron caminha em direção a uma filosofia do homem. Tal filosofia apregoará a condição do homem livre e criativo. Mas, devemos deixar claro, não se trata de liberdade e criatividade de forma desmesurada; o homem abandonaria sua racionalidade se assim fosse. Em outras palavras, o homem deixaria de ser homem e passaria a ser igual a qualquer animal na natureza se apregoasse e fizesse uso da absoluta liberdade. Como então relacionar a questão da liberdade do homem e a história? É justamente a associação da liberdade do homem com a história o último exercício argumentativo ao qual se propõe Aron a fim de fechar sua proposta de crítica da razão histórica.

*“Não há nada, nem aquém, nem além do devir: a humanidade se confunde com sua história, o indivíduo com sua duração. Tal é em algumas palavras a conclusão dos estudos precedentes, que chegam ao fim e se resumem pela descrição da existência temporal. Descrição que nós reduzimos a dois traços essenciais: as relações das dimensões temporais, a liberdade na temporalidade”*³⁰⁷ (ARON, 1986b, p. 431).

Aqui podemos ver a opinião muito clara de Aron a respeito da relação do homem com sua história: o homem existe no tempo. E essa existência temporal implica considerar a transitoriedade do tempo. É dentro dessa condição que o homem exerce sua

³⁰⁶ “Une fois de plus, philosophie et histoire, philosophie de l’histoire et philosophie totale son inséparables. La philosophie, elle aussi, est d’abord dans l’histoire puisqu’elle est enfermée dans les limites d’un être particulier, elle est historique, puisqu’elle est l’âme ou l’expression d’une époque, elle est histoire puisqu’elle est prise de conscience d’une création inachevée. La philosophie est la question radicale que l’homme, en quête de la vérité, s’adresse à lui-même”.

³⁰⁷ “Il n’y a rien, ni en deçà, ni au-delà du devenir: l’humanité se confond avec son histoire, l’individu avec sa durée. Telle est en quelques mots la conclusion des études précédentes, qui s’achèvent et se résument par la description de l’existence temporelle. Description que nous réduirons à deux traits essentiels: les relations des dimensions temporelles, la liberté dans la temporalité”.

liberdade, ou seja, o exercício da liberdade é um fardo a ser conduzido no movimento histórico.

*“A vida não tem por essência e por objetivo a reconciliação total, mas uma ação sem cessar renovada, um esforço jamais terminado. A novidade do devir não é mais que a forma elementar, por assim dizer a condição da liberdade propriamente humana, que se revela através das contradições e das lutas”*³⁰⁸ (ARON, 1986b, pp. 431 e 432).

Por qual razão pensa dessa forma Aron? Para ele, devemos considerar a relação das dimensões temporais, passado, presente e futuro, com a ideia do sentido histórico. Há certa confusão no que diz respeito a associação entre passado e sentido histórico.

*“Na verdade, para o indivíduo assim como para as coletividades, o futuro é a categoria primeira”*³⁰⁹ (ARON, 1986b, p. 432).

Ora, o que vemos é que Aron afirma que a primeira condição para a determinação da existência é a preocupação do homem com relação ao seu futuro. É daí que nasce a tentativa de se verificar regularidades e contingências no movimento histórico. Mas tal verificação não se dá sem drama. Na verdade, ocorre ao tentar apreender o inapreensível que é a própria condição do indivíduo no tempo presente. E qual seria a condição do tempo presente?

*“A época que nós vivemos se define aos nossos olhos pelas tendências que nós discernimos: outrora pode ser, para os povos sem consciência histórica, totalidade fechada, hoje ela é o momento de uma evolução, meio de uma conquista, origem de uma vontade. Viver historicamente é se situar em relação a uma dupla transcendência”*³¹⁰ (ARON, 1986b, p. 432).

Neste caso, não é qualquer presente, é o presente de Aron. Mas devemos considerar que tal condição é pertinente a todos os homens em seus diversos presentes. É assim que se estabelecem as atitudes humanas diferenciadas, não mutuamente excludentes, em relação às dimensões temporais. É a partir de tal condição que Aron

³⁰⁸ “La vie n’a pas pour essence et pour but la réconciliation totale, mais une action sans cesse renouvelée, un effort jamais achevé. La nouveauté du devenir n’est que la forme élémentaire, pour ainsi dire la condition de la liberté proprement humaine, qui se déploie à travers les contradictions et les lutes”.

³⁰⁹ “En vérité, pour l’individu comme pour les collectivités, l’avenir est la catégorie première”.

³¹⁰ “L’époque que nous vivons se définit à nos yeux par les tendances que nous y discernons: jadis peut-être, pour les peuples sans conscience historique, totalité close, aujourd’hui elle est moment d’une évolution, moyen d’une conquête, origine d’une volonté. Vivre historiquement, c’est se situer par rapport à une double transcendence”.

pode enfatizar a relação fundamental entre vontade, saber e criação e, por conseguinte, a liberdade do homem.

*“O passado decorre do saber, o futuro da vontade, ele não é objeto de observação mas de criação”*³¹¹. (ARON, 1986b, p. 432).

Já havíamos notado a questão da criação como elemento fundamental para que Aron abordasse a ideia de liberdade ligada ao cientista. Agora podemos notar a sua relação com as dimensões temporais, ou seja, o cientista, como todo e qualquer homem, tem necessidade de criar diante da temporalidade. Tal consideração implica assumir que o devir não é um dado concreto, não é algo fechado cuja realização seja irreversível. Motivações pessoais, adverte Aron, não podem ser confundidas com as forças do devir.

Ao encerrar seu livro, Aron sintetiza sua reflexão. Em grande medida, podemos verificar nesta síntese as bases fundamentais para sua ética política, ou para aquilo que podemos designar como reflexão aroniana sobre a história: a razão política. Tal síntese estabelece que a liberdade de ação do indivíduo não se realiza plenamente. Seu posicionamento prévio, consciente ou inconsciente no tempo, que o impele a buscar elementos retrospectivos, acaba estabelecendo limites para a sua ação. A escolha do indivíduo pode ser equivocada, ademais, sua visão retrospectiva é fragmentária e sujeita a enganos, todavia é o que lhe resta no momento da decisão.

*“A liberdade, possível para a teoria, efetiva na e pela prática, não é jamais integral. O passado do indivíduo delimita a margem na qual se move a iniciativa pessoal, a situação histórica fixa as possibilidades de ação política. Escolha e decisão não saem do nada, talvez sujeitas às pulsões mais elementares, em todo caso parcialmente determinadas se as relacionemos aos seus antecedentes”*³¹² (ARON, 1986b, p. 437).

Uma dimensão fundamental da liberdade do homem é o fato de que ele jamais está em pleno acordo consigo mesmo e com sua condição. Para alcançar tal situação deveria existir com o pleno conhecimento da verdade a respeito da realização do tempo na história. Situação que, sabemos, jamais se realizará.

Ao seguir os argumentos de Aron, fica aparente a contestação definitiva das ideias de seu mestre, León Brunschvicg, ao atribuir à existência humana a condição

³¹¹ “Le passé relève du savoir, le futur de la volonté, il n’est pas à observer mais à créer”.

³¹² “La liberté, possible pour la théorie, effective dans et par la pratique, n’est jamais, entière. Le passé de l’individu délimite la marge dans laquelle joue l’initiative personnelle, la situation historique fixe les possibilités de l’action politique. Choix et décision ne sortent pas du néant, peut-être soumis aux pulsions les plus élémentaires, en tout cas partiellement déterminés si on les rapporte à leurs antécédents”.

trágica de um porvir em função de escolhas incessantes do homem possuidor de um saber jamais inequívoco.

*“A existência humana é dialética, ou seja, dramática, pois ela atua em um mundo incoerente, se engaja apesar da duração, pesquisa uma verdade que escapa, tendo apenas como garantia uma ciência fragmentária e uma reflexão formal”*³¹³ (ARON, 1986b, p. 437).

Assim, podemos fechar a avaliação do pensamento de Aron sobre o conhecimento histórico chamando a atenção para a busca que se propôs a fazer à beira do Reno.

*“Procurei, então, um objeto de reflexão que interessasse ao mesmo tempo ao coração e ao espírito, que requeresse a vontade de rigor científico e, simultaneamente, me engajassem por inteiro em minha pesquisa. Um dia, à beira do Reno, decidi por mim mesmo”*³¹⁴ (ARON, 2010b, p. 83).

Em grande medida, não podemos deixar de notar que a proposta de Aron explica sua condição e, assim, justifica suas opções. Embora não possa fugir do engajamento político, e por tal razão há a necessidade de conhecer para decidir, saber para querer, depara-se com uma condição difícil e penosa para a existência humana. Todo o conhecimento é potencialmente equivocado, pois o equivocar-se faz parte da natureza humana e, por conseguinte, da existência do homem. Ademais, todo o conhecimento é fragmentário, pois, não sendo o cientista, tampouco o político, uma entidade transcendente acima da vida concreta, com visão acima do todo, não pode ter mais do que uma representação de parte da realidade. Por conseguinte, os resultados racionais são sempre provisórios assim como a reflexão incessante. O reconhecimento da sua natureza provisória caracteriza o vanguardismo epistemológico. Entretanto, o vanguardismo da epistemologia crítica aroniana leva-nos à moderação política.

³¹³ “L’existence humaine est dialectique, c’est-à-dire dramatique, puisqu’elle agit dans un monde incohérent, s’engage en dépit de la durée, recherche une vérité qui fuit, sans autre assurance qu’une science fragmentaire et une réflexion formelle”.

³¹⁴ “Je cherchai donc un objet de réflexion qui intéressât à la fois le cœur et l’esprit, qui requît la volonté de rigueur scientifique et, en même temps, m’engageât tout entier dans ma recherche. Un jour, sur les bords du Rhin, je décidai de moi-même”.

3. Esquecimento e revisão do *Introduction*

3.1. Recepção crítica

Não seria impróprio, a fim de pensar o destino das ideias contidas no *Introduction*, rememorar as palavras utilizadas por Celestin Bouglé para designar o trabalho de Raymond Aron. Embora Bouglé tivesse a responsabilidade de discutir a tese secundária, os termos “*denso e obscuro*” não deixam também de compreender o conteúdo e a forma do *Introduction* (FESSARD in ARON, 1986b, p. 449). A escolha de Aron pela distribuição dos capítulos, o exaustivo exercício de escrutinar conceitos, explorar sua taxonomia e investigar os limites de sua etimologia possibilitaram caracterizar certo hermetismo do livro. Características que não deixaram de ser também apontadas, durante a banca, por Émile Bréhier, sem esconder alguma hostilidade (FESSARD in ARON, 1986b, p. 454).

De fato, devemos reconhecer que a dificuldade de leitura e de entendimento do livro torna-o árido e desestimulante. De saída, o tema, epistemologia do conhecimento histórico, não é de fácil apreensão, e a estruturação do livro, estabelecida por Aron, potencializa tal dificuldade. Ademais, se, por acaso, o leitor for simpático à ideia da *historia magistra vitae*, ao empreender leitura atenta do *Introduction*, o livro torna-se desconcertante, pois Aron intenta desconstruir tal ideia³¹⁵. De forma que a dificuldade de leitura pode se somar ao estranhamento. E, se a leitura prosseguir, pode-se até se posicionar de forma diametralmente oposta em relação às suas ideias.

Não só isso, a propensão de imprecisão e equívoco com relação ao posicionamento de Aron é alta. Há indubitavelmente grande possibilidade de relacioná-lo com o relativismo e o germanismo filosófico de forma demasiadamente sistemática, como ocorreu na avaliação dos membros da banca (FESSARD in ARON, 1986b, p. 455; BOYER, 1999, p. 43). Sendo incisivo ao colocar a *compreensão* ao lado da *sociologia*, Aron destaca que a *compreensão* não se trata de intuicionismo, mas de inteligibilidade histórica. Ademais, o descarte da sociologia na análise crítica da história o tornou um sujeito estranho, portador de um discurso apologético do germanismo.

³¹⁵ Para maiores detalhes a respeito da ascensão e declínio da ideia de *Historia magistra vitae*, ou seja, da história como caráter instrutivo prático, consultar o capítulo 2, *Historia Magistrae Vitae*, do livro do grande historiador alemão Reinhart Koselleck, *Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

Enfim, ao pensar que Aron flerta com o historicismo, corre-se o risco demasiadamente grande de colocá-lo no extremo oposto do pensamento francês em vigor.

Embora devamos aventar que, considerando tanto as próprias características estruturais do *Introduction* como também o desenrolar da discussão de suas ideias na defesa de doutoramento, o quadro para o seu esquecimento já estivesse pré-desenhado, no primeiro momento subsequente, tivemos algumas manifestações a respeito do livro. Todavia, não nos sentimos confortáveis a ponto de dizer que houve ampla discussão. Na verdade, com o passar dos anos, o livro não ganhou atenção merecida do público acadêmico. Corrobora tal afirmação as palavras do biógrafo de Aron, Nicolas Baverez.

“*Como explicar a relativa ignorância que continua a cercar uma tese tão importante tanto por seu conteúdo quanto por seu alcance histórico*”³¹⁶ (BAVEREZ, 2006, p. 158).

Contudo, não podemos deixar de fazer referência a alguns textos que retrataram tanto a defesa como o próprio conteúdo do *Introduction*. Entendemos que vale a pena registrar os poucos momentos em que o livro foi lembrado antes de cair no esquecimento.

Em relação à defesa propriamente, podemos listar dois registros que são primordiais para melhor apreensão da atmosfera da banca. Primeiramente, temos o próprio relato oficial, *Compte rendu de la soutenance de thèse de R. Aron*, publicado na revista *Revue de métaphysique et de morale*, em julho de 1938. Além deste, há também o testemunho de Gaston Fessard, que estava presente e atento a toda discussão. Porém, o testemunho de Fessard só veio a público em 1980. Ambos foram utilizados na redação da narrativa da defesa na capítulo 1.3 do nosso trabalho.

Ainda há outros registros também contemporâneos a respeito do teor do *Introduction*. Célestin Bouglé, por exemplo, redige um resumo, o qual é publicado em 30 de março de 1938, em *La Dépeche* sob o título “*Les déboires de Minerve*” (BAVEREZ, 2006, pp. 176 e 177). O título já sugere a percepção negativa de Bouglé a respeito do livro. Com sentido menos negativo, Louis Lavelle, também elabora um resumo, publicado em 04 de setembro de 1938 no *Le Temps*, com o título “*L’homme: être historique*”, (BAVEREZ, 2006, p. 176).

Um artigo que será marcante para Aron é o de Henri Marrou, *Tristesse de*

³¹⁶ “*Comment expliquer la relative méconnaissance qui continue à entourer une thèse aussi importante par son contenu que par sa portée historique?*”

l'historien, publicado em abril de 1939, sob o pseudônimo de Henri Davenson, na revista *Esprit*. Afirma Marrou que levou três meses para conseguir ler o livro *Introduction* duas vezes (MARROU, 1995, p. 114n). Tal situação, entendemos, reforça não só a ideia de obscuridade e densidade argumentativa, mas também o problema da conformação estrutural do trabalho. Em seu artigo, Marrou, a princípio, admite e manifesta aspectos bastante positivos a respeito do livro de Aron. Chega, inclusive, a anunciá-lo como o manual obrigatório para os jovens historiadores.

*“Aqui está um livro que deve ajudar, um grande livro, o **Introduction à la Philosophie de l'Histoire: Essai sur les limites de l'objectivité historique** de nosso Raymond Aron. Um livro que daqui em diante deveria servir de base na formação de todo jovem historiador francês no lugar do velho **Introduction aux Études Historiques** (1897!) de Langlois e Seignobos onde seus mais velhos (e os senhores mesmos talvez ainda) procuraram em vão um alimento um pouco sólido”*³¹⁷ (MARROU, 1995, pp. 113 e 114).

Vemos nas palavras acima que Marrou desfila um conjunto de adjetivos a respeito do livro de Aron. Não só o designa como “*un grand livre*”, mas também afirma que o *Introduction* deveria ser o substituto lógico do manual tão celebrado dos historiadores Langlois e Seignobos. Entretanto, Henri Marrou, tomando caminho completamente oposto, vai decretar que o *Introduction* não será lido em função da estrutura adotada por Aron e também pelo seu alto grau de abstracionismo.

*“Eu sei bem que a despeito de tudo isso que poderia dizer, os senhores não lerão este livro, meus filhos. Ninguém o lerá; e é uma pena. É sua culpa bem entendido, bem entendido. Eu conheço Aron: é um rapaz extraordinariamente inteligente, mas (sem dúvida é o único?) um pouco arrogante, **highbrow**; seu livro, como ele, é feito para desencorajar a boa vontade. Livro difícil: Aron quis trabalhar como lógico; não o censuro, pois é de uma Lógica da História, no sentido mais técnico da palavra, que nós temos precisamente necessitado; mas uma Lógica, isso não é jamais engraçado e Aron abusa verdadeiramente. Ele traduz (esta é a palavra que ele emprega) todos os procedimentos do trabalho histórico em um esquema lógico abstrato (feliz quando ele se detém antes do terceiro grau de abstração!); de uma exposição excessivamente árida em que ao leitor custa reintroduzir um pouco de substância animada”*³¹⁸ (MARROU,

³¹⁷ “Voici un livre qui doit vous y aider, un grand livre, l'**Introduction à la Philosophie de l'Histoire. Essai sur les limites de l'objectivité historique** de notre Raymond Aron. Un livre qui désormais devrait servir de base à la formation de tout jeune historien français à la place de la vieille **Introduction aux Études Historiques** (1897!) de Langlois et Seignobos où vos aînés (et vous-mêmes peut-être encore) ont cherché en vain une nourriture un peu solide”.

³¹⁸ “Je sais bien qu'en dépit de tout ce que je pourrai dire vous ne lirez pas ce livre, mes enfants. Personne ne le lira; et c'est dommage. C'est sa faute bien entendu. Je connais Aron: c'est un garçon extraordinairement intelligent, mais (s'en doute-t-il seulement?) un peu hautain, **highbrow**; son livre, comme lui, est fait pour décourager la bonne volonté. Livre difficile: Aron a voulu travailler en logicien;

1995, p. 114).

Não temos dúvida de que, diante das palavras de Marrou, ficam evidenciadas as dificuldades de leitura do livro. Não é a toa que o próprio Marrou admitiu ter levado três meses para ler duas vezes o livro (MARROU, 1995, p. 114n). Entretanto, Marrou não é estranho ao tema. Porém, mesmo para ele, o livro se mostrou árido. Não podemos deixar de lembrar as palavras de Celestin Bouglé em sua intervenção durante a defesa ao caracterizar o trabalho de Aron como “*denso*” e “*obsuro*” (FESSARD in ARON, 1986b, p.449).

Ademais, outro aspecto fundamental da leitura de Marrou é que é acentuado em seu artigo, é o lado antipositivista do livro. Tal aspecto, que não deixa de ser equivocado, é lembrado e lamentado pelo próprio Aron.

*“Henri I. Marrou, no relato que escreveu para **Esprit**, insistiu antes de mais nada no antipositivismo, na crítica impiedosa dos historiadores que nutriam a ilusão de atingir a verdade na sentida ingênuo de reproduzir a realidade do passado, **wie es geschehen** (tal como aconteceu), conforme a expressão célebre de L. von Ranke”³¹⁹ (ARON, 2010b, p. 167).*

Entendemos que a apreciação de Marrou acabou estabelecendo certa chave de leitura, de algum modo equivocado, do livro de Aron. Embora se coloque em oposição ao positivismo de seus professores, Aron não advoga o relativismo. Procura, na verdade, reconhecê-lo a fim de superá-lo pela apreciação racional do *métier d'historien*, ou seja, ultrapassar o relativismo pela desconstrução lógica do exercício de historiar.

Em todo caso, desobedecendo o decreto de Marrou, Bernard Groethuysen escreve na *Nouvelle Revue Française*, em outubro de 1939, o artigo “*Une philosophie critique de l'histoire*”, lembrado posteriormente por Aron (ARON, 2010b, pp. 180 e 181).

“A concepção da História de Raymond Aron e de sua geração está mais próxima do realismo histórico de Dilthey que do idealismo filosófico de Simmel, Rickert e de

je ne le lui reproche pas, car c'est bien d'une Logique de l'Histoire, au sens le plus technique du mot, que nous avons précisément besoin; mais une Logique, ce n'est jamais bien drôle et Aron abuse vraiment. Il traduit (c'est le mot qu'il emploie) toutes les démarches du travail historique en un schéma logique abstrait (heureux s'il s'arrête avant le troisième degré d'abstraction!); de là un exposé excessivement aride où le lecteur a peine à réintroduire un peu de substance vivante”.

³¹⁹ “Henri I. Marrou, dans le compte rendu qu'il écrivit pour **Esprit**, insista tout sur l'antipositivisme, la critique impitoyable des historiens qui nourrissent l'illusion d'atteindre la vérité au sens naïf de reproduire la réalité de passé, **wie es geschehen** (tel qu'il est arrivé), selon l'expression célèbre de L. von Ranke”.

Weber... Ele queria arrancar da História seu segredo... É o porquê de uma geração que tenta compreender seu destino, ou melhor, vencer seu destino ao compreendê-lo. Os livros de Aron representam o pathos da nova geração. Há algo que ocorre e não sabemos o quê. E que vai ocorrer? ... Aron está ligado ao tempo pela ação; ele é responsável pelo que ocorre. É o que dá à sua obra um caráter arrebatado. Paixão de todo intelectual na aparência, mas na qual se encontram sempre as inquietações e as preocupações do cidadão”³²⁰ (GROETHUYSEN in ARON, 2010b, pp. 180 e 181).

Outro artigo importante para a avaliação do impacto do *Introduction* é o texto de Lucien Febvre, publicado já com alguma distância temporal, em 1946. Segundo o próprio Aron, o conteúdo do artigo de Febvre é de crítica ao livro.

“Após meu regresso à França, o artigo de Lucien Febvre, em 1946, tocou-me sobretudo por haver em particular criticado severamente a *Introduction*”³²¹ (ARON, 2010b, p. 237).

De qualquer forma, com este artigo, rompeu-se o silêncio de desaprovação dos *Annales* ao livro de Aron. Afinal de contas, o monopólio da interpretação da história não poderia ser abalado.

“De maneira mais significativa ainda, a equipe dos *Annales*, por razões múltiplas em que entrava a vontade de conservar o monopólio da reflexão epistemológica no domínio das ciências sociais, decidiu ignorar o livro”³²² (BAVEREZ, 2006, p. 173).

Juntamente com os resumos e artigos enumerados acima, temos as cartas encaminhadas para Aron. A primeira é de Pierre Boutang, com estilo bastante pessoal, datada de 29 de março de 1938 (BAVEREZ, 2006, p. 173). Em outra, de 08 de junho de 1938, Henri Gouhier, anuncia que o livro de Aron fará parte do programa de atividades dos seus estudantes. (BAVEREZ, 2006, p. 173). Ainda há a carta de Henri Bergson, datada de 30 de junho de 1938, que é reconhecida por Aron como uma resposta

³²⁰ “La conception de l’Histoire de Raymond Aron et de sa génération est-elle plus proche du réalisme historique de Dilthey que de l’idéalisme philosophique de Simmel, Rickert et de Weber... Il voudrait arracher à l’Histoire son secret... C’est le pourquoi d’une génération qui cherche à comprendre son destin ou plutôt à vaincre son destin en le comprenant. Les livres d’Aron représentent le pathos de la nouvelle génération. Il y a quelque chose qui se passe et nous ne savons pas quoi. Et que va-t-il se passer...? Aron est lié au temps par l’action; il est responsable de ce qui s’y passe. C’est ce qui donne à son oeuvre un caractère passionné. Passion tout intellectuelle en apparence, mais dans laquelle on retrouve toujours les inquiétudes et les soucis du citoyen”.

³²¹ “Après mon retour en France, l’article de Lucien Febvre, en 1946, me toucha d’autant plus qu’il avait critiqué sévèrement l’*Introduction* em privé”.

³²² “De manière plus significative encore, l’équipe des *Annales*, pour des raisons multiples où entrait la volonté de conserver le monopole de la réflexion épistémologique dans le domaine des sciences sociales, décida d’ignorer le livre”.

simpática e indulgente em função de ter recebido um exemplar do *Introduction* (ARON, 2010b, p. 143).

*“Meu caro Colega, o estado de minha saúde obrigou-me a interromper minha correspondência durante várias semanas. Isso vos explicará por que não vos agradei mais cedo pela amável remessa de vossa ‘introdução à filosofia da História’. No entanto, li-a logo, e com vivo interesse. O livro está cheio de idéias e é sugestivo ao mais alto ponto. Se se lhe pudesse reprovar algo, seria justamente por lançar o espírito do leitor no rumo de número demasiado de pistas. ‘Felix culpa’, sem dúvida alguma; mas daí decorre ser necessária uma segunda leitura para ter uma idéia de conjunto. Essa segunda leitura eu a farei se me for possível, e tomarei como pontos de balizamento aquelas de vossas idéias que me pareçam mais conciliáveis com o que eu mesmo penso, em particular a consideração dos efeitos de **cortes** e de **retrospecto**. Desde já, porém faço questão de dirigir-vos cumprimentos por esse livro, e aqui junto a expressão de meus sentimentos de grande simpatia”*³²³ (BERGSON in ARON, 2010b, p. 181)

É possível depreender que não houve a tentativa, por parte de Bergson, de superar a aridez do livro. Além desta, temos outra carta de Jean Cavaillès, datada de 1º de outubro de 1938, também recebida por Aron.

“Eu te agradeço imensamente a remessa amistosa de teu livro. Li-o nestas férias com admiração e interesse sempre renovados. Ele tem um rigor de análise e um domínio do conjunto que se encontra nele todo com a mesma alegria intelectual – como também tua lucidez ao precisar o verdadeiro alcance das diferentes tentativas. Essa preocupação de uma probidade total é talvez o que mais te agradeço. Tuas numerosas distinções (e de início a distinção genérica entre compreensão e causalidade) e tua crítica de Weber a propósito do determinismo, da probabilidade, é extremamente importante e luminosa. Atrasei esta carta na esperança de falar-te em por menor, mas é um jogo inútil se não se tem qualquer coisa de preciso a dizer: a única coisa, no momento, é o reconhecimento do leitor... Quanto à seção I, em particular os parágrafos sobre o conhecimento de si e de outrem, estão no próprio centro da filosofia e são o que

³²³ “Mon cher Collègue, l’état de ma santé m’a obligé à interrompre ma correspondance pendant plusieurs semaines. Ceci vous expliquera pourquoi je ne vous ai pas remercié plus tôt pour l’aimable envoi de votre ‘introduction à la philosophie d l’Histoire’. Je vous avais pourtant lu tout de suite, et avec un vif intérêt. Le livre est plein d’idées et suggestif au plus haut point. Si l’on pouvait lui adresser un reproche, ce serait justement de lancer l’esprit du lecteur vers un trop grand nombre de pistes. “Félix culpa”, sans aucun doute; mais il résulte de là qu’une seconde lecture serait nécessaire pour avoir une idée de l’ensemble. Cette seconde lecture je le ferai si cela m’est possible, et je prendrai pour points de repères celles de vos idées qui me paraîtront les plus conciliables avec ce que je pense moi-même, en particulier la considération des effets du **découpage** et de la **rétropection**. Mais dès à présent je tiens à vous adresser mès compliments pour ce livre, et j’y joins l’expression de mès sentiments bien sympathiques”.

li de mais belo em francês em muitos anos”³²⁴ (CAVAILLÈS in ARON, 2010b, pp. 181 e 182).

Enfim, apesar de cartas amistosas e cordiais, o que entendemos que ficou marcado naquele momento não foi a questão, ou a discussão, propriamente das formas de se entender a história. O percurso argumentativo, o nível de abstracionismo e, sobretudo, a estrutura do livro, adotados por Aron, não deixaram a versão aroniana da crítica da razão histórica ganhar difusão e seguidores. Na verdade, a grande questão para todos, e também para Aron, pelo menos naqueles instantes de discussão, parece ter sido o confronto de duas gerações de pensadores franceses. E isso sugere, pelo menos inicialmente, o grande ponto que marcou a relevância do *Introduction*, dando-lhe um sucesso volátil. Quanto às questões de ordem epistemológica, ontológica ou metodológica a respeito do conhecimento histórico, e, sobretudo, sua dimensão axiológica, foram o menos importante, e, por muitos, talvez não tenham sido notadas. De modo geral, a dificuldade de entendê-las é evidenciada, não para iniciados, como Fessard, Marrou e Groethuysen, que são profundos conhecedores do tema. Em todo caso, é importante dizer que a apreciação de Marrou acabou estabelecendo uma chave de leitura relativista do *Introduction*. A rusga entre racionalismo francês e relativismo germânico e as distinções entre as duas gerações não permitiram ao livro ter maior eco por seu argumento interno propriamente. Se tivesse, não deveria o livro ser objeto de estudo e de discussão pública? Ao que nos parece, um livro de tamanha envergadura não teve a devida aceitação.

Outro aspecto fundamental que levou à marginalização do conteúdo do livro é concernente às arrebatadas discussões em que se envolveu Aron no pós Segunda Guerra. Consoante Baverez, embora houvesse um projeto aroniano de reflexão e investigação a respeito do conhecimento, as discussões nas quais Aron se engajou o levaram a desenvolver caminhos aparentemente distintos.

³²⁴ “Je te remercie bien vivement de l’amical envoi de ton livre. Je l’ai lu ces vacances avec une admiration et un intérêt toujours nouveaux. Il y a là une rigueur d’analyse et une domination maîtresse de l’ensemble que l’on retrouve partout avec la même joie intellectuelle – comme aussi ta lucidité à préciser la portée véritable des différentes démarches. Ces souci d’une probité totale est peut-être la chose dont je te sais le plus de gré. Tes nombreuses distinctions (et d’abord la distinction générale entre compréhension et causalité) et ta critique de Weber à propos du déterminisme, de la probabilité sont extrêmement importantes et lumineuses. J’avais retardé cette lettre dans l’espoir de t’en parler en détail mais c’est un jeu inutile si on n’a pas quelque chose de précis à dire: la seule chose pour l’instant est la reconnaissance du lecteur... Quant à la section I, en particulier les paragraphes sur la connaissance de soi et d’autrui, ils sont au centre même de la philosophie et sont ce que j’ai lu de plus beau en français depuis biens des années”.

“A linha mestra do projeto aroniano permanecia aquela do **Introduction**: esforçar-se para compreender o movimento das sociedades modernas colocando em foco sua história e a consciência que seus atores tem dela. Mas sua reflexão se desenvolve em três domínios considerados até então como estrangeiros um ao outro: a sociedade industrial, as relações internacionais, o estudo dos grandes pensamentos sociológicos e da consciência histórica”³²⁵ (BAVEREZ, 2006, pp. 383 e 384).

Devemos reconhecer que Aron era polemista por excelência. Envolveu-se nas discussões, explorando exaustivamente deficiências argumentativas das ideias de seus adversários. Por outro lado, defendia ideias que não eram bem aceitas por boa parte da comunidade intelectual francesa. De forma que exploramos que o “Aron polemista” das discussões políticas ofuscou o “Aron epistemólogo” do conhecimento histórico e sociológico. Em todo caso, devemos registrar, se há uma unidade no pensamento de Raymond Aron, esta se encontra justamente nos fundamentos epistemológicos da ação política que se esforça em esclarecer em toda polêmica que se insere (ANDERSON, 1997, p. 21). Fundamentos que foram exaustivamente elaborados e discutidos no *Introduction*.

Rolf Kuntz, em texto de 1985, observa, com peculiar clareza, a situação que dificultou a recepção do livro *Introduction*. Polemista em todos os aspectos e auxiliado por uma argúcia minuciosa e contundente, o anti-conformismo de Aron, diante de esquemas explicativos fáceis generalizantes e/ou reducionistas, os quais, por sua vez, levavam a decisões equivocadas ou inconsequentes, irritou, senão a todos, seguramente à grande maioria daqueles que não entenderam os escritos de sua tese ou não reconheceram as condições nas quais foi escrita.

“Envolto no debate político imediato, Raymond Aron se expôs, como poucos acadêmicos de seu tempo, ao calor da crítica apaixonada. Nos últimos trinta anos, seus argumentos foram, com frequência, contestados com injúrias. Mas ele tampouco tratou seus adversários com carinho. [...]. Como homem político, Aron fez sua escolha, cumprindo o destino traçado, teoricamente, em sua **Introdução à Filosofia da História**. Essa escolha teve seus custos, como qualquer outra. Parte deles foi um ofuscamento parcial da obra teórica. Em certa medida o polemista dificultou a leitura do filósofo e sociólogo” (KUNTZ in ARON, 1985, p. 09).

³²⁵ “La ligne directrice du projet aronien restait celle de l'**Introduction**: s'efforcer de comprendre le mouvement des sociétés modernes en mettant en regard leur histoire et la conscience qu'en ont les acteurs. Mais sa réflexion se déploya dans trois domaines considérés jusque-là comme étrangers l'un à l'autre: la société industrielle, les relations internationales, l'étude des grandes pensées sociologiques et de la conscience historique”.

Parece-nos razoável admitir que o julgamento feito sobre as opiniões de Aron não consideraram seus fundamentos epistemológicos. Como filósofo crítico, colocava-se em uma relação desequilibrada e impiedosa com as tradições teóricas concorrentes. É preciso levar em conta que em tais correntes os fundamentos da crítica histórica não estão presentes ou são mitigados. Ou seja, nas discussões políticas, as posições “*vacilantes*” da crítica dos fundamentos não suportam a confiança e as “*verdades*” das correntes mais dogmatizadas. De forma que os limites da relação dos desenvolvimentos conceitual e observacional não são pensados. Assim, a avaliação do pensamento de Aron torna-se reduzida, ao posicioná-lo dentro do espectro ideológico, por sua vez bastante maniqueísta, direita *versus* esquerda. Isso equivale dizer que o polemismo de Aron acaba por motivar certo desvio de foco quando falamos do seu pensamento. A tendência de pensar exclusivamente suas posições políticas é consequência direta do seu perfil polemista. Ou seja, podemos até dizer que o que se evidencia em suas tomadas de posição não é aquilo que foi a base do seu pensamento. Simplesmente, julgamos seu posicionamento político e assim o condenamos sem procurar entender seus fundamentos teóricos e epistemológicos.

Em síntese, é razoável admitir que o *Introduction* não foi de aceitação geral. Sua estrutura e sua abstração, focada na lógica do pensamento histórico, não permitiram e não permitem acessar facilmente as discussões do livro e tomar posição segura a seu respeito. Soma-se a isso que, posteriormente, os posicionamentos políticos de Aron não ajudaram muito a reconhecer o real valor do livro na formação de suas bases de pensamento. De forma que não estaria errado supor que o *Introduction* não é aceito até hoje, pois as mesmas condições que não permitiram sua recepção ainda se mantêm. Tal situação não é consequente dos posicionamentos que possam gerar atitudes opostas às considerações epistemológicas de Aron. Também não é em função de sua densidade analítica, ou pela forma como Aron apresentou os temas e os subtemas desenvolvidos. Não o é pela maneira que ocorre o desenvolvimento dos questionamentos e das análises propriamente. Na verdade, o livro não teve oportunidade de ser aceito. Simplesmente o livro é um desconhecido. É claro que há raras exceções que devemos considerar, mas o livro, embora importante, é, de fato, pouco discutido.

Embora notemos todo um quadro para dificultar a recepção do *Introduction*, não podemos deixar de registrar que houve alguns poucos momentos que permitiriam seu descobrimento e até mesmo sua difusão. Um exemplo, talvez o mais importante, é aquele narrado em 1982, na *Introdução* de *Le spectateur engagé*:

*entretiens avec Jean-Louis Missika e Dominique Wolton*³²⁶. Os autores, Missika e Wolton, após confessarem que sua geração somente nasceu para a política em 1968, admitem que Aron, naquele momento, encontrava-se em “*polo negativo*”. Sobretudo, como afirmam, em função do marxismo “renovado” a partir de 1965.

*“Seja como for, essa geração embebeu-se de marxismo, mergulhou em maio de 1968, reaqueceu-se ao sol do esquerdismo. Por que razões terá aceito essa explicação determinista da história? É difícil dizer. Sem dúvida, os horrores das guerras e revoluções da primeira metade do século XX só podiam ser suportados com a ajuda de uma explicação coerente. Será que a história podia ser tão absurda? Era preciso afinal que houvesse algum sentido, acima do absurdo. De certa maneira, tínhamos pouca consciência histórica e pouca reflexão geopolítica, de tal modo os acontecimentos trágicos do século pareciam ter rompido alguma coisa na cadeia do tempo. E quando nossa própria visão da história de alguma forma se delineou na segunda metade dos anos 1960, tomou por alvo, diante da Guerra do Vietnã, o imperialismo norte-americano”*³²⁷ (MISSIKA & WOLTON in ARON, 2004, pp. 09 e 10).

É claro que, tratando-se de Aron, não haveria como ser diferente. O posicionamento daqueles para quem a política nasceu somente em maio de 1968 não poderia ser outro senão oposto às suas ideias. Envolvidos nos confrontos ideológicos do período, e ainda marcados pelos acontecimentos da então Indochina, a simples assunção de posicionamento americanicista, europeísta ou crítico à União Soviética e suas ações tornavam Aron um inimigo a combater. Um elemento estranho que se colocava aparentemente no extremo ideológico oposto. Contudo, no caso dos entrevistadores, Missika e Wolton, com o passar do tempo, houve certo salto interpretativo. E isso não implicou cambiar para o lado oposto do espectro ideológico. Compreender Aron não significa mudar as opções políticas, mas entender os limites do conhecimento da política e da história.

“O que mais nos seduziu em Raymond Aron foi talvez o caráter anticonformista, em relação aos esquemas de direita e de esquerda, de suas análises dos grandes

³²⁶ Na verdade, o livro *Le spectateur engagé: entretiens avec Jean-Louis Missika e Dominique Wolton* é a versão impressa de um conjunto de entrevistas com Raymond Aron para três programas de televisão exibidos nos dias 11, 18 e 25 de outubro de 1981.

³²⁷ *“En tout cas, cette génération s’est imbibée de marxisme, s’est trempée dans Mai 68, s’est réchauffée aux soleils du gauchisme. Pour quelles raisons a-t-elle accepté cette explication déterministe de l’histoire? C’est difficile à dire. Sans doute les horreurs des guerres et des révolutions de la première moitié du XX^e siècle ne pouvaient-elles se supporter qu’à l’aide d’une explication cohérente. L’histoire pouvait-elle être aussi absurde? Il fallait bien qu’au-delà de l’absurdité, il y ait quelque part un sens. D’une certaine façon nous avions peu de conscience historique et de réflexion géopolitique, tant les événements tragiques du siècle semblaient avoir cassé quelque chose dans la chaîne du temps. Et quand notre propre vision de l’histoire s’est tout de même façonnée dans les années 65, elle a pris pour cible, puisqu’il y avait la guerre du Vietnam, l’impérialisme américain”*.

*acontecimentos contemporâneos. Pouco importa que sobre certas questões ele tenha tido razão ou não: estávamos interessados em compreender como suas posições filosóficas e políticas questionavam o pensamento de esquerda*³²⁸ (MISSIKA & WOLTON in ARON, 2004, p. 17).

Aron se coloca marcadamente em oposição a todo e qualquer esquema totalitário político ou científico. E é razoável e interessante notar que Aron é visto, de fato, como alguém que busca fundamentos para suas posições. Confessam, Missika e Wolton, que, ao tentarem compreender a posição de Aron, em função das explicações que desenvolvia, caminharam lógica e naturalmente para a crítica e a lógica do conhecimento histórico. Neste caso, é importante registrar que as preocupações aronianas a respeito dos limites do conhecimento histórico, e que fundamentam suas opções políticas, já haviam sido discutidas anteriormente no *Introduction*. E esse não deixa de ser o resultado do caminho bibliográfico, traçado por Missika e Wolton, ao descobrirem o pensamento de Aron.

*“Em suma, a descoberta do pensamento de Raymond Aron deu-se, conosco, em três fases. Primeiro a leitura, com lentes ideológicas, particularmente de **Dix-huit leçons sur la société industrielle** e de **Paix et guerre entre les nations**. Em seguida, o reconhecimento daquele que compreendia antes de todos o stalinismo, com **L’Opium des intellectuels**. E finalmente, com a descoberta do **Introduction à la philosophie de l’histoire**, o acesso a um pensamento não só crítico, mas também positivo, e que se inscreve numa das grandes correntes do pensamento filosófico e político por tanto tempo caricaturada na França*³²⁹ (MISSIKA & WOLTON in ARON, 2004, p. 11).

Testemunham, Missika e Wolton, que ao mergulharem nos estudos de Aron, há uma momento em que se deparam com a necessidade de responder o “por quê” de Aron adotar postura conservadora, que muitas vezes não agrada a esquerda, o que não implica obrigatoriamente agradar a direita. E tal ocorrência fica evidenciada na terceira fase da “*descoberta do pensamento de Raymond Aron*”, como ambos apontam:

³²⁸ “Ce qui nous a peut-être le plus séduits chez Raymond Aron, c’est le caractère anticonformiste, par rapport aux schémas de droite et de gauche, de ses analyses des grands événements contemporains. Peu importe que sur certaines questions il ait eu raison ou tort, nous étions intéressés à comprendre comment ses positions philosophiques et politiques questionnaient la pensée de gauche”.

³²⁹ “En somme, la découverte de la pensée de Raymond Aron s’est faite pour nous en trois temps. D’abord la lecture, avec des lunettes idéologiques, notamment des **Dix-huit leçons sur la société industrielle** et de **Paix et guerre entre les nations**. Puis la reconnaissance de celui qui avait eu raison avant les autres sur le stalinisme avec **L’Opium des intellectuels**. Enfin après la découverte de **l’Introduction à la philosophie de l’histoire**, l’accès à une pensée, qui n’est pas seulement critique, mais aussi positive, et qui s’inscrit dans un des grands courants de la pensée philosophique et politique longtemps caricaturé en France”.

a leitura do *Introduction à la Philosophie de l'Histoire: essais sur les limites de l'objectivité historique*. A conclusão a que chegam tem as tinturas críticas e lógicas do *Introduction*.

“Para ele [Aron], a história não é antecipadamente determinada ou orientada por uma finalidade ou um sentido. Permanece aberta, dependendo afinal da ação dos homens, de sua liberdade e de seu arbítrio. Isso explica sua recusa do messianismo, em nome do qual o século XX cometeu tantos crimes, e sua desconfiança da ideologia como discurso de interpretação global do mundo e como guia de ação”³³⁰ (MISSIKA & WOLTON in ARON, 2004, pp. 11 e 12).

No espectro ideológico, Aron, de fato, encontra-se em posicionamento político oposto. Porém, a tentativa de entender os fundamentos que ancoram o posicionamento de Aron obriga Missika e Wolton a superar a superfície da ideologia e mergulharem em sua epistemologia histórica. Será que Aron simplesmente advogava a manutenção do *status quo*? Ou haveria alguma base reflexiva mais elaborada que revestia suas opiniões conservadoras? É diante de tais questões que ambos percebem a filosofia liberal, a crítica e, por conseguinte, a prudência presentes nas reflexões aronianas.

“Finalmente, Aron encontrou na filosofia liberal o sistema de valores que podia estruturar um modelo de ação. Para ele, a filosofia liberal, respeitando o pluralismo das idéias e privilegiando o empirismo na análise e na ação, representa o sistema menos mau para orientar a política”³³¹ (MISSIKA & WOLTON in ARON, 2004, p. 12).

Em todo caso, o reconhecimento por Missika e de Wolton do papel do *Introduction* como base epistemológica para o posicionamento político de Aron não significou que a epistemologia aroniana havia se tornado objeto de discussão e entendimento. Na verdade, no pós-Segunda Guerra era necessário descobrir o *Introduction* e suas discussões para conhecer as reflexões epistemológicas aronianas. E, de fato, Aron retomou algumas vezes temas ligados à epistemologia crítica da história durante o período da Guerra Fria. Temas e conceitos que implicavam não só a

³³⁰ “Pour lui [Aron], l’histoire n’est pas déterminée ni orientée à l’avance par une finalité ou un sens. Elle reste ouverte, dépendant en fin de compte de l’action des hommes, de leur liberté et de leur arbitraire. Cela explique son refus du messianisme, au nom duquel le XX^e siècle a perpétré tant de crimes, et sa méfiance vis-à-vis de l’idéologie comme discours d’interprétation globale du monde et comme guide de l’action”.

³³¹ “Enfin il a trouvé dans la philosophie libérale le système de valeurs qui pouvait structurer un modèle d’action. Pour lui, la philosophie libérale, en respectant le pluralisme des idées et en privilégiant l’empirisme dans l’analyse et l’action, représente le système le moins mauvais pour orienter la politique”.

reapresentação tardia de sua tese, mas também intentavam fundamentar seu posicionamento político.

3.2. Filosofia da história

A fim de elucidar suas reflexões epistemológicas, mal interpretadas pelos membros da banca e equivocadamente sistematizadas na leitura de Marrou, Raymond Aron revisita certos temas contidos no *Introduction*, esperando, com isso, fundamentar melhor suas posições. Consequência direta de tal condição é a tentativa incessante de elucidação da terminologia epistemológica da crítica da história, ou seja, conceitos e instrumentos interpretativos que demandavam esclarecimento e indicação dos limites de sua aplicação. Após a Segunda Guerra, Aron escreverá alguns textos a fim de não só explicar seu pensamento político, mas também esclarecer termos fundamentais que haviam sido apresentados em sua tese.

Dentro desse quadro, registramos que uma das preocupações fundamentais de Aron, ao escrever o *Introduction* em 1938, é concernente à necessidade de precisão da expressão “*filosofia da história*”. No âmbito de tal questão, não é a toa que encontramos nas primeiras linhas do livro preocupação quanto à possibilidade de equívoco ao relacionar o texto ao qual se propunha Aron com os grandes sistemas filosóficos do século XIX.

“O título desta obra arrisca induzir ao erro o leitor que identificar a filosofia da história com os grandes sistemas do início do século XIX, tão desacreditados atualmente”³³² (ARON, 1986b, p. 09).

Aron reconhecia o papel que os grandes sistemas de entendimento do devir humano jogavam tanto no campo das ciências das coisas do homem como no campo das decisões do mundo político. Aron se propunha, e se propôs por toda sua vida, a elaborar crítica formal das limitações da aplicação de tais sistemas no entendimento do processo histórico. Entretanto, se por um lado Aron se esforçava em construir a crítica epistemológica a tais sistemas, por outro, é notório sua precipitação ao apontar o descrédito dos mesmos no final dos anos de 1930, ao redigir o *Introduction*. Ora, constatamos que, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1946, Aron irá redigir um texto para a *Chamber's Encyclopoedia*, cujo título é exatamente “*La philosophie de l’histoire*”, onde intenta esclarecer a expressão que havia sido discutida no *Introduction*. De forma que não nos parece que as filosofias da história já estivessem tão desacreditadas como havia preconizado em 1938.

³³² “Le titre de cet ouvrage risque d’induire en erreur le lecteur qui identifierait la philosophie de l’histoire et les grands systèmes du début du XIXe siècle, si décriés aujourd’hui”.

Aliás, vale dizer, esse texto, “*La philosophie de l’histoire*”, será publicado posteriormente no livro *Dimensions de la conscience historique* em 1961, pela Librairie Plon, cujo conteúdo reflete a preocupação de Aron a respeito da ciência histórica. Ou seja, a preocupação quanto ao esclarecimento da terminologia crítica da história não é exclusividade do texto em questão. Após a Segunda Guerra Mundial, Aron, durante quinze anos, de 1946 a 1961, escreveu textos que remetem à preocupação de esclarecer os limites do conhecimento histórico e sua aplicabilidade. E tais textos foram publicados em *Dimensions de la conscience historique*. É o que podemos ler em suas páginas introdutórias.

“Os estudos reunidos nesta obra foram escritos ao longo dos últimos quinze anos. Apesar de terem respondido a questões ocasionais, eles me pareceram esclarecer, sob diferentes ângulos, um único e mesmo problema, aquele da história que nós vivemos e que nos esforçamos em pensar”³³³ (ARON, 2011, p. 29).

Conforme o próprio Aron, o livro *Introduction à la philosophie de l’histoire* representava uma dimensão mais formal de sua teoria do conhecimento histórico. O subtítulo expressava, de fato, a intenção crítica ou epistemológica de Aron. Por outro lado, os trabalhos apresentados no *Dimensions de la conscience historique* apresentam um caráter menos formal que o livro de 1938 (ARON, 2011, p. 29). Por conseguinte, como o próprio Aron sugere, os textos que compõem o *Dimensions* permitem colocá-lo como herdeiro direto dos questionamentos presentes no *Introduction*. Dessa forma, é mantida a grande preocupação de Aron: as relações entre saber histórico e existência histórica.

“Eles colocam em foco as ligações entre os problemas do saber histórico e aqueles da existência na história”³³⁴ (ARON, 2011, p. 29).

Portanto, a questão do esclarecimento do termo “*filosofia da história*” não deixa de ser parte essencial da necessidade de buscar melhor elucidação das problemáticas que envolvem um procedimento lógico próprio do conhecimento histórico. Especificamente com relação à idéia de filosofia da história, vale lembrar as duas antinomias apontadas por Sylvie Mesure e que são discutidas no *Introduction*. A primeira é concernente ao dois grandes sistemas filosóficos que buscam interpretar o

³³³ “Les études réunies dans cet ouvrage ont été écrites au cours des quinze dernières années. Bien qu’elles aient répondu à des demandes occasionnelles, elles m’ont paru éclairer, sous différents angles, un seul et même problème, celui de l’histoire que nous vivons et que nous nous efforçons de penser”.

³³⁴ “Ils mettent en lumière les liens entre les problèmes du savoir historique et ceux de l’existence dans l’histoire”.

processo histórico: filosofia hegeliana e filosofia spengleriana. E a segunda é a relação entre positivismo e relativismo como formas de se pensar o trabalho científico (MESURE in ARON, 1986b, p. V). Veremos que a primeira antinomia, a questão entre filosofia hegeliana e filosofia splengeriana é que vai ser retomada por Aron em seu texto de 1946. De fato, torna-se necessário retomar tal questão a fim de recolocar as discussões do *Introduction* de tão difícil recepção e profundamente ofuscadas pela Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, parece-nos bastante razoável que justamente o primeiro texto que Aron redige no pós-Segunda Guerra traga novamente a questão da filosofia da história. Ou seja, Aron volta a público a fim de explicar uma das antinomias fundamentais do *Introduction*.

Vemos, então, que há dois planos de um mesmo problema que afligem o homem: o primeiro é concernente ao saber histórico; e o segundo diz respeito à existência na história. Não podemos deixar de considerar que em grande medida o primeiro problema existe em função do segundo. Para Aron, ao que parece, não há desconexão entre existência e conhecimento. De fato, para ele, o segundo deriva do primeiro. Assim, não é a toa que ao iniciar o texto “*La philosophie de l’histoire*”, Aron chama a atenção de que nas línguas francesa, inglesa e alemã tanto a realidade histórica como o conhecimento que se tem a seu respeito são designados pela mesma palavra.

“*História, history, Geschichte* designam ao mesmo tempo o devir da humanidade e a ciência que os homens se esforçam para elaborar do seu devir [...]”³³⁵ (ARON, 2011, p. 33).

Para Aron, tais termos e tais sentidos não são produto de mera coincidência. É preciso considerar o real significado dessa terminologia. Essa mesma preocupação, Aron já havia manifestado no início do *Introduction* (ARON, 1986b, p. 17). Sentimo-nos obrigados a registrar que tal constatação não é exclusiva de Aron. Hegel já havia feito tal referência em seus estudos sobre a Razão na História. É o que lemos em texto do próprio Hegel publicado postumamente.

“*Em nossa língua, a palavra história [Geschichte] combina o lado objetivo e o subjetivo. Significa ao mesmo tempo a **historiam rerum gestarum** e a **res gestas**: os acontecimentos e a narração dos acontecimentos. Esta combinação dos dois significados não deve ser vista como simples acaso: é algo bastante significativo*” (HEGEL, 2008, p. 112).

³³⁵ “*Histoire, history, Geschichte* désignent à la fois le devenir de l’humanité et la science que les hommes s’efforcent d’élaborer de leur devenir [...]”.

Entretanto, como poderemos observar, enquanto Hegel caminha no sentido de elaborar um grande sistema determinante da unicidade do devir humano, Aron espera superar tal elaboração. Para Aron tal combinação, ou melhor tal sentido, guarda na verdade a dura constatação de que o conhecer é próprio da existência humana. De forma que não estaríamos errados em apontar que a inseparabilidade do conhecer e da realidade, do saber e do existir, é sem dúvida uma das teses fundamentais de Aron, o que acaba por colocá-lo, em um primeiro momento, convergindo com a idéia hegeliana. De fato, para Aron, a realidade concreta e o seu conhecimento estão imbricados e se completam mutuamente. Porém, diferenciando-se de Hegel, a relação entre realidade e conhecimento jamais é inequívoca, e não podemos extrair dela uma lei totalizante.

*“O conhecimento do passado é constitutivo da existência histórica”*³³⁶ (ARON, 2011, p. 33).

Ou seja, à medida que a angústia do existir se impõe ao homem, este busca o pensamento retrospectivo a fim de alcançar algum esclarecimento para sua situação presente. Portanto, não se trata de mera observação do exterior cultural, mas a própria projeção do seu interesse mais imediato.

*“O homem é portanto ao mesmo tempo o sujeito e o objeto do conhecimento histórico”*³³⁷ (ARON, 2011, p. 33).

Assim, temos as proposições fundamentais de toda argumentação aroniana que implica a imbricação, ou mesmo a inseparabilidade, entre conhecer e existir. Contudo, sem jamais perder referência a tais proposições, Aron se propõe a fazer a crítica das filosofias da história.

*“Trata-se de compreender a origem, a função, a característica de uma filosofia da história”*³³⁸ (ARON, 2011, p. 34).

É interessante notar que de saída não podemos deixar de pensar como exemplo de *“filosofia da história”* o próprio sistema hegeliano. Não é mera coincidência, por conseguinte, que o pensamento hegeliano sobre a história seja um dos focos da análise de Aron. Ou seja, as filosofias totalizantes da história que advogam a

³³⁶ *“La conscience du passé est constitutive de l'existence historique”.*

³³⁷ *“L'homme est donc à la fois le sujet et l'objet de la connaissance historique”.*

³³⁸ *“Il s'agit de comprendre l'origine, la fonction, la caractéristique d'une philosophie de l'histoire”.*

unicidade do processo histórico a partir de uma visão transcendental são decorrentes de tal visão. Entretanto, Aron parte de visão oposta, pois, para ele, a iniciativa de reconstrução do passado é própria do homem presente inserido em questões que o afligem.

*“A história é a reconstituição, pelos e para os vivos, da vida dos mortos. Ela nasce, portanto, do interesse atual que os homens pensando, sofrendo, atuando, encontram em explorar o passado”*³³⁹ (ARON, 2011, p. 34).

Sendo assim, ao pensarmos a questão do conhecimento histórico, não podemos considerar que se trata de uma *“une succession réelle”*, verdadeira e de interpretação inequívoca, como propusera Hegel. Trata-se na verdade, de uma *“série dialectique”* entre saber histórico e existência na história (ARON, 2011, p. 34). Ou seja, ao pensar a sua existência, o homem não escapa de olhar retrospectivamente implicando a configuração de uma relação dialética entre saber e existir. Portanto, temos aqui um processo que está sujeito a equívocos e tampouco podemos nos pronunciar a respeito do seu fim. E a série de tal processo é aquilo que podemos chamar de história.

Para Aron, a ciência histórica, buscando a reconstrução rigorosa e metódica dos fatos do passado, sem deixar, é claro, os procedimentos técnicos necessários, não deixar de refutar e alijar a complacência mitológica. Entretanto, Aron, assim como outros filósofos críticos, sugere que ao empreendimento científico deve-se seguir a reflexão crítica. Isso não significa, evidentemente, advogar um ceticismo ingênuo, depreciando completamente o empreendimento científico, e defender o relativismo de várias histórias sem qualquer coerência entre elas. Sairíamos do determinismo e cairíamos no relativismo. E já sabemos que não é essa a posição de Aron, embora já tenha sido criticado equivocadamente por tal associação.

*“Não é questão nem de colocar em dúvida os méritos do método científico nem de comprometer por um ceticismo ingênuo a expansão necessária da pesquisa erudita e da explicação rigorosa. Mas desconsideraríamos radicalmente a situação atual da história se esquecêssemos que ao segundo tempo da dialética, o esforço propriamente científico, sucede necessariamente um terceiro, o da reflexão crítica, que não rejeita o esforço científico como este rejeita a complacência mitológica, mas que determina seus limites e o seu valor próprio”*³⁴⁰ (ARON, 2011, p. 35).

³³⁹ *“L’histoire est la reconstitution, par et pour les vivants, de la vie des morts. Elle naît donc de l’intérêt actuel que des hommes pensant, souffrant, agissant, trouvent à explorer le passé”.*

³⁴⁰ *“Il n’est question ni de mettre en doute les mérites de la méthode scientifique ni de compromettre par un scepticisme bon marché l’expansion nécessaire de la recherche érudite et de l’explication rigoureuse. Mais on méconnaîtrait radicalement la situation actuelle de l’histoire si l’on oubliait qu’au deuxième*

Não podemos esquecer que Aron é tributário da crítica kantiana da história. Em outras palavras, ele não aceita passivamente qualquer postura que implique desconsiderar o papel do homem, ator ou observador. Neste caso, Aron pensa de certa maneira formal, colocando as etapas necessárias da construção dialética e, ao mesmo tempo, tentando elucidá-las. Dentro desse processo, o ponto de partida é a complacência mitológica a qual se impõe em oposição o pensamento científico. Entretanto, não podemos elevar a ciência a um patamar mitológico. É preciso analisá-la, verificando seus limites e suas possíveis aplicações. Ou seja, é necessário cotejá-la com o pensamento crítico. Sem dúvida esta não é só a marca da história da ciência, mas a sua própria evolução. Assim, a reflexão crítica nos garante dizer, dentro de um sentido lógico, que a reconstituição do passado não é um fim em si mesmo. Tem inspiração em um interesse atual para um fim atual.

Aron nos lembra que tendo o homem um interesse sempre presente, a aventura do conhecimento histórico jamais é derradeira. Há uma dimensão fortemente criativa por parte do espírito do homem no esforço de tornar inteligível momentos distintos do devir humano.

*“A crítica do conhecimento histórico de inspiração kantiana se volta, sem muito artifício, a algumas idéias diretrizes. A ciência histórica não é mais uma reprodução pura e simples daquilo que tem sido a física, a qual, por sua vez, não é uma reprodução da natureza. Nos dois casos, o espírito intervém e elabora um mundo inteligível a partir do dado bruto”*³⁴¹ (ARON, 2011, pp. 36 e 37).

Assim, dentro do diálogo entre presente e passado, a elaboração do conhecimento histórico, no seu sentido material, nunca é inequívoca e jamais alcança seu final. Não é possível estabelecer a última palavra sobre a história. Contudo, mesmo inacabada, a história é importante para o pensar humano, pois reflete a busca incessante do homem de localizar-se tanto no tempo como também em sociedade. Localização necessária e que jamais se exaure.

“A história permanece sempre a serviço da vida, oferece modelos, julga o passado ou situa o momento atual no devir. A história exprime um diálogo do presente com o

temps de la dialectique, celui de l'effort proprement scientifique, succède nécessairement un troisième, celui de la réflexion critique, qui ne rejette pas l'effort scientifique comme celui-ci rejette la complaisance mythologique, mais qui en détermine les limites et la valeur propre”.

³⁴¹ *“La critique de la connaissance historique d'inspiration kantienne se ramène sans trop d'artifice à quelques idées directrices. La science historique n'est pas plus une reproduction pure et simple de ce qui a été que la physique n'est une reproduction de la nature. Dans les deux cas, l'esprit intervient et élabore un monde intelligible à partir du donné brut”.*

*passado no qual o presente toma e guarda a iniciativa*³⁴² (ARON, 2011, p. 36).

Sendo que o elemento determinante para promover esse diálogo entre presente e passado, para o qual Aron chama a atenção, não se desvinculando da tradição kantiana, está relacionado à questão do valor. Ou seja, é o valor o critério fundamental que implicará a seleção dos eventos pretéritos e sua reconstrução.

*“A crítica kantiana tem respondido à questão utilizando o termo valor. Os acontecimentos que retém o conhecimento histórico são aqueles que se referem a valores, valores afirmados pelos atores ou pelos espectadores da história”*³⁴³ (ARON, 2011, p. 37).

De forma que não se trata exatamente de um processo de espelhamento, como sugere Hegel, pois há uma motivação imperativa que leva o homem a repensar e, por conseguinte, reconstruir permanentemente o passado.

*“[...] a inserção de valores na realidade mesma dissipa a ilusão de uma reprodução pura e simples daquilo que foi, esclarece o enlace inevitável e legítimo do presente com o passado, do historiador com o personagem histórico, do monumento com os homens que o admiram”*³⁴⁴ (ARON, 2011, p. 36).

Ademais, temos que levar em conta que a intervenção do espírito é promotora e criadora da ciência histórica, tendo por base critérios axiológicos que marcarão a seleção e a maneira de construir os fatos, estabelecer os conceitos e enfocar os acontecimentos ou os períodos, ou seja, *“assumindo o papel dos valores na formulação das questões e na escolha dos problemas”*³⁴⁵ (CHÂTON, 2007, s/n). É claro que cada época apresentará diferentes sistemas de valores. Mas esta diversidade não impede de se buscar enumerar historicamente o conjunto de valores de cada época a fim de apreciar sua continuidade, julgar a que ponto chegamos e, sobretudo, o que queremos. É razoável lembrar que não apenas se renovam as interpretações do passado, mas se desejam coisas futuras.

³⁴² “L’histoire reste toujours au service de la vie, qu’elle offre des modèles, juge le passé ou situe le moment actuel dans le devenir: L’histoire exprime un dialogue du présent et du passé dans lequel le présent prend et garde l’initiative”.

³⁴³ “La critique kantienne a répondu à la question en usant du terme de valeur. Les événements que retient la connaissance historique sont ceux qui se rapportent à des valeurs, valeurs affirmées par les acteurs ou par les spectateurs de l’histoire”.

³⁴⁴ “[...] l’insertion des valeurs dans la réalité elle-même dissipe l’illusion d’une reproduction pure et simple de ce qui a été, éclaire le lien inévitable et légitime du présent au passé, de l’historien au personnage historique, du monument aux hommes qui l’admirent”.

³⁴⁵ “en assumant le rôle de ses valeurs dans la formulation des questions et le choix des problèmes”.

No sentido concreto, dever-se-ia estudar os diferentes sistemas de valores no tempo, o que implicaria reconhecer a singularidade dos atos e, por conseguinte, certo relativismo temporal. Contudo, o reconhecimento dessa possibilidade relativista, para Aron, promove a idéia de perseguição de sua superação. Vale dizer, a superação das conclusões filosóficas weberianas, observando o plano supra-individual (STRONG, 1972, pp. 182 e 183). É preciso não deixar de lado que o homem não tem um espírito passivo diante das supostas leis do movimento histórico, da ciência social, ou mesmo do relativismo. Por sua natureza criativa e inquieta, deseja ele superar a ideia, ou o decreto, do relativismo. Ora, é esta a missão de Aron em seus escritos, ou seja, constatar a possibilidade de relativismo não implica a obrigação de ficar inerte diante de tal constatação, mas sim, superá-lo, analisando a estrutura lógica do pensamento histórico que revela seus limites.

*“No entanto, este relativismo do qual a própria história do conhecimento histórico é testemunha, não nos parece nada ruinoso para a ciência, se corretamente interpretado. A consciência que dele tomamos marca um progresso filosófico, bem longe de trazer uma lição de ceticismo.[...]. O relativismo histórico é por assim dizer superado, desde que o historiador cesse de pretender um desprendimento impossível, reconheça seu ponto de vista e, por conseguinte, se coloque em condições de reconhecer as perspectivas dos outros”*³⁴⁶ (ARON, 2011, p. 39 e 40).

Seguindo os passos de Aron, temos etapas profundamente relacionadas ou até mesmo imbricadas do trabalho de análise do conhecimento histórico. A primeira não deixa de ser, de fato, a reconstituição das séries históricas. Entretanto, não podemos nos resignar diante do relato que nos é apresentado.

*“Segundo meu vocabulário, trata-se de uma interpretação que transcenda o relato”*³⁴⁷ (ARON, 1974 in ARON, 1981b, p. 555).

A “*interpretação*” à qual faz referência Aron não se limita à imputação causal entre os eventos que se apresentam na séries históricas. É preciso avaliar as possibilidades de causação e seus limites considerando sua não exclusividade explicativa e as motivações individuais para a sua elaboração. De fato, não deixa de ser

³⁴⁶ “*Pourtant, ce relativisme dont l’histoire même de la connaissance historique témoigne, ne nous paraît nullement ruineux pour la science, s’il est correctement interprété. La conscience que nous en avons prise marque un progrès philosophique, bien loin d’apporter une leçon de sceptisme. [...]. Le relativisme historique est pour ainsi dire surmonté, dès lors que l’historien cesse de prétendre à un détachement impossible, reconnaît son point de vue et, par suite, se met en mesure de reconnaître les perspectives des autres*”.

³⁴⁷ “*Selon mon vocabulaire, il s’agit d’une interprétation qui transcende le récit*”.

uma trabalho científico à medida que se espera explicar e não apenas narrar. Portanto, uma vez elaborada a constituição das séries históricas, impõe-se a necessidade de se efetuar a crítica diante de tais séries. Aron nos lembra de que não se trata de uma crítica nietzscheana, pois esta promove a depreciação da ciência.

“Vituperada ou aclamada, a teoria nietzscheana apresentava um risco grave. Ela deslizava facilmente para o desprezo da ciência e da verdade. Ela sugeria a oposição de dois tipos de historiadores e de histórias, aqueles que se limitam a reunir os materiais, e aqueles que deles tiram a significação. Oposição irreal e funesta, porque a essência da história, ciência do concreto, é descobrir a significação no nível mesmo do evento ou da sociedade única, porque o fato bruto é impensável”³⁴⁸ (ARON, 2011, p. 36).

Aron defende e apregoa postura que é própria da crítica kantiana, a qual, no lugar de depreciar a ciência, vai permitir o aprimoramento do procedimento científico, pois reconhecer os limites das terminologia explicativa permite o aprimoramento e a renovação do arcabouço teórico.

É verdade que o presente estabelece o diálogo com o passado. É verdade ainda que há certa re-significação das interpretações históricas. Mas esse processo não ocorre sem um vínculo permanente que garante a ideia de unidade histórica defendida por Aron.

“A descoberta ou a redescoberta incessante do passado exprime um diálogo que durará tanto quanto a própria humanidade e que define a essência da história; as coletividades como os indivíduos se reconhecem mutuamente e se enriquecem no contato de umas com as outras”³⁴⁹ (ARON, 2011, p. 40).

Para Aron, podemos reconhecer uma unidade na história. Todavia não se trata de verificar tal unidade a partir de uma posição transcendental, demiúrgica, no estilo hegeliano. Este é o erro fundamental das filosofias da história desse tipo, e que são próprias do século XIX.

Aron destaca que há sempre por trás de toda tentativa de construção ou reconstrução histórica, mesmo aquela de caráter científico, alguma filosofia da história.

³⁴⁸ *Vitupérée ou acclamée la théorie nietzschéenne présentait un risque grave. Elle glissait facilement au mépris de la science et de la vérité. Elle suggérait l'opposition de deux types d'historiens et d'histoires, ceux qui se bornent à rassembler les matériaux, ceux qui en tirent la signification. Opposition irréal et funeste, parce que l'essence de l'histoire, science du concret, est de retrouver la signification au niveau même de l'événement ou de la société unique, parce que le fait brut est impensable..*

³⁴⁹ *“La découverte ou la redécouverte incessante du passé exprime un dialogue qui durera autant que l'humanité elle-même et qui définit l'essence de l'histoire: les collectivités comme les individus se reconnaissent elles-mêmes et s'enrichissent au contact les unes des autres”.*

De forma que seria difícil estabelecer a desvinculação ou mesmo a fronteira entre ciência e filosofia. Na verdade, aqui temos outra ideia importante exaustivamente defendida por Aron que é a inseparabilidade da filosofia e da ciência históricas.

*“Há certos elementos de uma filosofia da história em todo relato histórico mas esses elementos permanecem implícitos, inarticulados, eles tendem a se reduzir, na prática, a hipóteses de trabalho, a temas de investigação”*³⁵⁰ (ARON, 2011, p. 41).

Não podemos deixar de lembrar que a inseparabilidade da filosofia e da história é uma ideia presente no desenvolvimento da argumentação do *Introduction* (ARON, 1986b, p. 333). E, de fato, podemos observar a partir das colocações de Aron que há profunda relação de complementariedade entre o empreendimento da filosofia da história e o ofício do historiador. Ou seja, ao mesmo tempo em que há um pano de fundo que estabelece a base para o procedimento investigativo do historiador, assumindo inadvertidamente elementos de uma filosofia da história, esta, por sua vez, só poderá ter seus elementos implícitos desobstruídos pela investigação filosófica crítica.

*“[...] uma filosofia os destacaria com toda clareza para sistematizá-los. O historiador os integrará na interpretação de um fragmento do passado, a filosofia tenderá a usá-los para a interpretação do passado inteiro. Para o primeiro, a verdade aparece nos resultados obtidos graças a essas ideias diretrizes, mas além delas. Para o segundo, as ideias seriam o essencial, o suporte e a garantia da verdade”*³⁵¹ (ARON, 2011, p. 41).

Assim, pelo exercício filosófico crítico, pode-se constatar a assunção quase que inconsciente de uma filosofia da história no ato de interpretação ou reconstrução do tempo pretérito. De forma que chegamos em outro ponto importante para a avaliação de Aron que é concernente às idéias de *sentido* e de *conjunto*.

*“Correntemente se diz que a filosofia da história é a interpretação do sentido do conjunto do passado humano”*³⁵² (ARON, 2011, p. 41).

Ora, parece-nos que é inescapável a assunção de uma filosofia da história

³⁵⁰ “Il y a certains éléments d’une philosophie de l’histoire dans tout récit historique mais ces éléments restent implicites, inarticulés, ils tendent à se réduire, dans la pratique à des hypothèses de travail, à des thèmes d’enquête”.

³⁵¹ “[...] une philosophie les dégagerait en toute clarté pour les systématiser. L’historien les intégrera à l’interprétation d’un fragment du passé, le philosophie tendra à en user pour l’interprétation du passé tout entier. Pour le premier, la vérité apparaîtrait dans les résultats obtenus grâce à, mais au-delà de, ces idées directrices. Pour le second, les idées seraient l’essentiel, le support et la garantie de la vérité”.

³⁵² “On dit couramment que la philosophie de l’histoire est l’interprétation du sens de l’ensemble du passé humain”.

quando o historiador se propõe a avaliar um evento pretérito, pois ele é colocado de alguma forma em um contexto mais amplo que demandará a imputação de certo sentido. Diante desse quadro, a preocupação de Aron é concernente à constituição do conjunto, “*ensemble*”, e a determinação do sentido, “*sens*”. Quando ocorre a elaboração da narrativa histórica por parte do historiador, ele busca, segundo Aron, clarificar as intenções do ator histórico em questão. Entretanto, sabe-se que a intenção do ator não é exatamente o próprio acontecimento relatado. A realidade que se apresenta ao ator é rica em resistências à sua intenção. Para os atores, o acontecimento pode ser visto como uma unidade. Todavia, o historiador o insere em processos maiores, ou mesmo mais longevos, dando-lhe significação e sentido. De forma que não estaria errado apontar que o acontecimento observado pelo historiador nada mais é do que uma síntese entre a intenção do ator histórico e as resistências que a ele se apresentam dentro de um processo temporal.

Ademais, seria interessante aferir a dimensão dos conjuntos históricos, e mesmo como se chega a tais dimensões.

*“Nada seria mais útil ao progresso, ao mesmo tempo da lógica da ciência e da filosofia da história, do que uma análise rigorosa dos diferentes tipos de conjuntos, do alto à base da escala”*³⁵³ (ARON, 2011, p. 43).

Vemos, portanto, que o problema, para Aron, passa a ser o alcance dos processos interpretativos do passado pensados pelo historiador. Quando o pensador se coloca acima da própria história, como um sujeito transcendental, inadvertidamente assumindo capacidade demiúrgica, haverá sempre a propensão de uma história universal, com um caráter determinista, e, até mesmo, fatalista.

*“Mas quando o historiador tende a uma história universal, ou a uma história (ou sociologia) comparada das civilizações, duas dificuldades novas surgem. Como se delimitam as unidades superiores que Spengler batiza como ‘culturas’? [...]. E se pretendemos integrá-las no conjunto de uma história única, de onde tiraremos os princípios de unificação?”*³⁵⁴ (ARON, 2011, p. 45).

Temos aqui uma preocupação fundamental para Aron. Segundo suas

³⁵³ “Rien ne serait plus utile au progrès tout à la fois de la logique de la science et de la philosophie de l’histoire qu’une analyse rigoureuse des différents types d’ensembles, du haut en bas de l’échelle”.

³⁵⁴ “Mais quand l’historien tend à une histoire universelle, ou à une histoire (ou sociologie) comparée des civilisations, deux difficultés nouvelles surgissent. Comment se délimitent les unités supérieures que Spengler baptise ‘cultures’? [...]. Et si l’on prétend les intégrer dans l’ensemble d’une histoire unique, d’où tirera-t-on les principes d’unification?”.

considerações, há de fato uma filosofia da história na medida em que se admite conjuntos históricos que englobem os contextos de atuação dos atores históricos. Todavia, para nosso autor, é preciso levar em conta a limitação de tais conjuntos, pois, segundo o que nos aponta, há um risco diante da possibilidade de se desejar fazer um juízo de toda a história, colocando-se acima dela. É justamente essa condição que Aron aponta para as filosofias hegelianas e spenglerianas da história, ou em outras palavras, as filosofias totais e as filosofias relativistas da história.

*“Neste nível, o espírito, ao que parece, é suscetível de se engajar sob duas vias divergentes. Ou ele pretende sacar da realidade mesma as unidades, o ritmo da própria evolução, a natureza essencial de cada uma delas. Ou pretende sacar a verdade do passado tirando-a de uma filosofia total do homem, e é a verdade desta filosofia que lhe garante a verdade da interpretação que ela propõe do passado. De um lado Spengler, de outro Hegel”*³⁵⁵ (ARON, 2011, p. 45).

Vemos, portanto, as duas filosofias da história contra as quais Aron se insurge abruptamente: a filosofia total da história e a filosofia pluralista irreduzível da história. Aron retoma a idéia de que é o espírito do homem que as elabora. Afinal o espírito é criativo e não receptivo. Por conseguinte, a tentativa de última palavra sobre a história jamais é inequívoca, jamais será de fato a última.

E é justamente contra a concepção marxista da história, cuja dimensão formal a coloca na condição de herdeira da visão hegeliana da história, que Aron vai se insurgir ao longo do pós-Segunda Guerra. É interessante notar que Aron não coloca em questão toda a teoria marxista, mas sim os elementos que compõem sua filosofia da história. Vale lembrar que Aron, inicia a reflexão fundamental do *Introduction*, tendo por base as possíveis ações decorrentes da concepção marxista da história. Ora, para nosso autor, o marxismo, como interpretação da história, é indubitavelmente a expressão última de uma filosofia total da história.

*“O marxismo é a única filosofia da história no último sentido que nós identificamos, ou seja, a única interpretação do passado humano em seu conjunto em função de uma metafísica, que exerce hoje uma influência estendida e profunda sobre a civilização ocidental”*³⁵⁶ (ARON, 2011, p. 46).

³⁵⁵ “À ce niveau, l'esprit, semble-t-il, est susceptible de s'engager sur deux voies divergentes. Ou bien il prétend dégager de la réalité elle-même les unités, le rythme d'évolution propre, la nature essentielle de chacune d'elle. Ou bien il prétend saisir la vérité du passé en la tirant d'une philosophie totale de l'homme, et c'est la vérité de cette philosophie qui lui garantit la vérité de l'interprétation qu'il propose du passé. D'une part Spengler, de l'autre Hegel”.

³⁵⁶ “Le marxisme est la seule philosophie de l'histoire au dernier sens que nous venons de dégager; c'est-à-dire la seule interprétation du passé humain dans son ensemble en fonction d'une métaphysique, qui

Todavia, a concepção marxista da história não está sozinha. Aron conhece adequadamente os avanços paralelos do historismo, contra o qual também se insurge.

*“Em compensação, as tentativas de história universal ou de sociologia comparada das ‘culturas’, as filosofias da história de pretensão empírica no estilo de Spengler ou de Toynbee parecem uma originalidade de nossa época. Mesme repelida pelos historiadores, elas afetam a consciência histórica de nosso tempo”*³⁵⁷ (ARON, 2011, pp. 46 e 47).

Temos, então, uma outra forma de descartar o papel do homem diante da pluralidade de conjuntos irreduzíveis. Sem dúvida, dentro de tal visão, pode-se reconhecer os fatos e os eventos, mas o papel do homem não é visto como sujeito capaz de imputar condições para a mudança, ou mesmo como ator do próprio processo.

*“Chegamos assim a uma filosofia da história, caracterizada por uma negação resoluta da unidade histórica. [...]. Neste caso, a história se dissolve em um amontoado de fatos mais ou menos acidentais, mais ou menos ligados por relações causais. Não há conjunto histórico. Não há realização do homem ou da ideia por todo o devir”*³⁵⁸ (ARON, 2011, p. 48).

Para nosso autor, tal visão não deixa de ser tirânica, pois não só alija o homem do papel de ator pensante, impondo-lhe a condição de mero espectador do processo histórico, como também rechaça qualquer possibilidade de humanidade em um devir único.

*“História tirânica e sem objeto, sem unidade global, mas com unidades parciais, tal é a filosofia dogmática do pluralismo que pesa sobre nossa consciência histórica. Não haveria um conjunto total, nem tampouco uma significação do todo”*³⁵⁹ (ARON, 2011, pp. 48 e 49).

exerce aujourd’hui une influence étendue et profonde sur la civilisation occidentale”.

³⁵⁷ *“En revanche, les tentatives d’histoire universelle ou de sociologie comparée des ‘cultures’, les philosophies de l’histoire à prétention empirique dans le style de Spengler ou de Toynbee semblent une originalité de notre époque. Même repoussées par les historiens, elles influent sur la conscience historique de notre temps”.*

³⁵⁸ *“On en arrive ainsi à une philosophie de l’histoire, caractérisée par une négation résolue de l’unité historique. [...]. En ce cas, l’histoire se dissout en un assemblage de faits plus ou moins accidentels, plus ou moins liés par des relations causales. Il n’y a pas d’ensemble historique. Il n’y a pas de réalisation de l’homme ou de l’idée à travers de devenir”.*

³⁵⁹ *“Histoire tyrannique et sans but, sans unité globale mais avec des unités partielles, telle est la philosophie dogmatique du pluralisme qui pèse sur notre conscience historique. Il n’y aurait pas d’ensemble total, pas plus que de signification du tout”.*

É paradoxal, na visão de Aron, a situação a respeito do conhecimento histórico, pois ao mesmo tempo que temos a negação da unidade histórica, cada vez mais a concepção marxista da história se coloca não só como um meio explicativo, mas também como uma saída explicativa para o processo político, implicando razoável engajamento de intelectuais da época. Porém, ao mesmo tempo, temos o avanço do relativismo histórico impondo a ideia de um momento ocidental da história a ser superado, ou mesmo de um pluralismo sem unidade de interpretações da história diante do qual deve o homem se resignar.

Pelas discussões desenvolvidas, vemos que, no final dos anos de 1930, Aron se viu obrigado a se colocar em franca discussão com o positivismo de seus mestres, presentes em sua banca de doutoramento. Já, em meados dos anos 40, Aron não deixa de ter em vista a filosofia do relativismo histórico, a qual advoga o conglomerado no tempo de culturas irreduzíveis umas às outras. Mas, é sempre bom lembrar, Aron não se coloca nem em uma nem em outra corrente.

Contudo, Aron reconhece uma condição irrefutável a qual impõe o paradoxo da consciência histórica, sobretudo, ao que parece, da consciência histórica ocidental. Nosso autor aventava a possibilidade de se reconhecer uma unidade histórica no pós-Segunda Guerra.

*“Jamais a humanidade em todo o planeta esteve tão próxima de constituir uma unidade”*³⁶⁰ (ARON, 2011, p. 50).

Todavia, como já havia anunciado no *Introduction*, o senso de responsabilidade diante de tal constatação foi perdido no pensamento intelectual Ocidental à medida que se constata a assunção consciente ou não das filosofias da história relativista ou totalitária. Seria como se não houvesse nenhuma saída para o homem, aflito e auxiliado por um espírito contemplativo, não criativo e, acima de tudo, incapaz de mudar o sentido da história. Com isso, Aron se vê autorizado a estabelecer a natureza do paradoxo existencial de um momento em que ele mesmo está inserido.

“A ausência e a necessidade de uma filosofia da história são, portanto, igualmente características de nosso tempo. A humanidade tem consciência de estar engajada em uma aventura em que, em sua alma e existência, participa. Ela não saberia mais se abandonar aos deuses ilusórios do progresso e da história. Isso não é o lamento dos esquemas cômodos, liquidados pelo sucesso da erudição, que nutrem sua nostalgia. Ela aceita a paciência e a lentidão de uma exploração por essência inacabada. Ela não se

³⁶⁰ “Jamais l’humanité à travers la planète n’a été aussi près de constituer une unité”.

*resigna a não mais pensar, a não mais querer um futuro*³⁶¹ (ARON, 2011, p. 51).

Paradoxo angustiante, pois não há como declinar de pensar o processo histórico tendo por base uma filosofia da história, total ou pluralista; o que poderia implicar, por um lado, o alijamento do dever de decidir por parte do sujeito histórico, e por outro, o alijamento do dever de conhecer por parte do sujeito cognoscente. As fórmulas do devir já estariam dadas, bastaria nos resignar e apreciar a transformação. Contudo, o nível e a intensidade de relações entre as diversas comunidades espalhadas ao redor do mundo demandam pensar certa unidade, revelando, assim, outra dimensão do risco de alijamento do homem do papel de criador e interpretador do processo. Não há como escapar desta ambiguidade que persegue a análise do processo do qual não podemos declinar de participar.

³⁶¹ “*L’absence et le besoin d’une philosophie de l’histoire sont donc également caractéristiques de notre temps. L’humanité a conscience d’être engagée dans une aventure où elle joue et son âme et son existence. Elle ne saurait plus s’abandonner aux dieux illusoires du progrès et de l’histoire. Ce n’est pas le regret des schémas commodes, liquidés par le succès de l’érudition, qui nourrit sa nostalgie. Elle accepte la patience et la lenteur d’une exploration par essence inachevée. Elle ne se résigne pas à ne plus penser, à ne plus vouloir d’avenir*”.

3.3. Sentido e fim da história

A necessidade de elucidar as reflexões epistemológicas de Raymond Aron inauguradas no *Introduction* não se esgotaram com o detalhamento crítico a cerca da expressão “*filosofia da história*” em 1946. Outro ponto que Aron intentou desmistificar diz respeito à idéia de “*sentido da história*”, que foi desenvolvido em seu polêmico livro *L’opium des intellectuels*, de 1955, mais especificamente em seu capítulo V. Desta vez, Aron não só intentará elucidar suas reflexões a cerca do conhecimento histórico, mas também buscará desconstruir logicamente, e ao mesmo tempo explicar, as posições mais radicais que tinham por base a assunção de grandes sistemas totalizantes do devir humano.

Como foi visto anteriormente, a assunção de um sentido na história é parte intrínseca do procedimento de interpretação histórica o qual assume alguma filosofia da história. Não deixa de ser intrigante certa necessidade por parte do indivíduo de estabelecer um sentido para o processo histórico. Evidentemente, para tanto, deve-se estabelecer, consciente ou inconscientemente, um fim para o qual seguiria todo processo histórico. Todavia, adverte nosso autor que não há como conhecê-lo antecipadamente. A idéia de fim da história advém da elevação da história a um patamar supra-humano, o que implica reconhecer nessa ideia uma espécie de idolatria que se tem pela história.

*“Dois erros aparentemente opostos, porém ligados no fundo, encontram-se na origem da idolatria da História. Homens de igreja e homens de fé deixam-se prender na armadilha do absolutismo para se entregarem, em seguida, a um relativismo sem limites”*³⁶² (ARON, 2010a, p. 145).

Primeiramente temos o absolutismo das filosofias totalizantes da história e em seguida temos o relativismo das filosofias historicistas. Em ambas temos a imputação do fim e, por conseguinte, a assunção de um sentido o qual irrevogavelmente levaria a este fim. De certa maneira, não está equivocado apontar que, ao admitir uma visão como esta, a condição da história passa, então, à mesma condição da natureza física, impondo ao homem exclusivamente um saber contemplativo. Por conseguinte, não estaria em desacordo adotar a iniciativa, para alguns científica, sobretudo para os

³⁶² “*Deux erreurs, apparemment contraires mais, au fond, liées, se trouvent à l’origine de l’idolâtrie de l’Histoire. Hommes d’Église et hommes de foi se laissent prendre au piège de absolutisme, pour s’abandonner ensuite à un relativisme sans limites*”.

positivistas, de descoberta de leis que marcam o sentido da história, e, por conseguinte, desvendar previamente o seu fim.

*“A existência histórica, tal e qual é autenticamente vivida, opõe indivíduos, grupos, nações tomados para defesa de interesse ou de idéias incompatíveis. Nem o contemporâneo nem o historiador estão em condições de dar razão sem reservas a uns ou a outros. Não que nós ignoramos o bem e o mal, mas nós ignoramos o futuro e toda causa histórica carregada de desigualdades”*³⁶³ (ARON, 2010a, p. 145).

A assunção do sentido é própria da existência histórica. Mas passar a apregoar leis próprias do devir como algo exterior ao espírito humano é um equívoco. Ademais, Aron nos chama a atenção ao afirmar que é próprio da nossa existência tanto oposição como discussão. Estas ocorrem por diversas razões, mas sobretudo pelo interesses internalizados pelos indivíduos, isoladamente ou mesmo em grupos. De forma que tanto é difícil, ou impossível, atribuir a causa motora de todo o processo histórico, como também é impossível, embora compreensível, buscar conhecer o futuro. Contudo, admitir tal condição não implica a obrigação de apregoar ou admitir o caos do processo histórico.

*“A história não é absurda, mas nenhum ser vivo apreenderia o sentido último”*³⁶⁴ (ARON, 2010a, p. 146).

Na verdade, Aron reconhece alguma ordenação no processo histórico, porém, não admite a última palavra a respeito de tal condição. O pensar é parte da existência humana, sobretudo a assunção de sentido no pensar histórico. Ora, trata-se de fato de uma necessidade permanente, por parte do indivíduo, de se posicionar no tempo para saber o que é no presente. É natural, por conseguinte, especular a respeito do futuro, futuro do próprio indivíduo e de seu grupo ou de sua comunidade.

*“Todos pensamos historicamente. Quer se trate do destino da França ou, mais modestamente, da política a seguir na Argélia, nós buscamos espontaneamente precedentes no passado, nós nos esforçamos em situar o momento presente em um devir”*³⁶⁵ (ARON, 2011, p. 53).

³⁶³ “L’existence historique, telle qu’elle est authentiquement vécue, oppose des individus, des groupes, des nations aux prises pour la défense d’intérêt ou d’idées incompatibles. Ni le contemporain ni l’historien ne sont en mesure de donner sans réserves tort ou raison aux uns ou aux autres. Non que nous ignorions le bien et le mal, mais nous ignorons l’avenir et toute cause historique charrie des iniquités”.

³⁶⁴ “L’histoire n’est pas absurde, mais nul vivant n’en saisit le sens dernier”.

³⁶⁵ “Nous pensons tous historiquement. Qu’il s’agisse du destin de la France ou, plus modestement, de la politique à suivre en Algérie, nous cherchons spontanément des précédents dans le passé, nous nous efforçons de situer le moment présent dans un devenir”.

É razoável notar que há certa relação constante, imposta no presente pensante, entre passado e futuro. É como se não houvesse uma separação necessária dos três estágios temporais: presente, passado e futuro. De certa forma, a oposição e a discussão, próprias da existência humana, demandam o julgamento sobre o presente, o que faz com que o homem reflita sobre seu passado a fim de buscar mudar ou manter sua condição do presente no futuro. Portanto não se trata apenas de considerar o sentido no pensar histórico, mas também de considerar que a consciência política é algo próprio da existência humana.

*“Nossa consciência política é e não pode deixar de ser uma consciência histórica. [...] Inevitavelmente nossa consciência histórica está marcada por nossa experiência”*³⁶⁶ (ARON, 2011, p. 53).

Devemos notar que a argumentação de Aron logicamente desemboca na dimensão política ao avaliar a natureza transitória e contingencial da vida. Não podemos deixar, é claro, de levar em conta a questão da experiência do homem a qual envolve o opor, o discutir e o decidir. Ou seja, implica apontar que a própria experiência vivida demanda do sujeito algum tipo de posicionamento diante dos acontecimentos em marcha. Não será a única vez, mas, em casos que envolvem pensar a experiência, Aron tende a lançar mão de sua própria vivência.

*“Eu vivi na Alemanha os meses patéticos do ano de 1933, quando, de uma semana a outra, as ruas de Berlim se povoavam de uniformes castanhos, quando pareciam desaparecer subitamente, por uma porta mágica, os trabalhadores que, depois de um meio-século, davam seus sufrágios a um socialismo civilizado e que a voz dos homens de cultura, herdeiros de uma grande tradição, era afogada pelos ecos, repercutidos em todos os alto-falantes, dos gritos roucos de um cabo austríaco”*³⁶⁷ (ARON, 2011, p. 54).

As inquietações das experiências do presente não só provocam a reconstituição do passado, mas também fazem parte da angústia do homem em relação ao futuro. Embora desconheça o porvir, há certa necessidade de se estabelecer um objetivo para o devir humano. Vale dizer que tal procedimento, ou tal condição, não é exclusivo do mundo contemporâneo. Aron nos lembra que podemos encontrar a origem

³⁶⁶ “Notre conscience politique est et ne peut pas ne pas être une conscience historique. [...] Inévitablement notre conscience historique est marquée par notre expérience”.

³⁶⁷ “J’ai vécu en Allemagne les mois pathétiques de l’année 1933, lorsque, d’une semaine à l’autre, les rues de Berlin se peuplaient d’uniformes bruns, lorsque semblaient disparaître subitement, en une trappe magique, les ouvriers qui, depuis un demi-siècle, donnaient leurs suffrages à un socialisme civilisé et que la voix des hommes de culture, héritiers d’une grande tradition, était étouffée par les échos, répercutés dans tous les haut-parleurs, des hurlements rauques d’un caporal autrichien”.

de tal procedimento nos tempos mais remotos da história do homem.

*“[...] as filosofias da história são a secularização da visão judaico-cristã”*³⁶⁸ (ARON, 2011, p. 56).

Neste ponto, entendemos que é pertinente ilustrar que considerações que dizem respeito à herança religiosa da visão teleológica da história são objeto das reflexões colocadas pelo historiador britânico Edward Hallet Carr em texto de 1961.

“Foram os judeus, e depois deles os cristãos, que introduziram um elemento inteiramente novo ao postulare uma meta em direção da qual se move o processo histórico – a visão teleológica da história. Assim, a história adquiriu um sentido e fim, mas à custa de perder seu caráter secular. Alcançar a meta da história significaria automaticamente o fim da história; a própria história tornou-se uma teodicéia. Tal foi a visão medieval da história. A Renascença retaurou a visão clássica de um mundo antropocêntrico e do primado da razão, mas a visão clássica pessimista do futuro foi substituída por uma visão otimista derivada da tradição judaico-cristã” (CARR, 2002, p. 144).

Carr concorda que a ideia de fim e sentido da história tinha um caráter religioso o qual se manteve por vários séculos. Levando em conta suas colocações, não estaria incorreto afirmar que um aspecto relevante da dimensão formal de tal concepção - das filosofias religiosas da história - manteve-se no domínio do pensamento ocidental: aquele ligado à ideia de linearidade histórica. Ou seja, parece-nos razoável admitir que origem, sentido e fim fazem parte do arcabouço reflexivo do homem a respeito do tempo, não se caracterizando como um procedimento racional exclusivo do pensamento contemporâneo.

Vale lembrar que a ideia de fim da história havia sido alvo de discussão por parte de Immanuel Kant que, em 1794, escreve texto com o título *“O fim de todas as coisas”*, no qual reflete sobre tal ponto.

“Mas pensar que algum dia há de irromper um ponto do tempo em que cessa toda a transformação (e com ela o próprio tempo) é uma representação que revolta a imaginação; pois então, a natureza inteira se tornaria rígida e, por assim dizer, petrificada; o último pensamento e o último sentimento ficariam então fixos no sujeito pensante e seriam sempre os mesmos sem mudança” (KANT, 2004, p. 112).

É interessante notar que, a partir das próprias afirmações de Kant, a visão de Brunschvicg a respeito da história como *“unidade sem drama”*, oriunda de sua

³⁶⁸ *“[...] les philosophies de l'histoire sont la sécularisation de la vision judéo-chrétienne”.*

interpretação a respeito de Kant, é colocada diretamente em questionamento. Enfim, não há um fim e isto é claro, mas ao aspirar a um, dentro dessa relação entre origem, sentido e fim, ou, respectivamente, passado, presente e futuro, impõe-se ao homem a demanda existencial de se estabelecer no presente a idéia de um sentido na história. Um sentido que seria um conseqüente lógico do fato de se ter reconhecido de antemão um objetivo, um fim desejado como resultado de um processo linear temporal. No caso de Aron, devemos observar que o mesmo segue a afirmação de Kant, convergindo com a idéia de que não há como conhecer o futuro.

“[...] se diz que a história tem um sentido se o fim da aventura – a sociedade sem classes por exemplo - parece retrospectivamente como o objetivo ao qual tendem, consciente ou inconscientemente, os atores deste drama secular. Nem os capitalistas, obstinados a defender a propriedade privada dos instrumentos de produção, nem os proletários, erguidos contra a exploração, conhecem a obra da qual são conjuntamente os artesãos”³⁶⁹ (ARON, 2011, pp. 55 e 56).

Seguindo Aron, sua argumentação propõe três discussões a partir da crítica kantiana para a idéia de sentido da história. A primeira é concernente à necessidade direta da consecução plena do devir em termos da realização da vocação humana.

“À luz de uma crítica que se aplicaria ao pensamento histórico, como a crítica kantiana se aplicaria à ciência natural, a concepção de um sentido da história se presta a uma tripla discussão. O sentido da história, em sua interpretação presente, de origem hegeliana e marxista, é ao mesmo tempo a culminação necessária do devir e o cumprimento da vocação humana”³⁷⁰ (ARON, 2011, p. 58).

Quanto às demais discussões, uma diz respeito à ideia de que, uma vez tendo nós imaginado que há um fim, então deveríamos nos questionar se podemos prevê-lo. E não só caberia a previsão do futuro, mas também o conhecimento dele no momento de sua realização plena de forma a saber os atores históricos que seriam responsáveis por sua efetivação.

³⁶⁹ “[...] on dira que l’histoire a un sens si la fin de l’aventure – la société sans classes par exemple – apparaît rétrospectivement comme le but auquel tendaient, consciemment ou inconsciemment, les acteurs de ce drame séculaire. Ni les capitalistes, obstinés à défendre la propriété privée des instruments de production, ni les prolétaires, dressés contre l’exploitation, ne savent l’oeuvre dont ils son ensemble les artisans”.

³⁷⁰ “Au regard d’une critique qui s’appliquerait à la pensée historique, comme la critique kantienne s’appliquerait à la science naturelle, la conception d’un sens de l’histoire prête à une triple discussion. Le sens de l’histoire, dans son interprétation présente, d’origine hégélienne et marxiste, est à la fois l’aboutissement nécessaire du devenir et l’accomplissement de la vocation humaine”.

*“Esta primeira discussão conduz a duas outras: em que medida o futuro pode ser previsto? Em qual medida o futuro é determinado de maneira a ser conhecido pelos atores antes de se realizar?”*³⁷¹ (ARON, 2011, p. 58).

Portanto, a partir da crítica kantiana ao conhecimento histórico, temos três temas fundamentais: a realização plena da vocação humana, o conhecimento do estágio final da história, e, por conseguinte, a identificação do ator que incorporará a plenitude da vocação do homem, realizando essa etapa final do devir.

Não temos dúvida de que a questão da previsão está diretamente relacionada com a concepção positivista de ciência, a qual não deixa de objetivar uma fórmula a fim de garantir a previsibilidade. Esta, por sua vez, implica a consideração entre dois fenômenos dentro de uma relação causal. E a questão aqui é justamente o equívoco de projetar no futuro aberto, incerto, uma relação causal vista retrospectivamente.

*“Não é difícil teoricamente apreender uma relação causal projetada em direção ao futuro constatada no passado. Passado e futuro são, como tais, homogêneos. Prevemos na medida em que explicamos. A necessidade causal dá a possibilidade de prever. Mas, em toda ciência e também na ciência histórica, só estabelecemos relações causais entre fatos isolados, retirados de seu contexto, não entre unidades globais. Em matéria de história, as ligações causais que conseguimos estabelecer entre fatos são frequentemente incertas, equivocadas, por múltiplas razões: por que os fatos são imperfeitamente definidos porque as séries não são jamais inteiramente isoláveis, por que os fenômenos exteriores podem modificar, desviar ou paralisar o curso previsto dos eventos”*³⁷² (ARON, 2011, pp. 58 e 59).

Dentro deste quadro, é razoável considerar por quais razões o homem elabora uma reflexão que acaba por propor um fim para o processo histórico. Ou seja, o que leva o homem a imputar elementos causais em uma visão retrospectiva e estender a explicação do passado para a previsão do futuro? Aron avança a discussão tentando dar

³⁷¹ “Cette première discussion mène d'elle-même à deux autres: en quelle mesure l'avenir historique peut-il être prévu? En quelle mesure est-il déterminé de manière à être connu par les acteurs avant de se réaliser?”.

³⁷² “Il n'est pas plus difficile théoriquement de saisir une relation causale projetée vers l'avenir que constatée dans le passé. Passé et avenir son, en tant que tels, homogènes. On prévoit dans la mesure où l'on explique. La nécessité causale donne la possibilité de prévoir. Mais, en toute science et aussi bien dans la science historique, on n'établit de relations causales qu'entre faits isolés, sortis de leur contexte, non pas entre des unités globales. En matière d'histoire, les liaisons causales que l'on parvient à établir entre faits isolés sont le plus souvent incertaines, équivoques, pour de multiples raisons: parce que les faits sont imparfaitement définits, parce que les séries ne sont jamais entièrement isolables, parce que des phénomènes extérieurs peuvent modifier, détourner ou paralyser le cours prévu des événements”.

contornos mais seculares, mais mundanos para a idéia de fim da história. Reconhece, especulativamente, que a ideia de fim da história realizar-se-ia, de fato, a partir do momento em que o homem racional dominasse a plenitude não só da natureza física, mas também do processo histórico.

*“As fórmulas que as filosofias da história colocaram em moda, domínio dos homens sobre a natureza e reconciliação dos homens entre si, levam aos problemas originais da economia e da política. Definido em termos políticos e econômicos, ‘o estado privilegiado que dá o sentido do conjunto’ se confundiria com a solução radical do problema da comunidade ou ainda com o fim da história”*³⁷³ (ARON, 2010a, p. 160).

Neste ponto, podemos perceber que as dificuldades encontradas nos campos da economia e da política, e que não são de plena ou fácil solução, ganham relevância na explicação aroniana, pois o domínio do processo histórico e a realização do seu fim guardariam, de fato, a resolução dos problemas centrais dentro de tais campos. É necessário considerar que, a partir da observação, direta ou indireta, dos dados e dos eventos no campo das ciências sociais, podemos eleger e definir os problemas que comportam tanto os estudos de economia como de política. Entendemos que tais problemas se apresentam de forma mais proeminente dentre outras questões ligadas ao homem quando se almeja o sentido e o fim da história. E, à medida que se espera alcançar a resolução derradeira para tais problemas, embarcamos numa visão futura idealista. E quais seriam, de fato, os problemas econômicos e políticos que esperamos resolver definitivamente? Como poderíamos definir tais problemas a fim de especular sua plena solução?

No que diz respeito à economia, consoante Aron a definição da conduta humana para esta dimensão pode ser pensada da seguinte maneira.

*“[...] a conduta que, em luta com a natureza, tende a assegurar à coletividade os meios de subsistência e a superar a pobreza essencial”*³⁷⁴ (ARON, 2010a, p. 160).

Segundo o disposto acima, observamos que, para a economia, o problema fundamental é a garantia da subsistência. E isso implicará a ação humana neste campo. Ou seja, diz respeito à discussão sobre qual a melhor forma de organizar a exploração

³⁷³ “Les formules que les philosophies de l’histoire ont mises à la mode, maîtrise des hommes sur la nature et réconciliation des hommes entre eux, renvoient aux problèmes originels de l’économie et de la politique. Défini en termes politiques et économiques, ‘l’état privilégié qui donne le sens de l’ensemble’ se confondrait avec la solution radicale du problème de la communauté ou encore avec la fin de l’histoire”.

³⁷⁴ “[...] la conduite qui, aux prises avec la nature, tend à assurer à la collectivité les moyens de subsistance et à surmonter la pauvreté essentielle”.

dos recursos sujeitos à escassez a fim de garantir a subsistência de todos de maneira mais equitativa. Já, com relação à política, a conduta humana pode ser pensada como o esforço para a organização da coletividade.

*“[...] a conduta que tende à formação da coletividade, que se esforça em organizar a vida em comum dos homens, por isso, em fixar as regras de colaboração e de comando”*³⁷⁵ (ARON, 2010a, p. 160).

Dentro da visão idealista de fim da história, há suposta previsão do fim dos problemas quanto à administração e distribuição dos recursos materiais sujeitos esgotáveis e a necessidade de organização, colaboração e comando das coletividades sociais e de suas relações. Ora, tanto no campo da política como no da economia, o que assistimos é, na verdade, a imputação de racionalidade plena às condutas humanas, tendo por base o desejo de resolver problemas do mundo político e econômico que se apresentam permanentemente. De forma que não deixa de ser oriunda do plano racional humano a idéia de fim da história, enquanto especulação racional envolvida na tentativa idealizada de solução de problemas permanentes. A ideia de fim da história representa, portanto, a recepção da opinião otimista que vislumbra um estado idílico no qual se resolveriam questões insolúveis da economia e da política, e que não deixam de ser impulsionadoras da vida. Espera-se, na verdade, a superação de uma angústia permanente diante da não possibilidade de solução para os problemas dos recursos materiais e de poder. Tais questões não se resolvem, embora jamais deixemos de desejar encontrar sua solução.

Outro ponto a destacar é quanto à distinção que assumimos acriticamente entre política e economia. Insiste Aron em dizer que tal diferenciação não é verdadeira.

*“Uma tal distinção não é **real**. Toda atividade que visa a criar ou aumentar os recursos do grupo comporta uma política, já que ela exige a cooperação dos indivíduos. Do mesmo modo, uma ordem política comporta um aspecto econômico, já que ela reparte os bens entre os membros da coletividade e se harmoniza com um modo de trabalho em comum”*³⁷⁶ (ARON, 2010a, p. 160).

Ora, além de não conseguirmos resolver os problemas econômicos e

³⁷⁵ “[...] la conduite qui tend à la formation de la collectivité, qui s’efforce d’organiser la vie des hommes en commun, donc à fixer les règles de collaboration et de commandement”.

³⁷⁶ “Une telle distinction n’est pas **réelle**. Toute activité qui vise à créer ou accroître les ressources du groupe comporte une politique, puisqu’elle exige la coopération des individus. De même, un ordre politique comporte un aspect économique, puisqu’il répartit les biens entre les membres de la collectivité et s’harmonise avec un mode de travail en commun”.

políticos, ao colocá-los em dimensões distintas da atividade humana, potencializamos as dificuldades para lidar e coexistir com tais questões. Ademais, consoante Aron, em certos planos da cultura, e não exclusivamente na economia e na política, podemos observar certos traços que não condizem obrigatoriamente com a racionalidade das sociedades, ou mesmo com a racionalidade dos indivíduos.

*“As sociedades não são jamais racionais no sentido em que a técnica, deduzida da ciência, é racional. A **cultura** dá às condutas sociais, às instituições – família, trabalho, repartição do poder e do prestígio – formas incontáveis, solidárias de crenças metafísicas ou de costumes sancionados pela tradição”*³⁷⁷ (ARON, 2010a, p. 160).

O estudo do homem não comporta apenas os fenômenos políticos e econômicos, uma vez que a tradição, a família e outros aspectos da vida social também não permitem prever o estado privilegiado da história no qual o homem dominaria a natureza e a história, ao resolver suas dificuldades materiais e de poder.

*“Se a previsão de um futuro ao mesmo tempo global e inevitável ultrapassa a capacidade do entendimento humano, a determinação do fim da pré-história, ou seja, a definição da sociedade que marcaria o cumprimento da vocação humana, comporta uma alternativa, da qual os dois termos são quase igualmente decepcionantes”*³⁷⁸ (ARON, 2011, p. 59).

É preciso, então, escrutinar os sistemas que apregoam o sentido e o fim da história. Para Aron, tal tarefa pode ser exercida de modo complementar pelo historiador e pelo filósofo. Ao primeiro, caberia aferir a especificidade temporal dos argumentos a fim de saber se não incorreram em algum tipo de anacronismo. Ao segundo, caberia verificar os aspectos mais formais do argumento, levando em conta a relação entre as premissas e as conclusões últimas das filosofias da história.

*“Não cabe ao filósofo mas ao historiador dizer quando o argumento está bem fundado. O filósofo pode e deve observar o erro de princípio cometido quando aplicamos o argumento à história total, quando é no máximo mais aceitável em domínios limitados”*³⁷⁹ (ARON, 2011, p. 65).

³⁷⁷ “Les sociétés ne sont jamais rationnelles au sens où la technique, déduite de la science, est rationnelle. La **culture** donne aux conduites sociales, aux institutions – famille, travail, répartition du pouvoir et du prestige – des formes innombrables, solidaires de croyances métaphysiques ou de coutumes sanctionnées par la tradition”.

³⁷⁸ “Si la prévision d’un avenir à la fois global et inévitable dépasse les capacités de l’entendement humain, la détermination de la fin de la préhistoire, c’est-à-dire la définition de la société qui marquerait l’accomplissement de la vocation humaine, comporte une alternative, dont les deux termes sont presque également décevants”.

³⁷⁹ “Ce n’est pas au philosophe mais à l’historien de dire quand l’argument est bien fondé. Le philosophe peut et doit marquer l’erreur de principe commise quand on applique l’argument à l’histoire totale, alors

De forma que somente a atitude analítica que comportasse os atributos tanto do historiador como do filósofo é que nos garantiria a assunção de cautela e de prudência necessárias na análise dos processos humanos. Aron defende a prudência diante de teorias que apregoam o fim da história; a cautela deve opor-se à especulação a respeito do sentido último da história e, por conseguinte, do seu fim.

*“Querer que a história tenha um sentido é convidar o homem a dominar sua natureza e deixar em conformidade com a razão a ordem da vida em comum. Pretender conhecer antecipadamente o sentido último e os caminhos da salvação, é substituir o progresso ingrato do saber e da ação pelas mitologias históricas”*³⁸⁰ (ARON, 2011, p. 65).

De fato, devemos reconhecer que observamos neste ponto os fundamentos da *ética aroniana da prudência* e, por conseguinte, do seu pensamento político. Ou seja, podemos verificar os elementos argumentativos, ou melhor, os fundamentos do conservadorismo crítico aroniano, que dão base para suas afirmações mais incisivas a respeito das ideologias em disputa no pós-Segunda Guerra. Não é a toa que suas palavras são firmes e diretas quando dizem respeito à relação entre o homem e o tempo.

*“O homem aliena sua humanidade se renuncia a buscar e se imagina ter dito a última palavra”*³⁸¹ (ARON, 2011, p. 65).

As proposições firmes de Aron visam denunciar as tentativas totalizantes de explicação da história. Não há como estabelecer o sentido e o fim da história. O desejo de identificar e apresentar leis para o desenvolvimento do homem não supera o anticonformismo próprio do espírito humano.

*“Os erros conjuntos do absolutismo e do relativismo são igualmente refutados por uma lógica do conhecimento retrospectivo dos fatos humanos. O historiador, o sociólogo, o jurista extraem o sentido dos atos, das instituições, das leis. Eles não descobrem o sentido do todo”*³⁸² (ARON, 2010a, p. 146).

Justamente ao pensar a “*lógica do conhecimento retrospectivo*”, Aron

qu'il est tout au plus acceptable en des domaines limités”.

³⁸⁰ “Vouloir que l'histoire ait un sens, c'est inviter l'homme à maîtriser sa nature et à rendre conforme à la raison l'ordre de la vie en commun. Prétendre connaître à l'avance le sens ultime et les voies du salut, c'est substituer des mythologies historiques au progrès ingrat du savoir et de l'action”.

³⁸¹ “L'homme aliène son humanité et s'il renonce à chercher et s'il s' imagine avoir dit le dernier mot”.

³⁸² “Les erreurs jointes de l'absolutisme et du relativisme sont également réfutées par une logique de la connaissance rétrospective des faits humains. L'historien, le sociologue, le juriste dégagent les sens des actes, des institutions, des lois. Ils ne découvrent pas le sens du tout”.

estabelece as bases fundamentais para o seu conservadorismo político. Porém, ao mesmo tempo, obriga-nos a reconhecer que é próprio da natureza humana intentar superar permanentemente sua condição - até mesmo a ideia de estado privilegiado apregoado pelo fim da história.

Em todo caso, a impressão que temos é que as discussões de Aron a respeito do conhecimento histórico nos levam para o plano da filosofia, mais especificamente para o plano da lógica do pensamento que reflete sobre a história. Por conseguinte, sua discussão se mantém densa e árida, uma vez que algumas afirmações carecem de uma prova factual. É claro que a assunção de fim e sentido da história carece de alguma forma de comprovação ou previsibilidade. Porém, sua construção é produto de um desejo existencial humano e, por conta disso, torna-se mais aceitável. Ademais, o criticismo que funda o conservadorismo aroniano flerta com certa inanição política ao analisar minuciosamente não só a natureza dos problemas, mas também as condições de desenvolvimento de repostas pelos atores envolvidos. Sendo assim, os questionamentos de Aron, ao especular sobre certos aspectos não racionais do homem, tornam-se de difícil aceitação, uma vez que tal aceitação é demandada do indivíduo racional, que pensa, que especula e que busca as causas da sua condição no presente.

Por fim, ficamos com a impressão de que Aron se coloca na posição que tanto critica, em situação diferenciada, transcendental e, por conseguinte, acima da história da qual é parte. Tal condição permitiria acusá-lo de expressar uma visão metafísica, denunciada pelo ele mesmo, ao analisar o conhecimento histórico. Entretanto, não podemos deixar de rememorar que a argumentação do *Introduction* se desenvolve em três planos distintos: “*épistémologique*”, “*transcendental*” e “*philosophique*” (ARON, 1986b, p. 11). De forma que o epistemológico, ou crítico, sempre pode resgatar a condição jamais inequívoca da reflexão sobre a lógica do pensar a história.

Aron quer destacar o papel do indivíduo cognoscente que apreende a história. Não é o todo que pode ser destacado para a imputação de sentido: são os homens em suas diversas atribuições que extraem de certos eventos localizados as possibilidades de extensão dos acontecimentos e, com isso, atribuem sentido para o processo histórico. Valeria a pena, portanto, aferir o que permite tornar os atos humanos pretéritos passíveis de conhecimento.

3.4. Inteligibilidade histórica

Vimos nos dois capítulos precedentes como que Raymond Aron retoma dois elementos conceituais centrais da argumentação do *Introduction* - “*filosofia da história*” e “*sentido da história*” - a fim de esclarecer suas reflexões epistemológicas. Entretanto, outro texto que pode compor o quadro de revisão crítica do seu livro é “*Les trois modes de l’intelligibilité historique*”, escrito em 1951 e republicado, como anexo, na edição de 1981 do *Introduction*. É visível a preocupação que Aron tem com relação à necessidade de detalhamento crítico a cerca da “*inteligibilidade histórica*”, a ponto de tal assunto ser retomado em *L’opium des intellectuels* em 1955 e, ainda, em *Dimensiones de la conscience historique* em 1962.

Uma dimensão fundamental da análise de Aron diz respeito a um aspecto do seu procedimento metodológico. Parece-nos razoável apontar que Aron, visivelmente preocupado com a reflexão do homem a respeito da história, desloca-se logicamente de abordagens mais abstratas para formas analíticas que buscam explorar o nível do indivíduo. É claro que verificar tal característica não permite relacioná-lo ao perspectivismo. Estaria equivocado associar sistematicamente individualismo metodológico e relatividade subjetiva. Adotar o indivíduo como unidade de análise, para, então, esperar elaborar as tentativas de explicação não implica reduzir as ocorrências da vida social às percepções ou vontades do homem tomado isoladamente. É essa visão que Aron deseja superar, mas ele é mal interpretado em 1938. Algumas características da concepção aroniana da história ficaram marcantes em função das interpretações contemporâneas ao seu lançamento.

“[...] a filosofia aroniana da história destaca a pluralidade de interpretações, a relatividade dos pontos de vista e a necessária consideração da subjetividade, ou melhor, a particularidade irremediável da perspectiva do historiador”³⁸³ (BOYER, 1999, p.43).

Mas Aron não se resigna em constatar a diversidade de perspectivas. Sua preocupação está no plano lógico do pensamento que permite reconhecer alguma ordenação no processo histórico. Todavia, tal preocupação não é entendida.

“[...] o mal-entendido de 1938: Aron é interpretado como um irracionalista, um

³⁸³ “[...] la philosophie aronienne de l’histoire met en avant la pluralité des interprétations, la relativité des points de vue et la nécessaire prise en compte de la subjectivité, ou plutôt de la particularité irrémédiable de la perspective de l’historien”.

*'existencialista' avant la lettre, un adversário da ciência*³⁸⁴ (BOYER, 1999, p. 43).

De fato, Aron pode mesmo ser entendido como relativista, sobretudo, pelo fato de defender uma visão completamente distinta das visões predominantes nos anos de 1930 e que tem por base a sociologia weberiana.

“A sociologia weberiana se inspira numa filosofia existencialista que propõe uma dupla negação: nenhuma ciência poderá dizer aos homens como devem viver, ou ensinar às sociedades como se devem organizar. Nenhuma ciência poderá indicar à humanidade qual é o seu futuro. A primeira negação o opõe a Durkheim, a segunda, a Marx”. (ARON, 2000, pp. 456 e 457).

É justamente a primeira negação da filosofia existencialista presente na obra weberiana, ou seja, aquela que refuta o cientificismo que ganhou destaque comprometendo o objetivo aroniano. Essa questão é retomada a fim de revisar sua argumentação e esclarecer o mal entendido. Evidentemente, como herdeiro da visão de Weber, Aron caminha no sentido de avaliar os atos dos indivíduos. Entretanto, deseja superar as conclusões weberianas.

*“Inicialmente, Aron tinha aceitado a epistemologia de Weber e suas consequências filosóficas. [...] posteriormente tentou reter a epistemologia enquanto rejeitava as consequências filosóficas que Weber tinha pensado como necessárias”*³⁸⁵ (STRONG, 1972, p. 183).

Trabalhando no plano supra-individual, Aron procura esclarecer certos pontos insistindo, por exemplo, em estabelecer a diferenciação entre intuição e inteligibilidade. Uma dimensão fundamental para garantir a inteligibilidade dos atos humanos não deixa de ser a compreensão, porém, é preciso levar em conta que compreensão e intuição são coisas diferentes. Isso implica dizer que podemos tentar compreender o sujeito histórico por meio de reflexão intelectual e racional, tornando seus atos inteligíveis. Admitir que o homem está situado na história e que renova as interpretações não significa atribuir irracionalidade ou anarquia ao movimento histórico como um todo. Aron argumenta que aquilo que garante a unidade do desenvolvimento histórico do homem tem por fundamento o próprio exercício permanente e inesgotável

³⁸⁴ “[...] le malentendu de 1938: Aron est interprété comme un irrationaliste, un ‘existentialiste’ avant la lettre, un adversaire de la science”.

³⁸⁵ “Initially Aron had accepted from Weber both his epistemology and its philosophical consequences. [...] he subsequently attempted to retain the epistemology while rejecting the philosophical consequences which Weber had thought necessary”.

da busca de inteligibilidade. Um dos elementos fundamentais a dar coerência ao argumento de Aron a cerca da inteligibilidade é sua relação intrínseca e necessária com a interpretação dos atos humanos. Tal relação implica considerar a humanidade como conjunto próprio dos homens a partir do exercício da inteligibilidade, uma vez que os atos humanos são inteligíveis na história.

*“Os atos humanos são sempre inteligíveis. Quando cessam de ser, colocamos os atores fora da humanidade, batizamos ele de alienados e os tomamos por estranhos à espécie”*³⁸⁶ (ARON, 2010a, p. 146).

A inteligibilidade imanente aos atos humanos é o dado fundamental que garante a inserção de todos os homens no grande conjunto ao qual chamamos humanidade. Todavia, tal consideração não implica que não devamos reconhecer certa dificuldade concernente ao processo de inteligibilidade histórica. Primeiro, pelo fato de termos diversos indivíduos históricos inseridos nos processos que englobam determinado evento. E ainda, o mais importante, é que podemos retomar a percepção ou as considerações deste ou daquele indivíduo, o que implicaria renovação permanente da interpretação histórica. Ou seja, temos uma possibilidade infinita de sujeitos interpretativos em tempos subsequentes diversos à medida que avança a longevidade do evento.

*“A dificuldade própria à inteligibilidade histórica está na pluralidade dos níveis aos quais se renova a interrogação”*³⁸⁷ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 441).

Entretanto, a partir da avaliação da conduta humana deste ou daquele indivíduo, podemos estar sujeitos a ampliar o quadro de considerações, desfocando a análise do indivíduo propriamente e aumentando o conjunto. De fato, a gradação do nível analítico é o ponto de preocupação, pois não podemos passar para os níveis mais abstratos e transcendentais e chegarmos em filosofias totalizantes da história. Não podemos aceitar, segundo nosso autor, abordagens que guardam condição metafísica cuja elaboração é realizada por sujeito que pensa transcender a realidade, na qual está efetivamente inserido.

“Passando dos conjuntos elementares aos conjuntos sempre mais vastos, a

³⁸⁶ *“Les actes humains sont toujours intelligibles. Quand ils cessent de l'être, on met les acteurs en dehors de l'humanité, on les baptise aliénés, on les tient pour étrangers à l'espèce. Mais l'intelligibilité ne ressortit pas à un type unique et garantit pas que l'ensemble, dont chaque élément est en lui-même intelligible, apparaisse à l'observateur”.*

³⁸⁷ *“La difficulté propre à l'intelligibilité historique tient à la pluralité des niveaux auxquels se renouvelle l'interrogation”.*

inteligibilidade desliza de uma aceção positiva para uma aceção propriamente metafísica, do sentido imanente à conduta dos homens para o fim da aventura que somente tem a chance de conhecer Deus ou aquele que acredita ser seu confidente”³⁸⁸ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 442).

Aron não pensa que será possível resolver definitivamente os problemas dos campos político e econômico, como foi colocado anteriormente. Portanto, não podemos pensar em tratar da ampliação constante do contexto no qual está inserido o sujeito histórico. Não esperamos conhecer o fim da história pela ampliação dos conjuntos e intentar, por exemplo, solucionar as questões colocadas diante da distribuição inequitativa de recursos materiais e de poder.

Precisamos, na verdade, manter-nos no nível do indivíduo e considerar aspectos imanescentes à sua conduta. Ademais, devemos levar em conta que podemos a qualquer momento subsequente retomar e reinterpretar a conduta do homem. Tal consideração é extremamente relevante para avaliarmos que a questão da inteligibilidade do ato humano implica admiti-la como processo que jamais se exaure. Agravando o quadro de dificuldade concernente ao entendimento da inteligibilidade, é importante não esquecermos que não há forma exclusiva de inteligibilidade do ato humano.

*“Mas inteligibilidade não se destaca em um tipo único e não garante que o conjunto, do qual cada elemento é nele mesmo inteligível, pareça sensato ao observador”*³⁸⁹ (ARON, 2010a, p. 146).

Não há exclusividade de uma ou outra forma de inteligibilidade. A conduta humana, em processos que envolvem decisões políticas e problemas ligados à guerra, exige ser avaliada em suas diversas dimensões. Analisando o ato do indivíduo tanto no papel de militar quanto envolvido em processos de decisão política - exemplos fundamentais para Aron -, devemos implicá-lo em dimensões distintas das circunstâncias em que se inserem.

“Como compreender a conduta de um chefe de guerra se não esclarecemos cada uma de suas decisões referindo-as ao saber que ele dispunha, às réplicas presumidas do adversário, ao cálculo das chances de um e de outro, se não reconstituímos a

³⁸⁸ “*En passant des ensembles élémentaires à des ensembles toujours plus vastes, l’intelligibilité glisse elle-même d’une acception positive vers une acception proprement métaphysique, du sens immanent à la conduite des hommes vers la fin de l’aventure que seul a la chance de connaître Dieu ou celui qui s’en croit le confident*”.

³⁸⁹ “*Mais l’intelligibilité ne ressorti pas à une type unique et ne garantit pas que l’ensemble, dont chaque élément est en lui-même intelligible, apparaisse sensé à l’observateur*”.

organização dos exércitos e a técnica dos combates”³⁹⁰ (ARON, 2010a, p. 147).

De fato é necessária certa gradação e prudência. Embora tenhamos por base a análise do indivíduo, devemos levar em conta aspectos institucionais, organizacionais e do contexto no qual se insere o ator estudado. Por exemplo, não podemos deixar de lado o cálculo que supostamente o sujeito histórico realiza ao projetar uma decisão desejada, ou mesmo seu conhecimento sobre o conjunto de questões institucionais que se apresentam e sua capacidade cognitiva diante dos mesmos. Ademais, paralelamente, não deixa de ser necessário ampliar o quadro conjuntural, pois a longevidade do processo decisório ou de outro evento histórico revela aspectos não pensados pelos atores históricos envolvidos.

“Passando da arte militar à política, a complexidade aumenta. A decisão do político, como aquela do militar, é compreendida por aquele único que decifrou a conjuntura: a aventura de César, de Napoleão, de Hitler, só revela sua significação em um conjunto que cobre uma época, uma nação, talvez uma civilização”³⁹¹ (ARON, 2010a, p. 147).

Enfim, a questão da decisão do indivíduo é dimensão determinante em toda análise. No entanto, o aumento da gradação do conjunto pode comprometer a análise das decisões do indivíduo. Por conseguinte, a ampliação do conjunto não pode ser indeterminada. No plano do indivíduo, podemos destacar o papel fundamental da decisão política no desenvolvimento do processo histórico em marcha. Analisando o papel do político, como faz Aron, chegamos às considerações próprias do nosso autor quanto à razão política na história (ANDERSON, 1997, p. 3).

Contudo, concentrar a atenção no indivíduo é apenas um estágio para a análise. A interpretação não se esgota diante da possibilidade da inteligibilidade. Como já foi colocado não há um caminho exclusivo para a inteligibilidade. Segundo Aron, profundamente influenciado pela tipologia da ação social de Max Weber, podemos enumerar três maneiras de estabelecer a inteligibilidade, e, evidentemente, não exclusivas entre si. A primeira diz respeito à idéia de racionalidade em termos de meios e fins que podemos atribuir ao agente histórico em análise.

³⁹⁰ “Comment comprendre la conduite d’un chef de guerre si l’on n’éclaire chacune de ses décisions en se référant au savoir dont il disposait, aux répliques présumées de l’adversaire, au calcul des chances de l’un et le l’autre, si l’on ne reconstitue pas l’organisation des armées et la technique des combats”.

³⁹¹ “En passant de l’art militaire à la politique, la complexité augmente. La décision du politique, comme celle du militaire, est comprise par celui-là seul qui a déchiffré la conjoncture: l’aventure de César, de Napoleon, de Hitler, ne révèle sa signification que remise dans un ensemble qui couvre une époque, une nation, peut-être une civilisation”.

*“A determinação dos meios e dos fins refere-se aos conhecimentos do ator e à estrutura da sociedade. Um objetivo não é mais que uma etapa em direção a um objetivo ulterior”*³⁹² (ARON, 2010a, p. 147).

Porém, Aron reconhece que a racionalidade em termos de meios e fins não exaure as possibilidades interpretativas da ação histórica. É interessante notar a possibilidade de circularidade explicativa quando se pensa a racionalidade em termos de meios e fins.

*“O esquema meios-fim se revela o mais frequentemente muito simples. Ele não confere à ação humana mais que uma inteligibilidade parcial, ele demanda outras considerações que, em todo caso, fixam o quadro no qual o ato se reduz à escolha dos meios”*³⁹³ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 443).

Ou seja, amplia-se o quadro conjuntural estabelecendo objetivos políticos, geopolíticos, e se busca, com isso, imputar racionalidade às ações do sujeito histórico. Entretanto, dentro de tal análise, esquecemos outros elementos, valorativos e cognitivos por exemplo, que podem trazer melhores graus de interpretação. Todavia, segundo Aron, é justamente o “*esquema meios-fim*” que o historiador tem maior propensão a utilizar.

*“O esquema mais simples que o historiador sempre se inclina a empregar é aquele da relação de meios e fim”*³⁹⁴ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 443).

Para o historiador, a elaboração da narrativa histórica implicaria, na verdade, certa situação circular do ponto de vista formal, na qual objetivos racionais são destacados da ordem dos eventos enumerados, imputando, assim, racionalidade própria ao indivíduo tanto no mundo político como no econômico. Dessa forma, tendo por base as realizações no plano político e econômico, estabelecem-se as causações para tais realizações. Entretanto, os fins não se reduzem a questões políticas e econômicas.

*“Os atos humanos oferecem inteligibilidades múltiplas segundo a visão do observador. Só compreendemos em profundidade uma conduta após ter desmontado o sistema de conhecimentos, de valores e de símbolos que estrutura a consciência do ator”*³⁹⁵

³⁹² “*La détermination des moyens et des fins renvoie aux connaissances de l'acteur et à la structure de la société. Un but n'est jamais qu'une étape vers un objectif ultérieur*”.

³⁹³ “*Le schéma moyens-fin s'avère le plus souvent trop simple. Il ne confère à l'action humaine qu'une intelligibilité partielle, il appelle d'autres considérations qui, en tout cas, fixent le cadre dans lequel l'acte se réduit au choix des moyens*”

³⁹⁴ “*Le schéma le plus simple que l'historien incline toujours à employer est celui du rapport de moyens à fin*”.

³⁹⁵ “*Les actes humains offrent des intelligibilités multiples selon la visée de l'observateur. On ne*

(ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 444).

Portanto, é razoável que devamos considerar outras formas de inteligibilidade. Seguindo a tipologia weberiana, Aron propõe uma segunda forma de inteligibilidade a qual diz respeito à conduta racional em termos de valores.

*“A determinação dos valores é indispensável à compreensão da conduta humana, porque esta não é nunca estritamente utilitária. O cálculo racional dos especuladores caracteriza uma atividade, mais ou menos estendida segundo as civilizações, que limita sempre uma concepção da boa existência”*³⁹⁶ (ARON, 2010a, pp. 147 e 148).

Vemos que Aron não exclui os julgamentos morais por parte do agente histórico em seu processo racional de escolha e decisão. Distinção fundamental de caráter axiológico, que garante a especificidade das ciências do homem e, sobretudo, do conhecimento histórico. Não temos dúvida de que é importante considerar a tentativa, sempre humana, de melhorar ou de ultrapassar condições de seu presente vivido por parte do ator histórico. Característica própria do homem que garante a ideia de renovação permanente da interpretação da história e, por conseguinte, a inesgotabilidade da inteligibilidade.

Entretanto, Aron não considera somente as inteligibilidades no campo racional, em relação a fins ou a valores. Também propõe avaliar as possibilidades de interpretação histórica tendo por base móveis pessoais e também percepções cognitivas por parte do indivíduo.

*“Julgamos inútil determinar os móveis de Napoleão em Austerlitz, mas invocamos a fadiga ou a doença do mesmo Napoleão em Moscou ou em Waterloo. Logo que observamos o fracasso de um indivíduo, ou a série de atos de um personagem histórico, ou a conduta de um grupo, remontamos, as atitudes ou os atos, ao sistema de **pulsões**, tal como resulta da educação recebida ou da existência vivida”*³⁹⁷ (ARON, 2010a, p. 148).

De certa forma, não estaria errado admitir que Aron não desconsidera a

comprend en profondeur une conduite qu'après avoir dégagé le système de connaissances, de valeurs et de symboles qui structure la conscience de l'acteur”.

³⁹⁶ *“La détermination des valeurs est indispensable à la compréhension de la conduite humaine, parce que celle-ci n'est jamais strictement utilitaire. Le calcul rationnel des spéculateurs caractérise une activité, plus ou moins étendue selon les civilisations, que limite toujours une conception de l'existence bonne”.*

³⁹⁷ *“On juge inutile de déterminer les mobiles de Napoléon à Austerlitz, mais on invoque la fatigue ou la maladie du même Napoléon à la Moskowa ou à Waterloo. Dès que l'on observe l'échec d'un individu, ou la série d'actes d'un personnage historique, ou la conduite d'un groupe, on remonte, des attitudes ou des actes, au système de **pulsions**, tel qu'il résulte de l'éducation reçue ou de l'existence vécue”.*

dimensão irracional do comportamento humano diante das demandas da existência histórica. Tais considerações implicam observar necessariamente a inexaurabilidade dos tipos e dimensões de interpretações.

*“A pesquisa do sentido, neste momento da análise, equivale à determinação dos elementos abstratos – pulsões, categorias, situações típicas, símbolos ou valores – que, constitutivos da comunidade humana, realizam as condições necessárias à inteligibilidade dos atos pelos espectadores e das civilizações esvanecidas pelo historiadores”*³⁹⁸ (ARON, 2010a, p. 148).

Por conseguinte, temos considerável pluralidade de interpretações ou dimensões do mesmo ato. Com isso, a princípio, poderíamos ter uma postura de resignação diante das dificuldades de entender o homem como agente decisor diante dos problemas que se apresentam dentro do movimento histórico. Porém, Aron nos assegura de que a riqueza de manifestações não pode nos levar a ter uma visão pessimista do entendimento histórico.

*“A pluralidade das dimensões abertas à compreensão não consagra o fracasso do conhecimento, mas a riqueza da realidade. De uma certa maneira, cada fragmento da história é inesgotável”*³⁹⁹ (ARON, 2010a, p. 148).

A pluralidade das dimensões que permite a inteligibilidade do ato humano pode ser considerada como forma que não exaure as possibilidades de interpretação da ação do indivíduo. As várias formas de se buscar entender a conduta humana no passado são evidência da riqueza das manifestações. Além disso, há outras formas de pluralidade, segundo Aron, e que são próprias do ofício do historiador. Neste caso, Aron quer nos dizer que a periodização, maior ou menor, pode estabelecer entendimentos distintos para o mesmo ato humano.

*“Uma outra pluralidade aparece no interior de cada uma das dimensões humanas: o estabelecimento dos eventos, passo essencial da compreensão, não encontra limites definidos nem na direção do elementar, nem na direção do global. Assim, o sentido é equívoco, inapreensível, dependendo do conjunto que consideramos”*⁴⁰⁰ (ARON, 2010a,

³⁹⁸ “La recherche du sens, à ce moment de l’analyse, équivaut à la détermination des éléments abstraits – pulsions, catégories, situations typiques, symboles ou valeurs – qui, constitutifs de la communauté humaine, réalisent les conditions nécessaires à l’intelligibilité des actes par les spectateurs et des civilisations évanouies par les historiens”.

³⁹⁹ “La pluralité des dimensions ouvertes à la compréhension ne consacre pas l’échec de la connaissance, mais la richesse de la réalité. D’une certaine manière, chaque fragment d’histoire est inépuisable”.

⁴⁰⁰ “Une autre pluralité apparaît à l’intérieur de chacune des dimensions humaines: la mise en place des événements, démarche essentielle de la compréhension, ne rencontre de limites définies ni vers l’élémentaire, ni vers le global. De ce fait, le sens est équivoque, insaisissable, autre selon l’ensemble que

p. 149).

O procedimento de enumerar eventos ao longo do tempo, o que definirá o perfil da narrativa histórica, não se trata de algo exclusivo e, por conseguinte, não deixa de compor um quadro das várias interpretações. Tal característica é própria das escolhas dos historiadores segundo seu interesse de investigação, procedimento próprio do historiar e que não foge da atribuição de algum sentido para a história. Ou seja, a composição linear dos eventos é que estabelecerá a evolução dos fatos, assumindo, até certo ponto inconscientemente, uma relação causal pré-determinada. E é a partir de um ato específico deste ou daquele ator da história que se estabelece a reconstrução.

Entretanto, ao admitir a possibilidade de vários conjuntos concêntricos, cujas avaliação e composição se desenvolvem a partir da análise da conduta humana, não implica que Aron admita o progresso, a decadência ou mesmo a repetição indefinida. Simplesmente, o futuro está e sempre estará aberto.

*“A história dos eventos não é nem progresso nem decadência, nem orientada na direção de um fim, nem repetição indefinida dos mesmos fatos ou dos mesmos ciclos, ela é série pura, diversidade com alinhamento sobre a linha do tempo”*⁴⁰¹ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 450).

Não há limites para a interpretação. Ou seja, a qualquer momento subsequente qualquer historiador poderá retomar o ato humano pretérito e recompor o relato segundo sua concepção. E tal procedimento não se esgota jamais. O espírito não se resigna diante dos acontecimentos e de suas interpretações: não houve, não há e não haverá a última palavra sobre a história.

*“A partir de um ato, remontamos o curso da história européia, sem que tenhamos a obrigação ou o direito de parar”*⁴⁰² (ARON, 2010a, p. 149).

Assim, devemos reconhecer a possibilidade da diversidade de interpretações não só dos atos humanos mas também da amplitude dos conjuntos. Sobretudo, pelo fato de que a distância temporal reabre novas possibilidades de interpretação.

l'on considère”.

⁴⁰¹ *“L’histoire des événements n’est ni progrès ni décadence, ni orientée vers une fin, ni répétition indéfinie des mêmes faits ou des mêmes cycles, elle est suite pure, diversité avec alignement sur la ligne du temps”.*

⁴⁰² *“A partir d’un acte, on remonte le cours de l’histoire européenne, sans que l’on ait l’obligation ou le droit de s’arrêter”.*

*“O caráter humano dos eventos, que exclui os átomos, fechados sobre eles mesmos, e não impõe nunca o fim à investigação, manifesta-se também pelos conjuntos, esboçados no real. O historiador não aglomera grãos de poeira. Elemento e conjunto são noções complementares”*⁴⁰³ (ARON, 2010a, pp. 149 e 150).

Vemos que não se trata apenas da ampliação dos conjuntos por si só. Aron destaca que há uma relação simbiótica entre o ato humano e o conjunto temporal: um não pode existir sem o outro. Sempre haverá a necessidade de encontrar alguma complementariedade entre os eventos e algum conjunto que os engloba, pois é próprio do homem imputar à sua existência certo sentido no tempo. A cada momento histórico, o homem elaborará racionalmente uma visão retrospectiva a fim de dar conta da necessidade de explicação da sua condição. Devemos adotar dois planos diferentes para analisar o homem na história, e não podemos descartar nenhum dos dois para entender os significados da interpretação histórica. É razoável observar que a coexistência de condutas diversas parte de bases reflexivas distintas. O indivíduo, fazendo uso de sua liberdade de escolha e decisão, estará inserido, ou melhor, será inserido nas estruturas determinantes de acordo com as visões que recuperam retrospectivamente os eventos pretéritos. É claro que estaremos sujeitos a imputar sentidos mais ou menos específicos de acordo com os objetivos da investigação. De qualquer forma, a diversidade de interpretações não implica contradição direta, mas demanda a necessidade de se pensar a complementariedade de um conjunto que jamais se exaure. Sendo assim, temos um quadro de pluralidade de significações em função da indeterminação dos conjuntos, não há como estabelecer o conjunto que melhor determine a investigação.

*“A pluralidade de significação, que resulta da indeterminação dos conjuntos e da discriminação entre sentidos específicos e sentidos vividos, provoca a **renovação** da interpretação histórica e oferece primeiramente uma proteção contra a pior forma de relativismo, aquela que se combina com o dogmatismo”*⁴⁰⁴ (ARON, 2010a, p. 152).

Não há como decretar a “última” forma interpretativa. Podemos admitir certas determinações parciais, porém, jamais nos resignaremos com a palavra mais recente ou com aquela que desejar se travestir de ciência, pois não passaria de simples

⁴⁰³ “Le caractère humain des événements, qui exclut les atomes, fermés sur eux-mêmes, et n’impose jamais de terme à enquête, se manifeste aussi par des ensembles, esquissés dans le réel. L’historien n’agglomère pas des grains de poussière. Élément et ensemble sont notions complémentaires”.

⁴⁰⁴ “La pluralité de signification, qui résulte de l’indétermination des ensembles et de la discrimination entre sens spécifiques et sens vécus entraîne le **renouvellement** de l’interprétation historique, elle offre d’abord une protection contre la pire forme de relativisme, celle qui se combine avec le dogmatisme”.

dogmatismo.

*“A multiplicidade dos conjuntos, reais ou ideais, proíbe o fanatismo que desconhece a diversidade dos papéis, que jogam os indivíduos em uma sociedade complexa, e o entrecruzamento dos sistemas nos quais se inserem as atividades. A reconstituição histórica guarda um caráter inacabado, porque ela nunca revela todas as relações, nem esgota todas as significações”*⁴⁰⁵ (ARON, 2010a, p. 152).

É até plausível reconhecer certa propensão em inferir o relativismo ou o historismo consequente da argumentação de Aron. Em sua discussão, observamos a diversidade de conjuntos, a diversidade de atores, as múltiplas significações. Enfim, notamos características próprias do subjetivismo e do relativismo quando tratamos da relação humana com o conhecimento. De forma que não estaria errado admitir certo flerte com o historismo. Contudo, um pouco paradoxalmente, se Aron reconhece a diversidade, não passa automaticamente a advogar o relativismo histórico. Nosso autor se apóia justamente na inteligibilidade histórica como procedimento permanente que garante a unidade humana da e na história.

*“Mas, ao mesmo tempo, esta descoberta do outro como outro supõe uma certa comunidade entre mim e os outros. Eu só compreendo o universo mental no qual vive o outro na condição de retomar, num nível qualquer de formalização ou abstração, as categorias desse universo estrangeiro. Nesse sentido e nesse nível, a inteligibilidade da história implica a unidade da natureza humana”*⁴⁰⁶ (ARON, 1979 in ARON, 1981b, p. 444).

Portanto, apesar do risco de ampliação imprudente dos conjuntos históricos, não é toda vez que nos propomos a tornar inteligível toda e qualquer decisão humana do passado imediato ou remoto. Esse processo só é possível porque homens do presente e do passado pertencem igualmente à mesma categoria. A chave para tal interpretação é concernente a questões ligadas a valores, os quais são exclusivos do mundo humano. Ou seja, o indivíduo adota um “*fim*” e um “*sentido*” para o processo histórico em que está inserido em função de certos valores que por ele são hierarquizados. A construção retrospectiva a fim de analisar o ato desse indivíduo não

⁴⁰⁵ “*La multiplicité des ensembles, réels et idéels, interdit le fanatisme qui méconnaîtrait la diversité des rôles, que jouent les individus en une société complexe, l’entrecroisement des systèmes en lesquels s’insèrent les activités. La reconstitution historique garde un caractère inachevé, parce qu’elle n’a jamais dégagé toutes les relations, ni épuisé toutes les significations*”

⁴⁰⁶ “*Mais, en même temps, cette découverte de l’autre en tant qu’autre suppose une certaine communauté entre moi et autres. Je ne comprends l’univers mental dans lequel vit l’autre qu’à la condition de retrouver, à un niveau quelconque de formalisation ou abstraction, les catégories de cet univers étranger. En ce sens et à ce niveau, l’intelligibilité de l’histoire implique l’unité de la nature humaine*”.

deixa de ser um processo semelhante permeado pela comunicabilidade dos valores, o que permite alcançar a inteligibilidade do ato histórico. Mas entendemos que o corolário direto da análise de Aron a respeito da inteligibilidade é a prudência. A análise crítica aroniana impede de assumir a “*solução*”, a “*saída*” ou a “*narrativa*” final. Não é próprio do homem resignar-se diante de tais propostas. Por avaliar e julgar sua condição, o homem busca se apoiar em conjuntos históricos a fim de manter ou alterar para o futuro sua condição presente. Tal reflexão jamais é exaurida e, por conseguinte, é absolutamente necessário prudência nas propostas e resultados políticos que concernem ao processo histórico e nele estão inseridos.

Considerações finais

Ao objetivarmos explorar as reflexões epistemológicas de Raymond Aron, não poderíamos deixar de considerar o papel desempenhado pelo seu livro *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*. É nele que encontramos a tentativa inicial de sistematização das idéias de Aron a respeito da ciência histórica. Sendo produto de seu doutorado, o *Introduction* indica não só o início de sua carreira intelectual, mas também simboliza a manifestação de recusa, por parte de uma geração de intelectuais, das formas de conhecimento acerca do homem em prática pela academia naquele momento. A proposta de Aron, ao intentar compreender o processo histórico-intelectual em que está inserido, enfrenta os temas, os equívocos e limites intelectuais de uma época para entender a si mesma.

Aron parte da avaliação dos problemas e das propostas políticas de sua época de juventude, e, para tal empreendimento, só pode utilizar os conteúdos lexicais disponíveis, ou seja, justamente os elementos imbricados em sua formação intelectual e desenvolvimento acadêmico. Todavia, o então jovem intelectual não se vê capaz de avaliar o processo histórico que se apresenta a partir do aparato teórico vigente nos estudos acadêmicos. Não só isso, a tradição epistemológica na qual está inserida sua formação intelectual não produz formas explicativas capazes de indicarem as melhores ações no plano político. Há um certo sentimento de inanição política decorrente da tradição intelectual da época que o incomoda profundamente. Sem vislumbrar outra saída, entende ser necessário o estudo da natureza e dos limites do conhecimento histórico a fim de melhor compreender suas limitações e buscar superá-las.

Tentando superar as limitações da cultura intelectual de sua época, Aron nos apresenta, ontológica e metodologicamente, novas concepções para o entendimento da história. E, à medida que intentamos registrar os elementos que compõem o processo histórico de desenvolvimento das ideias epistemológicas aronianas, deparamo-nos com dimensões distintas desse processo de investigação as quais serão fundamentais para as reflexões críticas que ocuparão o autor ao longo da vida: a preocupação em saber se os conteúdos lexicais tornados disponíveis por uma teoria permitem indicar ações concretas no plano do vivido. Aron observa certo hiato epistemológico, toda vez que a discussão teórica não provê escolhas possíveis no plano concreto da história. Temos, portanto, aqui, as bases para os problemas de praxiologia que será a marca das reflexões

teóricas aronianas, ocupadas em diminuir o tal hiato epistemológico, típico do positivismo científico, a partir do exercício sistemático da reflexão crítica.

Dentro desse processo, um dado importante do pensamento aroniano, é quanto ao procedimento adotado para a elaboração do *Introduction*. Aron assume um tratamento original da epistemologia ao não diferenciá-la da reflexão crítica, ou seja, pensar epistemologicamente é pensar justamente os limites e as imperfeições de toda e qualquer ciência, sem cair obrigatoriamente em um tipo de ceticismo ou fundamentar a inanição praxiológica. Trata-se de uma proposta rara, sobretudo no meio intelectual francófono de seu tempo. Aron entende que reconhecer os limites epistemológicos da reflexão teórica não implica apregoar a inanição intelectual e, por conseguinte, renunciar a especular a respeito das opções conceituais que a ciência apresenta acerca do mundo concreto, podendo prover e auxiliar os homens em suas decisões e escolhas.

Para Aron, é decisivo no estudo da história considerar que o desejo de conhecimento do passado e a necessidade de se posicionar em relação a ele é vital para o sujeito histórico no presente. Em outras palavras, a afirmação de que o homem é histórico decorre de um senso compartilhado no presente de conservação do passado. Assim, o problema fundamental para o sujeito histórico é colocado em termos da necessidade de escolha e decisão diante da pluralidade de sistemas teóricos interpretativos não inequívocos. Daí decorre uma questão importante para Aron que é o decidir permanentemente diante do imprevisível tendo por base representações conceituais da realidade. Por conseguinte, o homem é não só histórico, mas o lugar da própria reflexão histórica, à medida que se preocupa com o passado, por nostalgia e apoio de uma tradição rememorada e pela idéia presente de sua conservação projetada ou rejeitada no futuro desejado. Ao mesmo tempo, é confrontado com as possíveis novidades do porvir, impondo-lhe ansiedade e esperança de maior autonomia, satisfação e liberdade. O homem está situado entre dois planos de uma mesma problemática: o primeiro é sua existência na história, o que o remete ao segundo, o problema do conhecimento histórico propriamente. Vê-se que não há desconexão entre existência e conhecimento humanos. De fato, ambos convergem na construção da matriz de opções decisórias que moldarão o futuro.

Temos aqui uma das características fundamentais da reflexão aroniana, no plano epistemológico, que permeia toda sua produção intelectual: a inseparabilidade entre saber e existir. O saber jamais é pleno, todavia, a existência impõe ao homem a necessidade de saber. Em outras palavras, o desejo de conhecer o passado é uma forma

de minimizar a angústia da existência, pois o saber retrospectivo é uma necessidade fundamental para o posicionamento do homem diante de seus problemas presentes. De forma que o conhecimento histórico é na verdade um processo dialético entre conhecer e existir. E, levando em conta as considerações aronianas, tal processo é equívoco e inesgotável, pois jamais deixará de haver por parte do homem a assunção de um sentido a partir da visão retrospectiva elaborada.

Ao tentar superar criticamente explicação e compreensão, Aron reconhece na centralidade do seu argumento a inseparabilidade entre saber e existir. Isso implica assumir um pressuposto que põe em xeque o positivismo ao colocar o *fazer a história* na história, afirmando que o historiador é um homem do seu tempo. O historiador, em seus estudos, sempre atribuirá algum sentido para os eventos que enumera. O que vale dizer que assume, mesmo inconscientemente, alguma filosofia da história, ou seja, admite como pano de fundo de seu trabalho um sistema interpretativo geral do devir humano. Isso implica dizer que há necessidade fundamental, e na maior parte das vezes inconsciente, para todo homem, e até para o historiador, assumir uma visão de unidade da história humana. Dentro de tal visão, há, na verdade, a projeção para o futuro de uma resolução idealista dos problemas que angustiam a existência humana. E, como vimos, tais problemas estão ligados às relações sociais que implicam a organização e o comando da coletividade a fim de garantir formas de exploração dos recursos que permitam coexistência e equidade social.

Parece-nos suficientemente razoável que, levando em conta tais proposições, incorramos inevitavelmente na inseparabilidade entre filosofia e história. A invocação de alguma filosofia da história a fim de atribuir significado ao devir do homem precisa ser elucidada. Para tanto, não se pode abrir mão da reflexão crítica filosófica para a devida verificação do sentido que está por trás da enumeração dos eventos organizados pelo historiador. Torna-se necessário, por conseguinte, admitir não só a inseparabilidade entre saber e existir mas também entre filosofia e história, uma vez que somente a reflexão filosófica pode revelar a filosofia da história por trás das percepções conjunturais, e, ao mesmo tempo, desconstruir a inserção dos modos de entender, das concepções de vida e de mundo e da interpretação da realização concreta dos eventos.

Outro aspecto importante da análise epistemológica aroniana concerne à exigência de praxiologia como decorrência de toda e qualquer teoria. Em outras palavras, há profunda preocupação de que os conteúdos lexicais disponibilizados pela

reflexão no plano das ideias devam propiciar escolhas e decisões no plano dos eventos. Ora, é essa a dificuldade com que o jovem Aron se depara no final da década de 1920. Poderíamos até pensar que encontramos neste ponto um paradoxo na reflexão aroniana, uma vez que admite que as teorias são representações conceituais, mas, ao mesmo tempo, delas exige aplicabilidade na vida concreta. A importância da dimensão axiológica da reflexão epistemológica aroniana é a marca distintiva das ciências do homem, e também indica a relação intrínseca entre razão política e história. Neste caso, a história, como toda e qualquer ciência do homem, trata dos valores que orientam as escolhas e as decisões do homem. E aqui encontramos o elemento que estabelece o princípio da unidade entre os homens: a inteligibilidade histórica. Com isso devemos reconhecer o papel que joga o universo da política na orientação dos atos dos homens. Em outras palavras, o homem decide e não deixa de decidir. A investigação da natureza da reflexão epistemológica aroniana pode então fornecer novas bases para o entendimento de seu pensamento político, interpretado como conservador a partir de análises políticas convencionais.

Em nossa opinião, entendemos ser um corolário decorrente da inseparabilidade entre saber e existir no exercício da história a necessidade metodológica de considerar certos aspectos da conformação das ideias, ou melhor, das respostas racionais aos problemas enumerados. Em outras palavras, percebemos que, ao nos propor examinar a gênese, o desenvolvimento e o destino crítico das reflexões teóricas de Aron a respeito do conhecimento histórico, somos levados a reconhecer que os produtos mentais não se originam exclusivamente no plano das ideias. Não há uma relação canônica intelectualista entre os conceitos. É claro que isso não significa que os conceitos se desenvolvam sem diretrizes racionais. Na verdade, ao analisar as reflexões aronianas sobre a história, notamos que suas preocupações praxiológicas demandam considerar uma dinâmica tripartite, fundada em três processos fundamentais: recepção intelectual, percepção observacional e concepção racional de idéias.

A recepção intelectual leva em conta a tradição de ideias na qual se insere o autor estudado. São elementos teóricos, conceitos e postulados, ou seja, ferramentas lexicais que permitiram e que permitem identificar e analisar os problemas e respostas gerados em dado período, não deixando de ser questionamentos cuja natureza perdura no tempo, mas que variam em termos do incremento alcançado pela capacidade crítica e reflexiva. Por sua vez, a percepção diz respeito à imersão do indivíduo nos problemas singulares que se referem à distribuição de recursos e às

formas de organização e hierarquização dos grupos sociais. Implica, por conseguinte, fazer escolhas e decidir cotidianamente em função da necessidade de coexistência humana. A análise e o entendimento das considerações de tais escolhas e decisões jamais se exaurem e são pertinentes aos problemas de ordem científica, pois são colocados diante do cientista obrigando-o a pensar seus limites e conceber respostas, passando-se, então, da percepção para a concepção. Finalmente, a concepção emerge de uma relação tensa, pois está não só ligada ao desenvolvimento de respostas racionais necessárias aos problemas de uma época, mas também, está em grande parte diretamente relacionada com recursos reflexivos e lexicais recebidos e compartilhados. Não negamos que as respostas conceituais possam apresentar elementos singulares. A designação pode ter variações nas diferentes coletividades, mas certos problemas, como colocado por Aron, impõem-se ao longo do tempo, demandando a valoração das decisões e escolhas possíveis. Devemos considerar, portanto, que certa dimensão da natureza do problema é perene. Não significa, com isso, o congelamento do espectro de respostas possíveis. Na verdade, este processo relacional tripartite apresenta dinâmica intensa a qual é incrementada à medida que se toma consciência de tal relação e, sobretudo, quando se questiona sobre esta própria consciência em termos de sua natureza e sua possibilidade de acúmulo e/ou progresso ao longo do tempo.

É claro que cada dimensão pode ser vista como um processo único, com natureza e dinâmica próprias. Porém, devemos destacar a profunda relação que cada uma tem com as demais. Neste caso, a questão dos valores e a inteligibilidade histórica exercem papel fundamental na interação entre recepção, percepção e concepção. A concepção de idéias se dá diante dos problemas os quais assumem tal condição à medida que são cotejados com valores sociais. Ou seja, as respostas são em função da relevância de valores diante dos problemas econômicos e políticos com os quais o homem se depara. Não se trata, com isso, de relativizar temporalmente as respostas. Se fosse isso, cairíamos no historicismo cujos limites foram explorados por Aron. É preciso aventar a hipótese de que certos problemas ou condições são recorrentes para o homem, de forma tal que a concepção, em relação tensa com a recepção e a percepção, direciona-se no intuito de produzir e aprimorar respostas que possibilitem maximizar certos valores que se apresentam continuamente no tempo.

Em outras palavras, partindo do pressuposto da conexão lógica entre *querer* e *saber*, Aron explora as razões do *querer* e os limites do *saber*, examinando a dimensão formal do processo do pensar histórico: dimensões da vida humana não

dissociadas, pois se completam dialeticamente. Explorando o *querer*, Aron coloca em evidência o desejo do homem de resolver dois problemas aparentemente distintos da vida humana: o econômico e o político. Destaca que, na intenção de *saber* as soluções finais para tais problemas, o indivíduo lança mão, como “pano de fundo”, de um esquema de evolução da sociedade, ou, dito de outra forma, faz uso de uma filosofia da história. Contudo, Aron argumenta que as motivações para tal processo se encontram, de fato, no plano do indivíduo. Por conseguinte, revela as tensões e os dilemas dos quais o indivíduo não consegue jamais declinar. E, para tanto, a inteligibilidade histórica ganha importância como instrumento formal do pensamento retrospectivo, permitindo conhecer as primeiras motivações do homem na tentativa de solução dos problemas que lhe são apresentados pelo processo histórico.

Enfim, a concepção de história de Raymond Aron foi desenvolvida não só a partir de elementos ligados a sua herança intelectual, mas também dentro de um ambiente de questões perceptíveis numa época. Como consequência, destaca-se a imbricação entre reflexão epistemológica e plano político, a qual conduz Aron a uma crítica política, ainda que as respostas sejam sempre representações conceituais inesgotáveis. A inseparabilidade do pensar e do viver leva a romper com a distinção entre conceito e evento, pois ambos dialogam dentro de um processo que jamais se exaure, de forma que não haverá uma resposta conceitual final. E, à medida que não podemos apontar uma resposta final para o desenvolvimento das ideias, devemos adotar a prudência na conformação das decisões políticas. Portanto, o vanguardismo epistemológico aroniano nos conduz logicamente para o conservadorismo político. E não só isso: reconhecendo que toda e qualquer tentativa de elaboração histórica é, na verdade, um exercício de representação conceitual da realidade, encontramos-nos em um impasse permanente. Se por um lado apenas fazemos representação; por outro, jamais podemos deixar de tentar representar conceitualmente, pois esta é a única ferramenta que resta ao homem racional que vive, pensa e deve decidir a fim de intentar encontrar respostas para os problemas fundamentais da organização da sociedade.

Bibliografia

Obras de Raymond Aron

ARON, Raymond. *Dimensions de la conscience historique*. Paris: Les Belles Lettres. 2011.

ARON, Raymond. *L'opium des intellectuels*. France: Librairie Arthème Fayard, 2010a.

ARON, Raymond. *Mémoires*. Paris. Éditions Robert Laffont, S. A., 2010b.

ARON, Raymond. *La sociologie allemande contemporaine*. Paris: Quadrige / PUV, 2007.

ARON, Raymond. *Le spectateur engagé: entretiens avec Jean-Louis Missika et Dominique Wolton*. Paris: Éditions de Fallois, 2004.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução Sérgio Bath – 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARON, Raymond. *Memórias*. Tradução Octávio Alves Velho. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986a.

ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*. Paris: Gallimard, 1986b.

ARON, Raymond. *Estudos políticos*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2ª ed. 1985.

ARON, Raymond. Raymond Aron: 1905-1983. *Revue Française de Sociologie*, Vol. 24, No. 4 (Oct. - Dec., 1983), pp. I-V Published by: Éditions OPHRYS et Association *Revue Française de Sociologie*. Disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/3321338>. Acessado em: 21/08/2008 17:54.

ARON, Raymond. *O espectador engajado: entrevistas com Jean-Louis Missika e Dominique Wolton*. Tradução Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ARON, Raymond. *Raymond Aron na UnB: conferências e comentários de um simpósio internacional realizado de 22 a 26 de setembro de 1980*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981a, (Coleção Itinerários).

ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique: complétée par des textes récents*. Paris: Gallimard,

1981b.

ARON, Raymond. Les trois modes de l'intelligibilité historique (1979) in ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique: complétée par des textes récents*. Paris: Gallimard, 1981b.

ARON, Raymond. Récit, analyse, interprétation, explication: critique de quelques problèmes de la connaissance historique (1974) in ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique: complétée par des textes récents*. Paris: Gallimard, 1981b.

ARON, Raymond. *Ópio dos intelectuais*. Tradução Yvonne Jean. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

ARON, Raymond. *La philosophie critique de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire*. Paris: Librairie philosophie J. Vrin. 1969.

ARON, Raymond. *Dimensiones de la conciencia historica*. Madrid: Editorial Tecnos S. A. 1962.

ARON, Raymond. *Mitos e homens*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S. A., 1959.

ARON, Raymond. *Introducción a la filosofía de la historia*. Buenos Aires: Editorial Losada S.A. 1946.

ARON, Raymond. *Essai sur La theorie de l'histoire dans l'Alemagne contemporaine – La philosophie critique de l'histoire*. Paris. Vrin. 1938.

Obras de comentadores

ANDERSON, Brian C. *The recovery of the political*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1997.

BAVEREZ, Nicolas. *Raymond Aron: un moraliste au temps des idéologies*. Editions Perrin, 2006, (Collection Tempus).

BOYER, Alain. Le désir de réalité: remarques sur la pensée aronienne del'histoire in CHAMBOREDON, Jean-Claude (ed.). *Raymond Aron, la philosophie de l'histoire et les sciences sociales (Colloque organisé à l'École normale supérieure en 1988*. Éditions Rue D'Ulm/Presses de l'École normale supérieure, Paris, 1999.

BUSSIÈRES, Denis. Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique by Raymond Aron. Nouvelle edition revue et

annoté par Sylvie Mesure Paris: Gallimard, 1986, 521 p. /Resenha; Source: Canadian Journal of Political Science / Revue canadienne de science politique, Vol. 21, No. 2 (Jun., 1988), pp. 437-438. Published by: Canadian Political Science Association and the Société québécoise de science politique. Disponível em URL: <http://www.jstor.org/stable/3228535>. Acessado: 21/08/2008 18:21.

CANGUILHEM, Georges. La problématique de la philosophie de l'histoire in CHAMBOREDON, Jean-Claude (ed.). *Raymond Aron, la philosophie de l'histoire et les sciences sociales (Colloque organisé à l'École normale supérieure en 1988)*. Éditions Rue D'Ulm/Presses de l'École normale supérieure, Paris, 1999.

CHÂTON, Gwendal. Aron, Raymond in *Dicopo: Dictionnaire de Théorie Politique*. 2007/jul/09. Disponível: <http://www.dicopo.fr/spip.php?article84>. Acessado: 08/05/2012 às 09:51.

DUTARTRE, Élisabeth. *Fonds Raymond Aron: inventaire*. Paris: Bibliothèque nationale de France; École des hautes études en sciences sociales, 2007.

FESSARD, Gaston. Récit de la soutenance par le père G. Fessard (*La philosophie historique de R Aron*. Éd. Juliard, p. 34-49). in ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique* Paris: Gallimard, 1986b, pp. 446-457.

GROETHUYSEN, Bernard. Une philosophie critique de l'histoire in *Nouvelle Revue Française*, 53, 1939, p. 623-629.

KUNTZ, Rolf. Apresentação in ARON, Raymond. *Estudos Políticos*. 2ª Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985. (Coleção Pensamento Político, 18).

LAUNAY, Stephen. Les archives Raymond Aron. Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*, No. 45 (Jan. - Mar., 1995), pp. 145-146. Published by: Sciences Po University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3771024>. Acessado em: 21/08/2008 17:32.

LUTERBACHER, Urs. The Frustrated Commentator: an evaluation of the work of Raymond Aron. *International Studies Quarterly*, Vol. 29, No. 1 (Mar., 1985), pp. 39-49. Published by: Blackwell Publishing on behalf of The International Studies Association. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2600478>. Acessado em: 16/08/2010 13:58

MARROU, Henri-Iréné. Tristesse de l'historien. Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*, No. 45 (Jan. - Mar., 1995), pp. 109-131 Published by: Sciences Po University

Press Disponível: URL: <http://www.jstor.org/stable/3771020>. Acessado: 16/08/2010 14:13.

MESURE, Sylvie. Note pour la présente édition in ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire: essai sur les limites de l'objectivité historique*. Paris: Gallimard, 1986b, pp. I-X.

MESURE, Sylvie. *Raymond Aron et la raison historique*. Paris: Vrin, 1984.

SIRINELLI, Jean François. Raymond Aron avant Raymond Aron (1923-1933), Vingtième Siècle. Revue d'histoire, No. 2 (Apr., 1984), pp. 15-30. Published by: Sciences Po University Press. Disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/3769348>. Acessado em: 21/08/2008 18:28.

STEWART, Iain. "Existentialist manifesto or conservative politic science? Problems in interpreting Raymond Aron's Introduction à la philosophie de l'histoire". European Review of History: Revue europeenne d'histoire, 16:2, abril/2009, pp. 217 -233. Published by: Routledge. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/13507480902767636>. Acessado em: 14/10/2012 15:50.

STRONG, Tracy B. History and Choices: The Foundations of the Political Thought of Raymond Aron. History and Theory, Vol. 11, No. 2 (1972), pp. 179-192. Published by: Blackwell Publishing for Wesleyan University. Disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/2504585>. Acessado em: 21/08/2008 18:32.

Outras obras

ACTON, H. B. The Philosophy of History. Proceedings of the Aristotelian Society, New Series, Vol. 40 (1939 - 1940), pp. 75-88. Published by: Blackwell Publishing on behalf of The Aristotelian Society. Disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/4544339>. Acessado em: 21/08/2008 18:43.

ACTON, H. B. Philosophy in France. Philosophy, Vol. 14, No. 55 (Jul., 1939), pp. 341-344. Published by: Cambridge University Press on behalf of Royal Institute of Philosophy. Disponível em: URL: <http://www.jstor.org/stable/3746106>. Acessado em: 21/08/2008 18:46.

BERLIN, Isaiah. *Estudos sobre a humanidade: uma antologia de ensaios*. Tradução Rosaura Eichenberg – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris: Éditions du seuil, 1989

BOURDIN, Janine. Des intellectuels à la recherche d'un style de vie: l'École nationale des cadres d'Uriage. in *Revue française de science politique*, 9^e année, n° 4, 1959. pp. 1029-1045. Disponível em URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfsp_0035-2950_1959_num_9_4_403038. Acessado: 27/07/2012 20:54.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, - São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARR, Edward Hallet. *Que é história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3^a ed. 1982.

DOSSE, François. *História e ciência sociais*; Fernanda Abreu, - Bauru, SP; EDUSC, 2004.

DOSSE, François. *A história*; tradução Maria Elena Ortiz Assumpção, - Bauru, SP: EDUSC, 2003a.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC, 2003b.

DRAY, William. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

FEBVRE, Lucien. *Combates por la historia*, traducción Francisco J. F. Buey y Enrique Argullol, - Barcelona: Editorial Ariel, 3^a ed., 1974.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de platão*. Tradução Ieda e Oswaldo Porchat Pereira – São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. Tradução Beatriz Sidou – São Paulo: Centauro, 2001.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. Tradução João V. G. Cuter – 2^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Biblioteca Universal).

IGGERS, Georg G. *La ciencia histórica en el siglo XX: las tendencias*

actuales. Barcelona: Idea Universitaria, 1998.

JUDT, Tony. *Passado imperfeito: um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra*. Tradução Luciana Persice Nogueira / Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira / Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão... [et al]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir). *História: Novos Problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A.,(1974), 1988.

LEFORT, Claude. “A obra de pensamento e a história” in LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. Editora Brasiliense, 1979.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 5ª Ed. Busca Vida.

MARROU, Henri-Irénée. *Do conhecimento histórico*. 4ª ed., Trad. Rui Belo. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1975.

MUCCHIELLI, Laurent e PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Halbwachs no Collège de France in Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 13-23, 2001.

NAGEL, Ernest. Ciência: natureza e objetivo in MORGENBESSER, Sidney. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1975.

OAKES, Gay. Introduction: Rickert's theory of historical knowledge in RICKERT, H. *The limits of concept formation in natural science: a logical introduction to the historical sciences*. Cambridge University Press, 1986.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. – (Clássicos; 25).

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *Max Weber: entre a paixão e a razão*. 3ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC,

2003.

SKINNER, Quentin. "Meaning and Understanding in the History of Ideas". *History and Theory*, Vol. 8, Nº 1, (1969), pp. 3-53. Published by: Blackwell Publishing for Wesleyan University. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2404188>. Acessado em 20/03/2008 17:33.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da História Universal* / tradução de Herbert Caro. – 4ª. ed. condensada / por Helmut Werner. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

SPENGLER, Oswald. *The Oswald Spengler collection: biographical essay; Extracts from The decline of the west; Ther dour of decision*. Disponível em: URL: <http://home.alphalink.com.au/~radnat/spengler/index.html>. Acessado em: 25/01/2012 09:27.

VEDRINE, Hélène. *As filosofias da história: decadência ou crise?* Tradução Nathanael C. Caixeiro / Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

WALSH, W. H. *Introdução à filosofia da história*. Tradução Waltensir Dutra / Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Tradução Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota / São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução Augustin Wernet / São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

WHITEHEAD, Alfred North. *Ciência e o mundo moderno*. Tradução Hermann Herbert Watzlawick / São Paulo: 2006. (Coleção philosophica).

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Tradução Eloá Jacobina. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.